

Bandas d'Além

ISBN: 85-89994-01-5



almanaque de educação patrimonial

A Pró-Reitoria de Extensão da UFF, ao tomar conhecimento da proposta dos organizadores deste Projeto, em primeira hora, entusiasticamente, o adotou. Entendeu que a produção de estórias para contar, os levantamentos e as informações sobre o patrimônio artístico, arquitetônico e cultural de nossa cidade se constituíam em um acervo rico e importante para ser divulgado, cumprindo assim uma das funções da Universidade em relação à sociedade: a formação da cidadania a partir da apropriação e valorização de sua identidade cultural.

O compromisso não é finalisticamente literário, mas sim com a linguagem e na linguagem do contador de estórias para crianças e adolescentes. Além do mais, o Projeto pode ser adotado como uma possível metodologia para a construção de Educação Patrimonial, onde o público-alvo é o dos alunos da rede pública municipal de educação. Neste viés, pretende-se desencadear atitudes formativas, no sentido de conhecimento, valorização, divulgação e zelo pelo Patrimônio Cultural de nossa cidade. Ainda, a percepção deste acervo cultural poderá servir de estímulo para o desenvolvimento de textos pelos alunos das escolas.

Desta forma, este Projeto, além de cumprir o nosso dever de devolver à sociedade a essência do material que foi recolhido e seus desdobramentos sócio-culturais, proporciona, ainda, à comunidade o conhecimento do resgate de um passado e de uma herança cultural que são dela, mas que poucos conhecem e, portanto, têm dificuldades ou não podem deles se apropriar.

Firmino Marsico Filho
Pró-Reitor de Extensão
Universidade Federal Fluminense



ALMANAQUE BANDAS D'ALÉM



REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues
Vice-Reitor: Antonio José dos Santos Peçanha
Rua Miguel de Frias, nº 9
24220-008 Icaraí – Niterói, RJ
Tel.: (21) 2629-5000

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX)

Pró-Reitor de Extensão: Firmino Marsico Filho
Tel.: (21) 2629-5187 / 2629-5190
proex@vm.uff.br

FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FEUFF)

Diretor: Waldeck Carneiro da Silva
Av. Visconde do Rio Branco, s/n
Campus do Gragoatá, Bloco D - São Domingos
24210-370 - Niterói, RJ - Tel.: (21) 2629-2640
educação@urbi.com.br
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (LABOEP)
laboep@vm.uff.br

FUNDAÇÃO EUCLIDES DA CUNHA

Rua São Pedro, 24, 8º andar
24020-050 - Niterói, RJ
Tel.: (21) 2613-1661
www.fundec.org.br

COORDENAÇÃO

Lea Calvão (FEUFF)
Lygia Segala (FEUFF)

EQUIPE DE PRODUÇÃO DE TEXTOS:

Adriana de Menezes - Aluna / 7º período
Alessandra Santos - Aluna / 7º período
Ana Lúcia Galvão - Aluna / 9º período
Anne Souza - Aluna / 5º período
Clayde Sobreira - Aluno / 5º período
Denise Brown - Aluna / 4º período
Elisa Maria Ribeiro - Aluna / 9º período
Graziela Venerável Silva - Aluna / 6º período
Lea Calvão - Professora
Ligia Ferreira - Aluna / 9º período
Luciana Velasco - Aluna / 7º período
Lygia Segala - Professora
Márcia Lima - Aluna / 5º período
Mariana Ruiz - Aluna / 6º período
Marta Maia - Aluna / 9º período
Martha Melo - Aluna / 9º período
Renata Borba - Aluna / 4º período
Rosimere Souza - Aluna / 7º período Biblioteconomia
Sheila Gonçalves - Aluna / 5º período
Simone Pereira - Aluna / 7º período
Suzana Pimenta - Aluna / 7º Período

COLABORADORES

Ana Maria de Sá Couto
Angela de A. Insfran
Barbara Harduim (Museu Antônio Parreiras)
Cláudia Maria Costa Alves (FEUFF)
Cristina Cavallo
Elizabeth Travassos (UNIRIO)
Flávia Amâncio
Francisco Gregório Filho (Paço Imperial/IPHAN)
Ilva Pereira L. Becker
Ismênia de Lima Martins (Dep. História/UFF)
Jorge Najjar (FEUFF)
José Luiz Antunes (FEUFF)
Kita Eittler
Ligia Cunha (Creche Bárbara White)
Luana F. Sales
Luiz Eduardo Pinheiro da Silva (Prefeitura Municipal de Niterói/Secretaria de Cultura)
Luiz Guilherme Vergara (Museu de Arte Contemporânea de Niterói)
Márcia Pessanha (FEUFF)
Maria Emília Andrade Teles
Maria Inês Couto de Oliveira (ENSP)
Maria Isabel Watson Imbassahy
Maria José Fernandes (Centro da Memória Fluminense)
Maria José Paes Leme

Maria Regina Celestino de Almeida (Dep. História/UFF)
Marisa Soares (Dep. História/UFF)
Paulo Knauss (Dep. História/UFF)
Regina Leite Garcia (FEUFF)
Renê Guilherme Delbone (MAI)
Ricardo Harduim (Prefeitura Municipal de Niterói/
Secretaria do Meio Ambiente)
Roberto Jana
Rosana Najjar (IPHAN)
Rosângela Barroso
Rômulo G. Ferreira (Instituto Brasil-América, Niterói)
Sônia Mokdisse
Vera Gigante (Museu de Arqueologia de Itaipu/IPHAN)
Waldeck Carneiro (FEUFF)

EDIÇÃO

Lea Calvão
Lygia Segala
Clayde Sobreira (Estagiária/IPHAN)
Luanna Figueiredo (Bolsista PROEX/UFF)

REVISÃO DE TEXTOS

Rosana Kohl Bines

DIGITAÇÃO

Clayde Sobreira
Maria de Fátima Rocha Pereira

PROJETO GRÁFICO/EDIÇÃO DE ARTE

Coordenação : Professor João Alt (IACS/UFF)
Equipe:
Camilla Rachid Mello (Bolsista PROEX/UFF)
Cristina Cavallo
Francine T. Machado (Bolsista PROEX/UFF)
Arte-final: Cristina Cavallo e João Alt
Capa: João Alt

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Vista da pedra da Itapuca em Icaraí, 1917. Antônio Parreiras. In: SILVEIRA, Jorge Roberto. *Vistas e paisagens da enseada de Niterói: 1790 - 1920*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 2002.

APOIO

Laboratório de Livre Criação (IACS/PROEX/UFF)

Distribuição Gratuita e Controlada

U5885

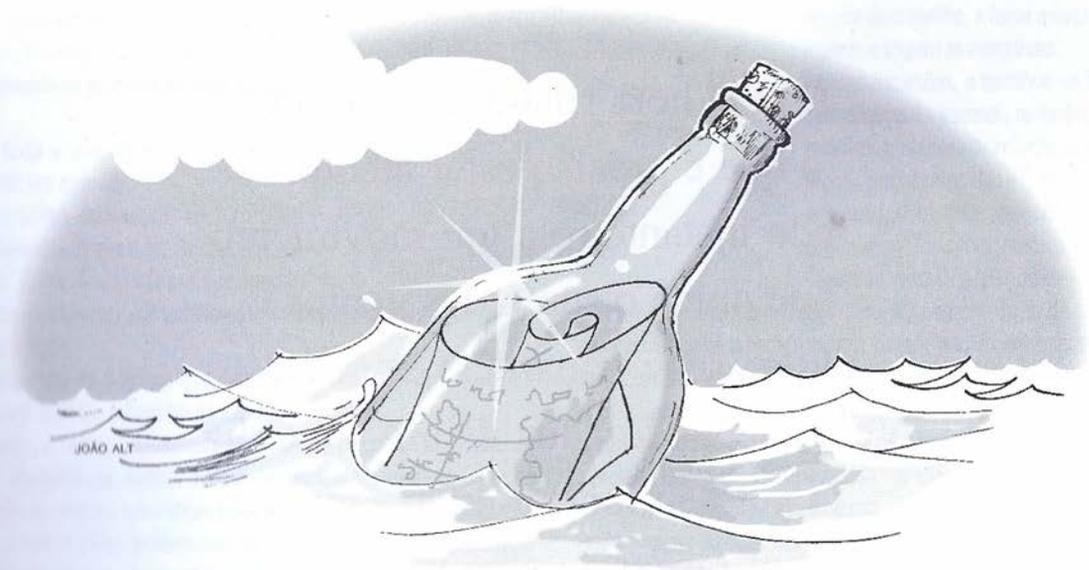
Universidade Federal Fluminense. Pró-Reitoria de Extensão. Faculdade de Educação. Laboratório de Educação Patrimonial.

Bandas d'Além : almanaque de educação patrimonial / Coordenado por Lygia Segala e Lea Calvão. - Niterói: PROEX, Fundação Euclides da Cunha, 2003.

144p., 20 cm
ISBN: 85-89994-01-5

1. Educação Patrimonial. 2. Niterói - Aspectos Históricos. I. Título. II. Segala, Lygia, coord. III. Calvão, Lea, coord.

CDD 379.78153



Me dá um silêncio. E eu conto.

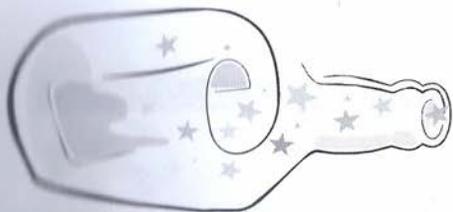
Guimarães Rosa



A toda hora rola uma história
a que é preciso estar atento.
A todo instante rola um movimento
que muda o rumo dos ventos.
Quem sabe remar não estranha.
Vem chegando a luz de um novo dia
O jeito é tirar um novo samba
sem rasgar a velha fantasia.

Paulinho da Viola





Apresentação

A pressa e a rotina dos caminhos acostumados velam o contorno das casas, o desenho dos canteiros, dos fios e das ruas, abreviam as conversas das gentes, embaçam as marcas do tempo, da luz e da história. Na apreciação ligeira, diluem-se os sinais urbanos, os usos sociais do espaço.

Há percursos de todo o dia, os de passeio ou de passagem, os de vez em quando.

Com a atenção aos saltos, demarcam-se territórios afetivos, trilhas obrigadas, travessas. Conhecemos a cidade aos pedaços. As distâncias são mais compridas nos cantos estranhos e curtas nas vias familiares que aproximam todas as esquinas.

Na escola a cidade é lição.

É possível uma pedagogia do passeio que desafie o “medo das ruas” e atice a observação do espaço público, o registro da experiência vivida?

O *Almanaque Bandas d' Além* nasceu em uma sala de aula da Faculdade de Educação da UFF. Discutia-se, então, a idéia de patrimônio cultural, os bens tombados da cidade de Niterói, um roteiro pouco conhecido por nossas alunas quase pedagogas, muitas delas professoras do ensino fundamental na região metropolitana do Rio de Janeiro. O encontro com especialistas, a visita ao Centro de Memória Fluminense, ao Museu de Arqueologia de Itaipu foram os primeiros passos, trazendo às conversas de classe e aos projetos de monografia um novo mapa da cidade. Seus monumentos foram lembrados, visitados e revisitados, conhecidos nos textos, nas coleções iconográficas. As alunas apropriavam-se desses espaços, construindo, a partir das suas leituras e experiências acumuladas, histórias para contar.

Da valorização da autoria, da tomada da palavra e das leituras plurais, surgiram relatos, ensaios de minutas expedições.

Afirmou-se, desde logo, uma escrita feminina, que olha a cidade das varandas e das calçadas. Contornam, as moças, as descrições detalhadas, o rigor documental, privilegiando os ritos domésticos inventados, as histórias de amor, as peripécias

Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Qual, não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, eu prometo,
Talvez nos vejamos,
quem sabe...

(Paulinho da Viola)

familiares. Assuntam a moradia que é signo social e sustenta práticas culturais particulares. Vez por outra, o mundo do trabalho, a faina universitária remodelam os lugares e tingem as narrativas.

Nessas incursões, o território se transforma material e simbolicamente, trazendo, no tempo presente, os lugares de memória, o fabulário da infância, os projetos urbanos novos. Alguns professores da UFF, técnicos do Patrimônio, dos museus niteroienses ofereceram também seus textos, esticando o olho sobre a cidade.

Compilados esses papéis diferentes, decidimos editá-los

como Almanaque. Diz o Aurélio que a palavra vem do árabe e designa o lugar onde o camelo se ajoelha, a parada de uma viagem. Nesses impressos populares, as idéias se fazem por uma lógica de fragmentos, de narrativas concorrentes, construídas na fronteira entre a textualidade e a oralidade. Reúnem dados sobre plantas, povos e bichos; sobre a consulta dos tempos, as artes e os mistérios que se misturam, em um espaço apertado de letras, às certezas da ciência prática, às notas sobre o sagrado, às anedotas, às recomendações morais.

O Almanaque do Aluá, realizado no SAPÉ¹ e com ampla aceitação na educação de jovens e adultos, ajudou-nos a organizar nossas histórias, explorando a tensão complementar, consagrada na cultura popular, entre o lúdico e o útil. O Laboratório de Livre Criação da UFF, professores e alunos, tomou o traço e desenhou as páginas. Textos e imagens abrem três caminhos pela cidade, comportam histórias dentro das histórias, seguem ditos e pistas, idas e vindas, palavras mágicas, em busca da cidade da água escondida.

Contando essas histórias, esperamos que outras tantas apareçam nas escolas das bandas de cá, desdobrando dos bens tombados, marcas oficiais em pedra e cal, recortes da paisagem, a tessitura de saberes, expressões e celebrações; lugares de encontro, de festa e de devoção.

Entre os rumos propostos, caminhos seguidos e contados, há, por pontos e nós, muitas possibilidades de passagem, de versões novas, de era uma outra vez...



BANDAS D'ALÉM

Desde o século XVI, a região conhecida como Bandas D'Além, por sua posição no Recôncavo da Guanabara, referida à cidade do Rio de Janeiro, foi ocupada pelo aldeamento indígena de São Lourenço. Em 1808, Luccock descrevia São Domingos e Praia Grande como "lindas aldeias pequeninas, constituídas de casitas dispersas e mergulhadas na floresta". Dez anos depois, o mesmo autor afirmava que "nenhum dos pontos vizinhos da capital passou por tão vantajosas transformações". A Praia Grande, visitada por Dom João VI, tornou-se a Vila Real da Praia Grande em 1819, constituída pelas duas povoações citadas e freguesias vizinhas de São João de Icaraí, São Sebastião de Itaipu, São Lourenço dos Índios e São Gonçalo.

Após a Independência, pelo decreto de 23 de agosto de 1834, a Imperial Cidade de Niterói foi escolhida para sede do Governo da Província do Rio de Janeiro, que viveria um período áureo, decorrente do sucesso do café na pauta de exportação brasileira. Sozinho, este produto representava 60% das exportações, enquanto que o café fluminense era responsável por 90% deste volume.

Os efeitos dessa prosperidade canalizaram-se, principalmente, para a corte, onde se localizavam o porto de exportação, as grandes casas bancárias e de comerciantes, importadores e exportadores. A intensificação dos padrões urbanos, os modismos à européia, também ali se concentravam. Assim, apesar da instalação de algumas indústrias, como as têxteis e de construção naval, Niterói

assistiu à Proclamação da República com a feição de uma pacata cidade do interior.

Os primeiros tempos republicanos evidenciaram a inserção da cidade na cena política nacional em vários episódios, como a Revolta da Armada e as disputas nilistas. Na década de 10, começaram a surgir projetos de reformulação urbana, sob a impressão dos resultados da grande reforma de Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Apesar de poucas inaugurações no período, como a do Campo de São Bento, a grande reforma urbana ocorre na década de 20, com a construção do porto, estação ferroviária, abertura da avenida Feliciano Sodré, aterro e saneamento da enseada de São Lourenço, inauguração da rede de esgoto, além da construção da Praça da República. Outro grande momento de reformas foi a década de 50, ressaltado por obras como a abertura de um túnel que ligaria Icaraí a São Francisco e a implantação da rede de esgoto deste bairro.

Excetuando a ocupação da região oceânica e seu desenvolvimento nas últimas duas décadas, provocados pela especulação imobiliária, a história de Niterói é marcada pela presença do Estado, através de sucessivas intervenções na definição de seu contexto urbano.

Que tipo de herança patrimonial preserva uma cidade com essa história? A complexidade de tal pergunta reveste-se da compreensão de que a cidade é um espaço socialmente construído e reconstruído, real e idealizado. Os prédios e os logradouros monumentais, ainda que destacados, não são

em grande número, e assim como o patrimônio natural que é muito expressivo na cidade, têm sua inserção diferenciada na memória da população. O palacete onde residiu o prefeito Paulo Alves, em 1904, nas proximidades do Campo de São Bento, rico exemplar do estilo art nouveau, foi demolido na década de 80 para abrigar uma agência bancária.

☞ página 8

TUPI NOME DAQUI

PIRATININGA

Pirá (peixe) tininga (seco, magro, secar, a secar, ficar seco).

Peixe a secar; secagem do peixe

IMBUÍ

Imbu (a fruta, imbu) i (pequeno, miúdo)

JURUJUBA

Iuru (gargalo, pescoço, garganta, barra, fox) jubá (amarelo, ruivo)

Pescoço amarelo ou ruivo; barba ruiva ou loura.²

Vagalumes driblam a treva. (Manoel de Barros)

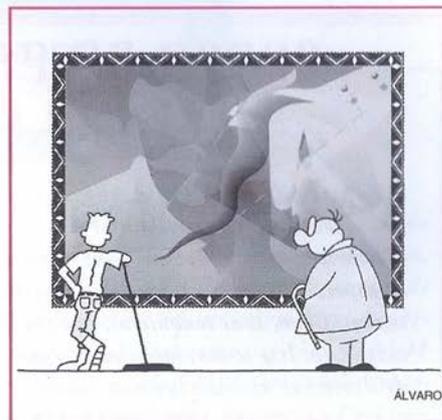
PORTAS ABERTAS



Vivemos numa sociedade em que a dominação não se limita ao seu óbvio aspecto econômico, mas que se dá fortemente no campo da cultura – algumas vezes de forma sutil e, outras, violentamente. Neste pequeno e despretensioso texto, pretendo apenas tratar da questão do acesso aos bens culturais da cidade que, apesar de serem afirmados públicos, na verdade só o são de fachada, pois excluem de seu uso os trabalhadores e trabalhadoras. E eu pergunto: quando e como pode um trabalhador ou trabalhadora ter acesso a um concerto, a uma ópera ou a um balé? Um bilhete para o Teatro Municipal é caríssimo. Além disso, a simples entrada num dia de espetáculo é absolutamente inibidora a qualquer pessoa que não domine os códigos de conduta indispensáveis para ter a coragem de atravessar as portas bem guardadas pelos funcionários que recebem os privilegiados portadores de bilhete, adequadamente vestidos, seguros de sua origem de classe. Afinal, vivemos numa sociedade em que alguns entram como se dissessem Sabe com quem está falando? E outros, ao entrar ou ao sair, são levados a dizer Desculpe qualquer coisa... Isto acontece no Teatro Municipal, nos poucos museus de que dispomos (felizmente há exceções), nas poucas bibliotecas públicas. O que não é pago, e a maioria o é, tem outras formas de impedimento à entrada do povo.

Dai que em nossa ação educativa, na escola, atuamos no sentido de criar formas de reapropriação de bens que, de direito, deveriam ser acessíveis a todos e não apenas aos privilegiados de sempre. Para isto, atuamos em dois sentidos. O primeiro é incorporar ao currículo de nossos cursos a discussão sobre cultura – cultura erudita, cultura popular, cultura, direito de qualquer cidadão ter acesso aos bens culturais que, se públicos, deveriam ser abertos a todos. E, paralelamente, a incorporação, como conteúdo curricular, de visitas a museus, bibliotecas, salas de exposição de arte, de fotografia, teatros, cinemas de arte, salas de concerto, de ópera e de dança, enfim, de tudo o que possa tornar possível o acesso à cultura a quem historicamente não foi dado o direito de usufruí-la. E ainda, trazendo para a sala de aula as manifestações culturais dos grupos aos quais estão vinculados os alunos e alunas e pondo em discussão a própria idéia de cultura e o processo de apropriação/ex-propriação/reapropriação que é parte da luta política. Nossos cursos põem em questão: O que é cultura? Por que algumas manifestações culturais são supervalorizadas e outras desvalorizadas? Quem define o que é qualidade estética e o que é má qualidade? Existiria uma qualidade universal e atemporal? O que distingue arte de artesanato? O que Vóloshinov/Bakhtin pretendem ao afirmar ser o signo um espaço de luta de classes?

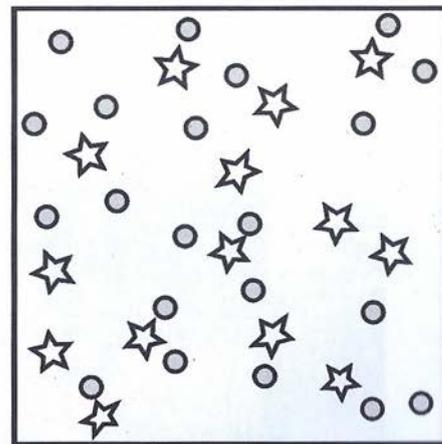
Regina Leite Garcia



ESTRELAS E CÍRCULOS³

Nesse céu de brinquedo, procure unir, por meio de um traço:

- 1º - todos os círculos;
- 2º - todas as estrelas, mas de modo que os dois traços não se cruzem nunca.



Resposta na página 144



Conhecer não é adivinhar, mas tem a ver com adivinhação. (Paulo Freire)

CHAPA DE PRATA E FURO DE ALFINETE

Olha para cá... sorria... clik... clik... Quem já não viveu situação semelhante?

Historicamente, o homem sempre buscou de diversas formas um modo de registrar seu cotidiano, suas conquistas, sua própria existência. Isso se deu, inicialmente, através de desenhos no interior das cavernas e, tempos depois, em monumentos, esculturas, pinturas, gravuras, música, dança, escrita e tantos outros modos de expressão.

O surgimento da fotografia, no século XIX, trouxe a possibilidade de reprodução rápida e fácil, permitindo, assim, que fosse guardado para a posteridade todo tipo de feitos.

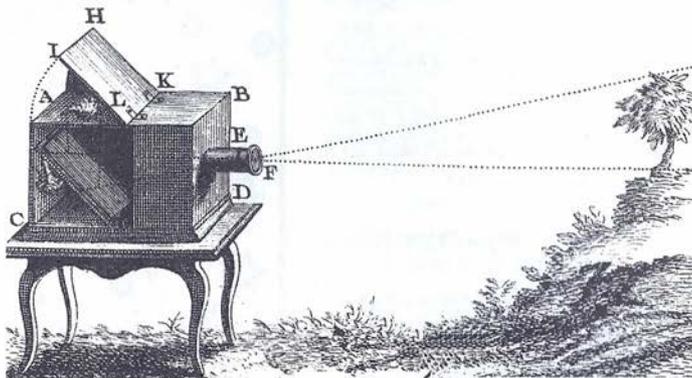
Já em meados de 1554, Leonardo da Vinci tinha "inventado a câmara escura", depois utilizada por vários pintores, facilitando a reprodução de paisagens. A câmara escura é um tipo de aparelho de formato

retangular ou quadrado, com um pequeno orifício numa das paredes. Esse orifício permite a passagem da luz externa que reproduz, de forma invertida, a imagem obtida, na parede oposta.

Esse é o princípio de toda câmera fotográfica até os dias de hoje, acrescentando-se a lente óptica, o que permitiu melhorar a qualidade das imagens.

Os franceses Niépce e Daguerre são considerados os inventores da fotografia pois, através de experiências químicas, desenvolveram o projeto de uma chapa de prata com vapor de iodo (iodeto de prata), a que chamaram "chapa fotosensível". As primeiras fotos eram chamadas de "daguerreótipos" e constituíam-se de uma peça única sobre base de cobre banhada com prata e polida em seguida.

☞ página 116



BANDAS D'ALÉM

continuação
da página 6

A população, que não se interessou pela sorte do palacete, recentemente se mobilizou para impedir a construção de uma garagem subterrânea no mesmo campo.

Da mesma forma, no regime autoritário, se não houve reação à construção do prédio do Tribunal de Justiça, nos anos 80 foi alcançada a sua implosão, que trouxe de volta a Praça da República.

O inconformismo e a reação deixaram suas marcas distintas na história do patrimônio local. A ira popular, por exemplo, foi responsável pelo incêndio do belo prédio da Cantareira, de estilo e aparência muito próximos ao do prédio dos Correios, até hoje existente. Por outro lado, a Pedra do Itapuca e a Pedra do Índio foram alvo de mobilização dos moradores da cidade para o seu tombamento pelo INEPAC, quando se tornou público o projeto de uma avenida litorânea que as deixaria aprisionadas entre a existente e a outra a ser construída.

Ismênia de Lima Martins

A vida prática não fora senão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em férias? (Mário de Andrade)

CONVITE

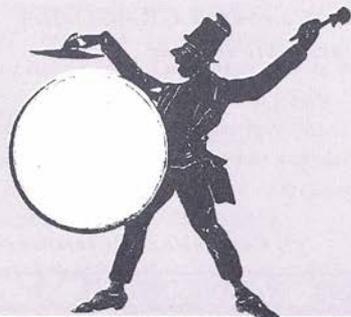
Nossa história das histórias começa em uma sala de aula da UFF, no Campus do Gragoatá. Da janela podemos ver a praia alumiada de Niterói - nas beiras, a morraria, a ponta da ponte. Do outro lado, o Rio de Janeiro.

Seguindo as letras do alfabeto, a escrita seca do território planejado, estamos no bloco D. D de dado.

Na Faculdade de Educação.

Daqui saem professores. Daqui saem as primeiras histórias para contar, fios de nossa paisagem animada.

Pelo texto e pelo traço vivem, nas gentes, nas artes, nos afetos e na graça, a pedra, o cal, a mata, o mar.

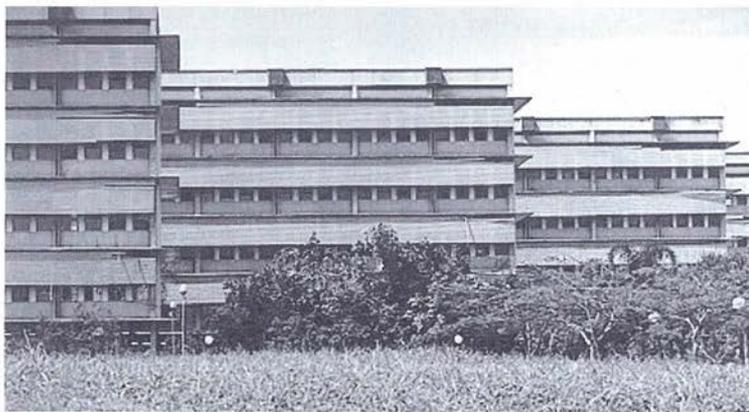


Querer bem não tem beiradas. (Guimarães Rosa)



A Universidade Federal Fluminense (UFF) foi criada em 1960, com o nome de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ). Constituiu-se da incorporação de cinco faculdades federais já existentes em Niterói (Faculdade de Direito de Niterói; Faculdade Fluminense de Medicina; Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro; Faculdade Fluminense de Odontologia; e Faculdade de Medicina Veterinária); três escolas estaduais (Escola de Enfermagem, Escola Fluminense de Engenharia e Escola de Serviço Social) e duas faculdades particulares (Faculdade Fluminense de Filosofia e Ciências Econômicas).

A Universidade vem desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em 2001, a UFF oferecia 49 cursos de graduação; 98 cursos em nível de pós-graduação lato-sensu (especialização); 41 cursos em nível de pós-graduação stricto-sensu (mestrado e doutorado). O ensino médio funciona em dois colégios no interior do Estado do Rio de Janeiro. Em 2001, dos 2.208 professores, 887 eram doutores; 795 mestres; 298 tinham especialização e 228 graduação. Vários setores e serviços da UFF estão abertos à comunidade local. Os mais conhecidos são o Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP), o Cine Arte UFF, a Editora (EDUFF) e a Orquestra Sinfônica.



no princípio tudo era mar



Enxergavam-se os montes
Como único horizonte
Sobre aquelas praias d'Além Mar
Progresso não tardaria
Nos arredores da baía
Por que não delimitar?

Pensar nisso não queria
Mesmo assim, eu já sabia
Que o governo não tardaria
O projeto continuar
Pra facilitar tráfego urbano
Aterraria parte do oceano.
Que não seja este ano
E nem nas bandas de cá...

Um dia, muito contente,
Ia eu ollhar o mar
Forma de cuia extensa
Águas límpidas e densas
Não tardei a banhar lá.
Avistei muito distante
Uma faixa insinuante:
DESURJ* vai trabalhar

Ali vivi muitos anos,
Casei-me, fiz longos planos.
Vivia observando o
Que ia se formando:
Um grande alargamento
Do litoral niteroiense
É tudo que havia ali
Governo vem e destrói,
Não sei com que interesse,
Só sei que muito me dói.

Parte da minha NICTHEROY,
Do original tupi NHETEROLA,
Oh, língua maravilhosa!
Quer dizer Baía Sinuosa?!
Ali nasceu Maria,
Minha maior alegria.
Junto com seus movimentos,
Acompanhava o firmamento
E o que se formava lá,
Ex-praia de GRAGOATÁ.

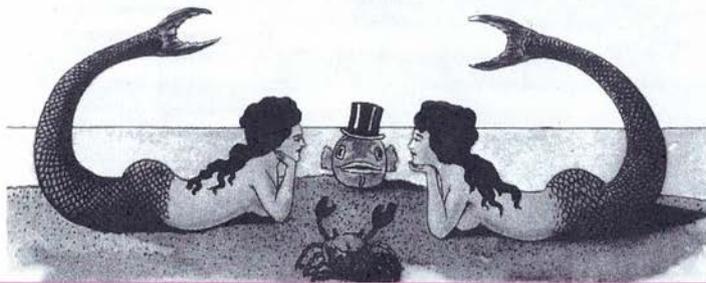
Hoje busco na memória
Vida que virou história...
No princípio tudo era mar
Hoje Campus do GRAGOATÁ

Vôltar aqui, quem diria?
Trazer minha Maria
- passou no vestibular -
É muita felicidade,
Satisfação também.
Agora posso dizer:
Há males que vêm pra bem

Hoje vejo em Maria
O que não pude um dia
Estudar Pedagogia
Valorizar, noite e dia,
História, Filosofia
Buscar na Antropologia
Valores fundamentais

Não ser um Olavo Bilac
Mas poder contar em
Almanaque
Que o Campus de GRAGOATÁ
No princípio era mar.

Ligia Ferreira



(*) Companhia de Desenvolvimento
e Urbanismo do Estado do Rio de Janeiro



DISCURSO POLÍTICO

Namorados encolbidos num dos bancos da praça, em canto pouco iluminado. Na mesinba de concreto, tabuleiro arrumado para partida de damas. Crianças, em algazarra, correm pra lá e pra cá, equilibram-se no fio da diversão. Esse é o point preferido dos aposentados do Largo de São Domingos, praça de encontros e de brincadeiras. E até, dizem, de maldições. Caminhando; distraidamente, a mulher pára no centro da praça, em frente à estátua do homenageado. De sopetão, como num rompante, grita:

- Sai daí, seu maldito! Quero ver se é homem agora! Não adianta virar direção! Todos se voltam em atenção. E começa o falatório.

- Será a tal da maldição?

Sem mudar rumo do fato, a mulher - espécie de louca?! - continua seu solilóquio:

- Faz essa cara não! Tá pensando que eu não sei o que você está querendo, Dom Pedro "de meia tigela"? Da última vez que você "tava de cara" pra UFF, não ganhei nem por tabela!

O tumulto está feito. Alguns começam a diagnosticar as razões de tal sandice.

Um velho, que está ganhando a partida, é categórico:

- Isso é louca mesmo! Sempre aparece quando estou ganhando... Anima os outros a voltarem ao jogo.

O casal de namorados, de um salto, pula do banco.

- Deve ser tua mãe! Ela descobriu que estamos por aqui!

- Que nada, amor... Ela é louca, mas não tem essa mania.

- Eu não te disse que essa estátua, olhando pra gente, estava me incomodando? Ela dá azar até pra quem namora!

As crianças são as que mais se divertem com toda a agitação!

O alvoroço só inflama! É riso dali, vaia de lá e até palmas de um velhinho surdo que pensa que aquilo tudo não passa de discurso político. A estátua parada está, parada continua, como se nada estivesse acontecendo.

Nessa altura, já se organizam os "contra" e os "protetores" da mulher.

Um veterano militante da antiga Arena retorce o semblante para uma dona que tomou a vez:

- Que é isso? Chamem a polícia, essa praça é familiar!

- Que é isso, senhora? Todos temos o direito de expor opinião!

- Garantido pela constituição? - preocupa-se a dona.

- Mas é claro! E eu lá ando fora da lei?

Animadamente, continuam o debate, que vai parar num dos muitos barzinhos próximos

dali. Sem que ninguém, mas ninguém mesmo, atente, a mulher da sandice sai do meio da "torcida" e, sem entender nada do que estava acontecendo, dispara:

- Eu heim...Cambada de malucos...Ninguém se entende!

Deixa um recadinho ao pé do ouvido da estátua:

- Vê se da próxima vez que você mudar direção, faz eu ganhar na sorte, que é pra mode eu voltar pro Norte!

E toma rumo, subindo a rua em frente à praça.

Anne Souza



Receita

LICOR DE CASCA DE TANGERINA

Essa receita não me lembro quem me ensinou.

Só sei que depois dos gomos comer, das cascas da tangerina um licor há de aparecer!

☞ página 12

VOCÊ SABIA?



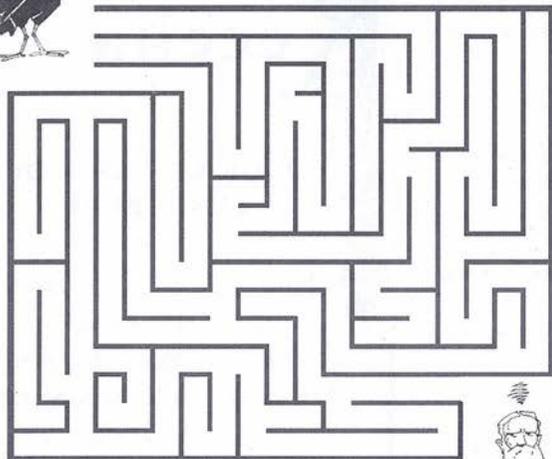
O busto do Imperador D. Pedro II, na praça Leoni Ramos, é feito em bronze e está sobre uma esfera giratória. De autoria de Ugo Taddei, foi fundido em 1920, no Rio de Janeiro e, cinco anos depois, adquirido e oferecido à Prefeitura de Niterói pela Associação Comercial, para comemorar o centenário de nascimento do Imperador.

Dizem que para onde o monarca se vira, é tristeza certa, é falta de sorte:

OLHA PRA LÁ, IMPERADOR!

Ajude o urubu a encontrar o busto de D. Pedro II

☞ Resposta na página 144



continuação da página 11

Pese meio quilo, no olho, misture com aguardente, em vidro bem fechado: mergulhe em fermentação.

Três dias, você esquece o vidro no canto, pra aguardente curtir.

Leve ao fogo meio quilo de açúcar, com um litro de água,

Tudo junto no panelão, até calda densa formar.

Com colher de pau, escorra a calda, veja se já chegou no seu fio.

Não tenha pressa de terminar, pois apressado come cru e pode a língua queimar.

A calda precisa estar muito fria, fria na temperatura da emoção.

Aí, sim, a alquimia começa, misturando a aguardente curtida, com a calda melada do panelão.

Misture tudo muito bem. O cheiro é forte, mas gosto suave tem.

Prepare uns vidros bem bonitos, pra vizinhança impressionar.

Se sucesso quer mais ter, tinja com anilina, com cores que o arco-íris quisier trazer.

Ofereça às visitas de perto e às visitas distantes.

Arrume uma garrafinha pra comadre que mora adiante.

Agrado barato, que qualquer um pode fazer, Aroma gostoso, sabor delicioso, que na despensa precisa se ter.

Receita de minha mãe,
Idalina Rodrigues de Souza, a Dadá.

Anne Souza

Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem. (Manoel de Barros)



fogo na cantareira

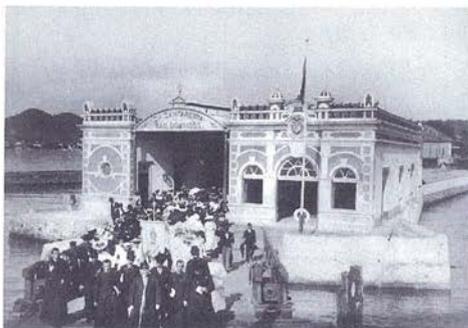
Tem festa no Portal da Cantareira: forró de Nikiti, no apertadinho. Damas não pagam até às 23 horas. O som sai alto, rola cerveja nas mesas e na rua. Engarrafa-se a praça. Anunciam-se moda e arte.

Cantareira é circo, show, mercado e história.

A cena se repete, homens carregando fogo passam pelo meio da multidão. Aquelas duas janelas acima do portal central da Cantareira, como olhos arregalados, presenciam tudo outra vez. Vêem o fogo sem poder fugir.

A multidão dessa vez é outra. Não é mais um grupo de pessoas enfurecidas e revoltadas com os péssimos serviços e altos preços da Cantareira.

Nesse canto, que era à beira mar, funcionava, desde fins do século XIX, o



Estaleiro da Companhia Cantareira e Viação Fluminense. Reparavam-se embarcações, fazia-se, com monopólio, a travessia da Baía.

Lá está agora um grupo de jovens eufóricos e descontraídos. O fogo não é protesto. É entretenimento.

No dia 22 de maio de 1959, a Cantareira foi incendiada por uma revolta popular. O que restou, somente a fachada, hoje é cenário de uma rave, uma festa. Com cores vivas, piercings e cabelos com os mais diversos penteados, a multidão de jovens zoa no portal. Do lado de dentro, três tendas de circo separam os ambientes. A música eletrônica marca ritmadamente as vibrações sentidas em todo o corpo. É ouvida por toda a vizinhança, talvez como os gritos inconformados de 1959.

No espetáculo, dentre tantas pessoas, saem três homens com pregos na cabeça e pernas de pau. Todos estão carregando tochas acesas. O fogo dança em pleno ar, iluminando a escuridão da festa. Todos os olhos admiram essas estrelas falsas, inclusive aqueles que um dia temeram o fogo, a briga das ruas.

Denise Brown

A VISITA DE D. PEDRO

Mesmo sendo ainda menino, lembro-me, com clareza, dos episódios ocorridos.

Naquele dia de agosto de 1844, toda a cidade estava reluzente para a visita do imperador D. Pedro II e de suas irmãs, D. Januária e D. Francisca.

As ruas estavam limpas e capinadas. As bandeiras imperiais se espalhavam por todo canto. Colchas de seda e de rendas enfeitavam as janelas dos sobrados.

Na igreja matriz e em suas imediações, já se estava a esperar o Imperador. A guarnição da baía e as corvetas, embandeiradas em arvo, com uma salva de tiros, anunciaram oficialmente a chegada.

Em terra, D. Pedro foi recebido pelo vice-presidente da Província, Brás Carneiro Nogueira da Costa Gama (Visconde de Baependi), impecável no seu sardão de fidalgo. Os veadores abriram o pátio e o jovem monarca, a pé, seguiu até a Igreja de São Judas Tadeu. Suas irmãs seguiram em carruagens. Terminada a cerimônia da igreja, foram para o palacete da presidência, onde D. Pedro recebeu os cumprimentos da população.

O jovem monarca, que aparentava não ter mais que dezesseis anos, montou num belo alazão que já haviam lhe reservado e, juntamente com sua comitiva, seguiu em visita pela Vila. Foram à igreja de Santana, à velha igreja do morro de São Lourenço, ao Campo de São Bento e outros pontos. À tarde, o imperador e suas irmãs regressaram à Corte.

Esta não foi a única vez que D. Pedro visitou a Vila, sendo sempre recebido com a mesma pompa. E, como retribuição, não media esforços para criar aqui, em Niterói, benfeitorias.

Luciana Velasco



TINTA DE BARRO

O barro pode ser encontrado na natureza, numa escala de cores que vai do marrom ao rosa, sendo muito fácil se extrair o pigmento. Primeiro, retire o barro da natureza, tendo o cuidado de não misturar as cores e as tonalidades diferentes. Misture o barro com água, até que ele se dissolva completamente. Logo em seguida, passe essa mistura por uma peneira plástica para retirar cascalhos e pedras. Faça isso várias vezes, até perceber que não existem mais impurezas. Não use tecido para coar essa água, pois retém o pigmento.

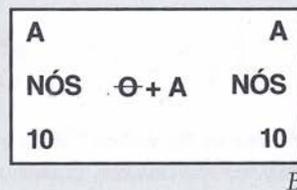
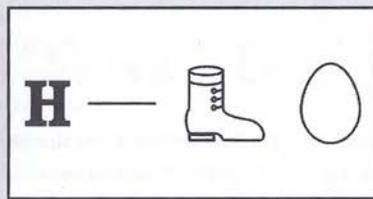
Deixe a mistura repousar. O barro vai para o fundo e a água vai ficar clara de novo. Com cuidado, retire a água, deixando apenas a lama do fundo. Coloque no sol para secar. Seca, soque-a até virar pó. Misture cola branca com o pó de barro e a tinta está pronta para usar como quiser.

Ricardo Harduim

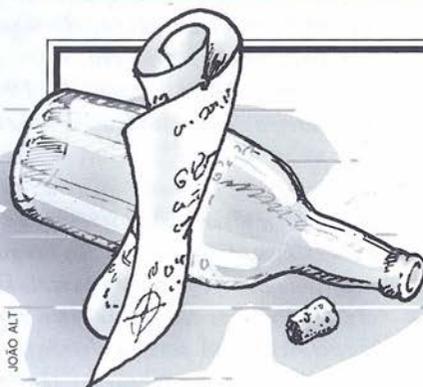


Criptogramas⁵

Decifra isto!!!!



☞ Resposta na página 144



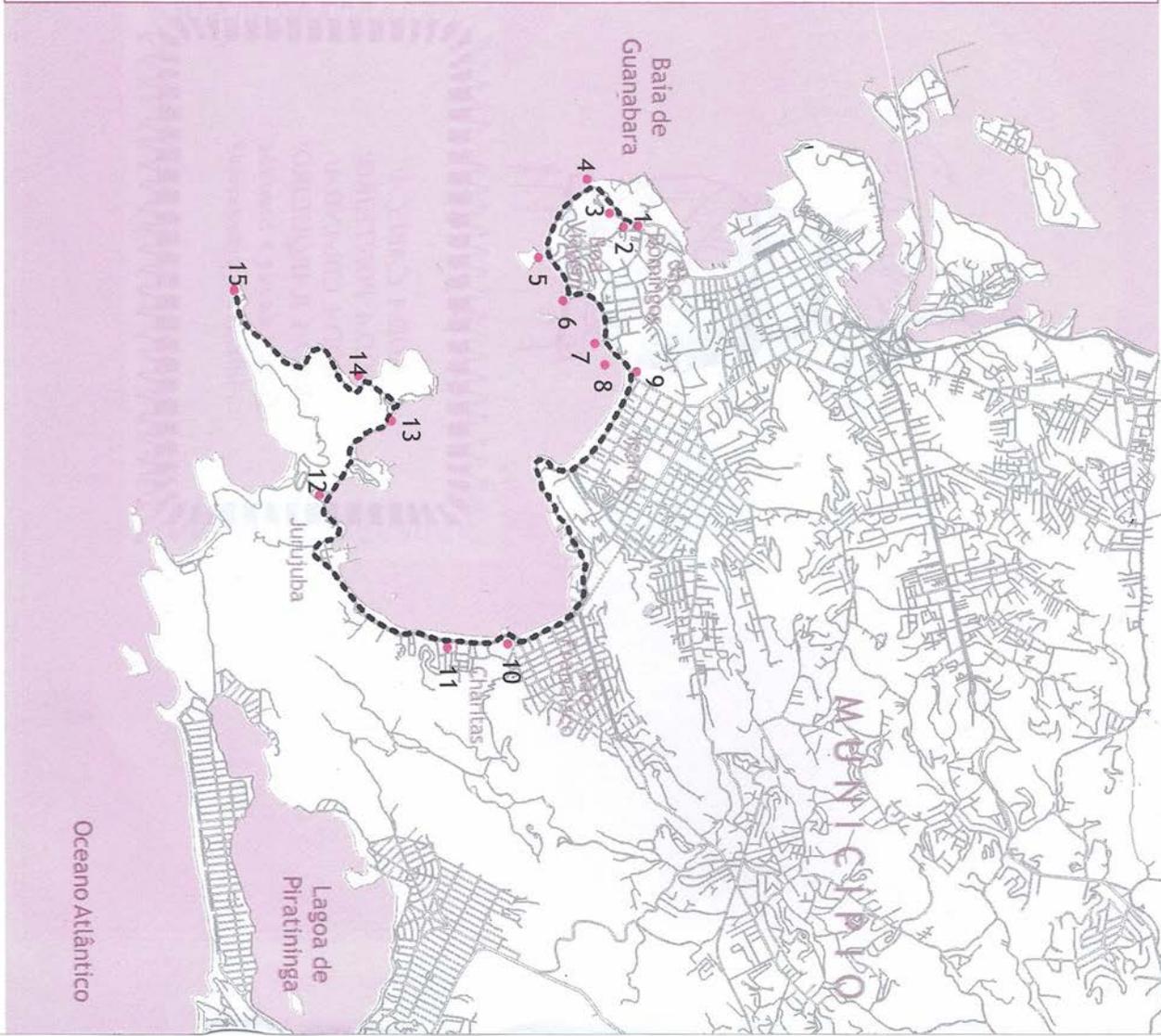
Cinco minutos para o final da aula. Por debaixo das folhas de cálculo, guardando dos olhos da professora, Chico abre o papel velho que encontrou na garrafa lavada pelo mar. Há traços esmaecidos, pistas desconstruídas, manchas do tempo.

- Que mistério é esse da "cidade da água escondida"? Com capricho, em papel fino, copia do livro de geografia o mapa de Niterói. Da Praça Leoni Ramos, em São Domingos, ponto de partida, desenha caminhos de busca, linhas frouxas cheias de histórias.

Sapo nu tem voz de arauto. (Manoel de Barros)



RODA CABEÇA!
RODA PONTEIRO!
RODA CIRANDA!
RODA BARQUEIRO!
*Qual é da vez o caminho,
Adivinbo – pipoqueiro?*



Baía de Guanabara

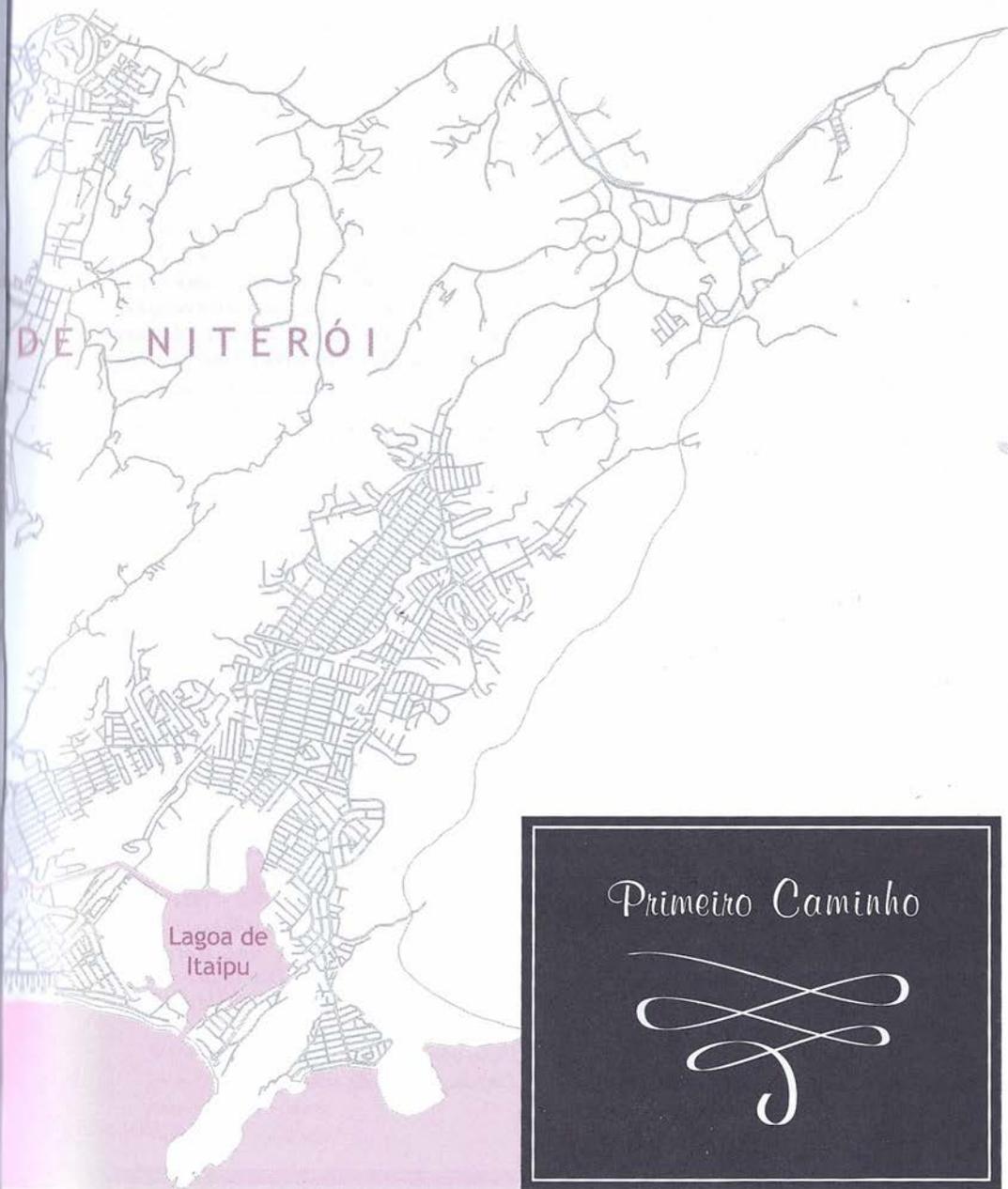
Lagoa de Piratininga

Oceanos Atlântico

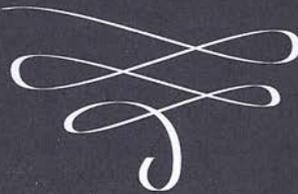
Jujubá

Churrasco

MUNICÍPIO



Primeiro Caminho



Legenda

1. Praça Leoni Ramos
2. Igreja de São Domingos de Gusmão
3. Casa da Quina
4. Forte do Gragoatá
5. Ilha da Boa Viagem
6. MAC - Museu de Arte Contemporânea
7. Pedra de Itapuca
8. Pedra do Índio
9. Reitoria da UFF
10. Igreja de São Francisco Xavier
11. Casarão de Charitas
12. Forte São Luiz
13. Praia de Jurujuba
14. Praias de Adão e Eva
15. Fortaleza de Sta. Cruz



O sonho da caloura



CARLOS ESTEVÃO

O sol ainda dorme, mas lá vai Maria Dalva.

Caminha descalça. As alcoviteiras dizem que é por mi-séria, mas não: é pelo prazer de sentir o frescor da madrugada nos pés. Pela rua de chão batido, passa

pela roleta e se junta aos outros, ainda sonados, aguardando o trem que irá sacramentar mais um dia rotineiro.

Trem cheio, ombro colado em ombro, é uma massa compacta. Os corpos movimentam-se no mesmo ritmo sófrego do trem.

O relógio já correu umas duas horas, quando chega à casa da madame.

Ligeira, coloca seu uniforme engomado, avental de renda nas pontas e lenço combinando na cabeça – sente-se um pouco madame vestida assim.

Automaticamente, liga o aparelho de TV, que fica sobre a bancada da pia, na cozinha. Não é que seja daquelas viciadas na “telinha”, mas Maria Dalva acalenta um sonho, um grande sonho! Comprar uma casinha para ela e os meninos, com jardim na frente, paredes pintadas de branco e janelas bem amarelas; uma varanda com muitas samambaias e uma cadeira para passar horas e horas, lendo suas coleções de enciclopédias, que havia adquirido da bondosa madame, quando esta trocou a decoração de seu apartamento.

Aliás, Maria Dalva achava estranho a estante ter sido substituída por uns livros que fingiam ser livros, mas, na verdade, eram umas

caixinhas de madeira, com dorso vermelho ou marrom e letras douradas. Não deixavam, todavia, de ser luxuosos. É! Sem dúvida combinavam mais com os novos móveis da biblioteca...

Para que esse sonho se tornasse realidade, ela pagava religiosamente o carnê, preenchia o cupom e colocava na urna, não sem antes beijar o papel e se benzer umas três vezes.

Não deu outra:

- O apresentador pega um envelope, no meio de milhares, e lê:

A sorte hoje sorriu para ... Maria Dalva Cândido!

A pobre coitada quase desmaia de contentamento.

Enfim, chega o tão aguardado dia!

Maria Dalva entra no palco – era um programa daqueles de perguntas e respostas. Fica meio zonzinha com tanta luz de neon, holofotes, fios espalhados por todo o chão. Ela pensa: estranho, lá da casa da gente, aqui parece tudo tão arrumadinho!

Frente a frente com seu ídolo – ABCastro! Mas... ele tem o rosto maquiado! Credo! Usa batom!!!

Maria Dalva é encaminhada até um tripé com quatro envelopes. Escolhe um qualquer e o entrega ao apresentador.

E então, Maria? Preparada? Tem certeza que é este mesmo? Ainda é tempo, você pode trocar! ABCastro abre o envelope.

Maria Dalva sente um frio na espinha.

O tema de hoje é Patrimônio Cultural!

Vamos à primeira pergunta!!!!

- Qual o órgão do governo que cuida dos bens culturais que formam a nossa memória?

- É o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

- Correto!

Espanta-se o apresentador com a sabedoria da moça.

- Quais são os bens que o IPHAN deve preservar?

- Bens móveis e bens imóveis, como edifícios históricos, sítios arqueológicos e coleções de museus, que interessam a todos nós porque guardam a nossa história, o nosso meio de viver, a nossa sabedoria, nossa arte. É importante preservar tudo isso para que não se acabe no tempo, virando coisa esquecida.

- Correto! Corretíssimo!

- Mas o que é então preservação?

- É conservar, restaurar, cuidar desse patrimônio para que fique para os nossos netos e para os netos dos nossos netos.

- Correto! Correto!

- Agora, Maria, para finalizar! Para você ganhar a casa de seus sonhos...

Tam, tam, tam... Última pergunta!

- Maria, o que mais o IPHAN pode fazer?

Maria Dalva comprime o cenbo!

Esfrega uma mão na outra. Passa a mão na cabeça – como se estivesse ativando a memória – e, por segundos, recorda as leituras que fazia nas enciclopédias doadas pela madame; as páginas vão se descortinando uma a uma em sua frente e, com a voz meio rouca, responde:

- Acho que devia ensinar na escola sobre os museus, os lugares que contam história... nas cidades, nas fazendas, nas matarias do interior... Explicar que isso tudo é nosso...

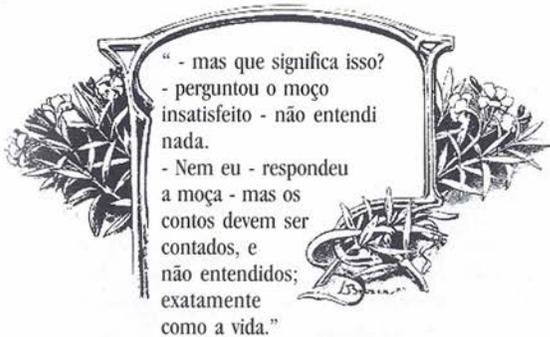
- Correto, correto, corretíssimo, Maria!

Maria Dalva não se contém!

Pula, abraça, beija ABCastro!

Enfim, a casa de seus sonhos!

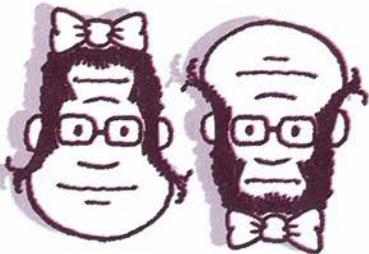
Clayde Sobreira



Carlos Drummond de Andrade

CASAL TEIMOSO

Por que será que,
mesmo de cabeça para baixo,
a posição desses dois não se altera?



JOÃO ALT

T U P I
N O M E
D A Q U I

GUANABARA

gua (seio, colo) ñ a (semelhante,
parecido) bará (mar).
Semelhante a um mar.⁶

Palavra em letra redonda

Algararra geral, início das longas férias. Sônia, professora do CIEP, vizinha da Cantareira, despede-se de seus alunos. Carrega sua pasta e uma sacola de papelão abarrotada de trabalhos, desenhos, corações traspassados por flechas, pingando gotinhas vermelhas, flores de todas as cores e tamanhos, contorno de mãozinhas, todos recheados de palavras carinhosas e votos de se encontrarem no próximo ano.

O desejo maior era sentar-se ali, em um daqueles restaurantes com ar condicionado, servir-se de um bom vinho francês, e brindar mais um ano de conquistas. Sônia aperta as alças da sacola, como se abraçasse a criança. Lembra do seu salário acanhado, que não permite tamanha folia.

Segue em frente, passa pela igreja de São Domingos, atravessa a rua e sobe os degraus do coreto, pulando, um por um, com os dois

pés. Senta no parapeito, como fazia na infância. O olho cravado na Casa da Quina, percebe que nada mudou - as mesmas cores das paredes, portas trancadas, lâmpadas acesas, embora o sol ainda brilhe. Por onde anda Tesouru? Será que ainda mora lá? Não. Sônia suspira fundo. Desce do parapeito, abre a bolsa de papelão, pega um desenho de flor escrito: saudade.

Abre, delicadamente, o portão de ferro da casa, deposita o desenho em um grande pote de cerâmica ao lado da porta. Fecha o portão com cautela, para não incomodar os moradores...

Clayde Sobreira



Tudo, pois, que rasteja, partilha da terra. (Heráclito)



CASA da QUINA



A menina chamava-se *Tesouro*. Magrinha e loura, morava naquela casa de dois andares, toda triangular, de telhas francesas em seus telhados íngremes, como os dos chalés. Seu pai mandara construir essa casa em 1929, assim cheia de quinas, para seu tesouro ter muitos cantos para ler ou para brincar. Brincar de esconde-esconde com os irmãozinhos ou com os amigos. Não tinha irmãos e os amigos eram poucos. Convidados - por cartão de flores, em letra bonita -, esses amigos vinham à sua casa, todos os anos, para a festa de seu aniversário. Festa com sanduíche de queijo, docinhos de chocolate, bolo branco com recheio de ameixas e guaraná. O guaraná vinha meio momo, naqueles copos azuis que a mãe dela ia distribuindo às visitas, comportadamente sentadas em cadeiras de palhinha, em cima dos tapetes coloridos que os vitrais da sala faziam no chão, e que se deslocavam conform e rodava a luz da tarde, lá fora.

Nessa casa, as janelas estavam sempre fechadas, a bebida jamais gelada. Ali não podiam entrar o vento e a friagem do mar. É que *Tesouro* tossia muito. Tossia, baixinho e sempre, uma tossezinha crônica, de que sua mãe cuidava com exagems de zelo.

Entretanto, como a menina gostava de ar! E quanto ar e claridade havia lá fora! Bom mesmo, ela achava, era "dia de domingo". Nesse dia, ela ia à missa na igreja e passeava na pequena praça, tudo bem perto de sua casa de quina.

A missa era na igreja de São Domingos. São Domingos de Gusmão. Olhando-a, era como as outras de seu porte: tinha um altar principal, coro, batistério, altares laterais para louvor a diferentes santos, uma torre com um campanário. Entretanto, era uma igreja cheia de histórias que *Tesouro* conhecia bem. Hospedados em palacete ali próximo, era nela que rezavam D. João VI e toda a família real quando, no século XIX, vinham à Vila Real da Praia Grande. Também na



9

igrejinha, naquele mesmo século, fora celebrada a cerimônia fúnebre de José Bonifácio de Andrada e Silva, morador da cidade. *Tesouro* ia olhar sempre a urna que guardava o coração desse homem ilustre, embora não entendesse porque só o coração estava ali. Ah, ela sabia ser necessário pesquisar essa questão...

De tudo o quanto sabia e via, ela gostava mesmo era do nome da dona da fazenda de açúcar onde, em 1652, fora erguida a capela que, agora, era a igreja. Essa dona descendia de Araribóia e era casada com Domingos Araújo. Chamava-se *Violante do Céu Soares de Souza*. *Violante do Céu*... Nome tão cheio de inquietações como o seu, *Tesouro*...

Com o peito cheio de histórias e rezas, depois da missa, ela ia para o passeio na praça. Lá ficava o coreto que ela costumava admirar através do vitral do seu quarto. Ali, largava-se da mãe, corria, dava voltas naquele espaço cheio de sol e maresia, pulando num pé só, coração alegre, tosse nenbuma.

Já em casa, tinha vasto material de sonbo. Olhava aquele "lá fora" e reinventava sua festa de aniversário: no coreto, estava banda de música tocando dobrados; ao redor, gente, muita gente, ouvindo, rindo, conversando. Bandeirinhas vermelhas e amarelas rodeando coreto e praça, e língua-de-sogra e chapéu de três pontas para as crianças. Garotada solta... Suco de tamarindo (nome de sua rua!) bem gelado. E sorvete, muito sorvete de creme para todo mundo...

Lea Calvão e Clayde Sobreira

O CORETO

Ao toque da banda,
o povo exultava,
eu era menino
e como vibrava.

Benditos instantes
vividos sem fim,
eu trouxe o coreto
pra dentro de mim.

Geraldo Bezerra de Menezes

A vaidade de muita ciência é prova de pouco saber. (Marquês de Maricá)

O FORTE DO GRAGOATÁ

O Forte do Gragoatá foi construído, provavelmente, em 1696 pelo governador Sebastião de Castro Caldas que, na mesma ocasião, recuperou a Fortaleza de Santa Cruz, temeroso de invasões corsárias. O forte deveria cruzar fogo com os baluartes da Boa Viagem e Villegaignon.

Passou por várias reformas. A mais importante foi em 1863, quando a Questão Christie parecia evoluir para incidente armado entre o Brasil e a Inglaterra.

Nos anos seguintes, o forte permaneceu inativo, até que, na Revolta da Armada, no ano de 1893, serve de aquartelamento aos batalhões acadêmicos organizados por jovens estudantes legalistas. Foi então freqüentemente bombardeado, mas resistiu até o fim da luta, sem se render.

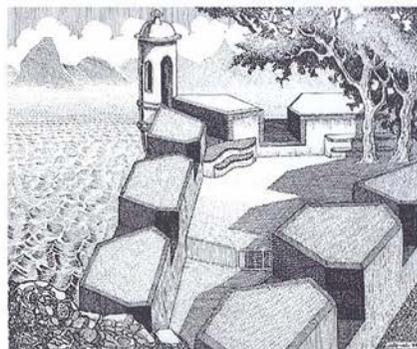
Desde os anos 30, a comunidade local pretendia usar o forte com o propósito de área de lazer. Em 1941, o interventor Amaral Peixoto obteve sua cessão ao Estado, para instalar-se ali o

Museu da República. Começou-se a construir um agradável jardim público, com bancos, flores e gramados, que passou a ser freqüentado pelos niteroienses. Com a eclosão da II Guerra Mundial, esses projetos foram interrompidos.

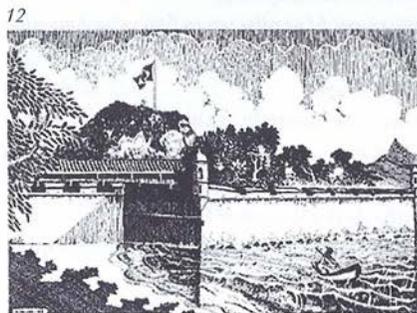
Em 1952, lá se estabeleceu, com seus cavaletes e pincéis, o pintor Levino Fânzeres, transformando o Gragoatá na sede provisória da seção fluminense da Colméia de Pintores do Brasil.

“O Forte do Gragoatá, que faz limite com a praia e a praça do mesmo nome, com seus muros brancos e sólidos, suas guaritas como que dependuradas sobre o mar, com seus velhos canhões desativados e seu portão solene em madeira de lei, (...) é hoje sede do Comando da 2ª Brigada de Infantaria, sendo monumento tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”.¹⁰

Sheila Gonçalves



11



12

O que é, o que é?

- Gragoatá, cravitá
- Gravatá, carucitá
- Ganha um doce quem souber
- Essas palavras explicar.



Dica de Dona Luzia

Para não enjoar, na canoa, na balsa, na barca no mar, aperte firme uma chave na mão e não a solte até na terra firme pisar.



Caragoatá ou Gragoatá é planta da família das Bromeliáceas (Gravatá, Cratuá, Carucitá). Do Caragatá-açu se extrai fibra para cordoaria, tapetes, capachos e xergões para selas. Gragoatá (Gravatá ou Garaotá) era vegetação abundante no local onde foi erguido o Forte do Gragoatá.

Não forces em demasia a verdade; é que ela não resiste... escuta, quando falas! (Bertold Brecht)

MARUJO DA BOA VIAGEM

Léo e Pedrinho estão impacientes no pequeno quarto onde brincam de pirata. A cama é o "navio", os lençóis as bandeiras.

— Ah! Estou cansado de fingir que isso aqui é o meu navio. Desisto. Não sou mais o capitão Gancho, e você é muito pirralho para ser Peter Pan! Tô cheio! falou Léo.

Pedrinho não parece se importar. Num sobressalto, larga sua espada (uma colher de pau emprestada da mãe) e diz:

— Léo, já sei! Mas olha, eu só falo se você guardar segredo, promete?

— Vai, fala logo!

— Promete primeiro.

— Tá bom, prometo pela minha mãe mortinha!

— Sabe aquela ilhazinha que tem bem ali?

— A ilha de Boa Viagem?

— É. Um amigo do meu amigo disse que o tio do pai dele...

— Ih! Fala logo, Pedrinho!

— Ele disse que naquela ilha lá em cima tem uma igrejinha e de lá dava para ver os navios piratas chegarem e que tem um zelador fantasma que fica tomando conta da ilha, por causa de um tesouro na gruta que uns piratas franceses esconderam.

— Ai que mentira, Pedrinho! Só você mesmo pra acreditar em fantasma. Já sei! Vamos fugir pra lá pela porta dos fundos. A Maria não pode ver a gente. Rápido! Pega a lanterna, o boné e o casaco. Temos que fazer tudo em silêncio.

— Tá bom! Ah, Léo, tem uma coisa: a mamãe não pode saber porque ela diz que a vovó, aliás o pai da vovó, é... quero dizer o nosso bisavô...

— Ih! Lá vem você de novo com essas estórias, seu nariz devia crescer. Você só conta abobrinha! Pedrinho ficou preocupado e rapidamente apalpou o nariz dizendo:

— Não, Léo, mas isso é verdade...

Mas Léo já não ouvia mais nada. Sai com a mochila pendurada nas costas.

Pedrinho corre atrás, tentando não se atrapalhar.

Pedrinho quase estraga tudo...

— Léo, a lanterna!

Léo tampa-lhe a boca, mas já é tarde. Maria, que passa a roupa na copa, se estica um pouco para ver o que acontece:

— Pra que vocês querem a lanterna, crianças?

E o Léo com um sorriso amarelo, gagueja um pouquinho e diz:

— É, é, para a gente brincar de cabaninha.

Maria ajeita os óculos, coloca as mãos na cintura e pergunta, marota:

— E as mochilas? Vão viajar?

— É porque... a gente "tava" querendo... embaralha-se todo o Léo, suando em bicas.

— Tá bom, tá bom, mas vê se não quebra nada, porque depois dona Luciana chega e eu tenbo que me dobrar para explicar... Maria vai falando, falando... Léo e Pedrinho voltam para o quarto. Léo só faltava soltar fogo pelo nariz.

Até que Pedrinho tem uma idéia: pega o telefone e disca para sua própria casa. Quando a Maria atende, eles fogem. Correm ladeira acima, atravessam a rua desatinados. Quando chegam na pontezinha da ilha, olham em volta. É tudo silêncio. O mar lá em baixo bate nas pedras num vai e vem constante.



— Poxa, Léo, eu queria ser um pirata para morar aqui a vida inteira.

— E você "tá" achando que era fácil? O pirata mesmo tem que ocupar a ilha e derrotar o inimigo. Vamos, Pedrinho, pegue sua espada e ... atacar!

Pedrinho abre rápido a mochila, pega a colher de pau e a coloca em sua bermuda. Léo segura o cano do aspirador de pó e assim, munidos de suas espadas, avançam dispostos a expulsar qualquer intruso da ilha.

Quando chegam ao portão, descobrem que seus inimigos são mais espertos. A ilha está trancada com um cadeado enorme.

Léo sacode a grade com força. Não consegue abrir. Já está desanimando, quando vê descendo as escadas um senhor muito esquisito. Ele vestia mupas surradas e se parecia com um marujo.

☞ página 23

IGREJA DA BOA VIAGEM



Dia 24 – [de abril de 1846] – Eu e um amigo combinamos passar numa ilha montanhosa, no lado oposto da baía, e bem perto da praia, entre São Domingos e o Forte de Santa Cruz. Da cidade, não parecia maior que um feixe de feno, com que se assemelhava. É consagrada à protetora dos marinheiros, tendo sido dedicada, com a igreja que a coroa – como uma mancha branco-amarelada no seu cume – há uns duzentos anos, a Nossa Senhora da Boa Viagem, a Virgem a cuja providência os marinheiros portugueses e brasileiros se entregam, fazendo-lhe apelos e votos nas horas de perigo, exatamente como os antigos navegantes lidavam com Netuno e Oceano. Tendo eu feito uma viagem próspera dos Estados Unidos, um amigo devoto aconselhou-me a visitá-la.

Cruzamos a baía num barco pequeno, cujo piloto era um escravo moçambicano e arribamos a São Domingos, onde o guardacancela era outro negro da mesma raça (...). Após ter contornado uma montanha e ter seguido uma estrada estreita com folhagem densa cobrindo-nos, com laranjais, cafezais e bananeiras e chácaras ocultas entre a vegetação exuberante, chegamos abruptamente à extremidade posterior da Ilha Sagrada que ficava agora entre nós e a cidade (...). Uma faixa de areia liga-a, quando a maré é baixa, às praias vizinhas e nela se construiu um passadiço de pedra, mas este foi destruído pela ressaca, menos parte de um arco projetando-se da face alcantilada da ilha (...).

☞ página 24

MARUJO DA BOA VIAGEM

continuação da página 22

Com um jeito lá mal encarado, pergunta:

- O que vocês querem?

Pedrinho e Léo dão um salto para trás e quase saem correndo, mas o homem tira do seu bolso uma chave e abre o cadeado.

- Podem entrar, mas terão que obedecer a tudo o que digo.

- Pedrinho agarra-se em Léo. Os dois, com muito medo, mas muito curiosos também, entram na ilha.

O velho homem fecha o portão com uma mão só, a mão direita; a esquerda sempre fica para trás.

Começam a subir as escadas, sem falar nada.

No final, arfam de cansaço.

O velho mostra as várias árvores que havia plantado. Até pau-brasil tinha por lá...

Lá em cima, onde fica a igrejainha, o velho começa uma história.

- A capela foi construída por volta de 1650, por um tal de Diogo Carvalho de Fontoura, fidalgo português. Ela teve muitas reformas depois. Dizem que tinha um teto com cenas de naufrágio e era toda enfeitada com azulejos azuis e desenhos do mar, oferendas de marinheiros, viajantes e peregrinos. Em 1870, houve um grande incêndio e fizeram obras

pra salvar esse lugar sagrado. Agora para ser restaurada, tem que manter as características originais, pois foi tombada pelo patrimônio histórico.

O que estão fazendo com a minha capela?

Léo pergunta:

- Essa capela é do senhor?

O velho se faz de bravo:

- Tudo isso aqui é meu, fui eu quem conquistou tudo isso aqui! Fiquem quietos e me sigam.

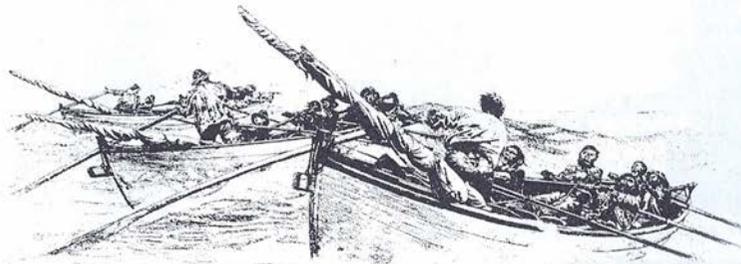
Pedrinho treme até os dentes e segura com força o braço do Léo.

Sobem mais um pouquinho e lá de cima vêem as fortalezas de Sta. Cruz e de São João.

- Daqui dá pra ver os navios que entram na baía, diz o velho. Diz a lenda - ri - que até existia uma corrente bem grossa que atravessava a entrada da baía e que, esticada, impedia os navios intrusos. As naus inimigas que tentaram entrar foram afundadas. Com exceção de um navio pirata, que possuía um capitão corajoso e muito inteligente. Nem o francês Villegaignon conseguiu vencê-lo.

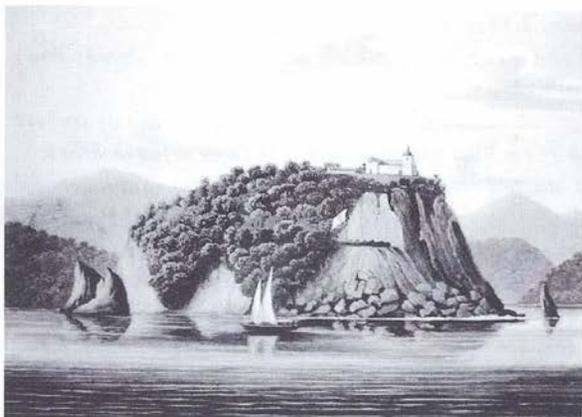
- E como esse pirata corajoso conseguiu entrar? pergunta aflito Pedrinho.

☞ página 26



IGREJA DA BOA VIAGEM

continuação da página 23



13

[Lá em cima] encontramos a igreja aberta (...). Quase toda a estrutura, como ainda as suas imagens e ornatos, vieram de Portugal. Por falta de conservação, está muito negligenciada também. Nenhum padre aqui mora para vigiá-la e apenas a intervalos aparece um por estas bandas. Sua glória desvanece-se com suas paredes(...).

Entrando-se pela porta, antiquada, o chapéu de um homem alto atingiria o teto de uma pequena galeria. Aqui há temas marinhos - navios sulcando o oceano, e Nossa Senhora nas nuvens observando-os. Avançando, vimos que as paredes laterais são ornadas de telhas alemãs, e o

teto coberto de pinturas de naufrágios, com a salvação miraculosa dos marinheiros portugueses em conflito com muçulmanos [e outros]. Aqui havia três altares com seus acessórios. Sobre o principal, dominava uma Nossa Senhora da Boa Viagem; tem ela apenas setenta e cinco centímetros de altura, embora grande demais para o navio sobre o qual pousa. Embora envolta em vidro, seus vestuários e os do Menino eram forrados e descoloridos. Nenhuma das velas que tinha diante de si estava acesa; todas pareciam amarelas, como se há muitos anos estivessem ali(...).

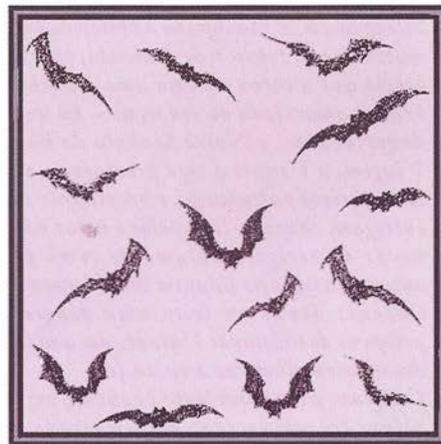
☞ página 25

Morcegos barulhentos[#]

Este bando de morcegos está fazendo um tremendo barulho na caverna.

O único jeito de fazer com que fiquem quietinhos é separá-los um a um.

Você é capaz de fazer isso traçando apenas seis linhas retas?



☞ Respostas na página 144

O QUE É?

No campo me criei
Vestida de verdes laços;
Quem mais chora por mim
É quem me fez em pedaços.

Resposta: a cebola

Um galo sozinho não tece a manhã. (João Cabral de Melo Neto)

IGREJA DA BOA VIAGEM

continuação da página 24

De passagem, observamos as coleções de velhos ex-votos à direita e à esquerda da entrada. Aqui pendem feixes de pernas, braços, pés, mãos, seios, cabeças, olhos, abdômes inteiros de cera, etc., todos em tamanho natural. Um quadro votivo lembra que Justina de Araújo Silva teve um câncer num dos olhos e foi milagrosamente curada por Nossa Senhora da Boa Viagem.

Um tumor monstruoso é representado em cores vivas e sangrentas sobre um pescoço de cera — outra grande cura obtida por ela. Um quadro traz representado um navio em naufrágio e diz-nos que foi assaltado por um vendaval quando a tripulação invocou esta Nossa Senhora que então salvou a todos.

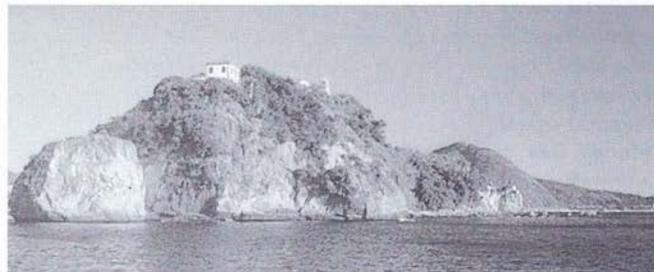
O navio foi guardado do mal com a invocação de Santa Ana e Santo Antônio. Este pequeno quadro declara que a mulher

que o ofertou de há muito que vinha sofrendo de uma dor no flanco e estava na iminência de fazer uma viagem para o outro mundo. Ela veio então aqui para implorar a Nossa Senhora e foi salva. Outra ainda, datada de 1756, tinha o desenho de um homem enfermo num leito e Nossa Senhora num canto do quarto, dizendo-lhe que esfregasse as partes atacadas com óleo tirado da lâmpada que ardia diante dela. Ela seguiu o conselho e sarou e pendurou

este ex-voto como testemunho de sua gratidão pelo milagre(...).

Quando o piloto promete cera e missa é porque as coisas vão mal a bordo. A medida que a tempestade aumenta, aumenta o vulto das promessas; tripulação e passageiros por um impulso natural e devoto prometem cada vez mais.

T. Ewbank¹⁵



ILUSÃO DE ÓPTICA¹⁶

Entre as meninas, sentadas às cabeceiras da mesa,
há uma senhora.

Aproximem o nariz da figura central e verão,
depois de algum tempo, que essas duas
meninas se juntarão, beijando-se.

A causa deste fenômeno óptico é o espaço cego que há entre
nossos olhos, no começo do nariz.

Esse espaço é maior ainda entre certos animais.

O coelho, por exemplo, não vê o que come.



As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender. (Paulinho da Viola)

Fundos de Conhecimentos de Niterói a cultura nos sujeitos e nas cidades

Sou um educador-artesão, mambembe de profissão, que, no processo de construção pessoal e profissional, busca compreender o fenômeno educativo, como prática social complexa, entrecruzada ou trançada de mil maneiras e por inúmeras relações.

Mesmo não sendo arquiteto, urbanista, antropólogo ou historiador, mas utilizando-me da rede de conhecimentos de campos variados, tento ir compreendendo e explicando as interações dos sujeitos e seus processos formativos.

Então, primeiramente, podemos afirmar que o processo de formação humana e sociabilidade educativa se dá nas diferentes práticas, experiências e relações vivenciadas pelos sujeitos, nas quais há sempre uma relação de ensino e aprendizagem construída pelas diferentes interlocuções, interpelações.

Encontram-se, imbricados nestes momentos de vida, diferentes discursos, linguagens, representações, diferentes maneiras de expressar sentimentos, emoções, comportamentos e valores que, oriundos dos mais variados campos

e lugares de pertencimento dos sujeitos, permitem situar-nos na sociedade, compreendendo e interpretando a realidade que nos cerca.

Assim, como educador-artesão, faço parte de um grupo que não pensa o processo educativo formal - o espaço escolar - como único espaço educativo. Levamos em conta também todos os lugares/espaços/tempos vividos pelos sujeitos. Entendemos, desta maneira, que cada espaço é um locus de formação e de educação.

Procuramos não estabelecer um lugar de destaque para quaisquer desses espaços. Tentamos colocá-los em pé de igualdade, na medida em que saberes e conhecimentos são construídos aos borbotões. É nos enlances, nos confrontos, nas articulações e, às vezes, nos desencontros, que tessituras são estabelecidas, conscientemente ou não, fazendo parte do processo formativo dos sujeitos. Daí, nossa preocupação em desvendar os fundos de conhecimentos dos sujeitos e das cidades, tendo em vista a íntima relação entre eles.

☞ página 80

PLANTAS CARNÍVORAS



São também conhecidas como insetívoras, isto é, plantas que comem insetos. Os insetos capturados são decompostos pela planta a partir da ação de bactérias e de enzimas digestivas. A digestão é feita através de processos químicos, semelhante à digestão animal, tendo como produto final os compostos nitrogenados e sais que são absorvidos pelas plantas. Essa adaptação permite que essas plantas vivam em ambientes hostis. São conhecidas cerca de 400 espécies de plantas carnívoras.



MARUJO DA BOA VIAGEM

continuação da página 23

- A corrente arreventou e ele invadiu a ilha.

- Ai, que mentira! retruca Léo. O velho marujo, enfurecido, começa a esbravejar:

- Como ousa me desmentir?! E falando furiosamente, estica o braço e, no lugar da mão, aparece um gancho enorme. Os meninos, apavorados, correm sem olhar para trás, até o outro lado da ponte. É o capitão Gancho! É o capitão Gancho!

Osegantes, chamam um guarda e voltam à ilha.

- Ele estava aí! Falamos com ele! O pirata estava aí.

- Quem?! Acho que vocês estão vendo fantasma...

O portão estava fechado, como sempre, com o grande e velho cadeado.

Martha Melo e Mariana Ruiz



Finjo minha vida como ela finge a sua morte. (Lya Luft)

MAUSOLÉU

TEMPLO DAS MUSAS

Você sabia que o conceito “museu” tem suas raízes em duas funções que se completam? *Mouseion* – “TEMPLO DAS MUSAS”, segundo a antiguidade grega, reunia objetos “de beleza inspiradora”, significativos para aquela cultura.

Uma segunda raiz está ligada aos MAUSOLÉUS, que guardam a idéia de templos sagrados, portadores de relicários, preservando, de uma geração para outra, objetos que expressavam o poder e a sabedoria dos ancestrais formadores da memória e identidade de uma cultura.

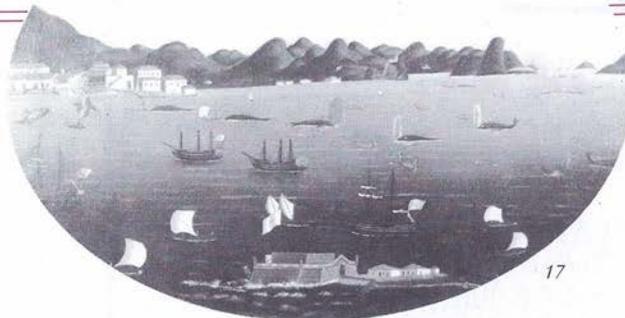
Assim, “museu” com suas origens, tanto no Templo das Musas como no Mausoléu, está voltado para a construção da identidade de um povo a partir da ligação entre passado, presente e futuro.

Hoje um museu possui várias funções: coletar, documentar, preservar, pesquisar e comunicar/educar. Cabe ao museu, hoje, refletir a condição humana e suas transformações ao longo do tempo, através da exposição do seu acervo (coleção de objetos de valor cultural – histórico, científico ou artístico).

Desde a Revolução Industrial na Europa, a cultura ocidental atingiu tal nível de complexidade, que foram criados diferentes tipos de museus, como, por exemplo: museu de história natural, museu da astronomia, museu do índio, museu do folclore, museu de arte contemporânea.

Luiz Guilherme Vergara

MOBY-DICK NA BAÍA DE GUANABARA



17

Imagine só o espanto se, estando você na barca, olhasse pela janela e visse baleias! Saiba que, há 200 anos, isso não era nenhum absurdo. De maio a agosto, as baleias costumavam vir à baía de Guanabara para ter seus filhotes.

Durante os séculos XVII e XVIII, algumas empresas lucravam com sua pesca. Depois de mortas, as baleias eram levadas para a armação, e cortadas a machadadas.

“Cada baleia fornecia, em média, 16 pipas de óleo e 15 arrobas de barbatanas, empregadas na feitura de bengalas, rebenques, estojos, varetas de sombrinha, usando-se as sobras para transformação em cola de marceneiro.

- *A borra, resíduo do óleo, misturada à cal, areia e água, era utilizada como argamassa em construção; o espermacete em vela e unguento; a galagala para impermeabilização de embarcações e, finalmente, a carne, consumida na alimentação das camadas mais necessitadas da população (...)*
- *O mau cheiro que uma Armação desprendia era tão forte que se lhe atribuía a origem de várias doenças, as ditas febres malignas”.*¹⁸

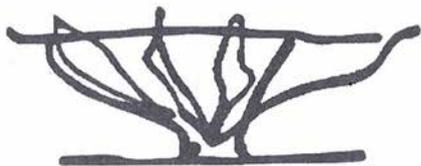
- *Essa pesca em grande escala e o surgimento dos navios a vapor afastaram esse mamífero da nossa costa. No início do século XIX, a baleia já era bicho raro na Baía de Guanabara.*

Denise Brown



Você Sabia?

A poluição ambiental é um dos principais fatores que colaboram para a degradação dos recursos hídricos no Brasil. Estima-se, por exemplo, que 50% das praias brasileiras estejam poluídas por esgotos, vazamentos de petróleo e lixo.



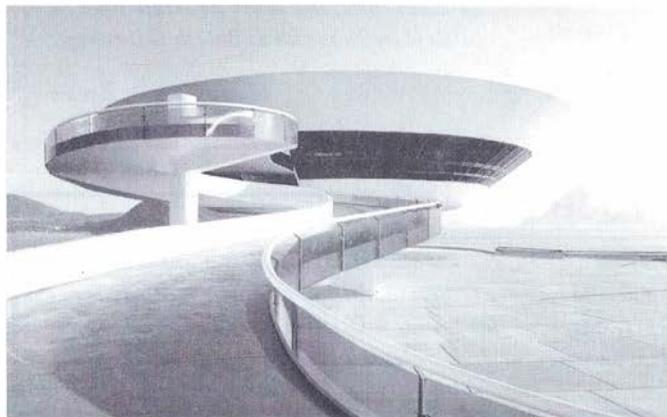
MAC MAC MAC

É uma flor? Um pássaro? Um disco voador?

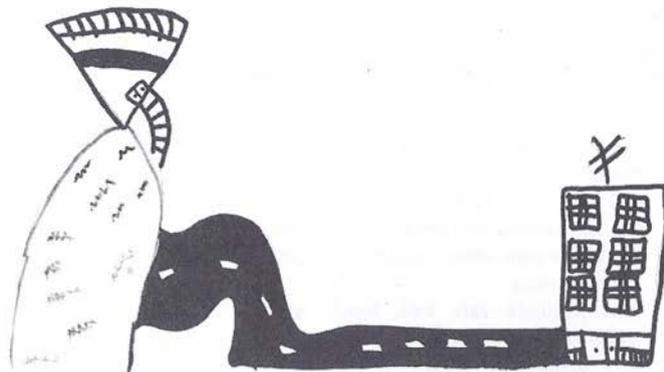
O Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), inaugurado em 1996, foi projetado por Oscar Niemeyer. Ao visitar pela primeira vez o Mirante da Boa Viagem, ficou encantado com a beleza do local e em poucos instantes já tinha escolhido a localização e criado mentalmente a forma do museu, "um museu solto no ar", algo como "um pássaro", "uma flor". Ao chegar a um restaurante da cidade para almoçar, pediu uma folha de papel ao garçom e desenhou o MAC.

Esse museu foi criado para abrigar a coleção de João Sattamini, que reúne a produção dos mais representativos e atuantes artistas brasileiros desde os anos 50 até o presente.

Luiz Guilherme Vergara



Cidade de Niterói!



Jéssica Martins. 5/11/99 - Aluna do IEPIC, turma 206

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. (...) Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo.

Leonardo Boff

Passarinho que se debruça, o vôo já está pronto. (Guimarães Rosa)

O RITUAL DA RAMPA VERMELHA

Ao subir pelas curvas da rampa, começa um jogo de movimentos interligados entre você, o MAC, as montanhas, e toda a orla da baía de Guanabara. Note, em especial, a concordância entre os contornos paralelos do prédio do MAC e o Pão de Açúcar: visitante, observe que o Pão de Açúcar acompanha os seus deslocamentos.

A rampa vermelha que leva à flor branca de Niemeyer sugere múltiplas metáforas. No "ritual da rampa" do MAC, pode-se pensar que "quando eu me movo, o mundo também se move ao meu redor!"

Apreciar essa obra de Niemeyer é reconhecer-se como parte integrante dessa leitura de movimentos integrados.

O MAC é, acima de tudo, um mirante, um ponto de encontro para diversos olhares; ponto de tangência entre a cidade, o mundo simbólico das artes e um círculo cósmico maior, cujo centro é a própria baía de Guanabara.

Caro visitante, com o "ritual da rampa vermelha", essa visita ao Museu de Arte Contemporânea se inicia. Da mesma forma, cada obra de arte invocará, de diferentes maneiras, a mobilidade do olhar e da imaginação poética como ação necessária para a sua leitura e revelação.

Luiz Guilherme Vergara

O QUE VOCÊ ESPERA VER NUM MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA?

1 - No MAC você não encontrará nenhuma escultura clássica da Antigüidade ou da Renascença, nem pinturas impressionistas européias do século passado.

2 - As obras de arte expostas trazem novos desafios. Tudo começa quando artistas, no início do século XX, resolvem experimentar outras possibilidades de expressão, usando materiais não convencionais, principalmente os produtos descartáveis da sociedade industrial. Aos poucos, os limites impostos pela tradição não mais respondem às necessidades expressivas dos artistas. Superá-los, a começar pela moldura na pintura e o pedestal na escultura, era superar a linha simbólica que, separando a arte do mundo, padronizava sua maneira de estar no mundo. Assim, o artista contemporâneo passa a se distinguir pela sua livre utilização de diversos procedimentos, materiais e suportes, fazendo convergir pintura e escultura, na busca de uma expressão mais efetiva das coisas à nossa volta.

3 - Por que 'eu sou arte'? É uma questão que cada obra apresenta para o seu espectador. Você não pode duvidar do seu primeiro olhar.

A intenção comunicativa do artista com o público se disfarça em pistas, armadilhas e charadas. Inúmeras leituras e significados são descobertos através de pequenos detalhes.

Onde está o significado da obra? Só na intenção do artista ou nas interpretações de quem vê?

4 - O Museu de Arte Contemporânea precisa ser habitado. A arte se faz viva através da ação de muitos olhares e vozes.

Luiz Guilherme Vergara

LENDA DE ITAPUCA

Jurema era índia bonita, prometida ao mais forte e bravo dos guerreiros da tribo. Um dia, perto dos araçás da praia, vê, atizando um fogo, Cauby, índio novo, vindo de nação estranha.

Ab! Foi como se rodassem na espuma todas as ondas do mar e como se virassem, nos ramos, todos os pios da floresta.

Nas noites de lua, perdida no vento, Jurema canta e canta para Cauby. Brincam na areia, fazendo tranças, rindo a vida.

Quando as pitangueiras botaram frutos e se abriram as flores do maracujá, os irmãos de Jurema descobrem essa história escondida. Perseguem nas folhas os amantes e os atacam, assustando nas árvores os tucanos e os saguis. Cauby, qual peixe-lagarto, consegue fugir. Jurema, ferida no corpo e na saudade, nunca mais cantou. Chorava todas as noites na praia, entregando às marés sua história comprida como chuvas de frio.

Passaram-se seis luas. Chega o tempo de seu casamento forçado na tribo. Antes desse dia nascer, guiada pelas estrelas, volta à praia e canta sua dor para o amado, como um lamento último, uma despedida.

Cauby surge, então, fogueiro, das águas e a toma nos braços. Os dois se deixam ficar, a gosto de sal, protegidos pela lua.

De repente, grita o pássaro, quebra forte a onda, some na nuvem o céu. Chegam furiosos e armados os índios da tribo de Jurema. Há luta, choro, golpes de borduna e o silêncio depois. Morrem, no embate, Cauby e Jurema. Tingem-se de sangue seus braceletes de penas. Tupã, a pedido de Jacy - a lua - acolhe o amor de Cauby e Jurema, levando-os unidos para o interior da pedra de Itapuca.

Entre as flechas e a água sagrada - Icarai - guardam-se assim para sempre esses corpos da terra, esse amor tupi.



19

Itapuca:
pedra furada, pedra que ri.

ADIVINHAÇÃO

"De verde, nasci,
De vermelho, me vesti;
Vim no mundo pra dar
Gosto para ti"

Resposta: Pimenta

TRAVA LÍNGUA

Olha o sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
E o papo soltando vento



E de repente, todas as coisas imóveis se desenharam mais nítidas no silêncio. (Mário Quintana)



Olha só, menina! A pedra! É um índio perfeito como o das histórias! Tem traço de guerreiro, cocar de mato. Parece estar sentado, escondido no fundo da água. Só a cabeça sai no vento e olha para a cidade. Guarda do tempo a terra de Araribóia.

Pedra do Índio



CASSINO ICARAHY

20

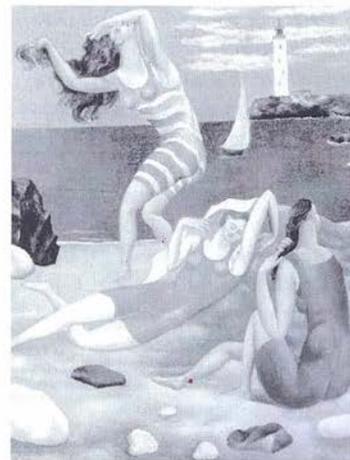
Sinto saudades dos passeios que fazíamos, eu e meu marido, ao Cassino Icarahy. Quando o Presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1946, proibiu os jogos de cassinos no Brasil, meu marido nunca mais quis voltar a Niterói.

A cada último final de semana do mês, Antenor e eu pegávamos a barca e, já em Niterói, íamos de bonde até Icaraí. Ficávamos hospedados no Hotel Balneário Cassino Icarahy. Chegávamos na manhã de sexta-feira e partíamos na tarde de domingo. Antenor logo se instalava na escrivaninha do quarto do hotel. Espalhava os papéis dos casos que advogava e punha-se a trabalhar. O ritual repetia-se todas as manhãs. Eu, às pressas,

colocava minha roupa de banho e ia para a praia. Era necessário somente atravessar a rua, pois o hotel ficava em frente ao mar.

Antes mesmo de colocar os meus pés, recém descalços, sobre a areia morna, já podia sentir a brisa embriagada com os aromas do mar. Levava sempre minha toalha, um chapéu de abas largas e um bom livro para ler. A praia era bem freqüentada. As pessoas chegavam, não ficavam mais do que três ou quatro horas. Não era necessário levar relógio, pois o do alto do cassino era grande e visível de longe.

☞ página 32



CASSINO ICARAHY

continuação da página 31



Passava a manhã toda a ler, ou melhor, a fingir que estava lendo. O livro era mais um pretexto para não jogar fora as minhas horas ali. Na verdade, eu passava mais tempo observando os banhistas e os ambulantes que passavam pela rua. Seus pregões me entretinham por horas. Havia peixeiros que vendiam peixes quase vivos, trazidos em cestos e cobertos com folhas de

21

bananeira. Sorveteiros que passavam gritando: "Manga, coco, abacaxi, chocolate". As crianças vinham correndo comprar o picolé por um trocado. Mascates, carregando malas de couro na cabeça, vendiam panos e quinquilharias. Lá pelas tantas, passava a "vaca-leiteira", um veículo a motor, com buzina estridente, que chamava as donas-de-casa que quisessem comprar leite.

Entristecia-me voltar para o silêncio dos meus aposentos, durante as horas que se seguiam. Mas, à tardinha, retornava à praia e, desta vez, caminhava até o trampolim para ver os mergulhos. Eu nunca tomei coragem. Assim que as lâmpadas públicas começavam a se acender, às cinco horas, eu sabia que deveria voltar.

À noite, Antenor deixava sua clausura, e íamos para o salão de jogos. O burburinho das pessoas, falando e rindo, a música e os shows me distraíam por igual. Ele se instalava na mesa da roleta, de onde só saía de madrugada. A seu lado, eu fingia estar prestando atenção em todas as suas apostas, mas me interessava mesmo pelo movimento do salão. Ganhávamos, às vezes, algum dinheiro, mas para mim isso pouco importava. Hoje em dia, arrisco todas as sortes. Corro às loterias, aos bingos, aos sorteios, às "raspadinhas", à "fezinha" ali na esquina...

Denise Brown



FECHAMENTO DO CASSINO

Diz o JORNAL RESISTÊNCIA,
5 de maio de 1946:

O recente ato do governo federal extinguindo o jogo em todo território nacional atingiu decisivamente e inapelavelmente um dos mais importantes setores da atividade social: o Teatro.

(...) Julgamos inadvertido o Governo, atingindo ex-abruptamente os profissionais que, trabalhando nos cassinos se encontram, da noite para o dia, ao desemprego e, - o que é catastrófico - se viram desempregados: atores, cantores, bailarinos, músicos, enfim, um verdadeiro mundo onde o ingresso independe de simples desejo de ganhar a vida mas, ao contrário, vocação, estudo e talento. (...) Queríamos dizer que o Sr. Presidente Eurico Gaspar Dutra, usando de atribuições conferidas na transitoriedade da Lei vigente, poderia, alertado com as novas condições criadas pelo seu desejo de solucionar problemas sociais, agir rapidamente e eficientemente

no sentido de que o Teatro Brasileiro não sofra tão rude golpe em seu futuro.

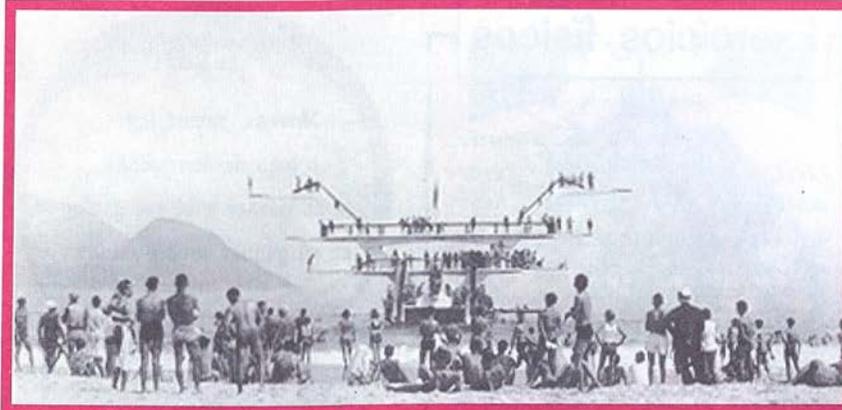


A mais bela ponte construída no planeta é a distância entre um olhar e outro. (Mário Prata)

CONVERSA COM D. MABEL

DE ALGAS E DE PEDRAS. HISTÓRIAS DE OUTROS TEMPOS.

D. Maria Isabel Watson Imbassahy viveu longo tempo em Niterói. Seus 96 anos guardam muitas lembranças, muitas histórias, muita saudade. Guardam muita alegria, que ela gosta de repartir.



22

Não havia piscina, naquele tempo, aqui em Niterói. Tudo era o mar. O mar era quase que transparente... A gente via aqueles peixinhos, era uma delícia.

Havia uma época em que aparecia uma grande quantidade de algas na praia. Então, um dia, eu, de brincadeira, peguei as algas, botei as algas pela cabeça, pelo corpo... Estava um fotógrafo da FON-FON! que me surpreendeu e fez uma fotografia. Eu não pude mostrar a meu pai,

ele ia acabar ruim - sorri. Isso deve ter sido em 1921 para 1922. Foi na praia das Flechas. A Pedra de Itapuca era o nosso trampolim. Nós trepávamos na Pedra de Itapuca para mergulhar. Era cheio de pedras. Um dia, um quebrou a cabeça. Ai, foi proibido se usar as pedras para mergulhar. A praia das Flechas era pequena, mas a gente reunia um grupo muito alegre. Às vezes, fazíamos piquenique. Não havia coca-cola nem guaraná. Levávamos

uma garrafinha com água, um xarope vermelho de groselha e algumas frutas. Um dia, não tínhamos dinheiro para comprar frutas. Lembramos que, de vez em quando, faziam uma macumba na Itapuca. Nós tínhamos visto lá umas fileirinhas de vinténs, acho que eram vinte centavos. Fomos lá, apanhamos aqueles vinténs na macumba, entramos na quitanda, compramos as frutas e fomos fazer o piquenique.

33

“Cada um de nós com suas armas.

Nossa é essa:

Esclarecer o pensamento,

Pôr ordem nas idéias”.

Antônio Cândido

T U P I
N O M E
D A Q U I

INGÁ

i (água, rio) ga (embebido, úmido, intumescido)

ICARÁÍ

i (água, rio) carai (bento, sagrado).

Água Benta, água santa, rio sagrado.²⁵



Desta janela domou-se o infinito à esquadria. (Carlito Azevedo)

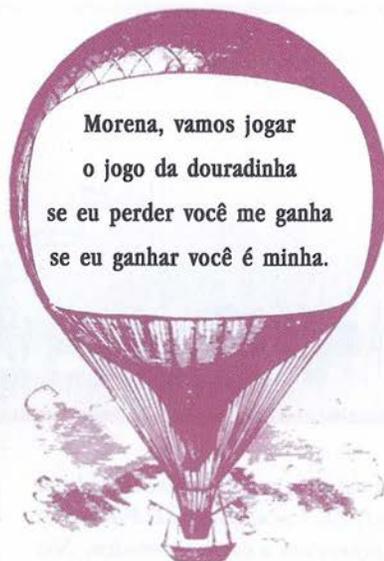
Exercícios físicos

Manter a saúde é muito fácil, mas deve-se começar desde muito cedo. A mãe deve evitar dar açúcar ao bebê, deve criar a criança sem comida açucarada. Paralelo a isso, deve fiscalizar a obesidade do bebê, pois gordura não é sinal de saúde. Deve levar a criança a realizar exercícios que mantenham a flexibilidade das articulações, como ginástica rítmica e ginástica olímpica, balé e alongamento.

Já adulto, é preciso fazer uma dieta inteligente, com alimentos na proporção certa, evitando açúcar e gordura, além de dar continuidade aos exercícios físicos. Desses, deve-se valorizar aqueles que dão ganho de massa muscular. Depois dos 30 anos, não se ganha massa muscular ou flexibilidade, porém deve-se continuar a fazer exercícios.

É fundamental cultivar o equilíbrio emocional e a auto-estima. O contato social cumpre esse papel, fazendo com que as pessoas gostem de si, queiram bem aos outros e sejam queridas.

*Professor Gugu
Projeto Terceira Idade em Icarai*



Dica de Dona Luzia

Cravo da Índia nas roupas de lã espantam todas as traças. E contra o cheiro de mofo é bom botar no armário uma meia de nylon velha cheinha de serragem de cedro.



O primeiro edifício, a última casa na Praia de Icarai.



CORRIDA ECOLÓGICA

Esta atividade é uma adaptação de um conhecido jogo, cujos participantes vão saltando casas com seus peões de acordo com o jogo de dados.

Desenhe em papel craft, cartolina ou no quadro-de-giz, o percurso da corrida. Marque 3 casas que conterão um aspecto positivo da natureza e 3 casas com um problema ambiental.

O jogador que cair com seu peão numa casa que apresente um ponto positivo em relação ao meio ambiente, irá avançar algumas outras casas como prêmio. Mas, se cair em uma das casas de problemas ambientais, será penalizado, retrocedendo ou ficando uma rodada sem jogar.

- Se você não possui um dado, cole 2 esponjas novas de cozinha e depois alguns círculos em papel colorido.
- Ou, para ficar mais barato: faça o desenho abaixo em um papel ou papelão, recorte, dobre e cole. Está pronto!

De posse do tabuleiro (percurso da corrida), do dado e dos peões, solicite aos participantes que sugiram 3 pontos positivos e 3 negativos acerca do meio ambiente de sua região ou comunidade. Peça que atribuam valores (em números) a cada um dos pontos ditados, relacionando-os em colunas para facilitar a visualização. Exemplo:

PONTOS POSITIVOS:

1. Estação de Tratamento de água: 5
2. Saneamento: 3
3. Reflorestamento: 2

PONTOS NEGATIVOS:

1. Poluição ar: 2
2. Lixo: 4
3. Desmatamento: 3

Você vai perceber como as pessoas têm mais facilidade de lembrar dos pontos negativos que dos positivos. Pense um pouco nisso!

E agora, **ATENÇÃO**, pois chegou o momento mais importante da atividade. Quando os valores estiverem definidos, inicie uma série de questionamentos. Por exemplo:

- Vocês atribuíram 5 pontos para a Estação de Tratamento d'água e 3 pontos para o saneamento. Tudo bem, mas não poderia ser o contrário? Ou será que os dois são igualmente importantes e deveriam ter a mesma pontuação?
- Por que vocês deram 3 pontos para Desmatamento e 2 pontos para Reflorestamento?
- 4 pontos para o lixo e 2 pontos para a poluição do ar... O lixo é 100% pior que a poluição do ar?

Você fará perguntas aparentemente desprezíveis, evitando induzi-los a alguma resposta específica. Lembre-se de que os próprios participantes constroem o jogo. Você é apenas um facilitador.

Este é o momento mais importante da atividade, porque você provoca o debate. A ideia é mexer com a percepção e os valores dos participantes, trocando os números anteriormente estabelecidos quantas vezes forem necessárias. Isso ocorrerá de acordo com as novas opiniões dos participantes.

Você precisará apagar e colocar distintos números, todas as vezes que existirem sugestões e palpites. Se criar confusão, ótimo, pois neste caso, vale mais "confundir" do que você, arbitrariamente, definir os valores a partir de sua percepção.



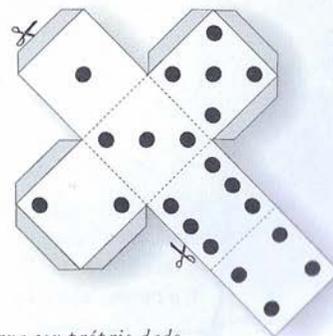
FINALIZANDO

Você já tem:

- o tabuleiro;
- os peões;
- o dado;
- os pontos positivos e negativos com os respectivos valores, e
- as 6 casas distribuídas ao longo do percurso.

Acabou? Sim, mas seria ainda melhor se os participantes inventassem avisos, lembretes, frases de efeito ou mensagens para cada uma das 6 casas que fazem avançar ou retroceder. Agora sim, pode começar.

Ricardo Harduim



Construa seu próprio dado.



A ESTRADA FRÓES

“Quem pretendesse ir de Icarai a São Francisco em tempos remotos, certamente preferiria fazê-lo por mar. Existia um péssimo caminho atravessando o Morro do Cavalão, onde, além dos riscos materiais que ameaçavam o viajante, havia o perigo dos assaltantes, acoitados na tristemente célebre Garganta do Inferno, covil de ladrões e assassinos. Hoje em dia, de automóvel, atravessam-se os Túneis Raul Veiga e Roberto Silveira em apenas alguns segundos. Antes dos túneis havia, é bem verdade, talhada no granito em muitos trechos de seus três quilômetros de extensão, a Estrada Fróis, obra do Major Luís José de Menezes Fróis (1825-1905) e por ele custeada, para facilitar o escoamento dos produtos da fazenda de sua propriedade, no Saco de São Francisco.”

Carlos Webrs²⁴



Resposta: Arara



O BONDE E A NAMORADA

Nitheroy, 30 de setembro de 1903.

Ilmo. Sr.

Major Luís José de Menezes Fróis

Venho rogar-lhe, primeiro em nome de Nossa Senhor e segundo em nome do meu amor por Teresa, que Vossa Senhoria conceda permissão para que os bondes passem em sua estrada.

Sei que ela é de grande utilidade, pois através dela é escoada a produção de sua fazenda. Mas, por tudo que é mais sagrado, deixe o bonde passar.

Perdoe-me a ousadia de escrever-lhe sem conhecê-lo, porém creio que o senhor entenderá os arroubos da minha paixão e juventude.

Amo Teresa, senhor, só que nosso amor está impedido pela estrada da Garganta do Inferno e seus perigos... Porém, se o Senhor, como homem empreendedor, justo e correto, permitir a passagem do bonde, poderei ver meu amor e... serei feliz e grato.

Rogarei a Deus que o ilumine nessa decisão e, desde já, agradeço-lhe pela atenção dispensada a esta singela missiva. Seu criado,

Doutor Roberto Silveira Castro dos Santos.

Elisa Maria Ribeiro



E se Deus é canhoto / e criou com a mão esquerda? / Isso explica, talvez, as coisas deste mundo. (Carlos Drummond de Andrade)

ASAS ABERTAS PERNAS PRO AR

A professora de Chico combinou com a turma um passeio ecológico. Onde seria? Escolheram a Reserva Biológica e Florestal chamada Parque da Cidade, que se localiza no alto do Morro da Viração, lá para os lados de São Francisco.

No dia marcado, saíram cedo da escola e iniciaram a subida pelo Maceió, onde a estrada é menos íngreme. Sabiam todos o quanto seria difícil chegar ao topo daqueles 270 metros.

Era tudo muito bonito - as árvores, a cantoria dos pássaros, o silêncio. E como era gostoso o ar puro! As crianças enchiam o caminho com sua algazarra, falatório, risadas e jogo de pega-pega. Em uma fonte de água limpa, alguns lavaram o rosto, tirando o suor salgado. Outros descobriram um açude e muitos micos nas árvores, fazendo seus barulhinhos.

Finalmente, chegaram lá em cima. Que espetáculo se abria a seus olhos! Com a professora ajudando, localizaram as lagoas e as praias da

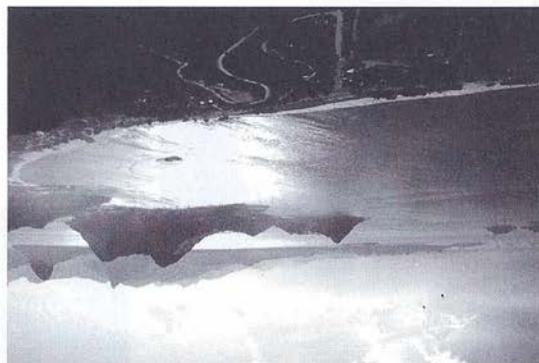
região oceânica - Piratininga, Itaipu, Camboinhas - e os recortes da Baía de Guanabara, com os bairros de Jurujuba, Charitas, Icaraí. Viram casas e edifícios, ruas e avenidas. Lá longe, o MAC, do outro lado, o Rio de Janeiro.

Um vento suave fazia flutuar uma asa delta amarela e outra vermelha; atrás delas, um pente verde/roxo acompanhava a dança lenta do vento. Que coragem tinham as pessoas que voavam daquela rampa de cimento, voltada para a Baía. Dali soltavam-se no céu e voavam como pássaros calmos, contemplando a beleza da cidade, das montanhas, adivinhando os mistérios do mar... Quando pousavam nas areias brancas, deviam trazer outro gosto de liberdade...

Ah, aquela rampa atraía a garotada! Crianças que eram, não poderiam saltar como os moços, mas... quem sabe? Ana, chamando Chico e outros amigos, contou-lhes sua idéia. Foi um rebuliço geral e... zás! Correram para a rampa, deitaram-se de barriga

para cima, espicharam o olbo e que maravilha! Estava tudo de cabeça para baixo: a ponte, os morros, a cidade do outro lado da Baía...

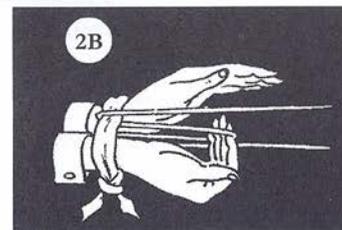
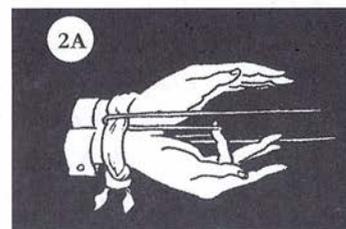
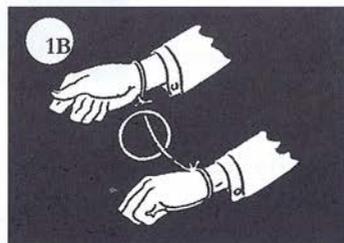
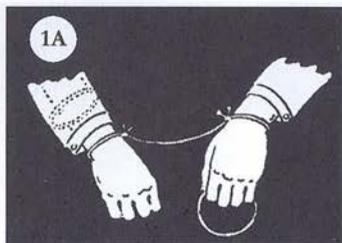
Alessandra Santos



MÁGICAS²⁵ MÁGICAS MÁGICAS MÁGICAS

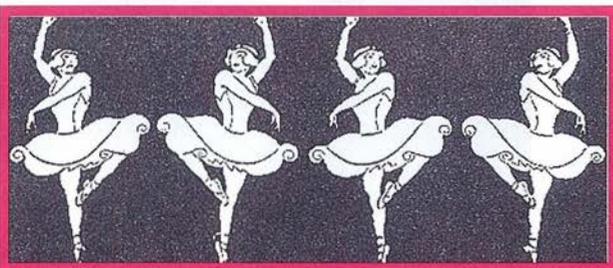
Aqui estão duas mágicas fáceis de executar e que causam sempre efeito entre os espectadores.

A primeira fica perfeitamente explicada pelas figuras 1A e 1B. Mostra-se uma argola lisa, de madeira ou de metal; em seguida, manda-se que nos amarrem os pulsos com as pontas de um cordão. O mágico, então, vira as costas para o público, conta até três e, ao se virar, mostra a argola enfiada no cordão. É que, ao iniciar a mágica, outra argola igual à que ele mostrou, estava oculta sob a sua manga. Ao virar as costas, ele faz a argola vir para o cordão e esconde a outra dentro da camisa, ou em um bolso.



As figuras 2A e 2B referem-se à segunda mágica: consiste em fazer amarrar os pulsos com um lenço e passar por entre eles um cordão, cujas extremidades são seguras por outra pessoa.

O problema é livrar-se o mágico do cordão. Para isso, basta fazer o que indica a figura 2B, metendo uma das mãos por dentro da volta que fez, puxando o cordão.



Você sabia?

O Brasil detém 8% de toda a água disponível para uso humano no mundo. A maior parte dessa água, cerca de 80%, está na região Amazônica, onde vivem apenas 5% da população brasileira.

Formiga quando quer se perder cria asas.



Jura de Amor

Hoje é o dia do meu casamento. Sai cedo da fazenda de São João de Icaraby, onde trabalho fazendo aguardente, rumo à fazenda do Saco. Eu e minha noiva escolhemos a igreja São Francisco Xavier, ao invés da igreja São João Batista de Icaraby, na qual assisto às missas, pois foi ali que nos conhecemos e, com alguma insistência, convencemos o padre Benedito a nos casar.

Juraci, minha noiva, é bonita. É baixa, magra, de olhos castanhos. Seus cabelos são negros e lisos como o mar numa noite tranqüila. Ela é muito prendada na cozinha e tenho a certeza de que a amarei muito.

Decidi ir de barcaça para o meu casamento, pois a estrada que passa por cima do Morro do Cavalão é cheia de aclives. Além do perigo de ficar atolado na lama, não queria ser assaltado pelos acoitados da “garganta do inferno”.

Entre na barcaça com minha família e partimos. Quando nos aproximamos da praia, a igrejinha branca de São Francisco, repousando sobre a colina, e algumas charretes chegando. Vinham de várias fazendas vizinhas, para onde eu vendia aguardente.

Atracamos. Na subida, vimos o “peão de terra”, ali colocado, somente há dois anos, como marco de medição desta sesmaria. No topo da colina, fomos recebidos majestosamente pelas duas mangueiras que cobrem a frente da igreja com suas sombras generosas.

Muitos dizem que foi o padre José de Anchieta que fez este recanto. O que eu sei é que foram os jesuítas. Sua insígnia está em vários lugares, como o relógio de sol da igreja. A missa foi do lado de fora, já que eram muitos os convidados e a igreja pequena.

Quando, de longe, olhei a Juraci, chegando numa charrete toda decorada de flores brancas, corri para dentro da igreja e fiz minha última prece diante da imagem de São Francisco Xavier.

Juraci atravessou a ponte que cobria o riacho aos pés da colina e veio vindo ao meu encontro. Seu vestido era alvo e deixava à vista somente suas mãos delicadas; o véu cobria-lhe todo o rosto, flores do campo eram seu buquê de noiva. Fiquei diante da igreja, embaixo de sua pequena torre erguida, pequena como a minha Juraci, que já estava a meu lado. Eu a recebi, dei-lhe a mão e viramos, os dois, para o mar. A mata, as montanhas que desabam na água e a areia branca, abaixo de nós, eram as paredes de nossa igreja.

No fundo, havia uma música harmoniosa acariciando os nossos ouvidos. Porém, a mais harmoniosa canção era a doce voz de Juraci, dizendo: Sim.

Denise Brown



Para quem está perdido todo mato é caminho.

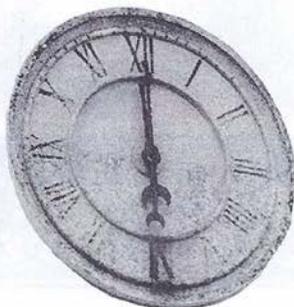


Quais são os dois pássaros iguais?²⁶

Resposta na página 144

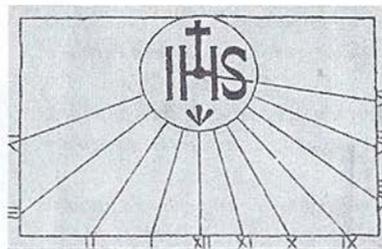
ONDE FICAM [OU FICAVAM]
ESSES RELÓGIOS?²⁷

1



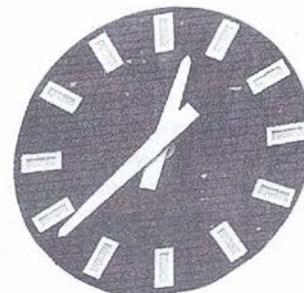
- a) Catedral de São João Batista
- b) Fortaleza de Santa Cruz
- c) Mercado São Pedro

2



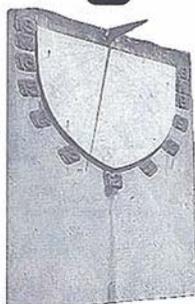
- a) Igreja de São Francisco Xavier, em São Francisco
- b) Igreja Porciúncula de Santana, em Icarai
- c) Igreja de São Lourenço, no Ponto Cem Réis

3



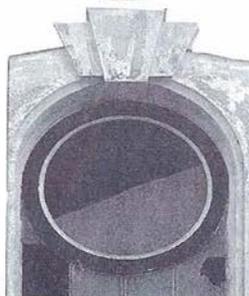
- a) Rodoviária Roberto Silveira
- b) Reitoria da UFF
- c) Hospital Antônio Pedro

4



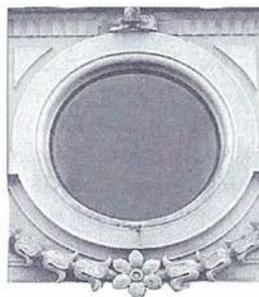
- a) Praça Zé Garoto, em São Gonçalo
- b) Praça do Rink, em Niterói
- c) Praça na Parada Quarenta, em São Gonçalo

5



- a) Estação Cantareira
- b) Estação das Barcas
- c) Antiga garagem da CTC

6



- a) Prédio dos Correios
- b) Museu do Ingá
- c) Fórum

7



- a) Câmara Municipal
- b) Antiga sede da Prefeitura
- c) Igreja Evangélica no Centro

☞ Resposta na página 144

Meias Verdades

- São oito horas, dizia a mãe de Bentinho, na tentativa de apressar o filho.

- Você é novo em Niterói e precisa voltar cedo, não conhece as ruas.

Ele, sem muita animação, olhava para os livros na escrivaninha.

- Estou indo. Marquei com o Rogério às 8 horas da noite. Despediu-se da mãe e saiu sem pressa.

No ônibus, pôe-se a sonhar. Nos seus devaneios, era um outro Bentinho, o personagem de Machado de Assis, autor preferido de sua mãe. "Pensando bem, se eu fosse ele não seria tão desconfiado e terminaria aquela história feliz para sempre com Capitu."

O ônibus deu duas sacudidas, fazendo Bentinho olhar para fora e perceber que havia chegado ao Casarão de Charitas. Conferiu o número 679 e ficou parado, perplexo com o que via.

- É aqui? perguntou baixinho para si mesmo.

- É aqui mesmo, respondeu um baixinho de óculos cheio de intimidade. Sou Afrânio, estava à sua espera.

- Mas...

- Fique calmo, não podemos conversar aqui. Afastou o novo amigo para o outro lado da rua, e explicou: Rogério, o meu primo, não pôde vir e pediu que te fizesse companhia.

- Esse casarão é uma boate? perguntou Bentinho.

- Hoje sim, antes foi um seminário.

Bentinho estava encantado com a arquitetura do antigo casarão, construído em pedra e cal.

Afrânio parecia ler os pensamentos do outro. Tinha fama de contador de histórias. Vivia cercado de amigos na escola, contando sempre mais uma. Então teve uma idéia. Apressando-se em encruzar o indicador e o dedo médio da mão esquerda, que já estava para trás, disse:

- Quando venho aqui, não consigo esquecer a tragédia...

- Tragédia? pergunta o outro.

- É ... Aqui moraram os pais de João e Antônio, irmãos muito parecidos. Antônio, o mais velho, nascera, porém, com um sinal escuro e arredondado no braço direito. No querer da família, Antonio cuidaria das terras, e João, por ser o segundo filho, seria mandado a um seminário.

- Mas que tragédia aconteceu? perguntou Bentinho mais uma vez. Afrânio, levantando os óculos com a mão que estava livre, continua:

- Os dois foram mandados pelos pais a uma ama de leite. Contam que, um dia, Antônio caiu da parede onde a ama costumava pendurar os meninos, a fim de não serem comidos por animais. Quando, cinco anos depois, voltaram para casa, seu pai decidiu que João deveria assumir o papel do primogênito, pois não ficava bem um aleijado levar à frente os negócios da família.

☞ página 119

28



O FORTE SÃO LUIZ

*De dia, muro de pedra.
À noite, biombo de luz.
É o Forte São Luiz.*

Minha mãe sempre me disse que tenho a facilidade de me meter em encrencas, mas dessa vez foi por um triz que não perco a vida. Estou aqui escondido já faz dois dias. Em breve espero poder sair.

Moro numa chácara perto da Fazenda Jurujuba. Sempre gostei de ficar olhando para os muros do Forte São Luiz, bem no alto do Morro do Pico. Parece um castelo igual ao das histórias que minha avó me conta. Ela veio de Portugal, e diz que lá havia muitos castelos. Esse forte é muito velho, bem mais velho que minha avó.

Antes, eram dois fortes, perto um do outro: o do Pico e o de São Luiz. A construção do Forte do Pico começou em 1715, mas ele só ficou pronto 55 anos mais tarde. Já o Forte São Luiz só foi fundado em 1775. No ano passado, 1891, os dois foram ligados e desativados.

Eu estava louco de vontade de vir até aqui para conhecer de perto. Meu amigo Antônio José disse que havia uma trilha pela qual eu podia subir (se fosse pela estradinha alguém podia me pegar...). Foi o que fiz. Vim pelo meio do mato, com o sol quente na cabeça. Subi muito e fiquei cansado. Ah! Mas fui recompensado quando cheguei no topo. Era um enorme muro de pedra com grande portão no centro. Entrei e fiquei admirando tudo, atentamente. Das guaritas podia ver a vista lá embaixo: olhando para um lado, via a baía de Guanabara, o Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar e a Fortaleza Santa Cruz; olhando para o outro lado, via o Forte Imbuí e uma infinidade de mar.

Tão distraído estava que nem percebi o barulho de cavalos e tropas pela estradinha. Quando vi, já era tarde para descer por minha trilha. Escondi-me atrás da construção. Não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas pareciam estar se preparando para uma guerra. Aos poucos, fui ouvindo algumas coisas. As vozes eram de soldados que iam lutar junto com os

navios que bombardeavam a Fortaleza, para acabar com uma rebelião. É que um sargento, chamado Silvério Macedo, estava liderando um movimento contra o presidente Marechal Floriano Peixoto para restituir o governo ao Marechal Deodoro da Fonseca. O sargento e seus aliados haviam tomado a Fortaleza Santa Cruz e soltado todos os prisioneiros de lá. Eu estava com muito medo de me encontrarem, por isso fiquei muito quieto, quase nem respirava. Hoje, nesta bela manhã de 1892, já está tudo calmo.

Aos poucos, os soldados que ficaram prepararam-se para descer e estão enfáticos. Isso me indica a vitória dos dois batalhões que ainda ontem estavam aqui. Assim que todos se forem e meu caminho estiver livre, desço também.

Denise Brown

29



Quando o machado entrou na floresta, as árvores disseram: "O cabo é dos nossos!" (Provérbio turco)



HISTÓRIA DE PESCADOR

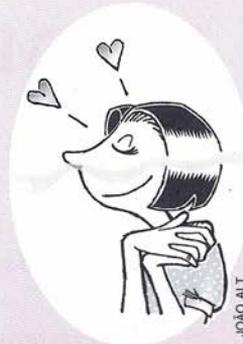


Nossa redinha passou a andar toda nova. E eu gostava de pescar fora da barra, mas naquele tempo era a remo. Então fizemos muita, bastante rede nova pra armar, rede de parati, que esse era o meu sonho.

Nesse meio tempo eu tinha um tio que trabalhava num dos primeiros barquinhos desta beirada e eles tinham que fazer obra boa na rede. E ele deu um pouco da rede usada. Esse já era um tio emprestado que era casado com uma de minhas tias. São vivos. Ele aí me deu um bocado de rede boa. Rede boa, quer dizer, é a quantidade. Um volume bom de rede. Rede cansada mas que ...me quebrou um galbo. Aí eu cortei mais, de cada lado, oito panos. Com 20 que tinha, foram 28. Os dois lados contava 56 e o centro da rede... Dali pra frente meu pai tomou gosto, fizemos mais um bocado de rede, botamos mais 5 panos. Fui batalhando, batalhando. Quando chegou a época do peixe, do parati, que é março, abril, até maio, aí ele já tinha feito um pouco de rede. Nós botamos mais 5 panos de cada lado no corpo da rede, o que acrescentou bastante. Aí Deus ajudou que fizemos umas pescarias boas.³⁰

Uma coisa é pôr idéias arrançadas, outra é lidar com pais de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas-misérias. (Guimarães Rosa)

Amor em Pedacos



JOÃO ALT

Primeiro, faça um doce com os ingredientes:

- 1 coco
- 1 abacaxi
- 2 gemas
- 20 colheres (sopa rasa) de açúcar

Ponha cuidado e carinho no que for fazendo com eles: ralar o coco e cortar o abacaxi em quadradinhos, colocá-los em uma panela com o açúcar e as gemas, deixando cozinhar em fogo brando, mexendo sempre, até aparecer o fundo da panela. Reserve.

Faça, então, com muita paciência e dedicação, uma massa com:

- 20 colheres (sopa) de farinha de trigo
- 1 pires de açúcar
- 1 colher (sopa) manteiga
- 1 colher (sopa) de banha
- 2 ovos inteiros
- 1 colher (sopa) de fermento
- água

Vá misturando tudo isso, como se fizesse massa para empadinha. Se achar necessário, vá colocando água, aos poucos, para fazer a massa toda igual. Divida a massa em duas porções. Abra a primeira porção com um rolo. Forre com ela um tabuleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha de trigo. Espalhe o doce (recheio) sobre a massa, cobrindo-o com outra porção de massa, também bem esticada. Fure com um garfo e coloque o tabuleiro em forno quente, deixando assar até a massa ficar dourada.

Retire o tabuleiro do forno e vire-o em um pano úmido, sobre o qual você já terá espalhado açúcar. Espalhe açúcar também em cima da massa, cobrindo-a com outro pano úmido. Retire esse pano e corte essa massa recheada em pedacos (do tamanho que achar melhor), passando-os em açúcar.

NAVIO MORTO (II)

*Ficou morto em Jurujuba
com saudades de Arambipe,
a ferrugem vai gemendo
longas ondas de Sergipe.*

*As ressacas da Bahia
já não podem conversar
no seu casco que envelhece
da saudade de singlar.*

*Enquanto as arraias comem
os sonhos de Itaparica
gravados sobre a ferrugem
e as conchas que o mar aplica*

*os mariscos que compraram
passagens para Belém
vão voltando pelas ondas
para o mar de Itanhaém.*

*Cabana de peixes vira
seu salão de baile antigo,
baleias inventam teias
pela boca dos postigos.*

Marly Medalba



O BAIRRO DE JURUJUBA

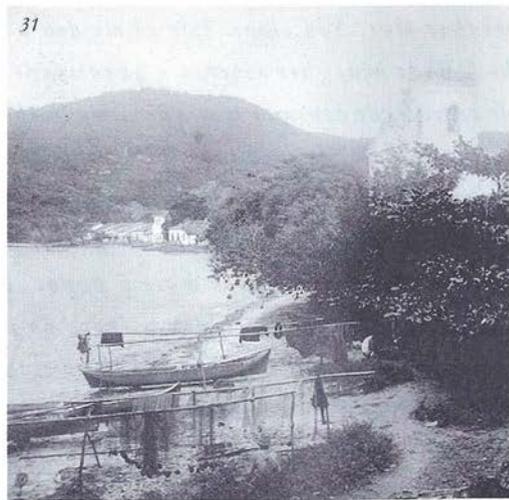
Já de Icarai, vê-se, desenhado em luz, o contorno de uma igrejinha, lá na ponta leste da entrada da Baía de Guanabara. É de devoção a São Pedro, padroeiro dos pescadores. É festa para agradecer e pedir. Ornamentam-se a igreja, o andor do santo para a procissão no mar, os barcos na enseada. A alvorada festiva, a missa com cantoria, a quermesse, a quadrilha, as barraquinhas de comidas e bebidas juninas movimentam ruas e calçadas e antecedem o grande final: a queima de fogos que estrondam e alumiam o céu.

Na rotina dos dias, é silenciosa e calma essa ponta de terra. Jurujuba é fim de trilha, é fronteira para outros começos, o de Piratininga, pela linha do Morro do Ourives, o do mar, pela saída da barra. Redes enroladas ou estendidas, nas calçadas, barcos e canoas em repouso, no mar, falam da pesca, maior em tempos idos, menos farta agora – há poluição na Baía, há falta de incentivos governamentais. Mas...a tradição pesqueira está lá, atestada ainda pela industrialização da sardinha, com seu cheiro forte anunciando-se às ruas e casas, aos bares e restaurantes. O pescado é cardápio diário à mesa ou em traillers e baldões de barraca, dispostos ao longo das calçadas, nos terminais de ônibus. É vida na parte plana, a que os moradores chamam várzea.

Muitos morros e fortificações – Fortaleza de Santa Cruz, Fortes Rio Branco, Imbuí e São Luiz – caracterizam a região, como também contam a história do lugar outras construções ou partes que resistiram ao tempo. As ruínas de um lazareto falam da atenção aos doentes atingidos por surto de cólera-morbo que, no século XIX, chegara ao Rio; o prédio do Hospital Estadual de Jurujuba é testemunha da dor, da aflição e dos sonhos de muitos homens e mulheres; o Iate Clube fala de festas e alegria.

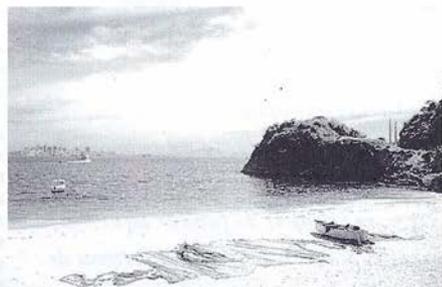
Bairro de baixa densidade populacional, de gente de baixa renda, já foi espaço livre de indígenas e pássaros. Essa Jurujuba ou ajurujuba que, em tupi, significa “papagaios amarelos”, foi cobiçada por franceses. Por serem louros e por falarem muito, os indígenas, rindo, os chamavam de ajurujubas.

Lea Calvão



O que é de gosto regala a vida.

Prainhas



*Adão e Eva
Homem e Mulher
Tão diferentes
Tão iguais.
Tão partes um do outro,
E tão separados.
Deus primeiro fez Adão, dizem
E com cuidado, depois Eva.
Colocou neles o amor.
Deixou no ar as curiosidades.
Eva procurou primeiro a maçã.
Submisso, depois comeu a fruta Adão.
Pelo pecado, gula do espírito,
Deus expulsou Adão e Eva do paraíso.
Andaram, andaram, andaram
Exaustos chegaram à beira mar*



*Sentados e sem forças ficaram
Foram ficando no tempo
se desfazendo no vento
virando areia,
espumas das ondas.
Adão e Eva.
Homem e Mulher.
Juntos viraram praia.
Duas praias,
não uma,
Adão e Eva de Niterói
Homem e Mulher praia
Beijo escondido de sal.*

Denise Brown

DICA DE DONA LUZIA



*Para o cabelo ficar mais forte, corte as pontas
em tempo de lua cheia.*

TRAVA LÍNGUA

*Três pratos de trigo
Para três tigres tristes*



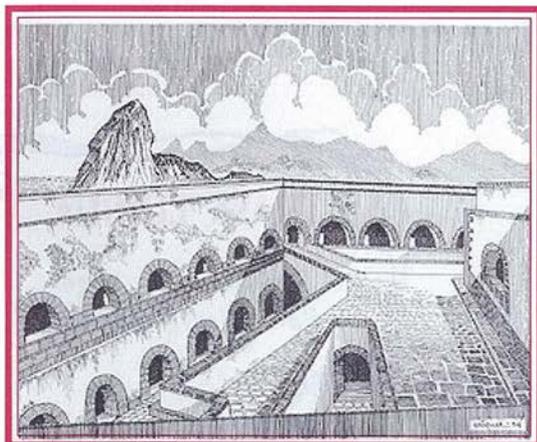
Quadro de Giz

- É, sim, eu vi na TV.
- Li sua história. Você só cita programas de TV... E os livros?

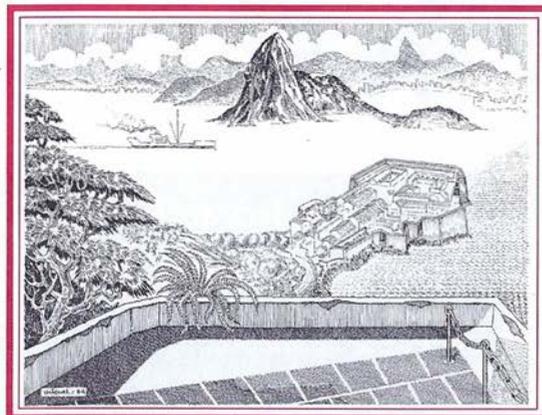


Ovo de lobisomem não tem gema. (Manoel de Barros)

CANHÃO, BOCA DE FOGO



32



32

A história da Fortaleza de Santa Cruz começa em 1555, quando o francês Nicolau Durand de Villegaignon colocou duas bocas de fogo no pequeno morro à direita de quem entra na Baía de Guanabara. Em 1567, vencidos os franceses e seus sonhos de fundar aqui uma colônia, a fortificação foi denominada, por Salvador de Sá, Bateria de Nossa Senhora da Guia. Em 1612, já com vinte bocas de fogo, passou a chamar-se Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Nesse século XVII, foram construídas na rocha cinco celas com dois metros de altura e sessenta centímetros de largura, destinadas a presos.

A Fortaleza continuou suas atividades de defesa e prisão pelos séculos XVIII e XIX. Neste, como presídio político, passou a dispor de câmara de tortura e praça de enforcamento. Suas instalações foram ampliadas: construíram-se duas ordens de casamatas, as muralhas, uma bateria com canhões de calibres maiores que os anteriores. A Fortaleza foi também dotada de enfermaria, farmácia e iluminação a gás.

“Além de residências para oficiais e alojamentos para soldados, tem tudo o que uma pequena cidade tem, inclusive (...) uma capela, a de Santa Bárbara. Outrora era apenas acessível por mar ou por um estreito caminho na pedra. Em 1943 foi aberta a Estrada Ge n. Eurico Gaspar Dutra, em plena rocha granítica, permitindo o acesso de veículos por Jurujuba.”³³

Diante de um mar azul e calmo, lá estão a “Cova da Onça”, lugar de tortura, e a colonial capela de Santa Bárbara, lugar de reza. Beleza e horror, são testemunhos da história, são documentos para rever o passado, pensar o presente.

.....PASSEIO À FORTALEZA DE SANTA CRUZ.....

Histórias criadas por alunos da 2ª série do Ensino Fundamental do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), em 1999.



Na Fortaleza de Santa Cruz, eu aprendi mais sobre Niterói, sobre o Rio de Janeiro e sobre o Brasil.

O nosso guia foi o Sr. Vidal, ele explicou tudo sobre a Fortaleza.

Tinha o local do fuzilamento dos presos, tinha a forca e tinha vários canhões, canhões de todo tipo, grandes, médios e pequenos.

Nós conhecemos a Capela de Santa Bárbara, lá tinha três túmulos: dois de mulheres e um de homem. No final do passeio teve um pic-nic e revelação do amigo oculto.

Renata Marcelle Vieira da Silva e Rhaiany Andrade Ferreira

Ontem foi muito legal! O nosso guia Vidal mostrou quase tudo da Fortaleza. Ele contou que o general dava chibatadas nos soldados que desobedeceram, por isso os soldados viraram o canhão para trás. Lá também tem a Cova da Onça. Deu-se esse nome porque o grito que ouvia lá em cima, com o barulho da tábua, fazia um barulho de onça. Depois fomos embora...

Felippe Ribeiro Lima

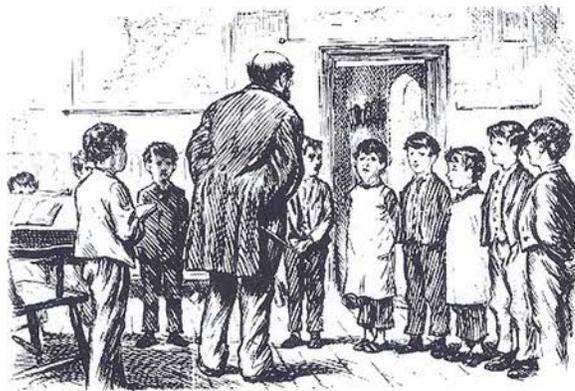


34

O passeio até a Fortaleza de Santa Cruz foi ótimo. Aprendi muitas coisas. Descobri que uma moça apaixonou-se por um soldado mas o pai dela não admitiu o namoro. Então, ela se suicidou e na igreja ficou sepultado o corpo dela.

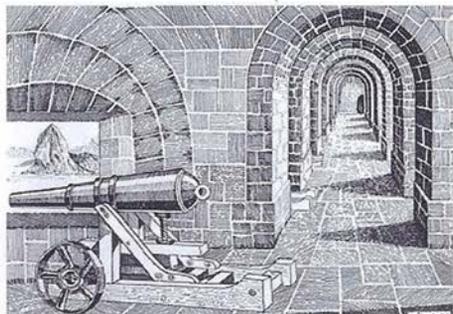
Eu entrei na Cova da Onça... Na primeira parte eu pensei que tinha uma onça e na segunda parte parecia uma caverna. Lá tinha um buraco, aí o pai de Monique deu um baita susto e todo mundo saiu correndo.

Gabriela Rodrigues Bento



Todos mandam, ninguém respeita e tudo vai bem. (Charles Ribeyrolles)

FORTALEZA DE SANTA CRUZ



35

Metido em um impecável terno de linho claro, sapatos brilhantes e confortáveis, camisa do mais puro algodão, gravata vermelha. Os cabelos já começando a pintar de branco, a pele dourada pelo sol carioca. Estaciona seu carro em uma das vagas, corretamente demarcadas. Abre a porta, desce e ajuda a companheira e suas filhas a saltarem. Meninas tagarelas, engomadinhas, escapam do seu controle. Conseguem apanhá-las e as segura, carinhosamente, pelas mãos. Suas mãos transpiram, não pelo calor, pois até corre uma brisa agradável que vem do mar. São as lembranças que lhe povoam a mente, um turbilhão delas...

Antônio está indo à recepção do casamento de um novo amigo. É uma celebração de grande pompa, no salão de pedras da Fortaleza de Santa Cruz. Clima festivo, muitas luzes, mesas finamente decoradas, cascatas de camarões e uma fumacinha de gelo seco, saindo dentre as pétalas das orquídeas brancas...

O garçom serve-lhe uma taça de champanhe e Antônio afasta-se lentamente. Encostado na muralha, seu olhar vagueia. Vai muito além da paisagem ali contida. Aquele cheiro do mar, o som das ondas batendo nas pedras transportam-no para décadas passadas. Era abril de 1969.

A serenidade do subúrbio carioca é quebrada, quando agentes da polícia metem o pé na porta e, armados até os dentes, deixam-no tonto com uma série de coronhadas, aplicadas intencionalmente na cabeça e no rosto. José Clemente, José Alfredo e ele (codinome Play), algemados, jogados dentro de um chevrolet veraneio preto, e levados para um quartel da Polícia do Exército.

Naquela mesma noite, debaixo da luz de holofotes e durante um bom tempo, que lhes parecia séculos, o interrogatório. Era todo tipo de espancamento: socos, pontapés, choques elétricos, pau-de-arara.

Perguntas, perguntas... "Ponto"? "Aparelho"? Nomes, nomes???

O vigor da juventude nos seus 18 anos, e a crença maior de que sua luta era por uma sociedade justa e feliz, o imbuem de forças para resistir a tanta atrocidade.

Nega tudo, não fala um nome sequer.

Antônio recorda-se dos muitos dias que ali ficara até ser transferido para a Fortaleza. Jogado numa cela, tinha como companhia os pequenos animais que apareciam. Assistia às aranhas tecendo suas teias, durante horas infundáveis. Outros insetos zuniam em seu ouvido, impedindo-o de reconstituir o rosto da amada companheira, para atenuar a

saudade que lhe corroía as entranhas. Os danados se retiravam quando o sol surgia através das grades. Corriam para desfrutar da liberdade que os aguardava lá fora.

O encontro com os companheiros, no banho de sol, seguido de grandes discussões teóricas; as greves de fome por solidariedade aos punidos e isolados nas masmorras, para que alguém tivesse atendimento médico quando necessário; o protesto contra o recolhimento de seus livros e objetos pessoais durante a escuridão da noite, quando invadiam as celas, com rajadas de metralhadoras, sirenes e cães farejadores.

Foram tantos anos, que seus olhos refletem o endurecimento de sua alma, mas "perder a ternura jamais".

Recorda-se dos companheiros que ali haviam estado: Graciliano Ramos, Juarez Távora e tantos outros.

E conclui:

- É, realmente eram todos muito "fortes". Deve vir daí a denominação fortaleza: lugar onde guardam os fortes.

Ergue a taça-do champanhe e mentalmente faz a chamada:

- Fernando Santa Cruz? - Presente!

- Hélcio? - Presente!

- Cauzinho? - Presente!

- Stuart Angel? - Presente!

- Play? ...

- Papai, papai, os noivos vão dançar a valsa! Venha! Venha!!!

Clayde Sobreira

Valente não bebe mel, mastiga abelha.



MÁXIMAS E MÍNIMAS DO BARÃO DE ITARARÉ

De onde menos se espera,
daí é que não sai nada.

Barão de Itararé

GUEVARA

Você sabia?

“Disparo de galáxia distante visto por telescópio espacial comprova que astros escuros podem liberar energia: Buraco negro emite forte rajada de raios X. (...) Buracos negros são objetos cuja massa é tão grande (bilhões de vezes a do Sol) que causam um colapso gravitacional. A atração que eles exercem é intensa a ponto de, ultrapassado determinado limite, nada ser capaz de escapar-lhes, inclusive a luz (daí a denominação)”.

(Folha de S.Paulo, 23/10/2001)

Quadro de Giz

-Se oriente, rapaz, pela constelação do Cruzeiro do Sul. Sala de aula é lugar de compromisso. Chega de entra e sai.



Um país se empobrece depressa quando lbe roubam suas histórias. (Nélida Piñon)

FIM DO 1º CAMINHO

BEIRADA DE PEDRA

O mar se espuma em ondas redondas que assanham as algas da costa. Chico olha essas águas inventadas com piratas, flibusteiros, se-reias e monstros. Fecha os olhos, respira fundo e muda de rumo. Nos passos para o outro lado, encontra as grades: prisão das surras, do esquecimento e da morte. Escuta gemidos de dor, suspiros das saudades. Sente medo de também ser capturado nos visgos daquela história. E

procura outra direção. Lá estão os muros grossos da fortaleza, as passagens fechadas. Nessa ponta de caminho, o primeiro, buscando a cidade da “água escondida”, Chico chega a essa fronteira de ferros, das pedras e do mar. Deseja seguir adiante. Para onde? Desdobra o seu mapa, lembra, como uma cantiga de roda, das palavras mágicas, guardadas nas barbas de D. Pedro.



RODA CABEÇA!
RODA PONTEIRO!
RODA CIRANDA!
RODA BARQUEIRO!
Qual é da vez o caminho,
Adivinho – pipoqueiro!

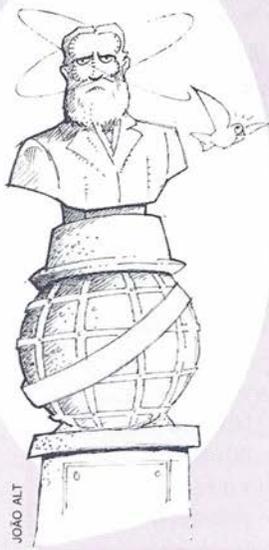
Opa! Voltamos à Praça!

Pisca um olho D. Pedro...
Já fizemos nosso primeiro
caminho.

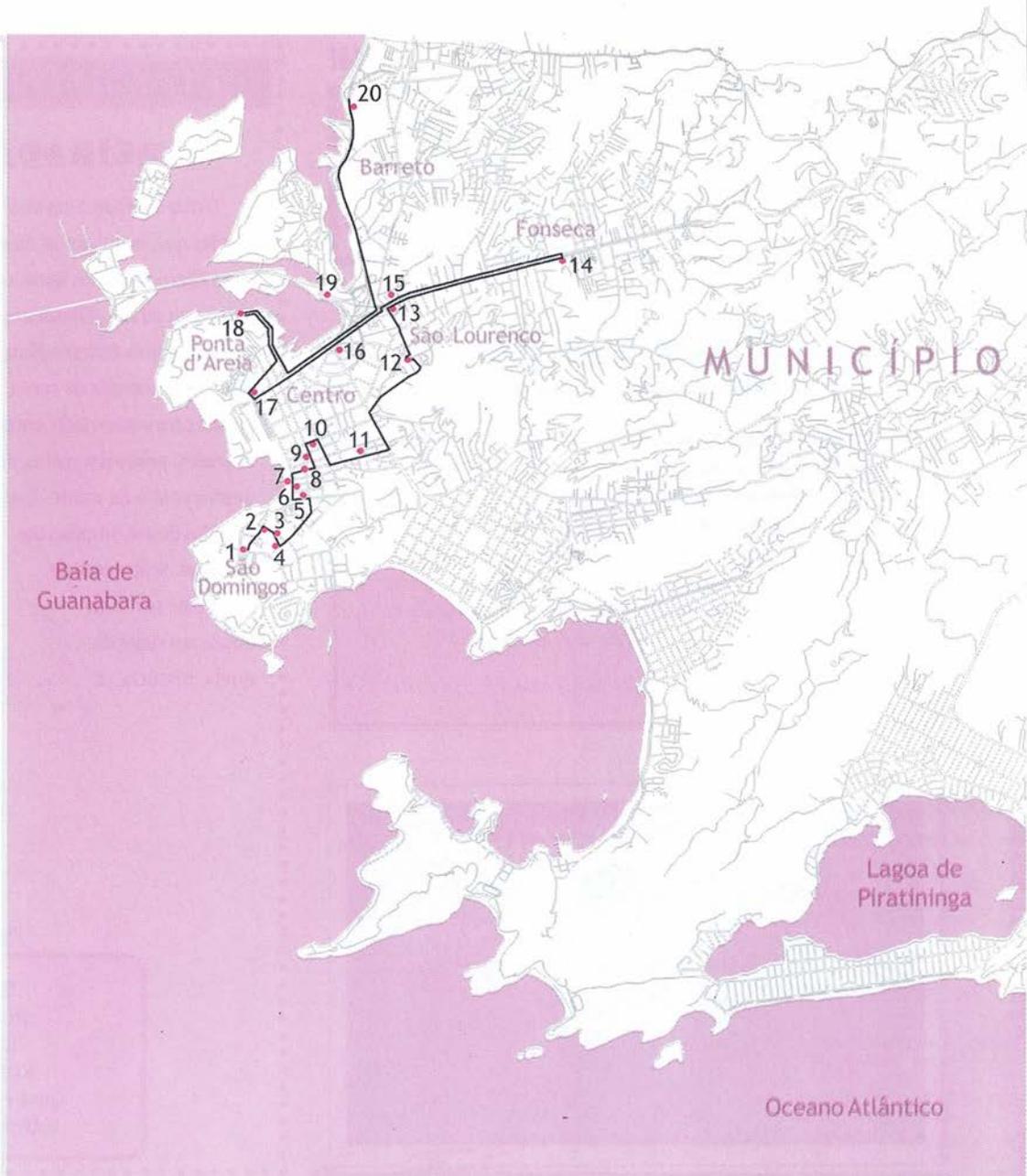
E aí?

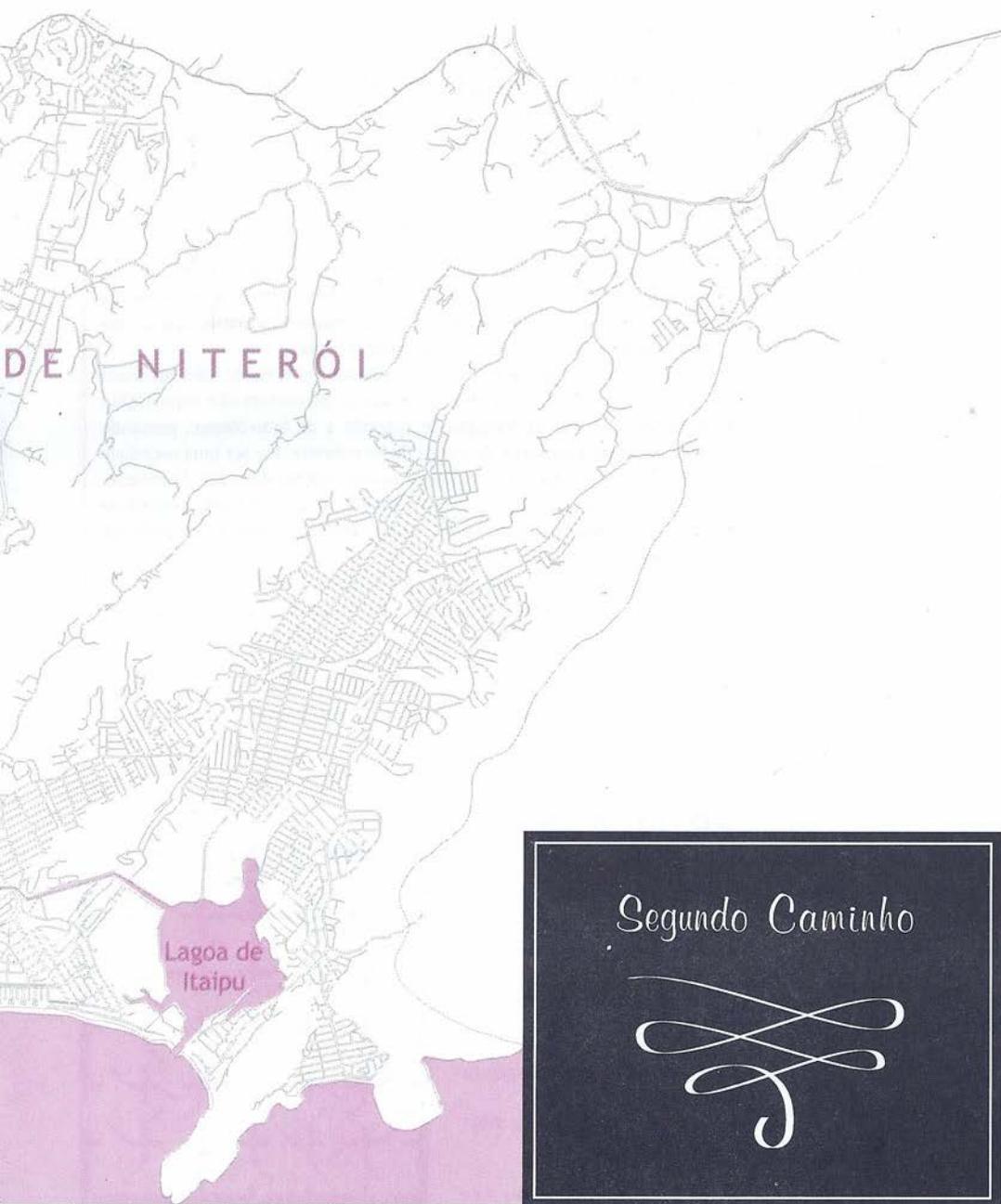
Rola conversa solta nos bares,
nas calçadas. Lá longe, a ponte,
emendando-se com o Rio, puxa
um novo passeio pela cidade de

Niterói, seguindo a orla,
passando pelo centro, pela
Ponta d'Areia até o Maruí.



JOSÉ ALT





Legenda

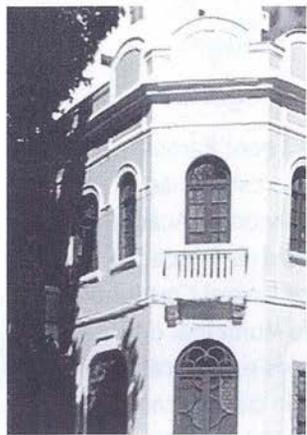
1. Praça Leoni Ramos
2. Casa do Estudante
3. Loja Maçônica Acácia
4. Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho
5. Teatro Municipal de Niterói
6. Correios e Telégrafos
7. Estação das Barcas
8. Av. Amaral Peixoto
9. Solar Notre Rêve
10. Jardim São João
11. Liceu Nilo Peçanha
12. Igreja de São Lourenço dos Índios
13. Igreja de São Lourenço da Várzea
14. Horto Botânico
15. Casa Oliveira Viana
16. Antiga sede do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
17. Mercado de Peixes
18. Portugal Pequeno
19. Ponte Rio-Niterói
20. Cemitério do Maruí



Segundo Caminho



MORINGA D'ÁGUA



Dona Júlia Braga era uma senhora que gostava de acolher estudantes. Na casa não faltavam lençóis limpos e enxaguados com anil, água fresca pra beber, altarzinho de devoção, bolos cheirosos e o café de sábado à tarde. Sua casa era um lar para quem tinha pouco dinheiro, estava longe da família e queria estudar em Niterói. Cansada e doente, D. Júlia fazia sempre o que podia para recebê-los. Os estudantes se sentiam tão bem que retribuía ajudando D. Júlia em casa. Alguns até estudavam muito.

A velha senhora tinha, porém, uma grande preocupação: “Meu Deus, já estou muito doente e posso partir a qualquer momento. Se isso acontecer, onde vão morar os meus meninos?” Teve, então, a idéia de ir até a Prefeitura pedir que tomassem conta de sua casa, garantissem moradia para os alunos da cidade.

D. Júlia foi resistindo ao tempo o

quanto pôde, até que se foi, morreu. Ela não sabia, mas sua casa já era alvo de muita briga. Algumas pessoas queriam fazer dela pensão, restaurante, hotel, edifício e muitas outras coisas, exceto moradia para os estudantes pobres.

Em 1949, a casa de D. Júlia passou a ser a Casa do Estudante Fluminense, na verdade, bem menos de estudantes do que antes era. Subordinada, então, à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, teve uma diretora para organizar a instituição. Apesar da iniciativa, os estudantes não conseguiram ter de volta o ambiente acolhedor de antes. Aos poucos, foram perdendo seu espaço para as goteiras, para as paredes que já não agüentavam a umidade, para os ratos e insetos... Dizem alguns que na parte dos fundos da casa existem alguns quartos diferentes. Lá, as paredes não estão descascando, pelo contrário, são bem pintadas e os moradores não se molham quando chove. Por causa dessa diferença, alguns estudantes chamam essa parte da Casa de ala Direita, enquanto os que moram na parte mais deteriorada da frente, de ala da Esquerda ou oposição...

Mesmo com todas as dificuldades, a Casa do Estudante Fluminense continua recebendo alguns estudantes que acreditam nesse “canto de todos” e lutam para que outros possam encontrar a Casa em boas condições, como nos tempos de D. Júlia.

Mariana Ruiz

Estava muito igualado com o movimento da miséria para andar mostrando gengiva a cada passo. (Mário de Andrade)



LOJA MAÇÔNICA ACÁCIA



A maçonaria surgiu na Europa, provavelmente na Inglaterra, tendo chegado a Portugal através dos ingleses, nas primeiras décadas do século XVIII. A base de sua organização é a chamada “loja”, ou seja, o local onde cada grupo de maçons se reúne. Apesar do nome, a “loja” se assemelha mais a um templo que a um estabelecimento comercial e é concebida como uma réplica do universo. Os maçons estão também ligados por um conjunto de ritos que partilham entre si. Além disso, se identificam pela referência a um emblema comum: a imagem de um esquadro e um compasso superpostos aparece em portas, quadros, papéis e jóias usadas pelos maçons.

O ingresso na maçonaria é permitido somente aos homens. Eles precisam passar por uma série de rituais secretos, percorrendo uma rígida hierarquia, que vai da condição de aprendiz à de Grão-Mestre, passando pelas etapas intermediárias de companheiro e mestre. Por ser uma sociedade secreta, pouco se sabe sobre o funcionamento interno das lojas. Entretanto, diante da importância assumida por diversos maçons na vida política do Brasil, a maçonaria muito cedo se tornou objeto da atenção de políticos, religiosos e estudiosos.

Não se tem registro da existência de lojas maçônicas no Brasil até o início do século XIX. A primeira loja maçônica regular instalada no Brasil foi a Reunião, sediada em Niterói, no ano de 1801. Como era filiada à Obediência (ramo francês da maçonaria) e bem anterior à implantação do Grande Oriente do Brasil, não costuma ser mencionada. Apesar da inexistência de lojas regulares, a presença de maçons na corte data dos primeiros anos do século XIX.

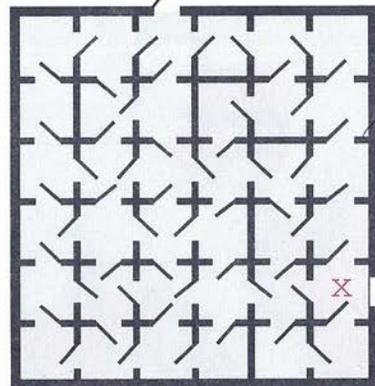
☞ página 138

BRINCADEIRA³⁶

Nessa casa há 36 quartos, um de cada cor. Da janela marcada com um X no desenho, você vê o quintal, a goiabeira com folhas novas. As portas abertas para fora podem levá-lo à varanda da frente, com vista para o mar.

“Tem de coco, mangaba e caju!” Olhe, o sorveteiro está passando na praia!

Corra até lá, ache o caminho antes que ele vá embora!



☞ Resposta na página 144



IEPIC DE MEMÓRIA



Eu nem imaginava, quando entrei para o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho -o conhecido IEPIC- que um dia a história daquela escola ou de seus professores poderia fazer parte do rol de coisas pelas quais me interessava. Para entrar no Instituto, precisei prestar um exame rigorosíssimo, concorrendo com centenas de candidatas que pretendiam cursar ali o ginásio, famoso pela qualidade de seus professores. A rua lotada de pais e crianças provocava um efeito assustador nas nossas mentes e corações pré-adolescentes. Mas eu já tinha passado pelo susto de fazer a prova para o Liceu Nilo Peçanha, o outro centro de ensino mais disputado da cidade, experiência marcante, pois abri a boca a chorar quando me vi naqueles corredores enormes, de portas antigas, um labirinto lotado de crianças. Passei para o IEPIC em primeiro lugar e, como queria mesmo ser professora, não tive dúvidas na hora de escolher entre este e o Liceu. Desta forma, me inseria numa tradição que marcava a cidade de Niterói havia mais de um século, pois aqui foi criada a primeira Escola Normal da América Latina, 1835, uma espécie de tataravô do IEPIC. Quanta diferença entre as duas escolas! Aquela primeira era uma escola masculina, num tempo em que toda a educação escolar era predominantemente dirigida aos homens. Ela também durou pouco, sendo extinta em 1847, quando a formação de professores passou ao Liceu Provincial de Niterói, criado naquele ano. Interessante observar como Escola Normal e Liceu alternavam-se e confundiam-se na história da educação no século XIX em diversos lugares



do Brasil, em Niterói não foi diferente. O Liceu Provincial foi extinto em 1851 e a Escola Normal recriada na década de 1860. Nesse momento, foi permitido o ingresso da primeira mulher brasileira na Escola Normal. Era a filha do ator João Caetano. Em 1890, de novo a criação de um Lyceu de Humanidades fez com que se fechasse a Escola Normal, recriada logo depois. Ouvimos depoimentos de professores que estudaram naquela escola na década de 1920. Retratabam-na como uma escola de elite, já completamente feminina, onde estudavam as filhas de comerciantes, profissionais liberais, políticos da cidade, que era, então, capital do Estado do Rio e fornecia cabeças pensantes e nomes influentes para o Brasil. Basta lembrar a presença de Oliveira Vianna.

 *página seguinte*

Saudade é memória do coração. (para-choque de caminhão)



37

A casa em que morou Oliveira Vianna, tombada pela Prefeitura Municipal de Niterói, em 1992, é hoje um centro de estudos, com uma biblioteca com mais de 15 mil exemplares. Procure na Alameda São Boaventura, 41, Fonseca.



**T U P I
N O M E
D A Q U I**

PENDOTIBA

pindo (palma, palmeira, pindoba)
tiba (lugar, sítio, abundância).³⁸



Você conhece esta música?



IEPIC DE MEMÓRIA

continuação da página 53



A Normalista

Benedito Lacerda e David Nasser

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
Num rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sofredor
Eu que trazia fechado,
Dentro do peito guardado,
Meu coração sem amor,
Estou bastante inclinado
A entregá-lo aos cuidados
Daquela brotinha em flor.
Mas a normalista linda
Não pode casar ainda
Só depois que se formar
Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar.

Então, as moças que lá estudavam faziam parte de um segmento de elite que já vislumbrava a profissionalização das mulheres no magistério como extensão da função materna. Sinal de que eram da elite era o fato de que tinham de usar luvas e chapéu na escola. A criação do Liceu Nilo Peçanha, em 1931, absorveu mais uma vez a escola de formação de professores que dele se separou com a criação do Instituto de Educação, em 1954. Daí em diante, as duas escolas consolidaram-se como estabelecimentos distintos, mas em 1968, quando comecei a estudar no IEPIC, a sensação que vivenciávamos era a de que continuavam como escolas irmãs. Outras escolas públicas de Niterói faziam parte do grupo considerado de maior qualidade, naqueles tempos em que o ensino público de nível médio gozava de muito prestígio.

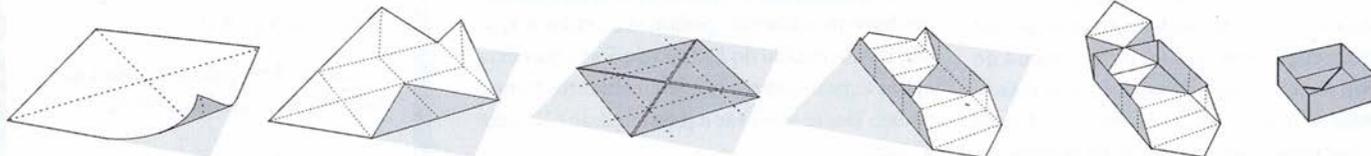
O Colégio Aurelino Leal, o Colégio Henrique Lage, o Macedo Soares também possuíam exames concorridos. Mas Liceu e Instituto faziam a dobradinha de frente.

página seguinte

O que é ser radical?

A palavra radical diz respeito a raiz. A radicalização, pois, “implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez. [Ela] é positiva porque preponderantemente crítica. (...) O radical submete sempre sua ação à reflexão”, como ensina Paulo Freire.³⁹

ORIGAMI



JOÃO ALT

Na seda mais fina é que a mancha pega.



IEPIC DE MEMÓRIA

continuação da página 54



No ano em que prestei exame para o IEPIC, admitia-se, pela primeira vez desde sua criação, o ingresso de meninos. Criada como escola exclusivamente feminina, seu projeto partilhava, ainda na década de 50, da concepção de magistério que se cristalizara no início do século XX. A entrada dos meninos causou sensação, pois eram seis gatos pingados num mar de meninas. Essa decisão parecia expressar uma tentativa de modernização. Em plena ditadura militar, o IEPIC ganhara um prédio novo, que nos encantava a todos, com suas paredes pintadas com uma tinta marfim com pinguinhos azuis. Corredores largos, salas com amplas janelas, sala de áudio-visual, murais forrados de feltro, muitos signos de valorização do moderno. Além das aulas habituais, as turmas *extra-classe*, de pintura, cinema, artesanato, culinária, até uma sobre o Renascimento com a professora Marilda Siribelli. Nomes como Elzinha, Gerardo, Hélia, Sara, Glória Ita, Laís, Permínia, Dolores, Maria Lúcia, Sônia, Adão, Ricardo e mais os rostos de nomes apagados que me vêm na memória, ainda me emocionam pela marca de respeito, de desejo de fazer-nos realmente aprender e crescer, pelo amor e entusiasmo com que se dedicavam ao trabalho.

Não podíamos imaginar que, nos subterrâneos da ditadura, onde morriam torturados os jovens presos na Universidade Federal Fluminense - da qual minha mãe tinha o cuidado de me avisar para passar longe - também se tramava a destruição do ensino público de qualidade. Não podia imaginar que a chance que eu tive, menina de subúrbio, descendente de escravos e imigrantes pobres que não tinham tido direito à escolarização, estaria vedada às gerações seguintes. A Lei 5.692/71 me pegou entrando no Curso Normal, que logo passou a se chamar Pedagógico e eu, que me mantinha encantada com o ato de ensinar, não conseguia aceitar a idéia, repetida mil vezes pelas minhas professoras de didática, de que o *professor tem de ser um simples orientador*. Pelo discurso modernoso da lei da ditadura, o professor não precisaria saber muito. Hoje sabemos qual o propósito do discurso. Mesmo sem sabê-lo, eu não podia aceitá-lo. A experiência de aluna do IEPIC nos anos anteriores me dizia justamente o contrário.

Claudia Alves

Avaliação do Ensino Médio

O desempenho dos alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2002, foi o pior na prova geral em três anos (57% tiveram classificação de insuficiente a regular, tendo, em redação, a nota média caído de 60,87 para 52,28, de um total de 100).

O então ministro da Educação, Paulo Renato Souza, atribuiu o fato à maior participação de alunos carentes no exame.



Devemos esclarecer que o desempenho escolar dos alunos está relacionado ao contexto social em que eles vivem. Quando se fala em aluno carente, é preciso deixar claro que sua carência não é de inteligência ou sensibilidade. Ele carece é de dinheiro para comprar livros, ir a espetáculos culturais pagos, gastar em transporte para ir aos espetáculos gratuitos ou bibliotecas.

Lea Calvão

BRONZE E CRISTAL

Era um dia especial para todos nós. Lá fomos nós, alunos e estagiários do curso da escola de aplicação. Meu peito batia apressado e meus sentidos estavam *clip-ligados* nessa caminhada. Íamos ao Teatro Municipal de Niterói, antes chamado Santa Teresa, em homenagem à imperatriz Teresa Cristina, agora João Caetano um dos primeiros artistas de teatro no Brasil. As crianças, meus alunos, eram uma expectativa só. Enfim, entrariam naquele prédio majestoso que ficava em frente ao *shopping* mais conhecido da cidade.

Chuviscava um pouco... Não sei dizer, mas nos meus passeios, a chuva cisma em aparecer, é um sereno quase constante. Meu coração, apertadinho estava, muitas emoções espremiavam-se dentro dele, pela boca, caíam algumas... Ah! Mas era pelos olhos que as emoções denunciavam alegria, zelo, entusiasmo, magia... Fomos recebidos por Sohail, como um personagem saído de uma das muitas histórias que adormecem em minha mente. Com mão estendida, saudou-nos com simpatia e deu um boa tarde “gordo” às crianças que já quase não seguravam a impaciência e a



curiosidade. As portas principais foram abertas. Senti-me entrando num casarão, como que para um baile...Pensei nos muitos encontros, festas, concertos no Santa Teresa. Sohail acomodou as crianças nas cadeiras de palhinha, vindas da França, e idênticas às originais do início do século. Este era o clima que os envolvia por entre as cortinas franzidas, as luzes acesas vindas do imenso e lindo lustre de cristal. A voz de ator de Sohail levou-nos a viajar nessa tarde de primavera. Lá no alto, no emblema feito de concreto,

podiam ser lidas as iniciais TMJC. Nelson, aluno curioso, leitor de História do Brasil, quis saber logo de que se tratava. Com ares de detetive, tentou decifrar o enigma daquelas letras. Consultou colegas de perto e nada. Apostou nos que estavam mais distantes. Frustrou-se duplamente. De um rompante, pediu a palavra, que já saía sem consentimento, confirmando, com Sohail, a sua descoberta.

- Isso mesmo, esperto garoto! A sigla significa “Teatro Municipal João Caetano”.

☞ *página seguinte*



O QUE É.
O QUE É ?

Vive na pele.
Mora na flor.
Voa no vento.
Nunca tem cor.

Ricardo Azevedo



Deu a força da levada que me encheu toda a canoa! (Cantoria de Coco)

BRONZE E CRISTAL

continuação da página 56



40

E essa foi a senha para o jogo/brincadeira de adivinhar o que números e letras faziam atrás de cada cadeira. Eu os olhava, meio perplexa, meio orgulhosa, naquela viagem de encantamento.

Perguntas surgiam como milho de pipoca que estoura no calor da panela. Esparramavam-se pelo ambiente.

- Quem foi João Caetano?

- Por que a gente pode ouvir o senhor de qualquer lugar do palco?

- Foi aqui que Tim Maia morreu?

- São caras as apresentações que acontecem aqui?

E muitas, muitas outras perguntas ...

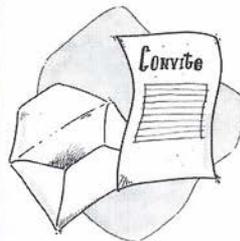
Ah, Sohail ainda nos levou ao palco, à coxia, aos camarotes, à cafeteria...Hum, cheiro bom de café que, saído naquela mesma hora, perfumava o ambiente e me dava fome...

Com um forte abraço e muitas poses para fotografias, despedimo-nos.

Fomos ao nosso brinde final, selado por sorvete, sabor molhado e beijo gelado.

Anne Souza

Dona Mabel conta sua história...



O meu colégio fazia as festas de fim de ano no Teatro Municipal. Não era uma festa para entregar prêmios nem para dizer quem tirou o primeiro ou o segundo lugar. Era um momento em que os alunos faziam recital, apresentavam cantos ou um pequeno balé. Eu adorava dizer versos.

Lendo as placas das ruas, você aprende a história da sua cidade.

RUA XV DE NOVEMBRO

Remanescente do antigo Caminho do Capitão-Mor, o Plano de Arruamento de 1819 projetou este logradouro com a denominação de Travessa da Memória. Ao ser efetivamente aberto, entre 1829 e 1831, levou o nome de Rua da Imperatriz, mudado depois da Proclamação da República para XV de Novembro. Para o povo, entretanto, foi sempre Rua do Teatro, porque aqui existia, desde 1827, o Teatrinho da Sociedade Dramática Praiagrandense, no mesmo ponto em que hoje se ergue o imponente Teatro Municipal João Caetano.

VOCÊ SABIA?

No século XIX, a cidade teve outros teatros: Teatro Mecânico, criado em 1836 e instalado no Largo do Capim (onde, hoje, está a Prefeitura antiga); e o Circo de José Chiarini, instalado em 1837, no Jardim São João, onde permaneceu até 1840.

TEATRO MUNICIPAL JOÃO CAETANO

Em 1842, João Caetano comprou e reformou a casa de espetáculos que havia no Caminho do Capitão-Mor (hoje Rua XV de Novembro), transformando-a no Teatro Santa Teresa.

Após a morte de João Caetano em 1863, o Teatro, em decadência, chegou a ruir. Sua reconstrução, sob a responsabilidade do mestre italiano Felice Tati, foi autorizada, em 1844, pelo governo da Província do Rio de Janeiro.

Em obras desde 1878, o Teatro foi inaugurado em 1884, com a presença do Imperador D. Pedro II. Nessa reforma, o pano-de-boca tinha paisagem de Icaraí, pintada por Antonio Parreiras.

Bastante danificado na época (1893) da Revolta da Armada, o prédio ficou abandonado, até ser leiloado pelo governo da Província. Foi arrematado pela Câmara Municipal de Niterói, que o reconstruiu, reinaugurando-o em primeiro de janeiro de 1897. Em 1990, recebeu da Câmara o nome atual: Teatro Municipal João Caetano.

Em 27.08.1990, o prédio foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e em 1995, após profunda restauração, foi mais uma vez inaugurado, tendo agora o pano-de-boca com pintura de Roberto Burle Marx.⁴¹



QUADRINHA

Este mar tem muitas lendas
Tem mistérios, tem segredos
Em pedras sempre faz fendas
Um escultor de rochedos.

Adilson Calvão

COBRA DA TEMPESTADE

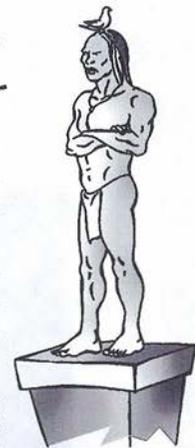
Araribóia, de costas para a cidade. Araribóia, de frente para o mar. De pé, braços cruzados, rígido em bronze e silêncio, o que representa? O que significa? O que pode ver e escutar?

Às suas costas está Niterói. Mesmo sem voltar-se, parece saber dos gestos e falas de homens, mulheres e crianças, que se agitam, por aqueles caminhos forrados de asfalto, nas compras ou nos negócios. Onde antes plantação de mandioca, areal e palmeiras, hoje tijolos e vidros. Onde antes pássaros, hoje buzinas e pregões. Antes, corpos nus, pintados. Hoje esses homens vestidos e apressados. Coisas que falam de outros tempos... À sua frente, está o mar e, lá ao longe, praias, montanhas, terras e ilhas habitadas. Também é outro esse mar de baía... Aquela água transparente, boa para mergulho e muitos peixes, é imenso tanque de lodo e lixo. Nela, os curumins temiminó e as crianças de hoje não mais podem se banhar... Outro, também, é o lugar de terra. Na terra e nas águas da baía, pelos anos de 1500, ele e sua gente temiminó haviam lutado com os portugueses para expulsar os franceses que queriam ali fixar domínios. Araribóia, cobra que se esgueirava nas águas do mar, nas águas da chuva... Aquela terra transformou-se – é grande cidade. Espelho, dizem, onde essa outra, às suas costas, se quer mirar. O índio parece querer rir. Por que um querer ser o outro?

Distrai-se Araribóia de suas lembranças. Atenta para o que se passa na base da pedra em que o fixaram. Ah, são eles, como de hábito. É seu ponto de encontro, “atrás do índio”, como dizem. Ali estão, alegres, belos, jovens e turbulentos. Esses estudantes, ali embaixo, riem, falam alto e gesticulam muito, todos ao mesmo tempo. Aonde irão hoje? A algum museu? Cinema? Biblioteca? Passeata? O índio sério, lá em cima, sonha descer, sentar-se com eles, em roda, e começar a contar... “meninos, eu vi...”. Vi calma, silêncio, trabalho e festa, luta, espoliação.

Que saberiam os jovens de sua história...?

Imóvel, entre cidade e mar, Araribóia é signo, é memória, bronze e passado. Não pode mover-se. Uma tanga veste-lhe o corpo, uma pomba é seu cocar. A cruz ao peito cristianizou seus enfeites, sua vida, suas crenças. Urge-lhe descer e falar da cidade às suas costas, do mar à sua frente.



Mariana Ruiz

Onde o meu caminho se encontra com o teu, escrevo violenta liberdade. (Roseana Murray)

GENTILEZA + GENTILEZA

LIVRO URBANO

O “profeta Gentileza” chamava-se José Dantrino (1917-1996). Vivendo de uma pequena empresa de transportes, formada por dois caminhões, morava na Pavuna (zona norte do Rio), junto com a mulher e cinco filhos. O incêndio do Gran Circo Norte Americano, em Niterói, em 1961, mudou completamente sua vida. Soltou os pássaros das gaiolas, plantou flores e verduras no lugar devastado pelo incêndio, onde viveu por quatro anos. Depois passou a andar pelas ruas do Rio, vestido de branco e carregando estandarte, pregando amor e gentileza. Deixou escritos e pinturas em 55 pilares do viaduto do gasômetro (zona portuária do Rio). Esse “livro urbano, uma obra única” foi restaurada por professores e alunos da UFF e integra o patrimônio cultural da cidade.⁴²



Amizade remendada, café requentado. (para-choque de caminhão)

GENTILEZA

Marisa Monte

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca

Nós que passamos
apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de Gentileza
Por isso eu pergunto
A vocês no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é o circo
Amor palavra que liberta
Já dizia o poeta

CORREIOS E TELÉGRAFOS



O Prédio central da agência dos Correios e Telégrafos começou a ser construído em agosto de 1913 e foi inaugurado em 14 de novembro de 1914.

Situado no centro da cidade, bem próximo à estação das barcas, esse prédio chama a atenção por seu tamanho e por sua arquitetura.



Querido Correio,
fiz o meu resênder. Entrego sem selos
essa carta para você.

Ricard Pinheiro de Siqueira

ESPADA GUARDA-CHUVA

Hoje acordei agitado, pois é o grande dia! Vou andar de barca pela primeira vez! Enquanto me arrumo, já me vejo nos mares, sentindo o vento batendo no rosto. Saímos cedo, minha mãe e eu tomamos o ônibus. Chegando à estação, fiquei parado, embasbacado! Era um lugar surpreendente! Senti-me em um verdadeiro filme de Peter Pan e os piratas.

O cheiro da pipoca se misturava com o do pão de queijo, o barulho das pessoas falando se embrulhava com o da sineta, avisando que a barca ia sair.

De repente, olhei para a lanchonete e vi um pirata com o papagaio no ombro, falando sem parar.

Peguei a minha espada, pronto para atacar. Minha mãe ignorou a aventura e me levou apressada direto para a barca. Entramos na “Boa Viagem”. Para mim era mais que uma boa viagem, era a melhor viagem dos meus 10 anos!

Nem conseguia ficar sentado. O casco batia na ponta do cais, nos pneus que pareciam olhos de borracha. Eu já estava na caravela do Cabral, junto com seus ajudantes. Todos na maior euforia! Navegávamos para conquistar praias selvagens, até que alguém gritou – Terra à vista! Era minha mãe me chamando.

Pedi-lhe, então, para ir ao andar de cima. Queria ter uma visão total do mar lá do alto. Subimos.

Não imaginava que era tão grande a barca! Andei até a proa. Fechei os olhos, abri os

braços... Estava no verdadeiro Titanic com a mais bela das moças, no mais belo dos navios, vivendo uma verdadeira história de amor.

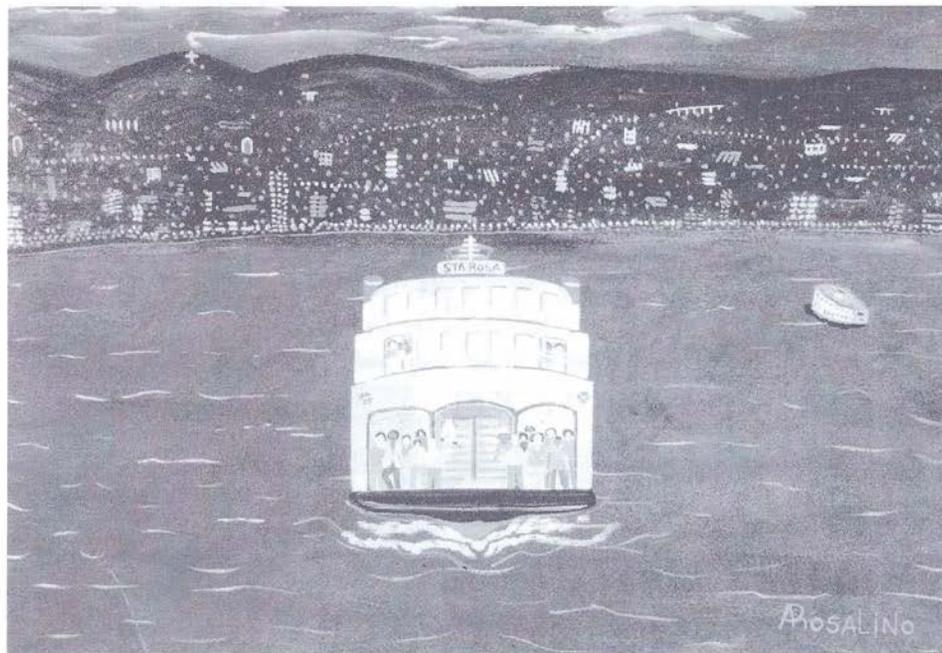
Quando dei por mim, a barca já estava no Rio. Todos começaram a se levantar. Pareciam estar em um porão de presos, loucos para sair. Quando olhei para o lado, lá estava ele, o tão temível Capitão Gancho! Não pude deixar de lhe fixar os olhos. Como poderia alguém viver com um gancho no lugar de uma mão? Segurei a espada para me prevenir, caso ele

atacasse, mas ele, imóvel, carrancudo, só vigiava ferozmente seus “presos”, que se amontoavam para saltar do barco.

Resolvi, então, começar uma briga, defender os presos. Quando tudo ia começar... minha mãe tomou minha arma, pediu o guarda-chuva, pois começava a chover.

O marujo lança a corda e faz um nó. Eu, futuro comandante de barca, enfim chego em terra firme. Reinado de Simbah. Palácio de D. João.

Márcia Lima



Não tenho inveja das cigarras. Também morrerei de cantar. (Cecília Meireles)

SEREIA BORRALHEIRA

A traineira velha, barco de pesca, ronca e pára. O lixo da baía se enrosca à hélice e ao leme, tirando o rumo, entortando o caminho. Papéis, plásticos e latas - beira da cidade - se torcem com as algas soltas da costa, com as plantas trazidas dos rios. Natas de lixo.

Uma boneca sem olho, de um braço só, cabelos em conchas, esconde-esconde nos frisos da água. Sereia de sujos vaga pelos restos das casas e das indústrias espetadas na terra.

Seu castelo de areia, pérolas e coral - lembrado nos livros de história - se acabou nos potes de margarina, iogurte e desodorante, no tênis de marca perdido do pé, na garrafa de coca-cola tamanho família, no rolo de esparadrapo, flocos de pano, almofadas abertas,

seringas, caixas de ovos, tiras, trapos e palhas, sandália havaiana, aro de bicicleta, etc, etc. Dizem que no tempo das viagens de descobertas, das caravelas e dos peixes que voavam, as sereias cantavam nas águas limpas, para seduzir pescadores, marujos, flibusteiros e piratas.

Levavam seus enamorados, tontos de gozo, para o fundo do mar.

A sereia da Guanabara, boneca de feira, rabo de esgoto, perdeu a voz nas gosmas de óleo, nas marés das "tintas" que matam. Chora seco olhando zarolha pro céu - todo azul, espumando de nuvens. Imagina, de longe, ver nesse teto de mundo, cheio de vida, de lendas e de mistérios, o seu velho, velho mar.

Lygia Segala



TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO DO LIXO NO MAR

| | |
|--|--|
| <p>PAPEL</p> <p>DE 3 A 6 MESES</p> | <p>NYLON</p> <p>MAIS DE 30 ANOS</p> |
| <p>PANO</p> <p>DE 6 MESES A UM ANO</p> | <p>PLÁSTICO</p> <p>MAIS DE 100 ANOS</p> |
| <p>FILTRO DO CIGARRO</p> <p>5 ANOS</p> | <p>METAL</p> <p>MAIS DE 100 ANOS</p> |
| <p>CHICLE</p> <p>5 ANOS</p> | <p>BORRACHA</p> <p>TEMPO INDETERMINADO</p> |
| <p>MADEIRA PINTADA</p> <p>13 ANOS</p> | <p>VIDRO</p> <p>1 MILHÃO DE ANOS</p> |

44

JOÃO ALT



PRESERVAÇÃO DA NOSSA BAÍA

P.: O que você pode fazer para preservar nossa Baía?

R.: Use o saquinho ô ô ô

Não jogue o lixo na água.

A barca Rio-Niterói



“EM BARCA”. INFORMATIVO DA BARCAS S/A

6.2

“Primeiro foram os botes e as faluas, tripulados quase sempre por escravos. Transportavam passageiros e cargas em viagens de até quatro horas. Em 1835, a Companhia Navegação de Nichteroy, com três embarcações a vapor, passava a fazer a viagem em 45 minutos, podendo cada barca transportar 250 passageiros. Os homens livres pagavam 100 réis, os homens escravos 80 réis.”

Ela gostava de entrar, sentar-se, pegar o livro. Soltava-o, de quando em vez, nos joelhos, o olhar atravessando as janelas, guilhotinas suspensas. Lá longe, as montanhas guardando a entrada e a saída da baía *guanã*; a ponte fazendo curva, vencendo o tempo e as esperas; o castelo verde que o mar faceava, documento vivo de beleza e história... Retomava o livro, o bloco de anotações, o roteiro da aula, para largá-los, mais uma vez, o olhar encantado e aprendiz, chamada pelo espetáculo dos passageiros, viajantes de todos os dias.... A senhora morena ri, tecendo crochê azul,

roupinha de bebê. Canta, ingênuo e gago, o bêbado lá no fundo, rindo, também ele, de seus fantasmas impertinentes. Olhares lânguidos, os namorados se conhecem, se desconhecem. Conversam muito alto as amigas louras e magras. O homem de gravata cinza amassa ansioso o jornal, caderno de finanças... Decoram a fórmula química os estudantes secundaristas, corre a criança que a mãe não alcança, cochila a moça, medita o velho, espreita o rapaz, voa o pombo. Recolhe o lixo de todos os dias a mulher triste de uniforme verde...

“Depois, tudo mudou: em 1862, a Companhia Ferry fez sua inauguração com modernas lanchas, com duas proas, para facilitar a atracação. Em 1870, instalava-se a Empresa Fluminense, equipada com três barcas de hélice. Essa Empresa e a Ferry foram incorporadas, em 1889, à recém inaugurada Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que deteve o monopólio dos transporte de barca durante 57 anos.

Em 1946, entrou em cena a Frota Carioca, com lanchas a gasolina, fazendo a viagem em 20 minutos. Em 1952, a Carioca incorporou a Cantareira e, em 1952, ambas passaram ao controle da Frota Barreto. As barcas desta Frota, construídas no estaleiro São José, no Barreto, tinham 500 ou 300 lugares e faziam a travessia em 15 minutos.

Aumento de tarifas, maus serviços e greves levaram a população a se revoltar; em 1959, destruindo os estaleiros São José e Rodrigues Alves e a Estação de Passageiros de Niterói. O governo federal desapropriou os bens da Frota Barreto, transferindo-os para o controle da União e criou, em 1962, os STBG (Serviços de Transporte da Baía de Guanabara), que colocaram no tráfego, em 1963, barcas com capacidade para duas mil pessoas.

Em 1971, os STBG S. A. passaram a ser controlados pelo governo estadual, criando-se, em 1973, a CONERJ (Companhia de Navegação do Estado do Rio de Janeiro). Em 1998, esta Companhia foi transferida para o Consórcio BARCAS S. A., empresa privada, com direito a explorar o serviço de barcas por vinte e cinco anos, prazo que pode ser renovado.”⁴⁵

Cheira doce o abacaxi que os meninos levam para as bandas de lá. Navegam sonhos, espreitam desejos, cai o sol. E o marinheiro moreno faz incansável a ronda diária. Até quando?

Lea Calvão

Viver é muito perigoso. (Guimarães Rosa)

AVENIDA AMARAL PEIXOTO

Lufa-lufa, cinco por um, porta do banco, filas pra saúde, pro dinheiro, pra xerox, pra carteira de identidade.

Apito de guarda, pregão de camelô, ponto pra cafezinho, casa de câmbio, “afia-se alicate”.
Câmara Municipal, depilação a frio, forró nas alturas.

Laboratório, escritório, consultório, *garçonnière*.

Liceu, biga romana, grude de asfalto, banca de jornal dos italianos, pé no freio, revoada de pombo, polícia.

Trombada, trombadinha, batedor de carteira.

Biblioteca Estadual, sinal fechado, buzinaço, “campo sujo”. Comigo-ninguém-pode, “churrasco de gato”, fregue, Galeria Paz.

Ponto de ônibus, certidão, firma reconhecida, artéria da cidade, manicure francesa, creolina.

Corre-corre, procissão de Corpus Christi, Fórum, “Triunfo da República”, salada a quilo.

Drogaria de pronta entrega, prostituta, confete, Viradouro, bloco de carnaval.

Pedinte, passante, fantasia.

A avenida acaba quase no mar, no portão das barcas para o Rio de Janeiro.

Dos fatos & fotos invente sua história.



FOTOS: FERNANDO DANTAS

Cerca mal feita ensina o boi a ser furão.



Minha mãe, moça formosa do Piauí, contava essa história para mim e minha irmã.

Nossa avó contou a ela e a nossas tias. Brincadeira gostosa, sonho vivido no encantamento/espelho. E a força do credo era tão forte, que realmente me sentia mais bonita depois do Cabilorro.

Da cozinha, vinha o chiado da panela de pressão. Dentro dela, a carne lutava com o calor da chama. Teimava em não amolecer.

A cheirosa viagem começava quando mãe cantarolava: “é pau, é pedra, é o fim do caminho...” Íamos correndo ver se cabilorro estava frio para a brincadeira começar.

A mãe dizia que a história do Cabilorro veio dos bois que o pai dela matou, na fazenda distante, no meio do mato. Cabilorro eram os nervos dos bois e ficavam à mostra, branquinhos, branquinhos...

Cabilorro parecia João-teimoso, espécie de cartilagem enervada na carne, que nem a mais poderosa panela de pressão podia amaciar. E era nesse devaneio/brinquedo, que mãe dava a cada uma das filhas um pedaço de cabilorro, porta de entrada para com Narciso brincar.

O encantamento estava dado. A mais velha das irmãs ia para atrás da porta do quarto e a caçula se escondia atrás da do banheiro. Mastigavam até não terem mais força nos dentes e fiapos goela abaixo engoliam. Corriam depois para mãe acarinhar.

Mas, antes de na cozinha passar, os espelhos mostravam a verdade de uma beleza mentirosinha. Disputávamos o título de *miss* beleza.

- Já terminaram?

- Estou bonita? Cada qual gritava mais alto, para atenção ganhar!

E mãe, generosa como sempre, sorria-nos com olhos tão bonitos, que mais nada precisava falar.

Anne Souza



Você sabia?

Há quem diga que, se a humanidade enfrentar uma III Guerra Mundial, seu estopim principal será a água, já considerada por muitos, atualmente, como o ouro do terceiro milênio. A água não é um recurso inesgotável e será certamente um bem escasso no futuro.

CENTRO DE MEMÓRIA FLUMINENSE



O Centro de Memória Fluminense integra o Sistema de Bibliotecas do Núcleo de Documentação da Universidade Federal Fluminense.

Centro documental e cultural, reúne um acervo de cerca de dez mil itens entre livros, periódicos e material iconográfico, prioritariamente voltado para a história e literatura de Niterói e do Estado do Rio de Janeiro.

Criado em março de 1992, teve origem na coleção particular do livreiro niteroiense Carlos Mônaco, que foi trazida para a Universidade Federal Fluminense em regime de comodato. Ao longo dos anos, tem sido enriquecido por outras coleções particulares, entre elas a Coleção Nóbrega de Siqueira e a Coleção Ayrton Pinto Ribeiro que, somadas à coleção do próprio Centro de Memória, constituem-se em acervo referencial para a pesquisa da história e literatura fluminense.

Centro de Memória Fluminense
Biblioteca Central do Gragoatá – 1º andar
Av. Rio Branco, s/n – Campus do Gragoatá
São Domingos – Niterói, RJ
E-mail: cmf@ndc.uff.br

Ladrão em casa de pobre só leva susto. (para-choque de caminhão)

SOLAR NOTRE RÊVE

Rua Maestro Felício Toledo, 474, Centro

As grades são rendilhadas com pétalas, folhas miúdas, caminhos sinuosos bons de sonhar. Pela porta da frente, entrecaberta, vejo uma luz gasta e um retrato na parede, provavelmente de Norival Freitas, advogado e político de fama na cidade lá pelos anos de 1920.

Parece receber o meu olhar, guardando a casa como um espectro, uma miragem. As linhas elegantes da construção estão largadas, as pinturas quase invisíveis. Uma fita amarela de perigo fecha as escadas. Não há como chegar perto do “nosso sonho”, pista do futuro, deixada no silêncio e no esquecimento, diante da bulha da rua.

Já se foi o tempo de cadeiras nas calçadas. Nesse canto de Niterói, sobem grades altas todos os dias, separando a casa da rua, trancando os patrimônios privados. São ripas lisas que partem por igual a paisagem e as pessoas como pão de sanduíche. Tristes são esses

muros que desfiguram as coisas do mundo, proibem a conversa das casas. As grades de enfeite, colares das cercas e das sacadas namoradas, são agora sentinelas, seteiras de castelos contemporâneos, sitiados pela pobreza gatuna das cidades. Quem mora nesse solar? Bato palmas. Outra vez. Ninguém. Há gatos e saudades.

Lygia Segala



PATRIMÔNIO CULTURAL⁴⁷



a “Declaração do México”, um documento da UNESCO datado de 1982, o patrimônio cultural de um povo é definido como “as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas, surgidas da alma popular, e o conjunto de valores que dão um sentido à vida. Quer dizer, as obras materiais que expressam a criatividade desse povo e a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas”.

É importante ressaltar que o patrimônio cultural não constitui só um acervo de obras ou da cultura do passado, nem serve só para relembrarmos nostalgicamente os tempos que se foram. A valorização e o entendimento de um bem cultural, que testemunha a história ou a vida de um povo, podem ajudar-nos a compreender quem somos, para onde vamos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse bem evoca ou até não apreciemos sua forma. Que sentimentos distintos se pode ter visitando uma reserva ecológica no pantanal Matogrossense ou diante de um documento que homenageia um herói dos quilombos? Vida, morte, liberdade, opressão, tudo está presente na natureza e nas manifestações culturais.

Alayde Wanderley Mariani



JARDIM SÃO JOÃO



48

É coração de Niterói.
 Araribóia olha pra ela
 Não.
 Araribóia procura por ela,
 O coração de Niterói.
 Praça!
 Lugar público cercado por edifícios,
 Diz o Aurélio.
 O coração de Niterói Araribóia não enxerga mais.
 É coração Jardim de São João.
 Palco de muitas vidas.
 Pessoas que vêm e vão:
 Jovens apaixonados
 Crianças a brincar,
 Velhinhos vêm descansar,
 Mendigos procuram abrigo.
 O pipoqueiro
 O engraxate
 O lambe-lambe
 O camelô...

É dia no Jardim de São João
 A igreja se abre
 Pessoas se aproximando
 Os noivos chegando
 O padre celebrando
 O cintilante das luzes clareia o coração.
 É noite no Jardim São João.
 Meninos sob jornais em meio à prostituição
 Ao despertar da madrugada sem silêncio
 Pulsa o coração
 Esperando os primeiros raios de sol
 Pra iluminar o Jardim de São João
 Que espera novamente com furor
 O pipoqueiro
 O engraxate
 O lambe-lambe
 O camelô...

Lígia Ferreira

DESPEDIDA

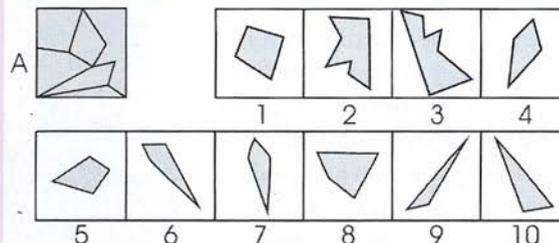
Meu lenço, na despedida,
 Tu não viste em movimento,
 Lenço molhado, querida,
 Não pode agitar-se ao vento.

Carlos Guimarães



VEJA SE ACERTA

Olhe para a figura.
 Você tem meio minuto
 para marcar com um
 lápis os fragmentos que
 recompõem a Figura A.



Resposta na página 144

Cesteiro que faz um cesto, achando tempo e lenço, faz um cento.

LEITURA, ORALIDADE E CIDADANIA

CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria “herança” e vamos construindo nosso jeito de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saber, saberes, comprometidos com nossa época e lugar.

As muitas histórias ouvidas na infância passam a constituir pequenos acervos que, interagindo com nossas vivências, vão contribuindo significativamente para o exercício da crítica acerca das coisas que presenciamos, permitindo apurar nosso papel de cidadão. Não se trata de entender “a moral da história”, mas de perceber que o contar e o ouvir histórias podem ser fortes componentes para formar o sentido da responsabilidade social de cada um de nós.

Mesmo antes da escrita, o homem lia. Lia o mundo com seu olhar, com suas experiências sensoriais e, utilizando-se da linguagem oral e das imagens, trocava idéias, refletindo sobre tudo que o

cercava. E, mesmo com a escrita, continua se utilizando da palavra oral e das imagens para fazer suas observações e, principalmente, argumentar. Escrevendo e dando voz.

Não só falando ou contando histórias, mas ouvindo o outro contar também outras histórias, ouvindo a voz do outro, o homem partilha suas impressões sobre a vida e discute as questões que ocorrem à sua volta. Vamos tornando cidadãos à medida que, conhecendo a realidade que nos cerca, por meio de troca de notícias e de argumentos, adquirimos não só a sensibilidade necessária para perceber nossos acertos, nossos erros, os erros e acertos do outro, mas principalmente a capacidade de intervir e transformar esta realidade. Assim procuramos qualificar nosso exercício diário de discernimento: lançando múltiplos olhares sobre as mesmas imagens e questões que nos são postas na relação com o outro e com a natureza e, desse jeito, participando da gestação ou de um mundo que desejamos justo e, portanto, melhor na escolha e formação de repertórios.

Francisco Gregório Filho



O Bentiví chama chuva
Anum preto é agoureiro
quando os bichos falavam
Anum era o seresteiro
e os dois só cantavam bem
tendo água no barreiro.⁴⁹

O QUE É,
O QUE É?



Tem quartos e
não tem salas,
Tem meias e não
tem pés.

Resposta: Relógio

A História está a ser contada de novo. (Agostinho Neto)

O CHEIRA

Conta minha avó que lá pelos tempos da vinda da família real para o Brasil, o dono daquela casa era “o Cheira”, conhecido negociante de escravos. Por que será que o chamavam assim? Penso nos cheiros de bolo aos domingos, de xampu, de mar poluído, de fumaça de ônibus, da pipoca na porta da escola. Mas quais seriam os cheiros de antigamente? Minha avó me falou dos jasmims no seu jardim de menina, de colônia francesa, de leque de sândalo, das tachas de goiabada que ficavam no fogo brando, horas...

Mas certamente não era isso que “o Cheira” cheirava ou será que cheirava porque não tomava banho? Li em um livro que, há anos e anos, não havia essa história de chuveiro todo dia. Passavam-se semanas sem se ver a cor da água. Só o rosto e as pontas dos dedos chegavam às bacias...

Coitado do Cheira... Ou será que ele tinha esse nome porque a casa dele era grande com oito portões que, dizem, eram para as cavalações, onde ficavam as bestas e as mulas. E eu imagino que as cocheiras do Cheira cheiravam. É, cheiravam as cocheiras do Cheira...

Fiquei mesmo abismada quando vovó contou que depois D. Pedro I comprou aquela casa e com a sua namorada marquesa passou por lá festa de S. João.



Será que tiravam sorte, adivinhavam casamento, soltavam balão?

Imagino que cheirava a fogueira e a milho assado, a festa de S. João.

Vovó disse que depois, naquela casa, havia um abrigo para bondes puxados a animais.

As ruas deviam cheirar diferente, as pessoas precisavam olhar bem pro chão antes de atravessá-las, acho.

Hoje, diz minha avó, a casa do Cheira, feita e refeita, é uma repartição pública onde trabalham pessoas do governo do estado. É um prédio tombado, guardado para todos nós: Palácio São Domingos, no centro de Niterói.

Lygia Segala

Buscador de Infinitos

Como você vê a relação entre poesia e ciência?⁵⁰

Para mim, tudo começa quando o homem se dá conta de que é homem, consegue, por preguiça ou perícia, se distanciar do seu meio, do seu cenário, e passa a ser também um observador da natureza onde vive. É nessa hora que se dá conta de que tudo tem uma duração própria e que tudo consequentemente tem e/ou terá um fim. Desta consciência da morte surgem o espanto, o susto da importância da vida e o desejo de transcender, de buscar o infinito. O homem é essencialmente um buscador de infinitos.

Nas religiões, o homem se resigna e adora, nas artes e nas ciências, ele cria o caminho, inventa o infinito e a aventura de sua busca. Nas ciências da natureza, a questão de se saber se a natureza em si contém ou não infinitos, toma conta de toda a busca, e o delírio de inventar o infinito não se realiza. Na matemática e nas artes, a coisa é diferente. O infinito mora dentro e é a ele que buscamos com nossas manifestações. A poesia e a matemática, mais uma vez, estão juntas nessa aventura, ordenando as palavras para produzir o infinito na tensão surgida entre palavras.

Ricardo Kubrusly

VOÇÊ SABIA?

Os morros e pedras mais altos de Niterói são:

| | |
|--------------------------------|-------|
| Pedra do Elefante (Alto Morão) | 412 m |
| Morro de Santo Inácio | 348 m |
| Pedra do Cantagalo | 314 m |
| Parque da Cidade | 267 m |
| Costão de Itacoatiara | 217 m |
| Morro da Andorinha | 216 m |



ALVARO

Nada não produz nada; fala mais. (Shakespeare)

O LICEU DE NITERÓI



FOTO: LUANNA FIGUEIREDO



No monumento *Triunfo da República*, na Praça da República, há terra dos municípios do Estado do Rio, cujos nomes estão gravados em placas de bronze.

Boi sonso é que arromba curral.

O que faria uma família renunciar ao conforto de uma ampla casa própria, à vida tranqüila de uma cidade do interior para recomençar tudo em Niterói, em meados dos anos 50? No caso dos meus pais, era o sonho de proporcionar aos filhos uma educação de boa qualidade no Liceu Nilo Peçanha. Qualquer sacrifício ficaria minimizado diante de tamanho privilégio: vestir o uniforme da mais tradicional escola de Niterói.

Os exames de ingresso no Liceu mobilizavam toda a cidade. Recrutavam-se novos alunos entre milhares de pretendentes. Os alicerces de duas tradicionais escolas locais, o Curso Domingos Sávio e o Curso Alzira Bittencourt, ambos em Icaraí, foram lançados ainda na década de 50, quando se projetaram como centros de preparação para os exames de admissão ao Liceu. Afinal, havia uma proporção de 10 ou 11 candidatos para cada vaga e a inclusão de um nome na lista de aprovados anualmente publicada pelo Diário Oficial do Estado não era obra de mero acaso. Era o resultado de muitas horas de estudo bem orientado por professoras que se especializaram naquele mister como Jandira Abi Ramia, Estela Trovão de Mello, Alzira Bittencourt e Therezinha Lima. O tradicional trote geral do Liceu, uma confraternização de grandes proporções entre veteranos e calouros, tornou-se uma festa da cidade, provocando o fechamento da sua principal artéria, a Avenida Amaral Peixoto. A conquista de um lugar na escola padrão do Estado do Rio precisava ser mesmo comemorada em grande estilo. Era no mínimo o prenúncio de uma vida acadêmica vitoriosa.

O sucesso dos ex-alunos do Liceu Nilo Peçanha estava inextricavelmente relacionado à qualidade dos professores da casa. Dos grandes mestres com os quais tive o privilégio de conviver no Liceu, gostaria de homenagear Ismael Coutinho. Professor emérito de português, latim e grego, magnetizava os seus alunos com a sua simplicidade, a sua erudição e o seu carisma. Jamais recorria às inspetoras ou ao chefe de disciplina para enquadrar um aluno rebelde. A sua fala mansa e o seu olhar compassivo bastavam para que qualquer um assumisse uma atitude plenamente compatível com o melhor clima escolar possível. O espetáculo tinha de continuar.

Rômulo G. Ferreira

A ALDEIA DE SÃO LOURENÇO



aldea de São Lourenço inaugurou a política de aldeamento da Coroa Portuguesa na Capitania do Rio de Janeiro e estabeleceu-se para que Araribóia e seus bravos guerreiros Temiminó não se ausentassem dali, garantindo a defesa e segurança da cidade recém-fundada. Antigos habitantes da Guanabara, os índios conhecidos como Temiminó viviam em guerra constante com seus vizinhos Tamoio, quando em 1552, sentindo-se derrotados e seriamente ameaçados, resolveram aliar-se aos portugueses aldeando-se no Espírito Santo. Alguns anos mais tarde, não seria difícil Estácio de Sá conseguir seu apoio para a conquista do Rio de Janeiro. A vingança contra velhos inimigos, bem de acordo com a tradição Tupi, foi, sem dúvida, a principal motivação para que Araribóia e seus índios voltassem à terra de origem e lutassem contra os Tamoios e franceses. Vencida a guerra e criada a capitania, Araribóia queria voltar, mas Mem de Sá lhe pediu que ficasse na terra com sua gente para ajudar a povoá-la “e que pedisse para si e para os seus a terra que necessitasse”.⁵¹ As terras escolhidas na banda d’além lhe foram passadas por escritura pública e Carta de Sesmaria em 1568. Consta que a Aldeia de São Lourenço estabeleceu-se inicialmente no Rio de Janeiro em terras dos jesuítas por questões de defesa, sob a denominação de Aldeia de Martinho. Eram grandes as expectativas das autoridades coloniais e metropolitanas em relação a esses

índios. A terra e a proteção da Coroa eram dadas como recompensa pelos serviços prestados, mas implicavam numa série de obrigações. Os novos súditos cristãos do Rei constituíam a principal força militar contra os índios hostis e estrangeiros, que continuaram ameaçando a região até o século XVIII e deviam prestar serviços essenciais para as autoridades, missionários e colonos, mediante sistema de rodízio e pagamento prévio, freqüentemente desrespeitados. Em 1573, Araribóia passou-se com sua gente para a banda defronte da cidade e se entregou aos cuidados de sua aldeia “que se estendeu da montanha de São Lourenço por todo lugar denominada Praia Grande até os areais de Icarahy”.⁵² As inúmeras concessões feitas a Araribóia são reveladoras da extrema dependência dos portugueses em relação aos índios aliados e dos agrados que faziam as suas lideranças. Araribóia foi batizado com o nome de Martin Afonso, recebeu o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo e foi sempre um nome de grande prestígio na cidade.⁵³ É interessante observar que os descendentes, ainda no século XVIII, ocupavam postos de liderança na aldeia de São Lourenço e, ao dirigirem suas petições à Coroa, referiam-se sempre à nobre ascendência e aos importantes serviços que a família prestara ao Rei. Sob administração espiritual e temporal dos padres da Companhia de Jesus, a aldeia de São Lourenço constituiu sempre importante baluarte de defesa da cidade do

Rio de Janeiro. Foi uma aldeia estável, na qual os jesuítas só residiram por breves períodos, por serem mais necessários em outras regiões. Abrigou, além dos Temiminó, outras etnias, provavelmente Tupiniquim, Tupinambá, Goiatacá e talvez outros que misturados na aldeia do Espírito Santo devem ter vindo junto para o Rio de Janeiro. As principais atividades desses índios eram a defesa da cidade e a manutenção de suas fortalezas, sobretudo Santa Cruz. Não foi uma aldeia muito populosa e enfrentou desde meados do século XVII conflitos com os moradores que, tendo ali arrendado terras, procuravam expandi-las em detrimento dos interesses dos índios. Estes, inicialmente junto com os padres, e depois por conta própria, lutavam juridicamente para assegurar seu território. Expulsos os jesuítas, São Lourenço foi erecta em paróquia em 1758, mas continuou aparecendo na documentação como aldeia até o final do século XVIII. Seus índios, apesar de numericamente muito reduzidos e muito pobres, ali permaneceram como índios aldeados de São Lourenço. No final do século XVIII, seu capitão-mor ainda era um descendente de Araribóia, Manoel de Jesus e Souza que, em 1795, reivindicava à Coroa soldo pelo cargo ocupado e era elogiado pelos relevantes serviços que com sua gente prestava ao Rei, sobretudo no âmbito da defesa.⁵⁴

Maria Regina Celestino de Almeida

IGREJA DE SÃO LOURENÇO DOS ÍNDIOS

* Praça Gal. Rondon, s/n – São Lourenço *

Fundada em 1627, a capela de São Lourenço dos Índios foi elevada à categoria de matriz em 1758. A reconstrução de 1768 deu-lhe a aparência que conserva até hoje. Foi tombada, em 1938, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Niterói.

PRECIOSIDADES DA IGREJA DE SÃO LOURENÇO DOS ÍNDIOS



Na capela de São Lourenço dos Índios “restam como relíquias o belíssimo retábulo de madeira (...); a imagem de São Lourenço, obra prima de santeiros portugueses do século XVII; um lavabo de pedra portuguesa, embutido na parede da sacristia, com torneira de bronze; o púlpito de madeira que apesar de suas características setecentistas a tradição insiste em datar do século XVI; a pia de água benta e a pia batismal, em pedra de Lisboa, do século XVII; a porta principal, em almofada, e o frontal de cantaria portuguesa das janelas laterais.”⁵⁵

Emmanuel de Macedo Soares

Você acha que todas as casas antigas devem ser demolidas, dando lugar a prédios modernos, shopping centers, estacionamentos rotativos?



JOÃO ALT

VOCÊ SABIA?

O retábulo-mor da igreja de São Lourenço dos Índios é a obra de arte mais antiga da cidade de Niterói.



Quem não quer barulho de cabaça não carrega duas.



A MÃO DIREITA



56

Sussurros, andares cautelosos. Segue para a festa um pequeno grupo de crianças enfileiradas, cobertas por camisolões que vão até os tornozelos, tecidos em algodão cru.

Aié, uma temiminó, chegando aos 10 anos, cabelos caindo pelos ombros, cabeça erguida, grandes olhos negros mirando o horizonte, segue o grupo apaticamente. Um jesuíta gordo, rosto vermelho coberto de suor, metido em uma batina de casimira escura, abotoada até os pés, cobertos por sapatos de couro da mesma cor da roupa, é o encarregado de organizar as crianças. Outros comandavam os adultos e os jovens, na mesma formação.

No adro da capela os sinos repicam.

Inicia-se o Auto de São Lourenço, abrindo a solenidade de inauguração do novo templo, em pedra e cal.

Aié traz a mão direita escondida entre as roupas.

Nasceu ali mesmo naquela aldeia, tinha uma vida de brincadeiras, dança para saudar o sol, a lua, para espantar os maus espíritos que traziam a doença, a guerra.

Em volta da fogueira, ouvia, horas a fio, histórias dos ancestrais contadas pelos velhos. Aprendia a utilidade das ervas, a distinguir os ruídos da mata, evitando, com isso, ser ofendida por uma cobra ou outro bicho peçonhento. Contavam que, em noite de chuva, se o trovão rugisse lá no horizonte, rasgando o céu com muita luz, era sinal de mau agouro...

E foi assim naquela noite de chuva forte em que a água gotejava por entre os trançados do sapé. Lá longe, onde o mar encontra o céu, os raios caíam iluminando a água. O trovão estava feroz... toda aldeia era silêncio. Aié tinha medo.

Lá no início da estrada, quase de manhã, aproximou-se um grande cargueiro puxado por burros, fazendo um estardalhaço tamanho. Todos saíram das casas para espiar. Eram homens trajando roupas escuras, oferecendo presentes, quinquilharias. Falavam uma língua incompreensível, gesticulavam, falando com o cacique e, em pouco tempo, já estavam acomodados na aldeia.

Dias depois, ergueram uma capela, em taipa, no alto do morro.



A vida da aldeia foi drasticamente modificada. As crianças já não podiam andar livremente pelas matas nem pelas praias, pois aqueles intrusos exigiam que elas aprendessem umas orações para louvar um deus que elas não viam, a cantar músicas em uma língua esquisita, cheia de esses, erres e xis.

Aié procurou o pajé para falar do seu mal. Pajé estava triste. Também não podia mais fazer seus chás, suas rezas, pois os jesuítas diziam que era coisa pagã, uma heresia.

Aié queria mandar embora essas gentes brancas. Aproveitou uma noite em que as estrelas não apareceram e correu por entre os arbustos até alcançar o alto do morro. Arrastou-se, feito cobra coral, pela clareira, até a capela. Carregava na mão direita um toco com fogo. Atirou na casa. Rapidamente a madeira seca da capela foi consumida pelas labaredas. Aié

fugiu do local. Viu a torre em chamas. Escutou o som oco do sino, ao cair no chão de terra batida.

Foi um corre-corre na aldeia, as pessoas tentando entender o que se passava, procurando acabar com o incêndio.

Aié deitada na rede não conseguia dormir. A mão doía muito, ardia, queimava como se tivesse carregando as brasas da capela. Procura Pajé para tratar das feridas.

No dia seguinte, Pajé espalha, aos quatro ventos, que a menina fora mordida por aranha, quando enchia uma cabaça de água para apagar o fogo da capela. Tempos depois, Pajé desapareceu. Ninguém nunca mais conseguiu localizá-lo na mata ou na praia.

Aié hoje reconhece que as gentes brancas vieram para ficar. A festa da igreja nova é a confirmação. Seu olhar foge pro mar. Vê sobre as águas o velho pajé caminhando, dono de um outro tempo. Coloca o dedo indicador sobre os lábios cerrados, selando o pacto do silêncio, anunciando uma história nova.

Clyde Sobreira

Minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. (Guimarães Rosa)



Horto do Fonseca



Nesse passeio, revivo minha infância. Vejo as pessoas indo e vindo, as mil cores que enfeitam o ambiente, os sorrisos e a alegria dos visitantes. Ouço o cantar dos pássaros e a algazarra da criançada. O pipoqueiro grita: "Pipoca quentinha, doce ou salgada. Quem vai querer?". Como está cheio o Horto! Em comemoração ao Dia das Crianças, preparou-se uma grande festa. Tem palhaços, mágico, distribuição de picolé, algodão doce, brindes e muitas brincadeiras. Como não podia deixar de ser, lá estava eu, participando de todas elas! Essas eram as melhores manhãs de minha infância. Gostava de brincar no parquinho, de ver bichos, apesar de morrer de medo deles. A cobra então...ui! Que vontade de sair correndo dali! Mas ver o macaquinho fazendo estripulias na jaula fazia-me rapidamente esquecer o pavor daqueles bichos rastejantes. Adorava também ir ao Museu que tem no Horto, para observar os bichos empalhados. Não entendia direito porque os animais não se mexiam, mas os achava lindos. Natal, Dia do Soldado, Dia das Crianças, sempre com festas maravilhosas. Eu ficava contando as horas para que esses dias chegassem. Cresci e, infelizmente, esses momentos vivem hoje só na memória.

Hoje, volto ao Horto, para pesquisar e saber um pouco mais sobre esse lugar que faz parte da minha história pessoal.

Soube, consultando documentos, que o Horto do Fonseca (como é conhecido popularmente) ou Jardim

Botânico Nilo Peçanha (nome legal) integrava a Sesmária concedida, em 1568, ao índio Araribóia e que, mais tarde, foi vendida pelos jesuítas ao médico Francisco da Fonseca Diniz, patrono do bairro Fonseca. Em 1905, depois de várias ações na justiça, as terras foram incorporadas ao Patrimônio do Estado. Também nesse ano, no dia 07 de setembro, foi criado, pelo Presidente Nilo Peçanha, o Horto Botânico de Niterói, para que se plantassem árvores frutíferas.

Dentro do Horto há uma grande construção, o Palácio Euclides da Cunha, que já abrigou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária da União, sendo, hoje, sede da Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Pesca.

O jardim foi criado, no Horto, em 1942.

Como as coisas se modificam! Hoje, quase 15 anos passados, as pessoas pagam para ver os bichos e para brincar no parquinho; fazem caminhadas nas trilhas cobertas de verde, o que era proibido há alguns anos. Há também comércio no interior

do Horto – restaurantes, lojas que vendem mel e plantas. A Biblioteca e o Museu continuam em funcionamento.

Até o meu olhar em relação àquele lugar, que era tão próximo e tão meu, foi se modificando com o tempo. Mas...sei que, sempre que quiser, poderei aproximar-me daquele mundo mágico. É só fechar os olhos, e lá estarei, sentindo o cheiro da pipoca, o barulho do rio, dos pássaros a cantar...

Suzana Pimenta



FOTO: LUANNA FIGUEIREDO

CANTIGA

Nas ondas do mar
Quero ser feliz
Quero me afogar.

Nas ondas da praia
Quem vem me beijar?
Quero a Estrela D'alva
Rainha do mar.

Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

Manuel Bandeira



VOCÊ SABIA?



Em 1873 foi iniciada a construção da igreja de São Lourenço da Várzea, cuja inauguração só ocorreu em 1897. Os paroquianos queriam uma igreja de acesso mais fácil que a de São Lourenço dos Índios, localizada no outeiro do mesmo nome.

A igreja de São Lourenço da Várzea fica à rua São Lourenço, no bairro do Fonseca. Possui um carrilhão de 12 sinos. A imagem de São Lourenço é portuguesa, bem como a via sacra em madeira.



VOCÊ SABIA?

A primeira revista do movimento romântico no Brasil chamava-se Niterói.



AS LEMBRANÇAS DE DONA MABEL

Quando eu era moça, não havia livrarias em Niterói. Só muitos anos depois é que veio a primeira, que se chamava Acadêmica, na rua Visconde do Uruguai. Os livros eram emprestados. Comprávamos no Rio e passávamos uns para os outros.



57

Mexe, remexe,
Procuro mas não vejo.
Não sei se era pulga,
Ou se era percevejo.

QUADRINHAS



Maria, só por maldade,
Deixou-me a casa vazia.
Dentro da casa a saudade
E na saudade Maria.

NITERÓI, BERÇO OCULTO DE ARTISTAS



Niterói, além da “cidade sorriso”, poderia ser chamada de “berço submerso de artistas”. Sabe por quê?

De suas águas vários artistas emergem, apresentando saltos ornamentais de palavras, gestos, sons e cores. Por isso, perguntamos: onde estão agora esses seres, que fabricam fantasias noite e dia? Será que ficaram presos em alguma rede e se esqueceram da poesia?

Felizmente, muitos se encontram todos os sábados, pela manhã, num espaço muito aberto, simples, mas muito especial, com sabor de magia e amizade.

Lá, caro leitor, talentos ocultos são desvelados, autores autografam seus livros, informações são trocadas e ficamos sabendo das últimas novidades e eventos artístico-culturais da cidade.

Quem adivinha onde fica tal oásis?

No calçadão da cultura, Rua Visconde de Itaboraí, 222 - Livraria Ideal, do Sr. Carlos Mônaco. Cultural e Ideal: dois termos que se integram pela mensagem que revelam e pela filosofia que sintetizam do Grupo Mônaco de Cultura, tendo como um de seus líderes Luís Antônio Pimentel, jornalista, poeta,

conhecedor da História e do cotidiano histórico de nossa cidade e perito na composição de haicais.

Mas, continuando nosso trajeto e descobrindo espaços e artistas, se você pretende conhecer um ambiente mais formal de encontro de escritores, então é bom saber que Niterói possui várias academias: a Niteroiense de Letras, a Fluminense de Letras, o Cenáculo Fluminense de História e Letras e também a União Brasileira de Trovadores, o Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, o Conservatório de Música e outros espaços, instituições, agremiações, livrarias e clubes que prestigiam e promovem eventos culturais.

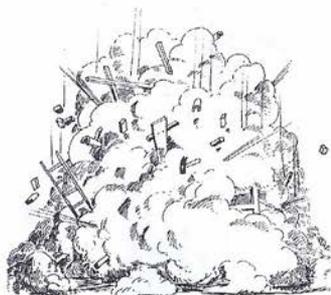
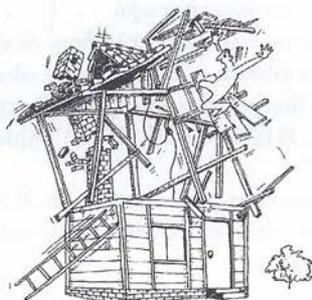
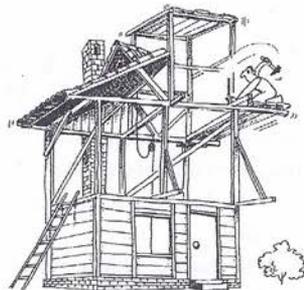
E os espaços presididos por mulheres, que incentivam atividades educativas e artísticas, você conhece? Eis alguns: Espaço Cultural Maria Jacinta, o Centro Cultural Maria Sabina, o Parthenon - Centro de Arte e Cultura e a ANE - Associação Niteroiense de Escritores, que realizam festivais no âmbito de cultura, concursos de poesia e contos, o Natal do Poeta, o Chá da Primavera, o prêmio ANE de Cultura e outros.

Pouco a pouco, as águas escondidas transparecem à luz do sol.

Temos ou não razão de considerar Niterói um berço de artistas?

Márcia Pessanha

Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará. (Nelson Mota e Lulu Santos)



JOÃO ALT

NITERÓI CAPITAL A MARCA DE UMA IDENTIDADE

Dois fatos marcaram a década de 1970, mudando o rumo da história para nossa cidade. O primeiro deles foi a construção da ponte, nomeada Presidente Costa e Silva. Se esse nome, por si só, já dá sinais da época de sua inauguração, datada de 1973, a profundidade das mudanças que se operaram ainda é assunto aberto, exposto a várias interrogações.

O segundo fato marcante daquele período foi a fusão entre os antigos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, operada em 1975, e o conseqüente deslocamento da capital do Estado para a cidade do Rio de Janeiro. Os recursos estaduais que, durante cerca de 140 anos, haviam sido investidos na cidade, evadiram no momento em que a grande concentração da receita tributária em mãos da União deixava poucas opções para os municípios.

O esvaziamento dos prédios públicos ocupados pelas repartições do governo estadual – Secretarias, Assembléia Legislativa, Juizados – correspondeu à perda de poder de uma parcela das elites dirigentes do antigo Estado. Muita gente parecia ter ficado “sem chão”, mesmo entre as camadas sem privilégios. Dá para imaginar a diferença entre dirigir-se a uma Secretaria localizada na pacata Niterói ou buscar um prédio na metropolizada Rio de Janeiro, começando a explodir com o êxodo rural da década de 70. Funcionários públicos – incluindo a grande maioria de professores –, pensionistas e aposentados, trabalhadores do campo e das cidades do interior, pequenos proprietários e comerciantes, gente de



todo tipo que vinha a Niterói resolver problemas de várias ordens e que foi empurrada para o Rio de Janeiro.

O que distancia a Niterói de hoje da cidade que era antes dos anos 70? Niterói deixou de ser capital. Em contrapartida, a cidade ficou mais cosmopolita, mais ligada ao Rio de Janeiro e inseriu-se na região metropolitana em situação favorecida por seu passado de sede de governo. Também os problemas da metrópole estenderam-se às ruas da cidade com os engarrafamentos, a violência urbana, a desumanização nas relações entre as pessoas. Sem o título de capital, Niterói continua, entretanto, a exercer um forte poder de atração sobre antigos e novos contingentes populacionais. Os filhos de muitas famílias do interior do Estado ainda vêm morar na cidade para fazer o ensino médio e o superior. Muitos jovens trabalhadores vêm em busca de trabalho. E, mais recentemente, muitos cariocas mudam-se para o lado de cá da baía, procurando uma outra qualidade de vida. Mesmo sem o título, o passado de capital inscreve-se no espaço de Niterói e impregna a cidade de um ar de distinção.

Claudia Alves



PERCIVAL, O PRÍNCIPE DAS ÁGUAS CLARAS



O movimento era tranqüilo naquela manhã. O vento soprava gostoso e eu me perdia em meus pensamentos...

Devorava todos os episódios do Sítio do Picapau Amarelo. Não perdia um só! Era só ouvir a trilha sonora de abertura, que saía correndo para participar de mais uma aventura, convidada por Dona Benta.

Era menina, acreditava em quase tudo e sonhava um dia casar-me com o “Príncipe das Águas Claras” e destronar o “narizinho arrebitado da menina Lúcia”, aquela “cor de jambo”. Queria, um dia, atravessar as porteiras daquele poeirento sítio, brincar no galinheiro, chupar jabuticaba, engordar com os quitutes de Tia Anastácia, descobrir novos livros com o Visconde de Sabugosa, treinar com o estilingue do Pedrinho, já que meu irmão não me deixava bulir no dele.

Com oito para nove anos, mudei-me para Niterói. Tudo me pareceu muito grande! As ruas eram compridas, os prédios altos demais, o supermercado um mundo para se “perder”.

Quando ia ao centro de Niterói, ficava abobalhada, olhando os carros, os bancos, o comércio, as pessoas... Tudo, para mim, era grande, bonito, novo... O chão não levantava tanta poeira, pois era coberto de asfalto. Ficava atenta aos sinais, na hora de atravessar as ruas. Mamãe e eu caminhávamos devagar, vendo vitrines e gente. Numa esquina, demos de cara com uma Kombi azul, com alto-falantes. Era uma emissora de rádio que tocava músicas a pedido das pessoas que passavam.

Do nada, o locutor, de voz bonita, chamou a nossa atenção, dirigindo-se a mim.

- E você, qual música gostaria de ouvir na nossa rádio?

Pensei por um instante... Não sabia o nome da trilha sonora, só sabia onde tocava, todas as tardes.

- Eu quero a do Sítio do Picapau Amarelo!

- Mas é claro, menina! Mas como é o seu nome?

- perguntou, mais impostado ainda, o locutor.

- Meu nome...

- E você gosta dessa música por quê? - perguntava rapidamente, sem dar tempo de resposta.

Minha euforia em falar no microfone - por onde minha voz chegaria a tantos rádios - era tanta, que nem guardei a pergunta do locutor.

- Então, está bom! Vamos ouvir a música...

Eu não ouvi o título da música, mas o sonzinho do início da canção fez-me viajar no som que saía dos alto-falantes.

- Que legal! pensava. Eu escolhi uma música! Minha voz foi ouvida!

Eu era toda sorriso, gargalhada, boca escancarada de emoção!

Retorno à realidade, ainda perdida nos meus devaneios, sentada à sombra de um dos bambuzais do Horto Monteiro Lobato, em Niterói.

Minha cabeça cheia de tantas coisas, pensando no que devo fazer com essa paixão que insiste em me querer. Não demora muito e ele irá chegar... Poderia ser o Príncipe das Águas Claras... E iríamos desaparecer no pequeno lago que existe aqui, com seus peixinhos, patos e plantas.

O vento sopra gostoso, parece que vai chover. De longe, vejo o movimento de pessoas

caminhando, outras pedalando, outras suando firme na ginástica oferecida pela administração do Horto. Carrinhos de bebês se atrapalham em algumas ruazinhas.

Aproveito o tempo que me resta e visito as barraquinhas de produtos artesanais, feirinha que, às vezes, acontece por aqui.

Uma boneca me chama a atenção! Seus cabelos coloridos lembram a Emília que Lobato inventou... Olho pra ela, como quem olha para uma santa... E lá do fundo, clamo: “Ajude-me, Emília!”

Sinto uma sombra por trás de mim. É ele! Cumprimentamo-nos e saímos, de mãos dadas, pelo Horto.

Anne Souza

59



Não tenho um caminho novo. O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar. (Thiago de Mello)



FOGO NA LONA



Numa tarde ensolarada do dia 16 de dezembro de 1961, toda Niterói e toda São Gonçalo estavam em polvorosa. O Gran Circo Norte Americano vinha a Niterói, com um ótimo show de malabaristas e trapezistas.

Cerca de 2.500 pessoas, a maioria crianças e adolescentes, se espremiavam dentro da “grande lona de fantasias”, sem imaginar que entrariam para a história como protagonistas de uma das maiores catástrofes circenses de todo o mundo: uma vingança planejada friamente por Dequinha, funcionário do circo, demitido dias antes. Dequinha e mais dois comparsas embeberaram com gasolina toda a lona que cobria o circo e, por volta das duas horas da tarde, atearam fogo na lona.

As pessoas que estavam lá dentro não perceberam nada. De repente, ouviu-se o grito

desesperado de um homem.

- Fogo!!! Fogo!!!

Mas já era tarde demais para evacuarem o local. O fogo já tomava conta de tudo, fazendo os pilares de sustentação caírem juntamente com a lona. Todos corriam, tentavam escapar, mas caíam uns sobre os outros. Alguns eram esmagados pelas pisadas de dois elefantes atordoados. Outros eram atingidos ou pelos pilares em chamas ou pela lona que agarrava no corpo, causando queimaduras terríveis.

Para mais de 300 pessoas, a morte chegou nessa tarde ou nos dias que se sucederam ao incêndio. Para as outras milhares de pessoas, as marcas físicas e psicológicas jamais cicatrizariam por completo.

Todos ficaram muito, muito chocados com essa tragédia, com a crueldade indescritível de

Dequinha. E mais grave: a cidade de Niterói não estava preparada para atender a tantos desvalidos.

Por causa do incêndio, o Governo Federal mandou abrir a todos o Hospital Antonio Pedro (que era municipal); as farmácias deram plantão no domingo para fornecer remédios e curativos aos acidentados; a população doou roupas e medicamentos; e os hospitais privados cederam ambulâncias para socorro às vítimas.

Após 42 anos dessa tragédia, uma parte da população niteroiense continua com medo de ir ao circo que, ao invés de lembrar um mundo de alegria e fantasia, lembra a morte e o desespero.

Renata Borba



Quando penso no futuro, não esqueço meu passado. (Paulinho da Viola)



SEGREDO DO BARRO

Adalton Fernandes Lopes, nascido a 12 de outubro de 1938, em Niterói, já exerceu várias profissões: foi pescador, soldado da Polícia Militar, motorista, trabalhou na Companhia Costeira do Ministério dos Transportes. Entretanto, sempre alimentou o desejo de dedicar-se inteiramente à modelagem do barro, que já fazia desde criança, por brincadeira e, depois de adulto, por prazer, nas horas vagas. Quando era menino, recolhia barro no quintal e ficava em casa fazendo pequenas figuras para se divertir: cavalos, bois e fazendas em miniatura.

👉 página 79



O CIRCO



- O circo está na cidade! gritou Ana, ao entrar em casa. – Vamos, mãe?

- Acho melhor nós conversarmos depois sobre isso.

- Por que? A minha turma toda vai. Vamos, mãe?

- Você sabe o que eu penso sobre este assunto. Circo não é lugar seguro...

- Mas mãe, onde já se viu uma mulher grande assim com medo de circo!?!

-Você não entende, não sabe o que aconteceu.

- Sei, sim, mãe. A professora explicou sobre o incêndio de um circo aqui na cidade, mas já faz muito tempo. Ela disse que hoje circo tem segurança, tem várias saídas de emergência e a tenda é de um material que não pega fogo.

- Mesmo assim, eu não sei, não...

- Ah mãe, vamos, vai? Por favor!!!

No dia seguinte, a mãe de Ana foi conversar com o dono do circo e verificar se o que a filha havia dito era verdade. Confirmando as informações, ela voltou para casa mais tranquila.

À noite...

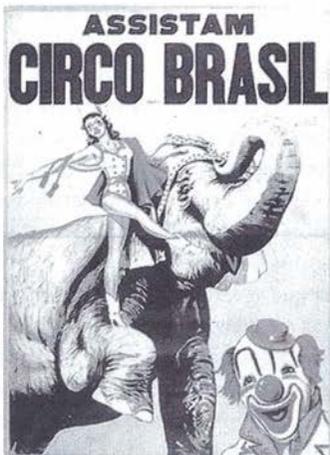
- Mãe, a turma vai no domingo ao circo. Vamos?

- Não, minha filha. Nós não iremos ao circo domingo.

- Mas, mãe...

- Nós iremos no sábado, na matinê.

- Oba!!! Que legal! Obrigada! – tascou um beijo na mãe e saiu correndo para contar a todos a grande novidade.



- A turma vai morrer de inveja quando souber que iremos primeiro! – gritou Ana pelo corredor.

- No sábado...

Ao entrar no circo, a mãe de Ana ficou atordoada, com tanta emoção... No começo, sentiu um vazio que se transformou em transe, ao ouvir a primeira risada da platéia com a brincadeira de uma dupla de palhaços.

Ela foi se envolvendo com aquele clima de fantasia e felicidade. Quando percebeu, estava às gargalhadas e vidrada no show dos malabaristas. Ao terminar o espetáculo, Ana virou-se para a mãe e viu que ela estava chorando.

- Mãe, você está triste?

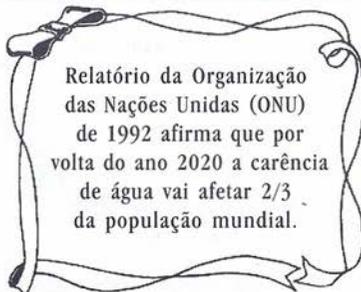
- Não, minha filha, não. É de emoção. Você não sabe o bem que você me fez.

As duas se abraçaram.

- Vamos comer pipoca!

- Tá bom, filha. Faremos tudo o que minha mestra mandar.

Renata Borba



Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1992 afirma que por volta do ano 2020 a carência de água vai afetar 2/3 da população mundial.

TRUQUE DE MÁGICA⁶⁰

Use 3 lenços de seda de cores diferentes, para impressionar o público.

Ate-os como

na figura 3 A, em torno de um cordão amarrado nos pulsos.

Faça uma conversa mole, etc., mande que uma das pessoas

presentes escolha um

dos lenços e, uma vez escolhido, embora pareça uma coisa difícil

tirar o lenço de lá

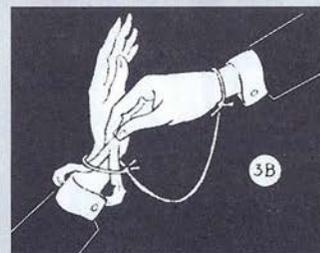
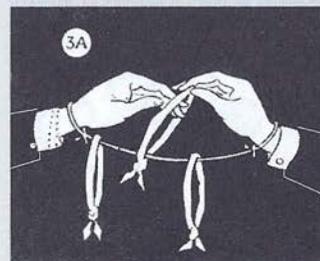
com as mãos atadas assim, é só manobrar como mostra a figura 3 A,

passando a mão por dentro do lenço, levando este ao pulso

e depois tirá-lo, como mostra a figura 3 B.

Mágica tipo “ovo de Colombo”...

Mas que impressiona, impressiona.



Não há como um dia depois do outro.



As peças não eram queimadas e rachavam depois de secar. Conforme ele mesmo conta, passou-se um bom tempo até que descobrisse o barro apropriado e conhecesse as técnicas que garantem a durabilidade das figuras modeladas.

A descoberta foi um pouco ao acaso. Aposentado em 1964, Adalton comprou uma Kombi e fazia fretes. Certo dia, conversando no botequim, comentou com os amigos que precisava saber qual o barro adequado para seus trabalhos. Um ceramista português, seu Júlio — ensinou-lhe então que o “barro gordo”, próprio para modelar, podia ser comprado nas cerâmicas em Niterói.

A partir de então, passou a ocupar todo seu tempo com a cerâmica, aperfeiçoando sua técnica, aprendendo a tornar-se senhor do barro. Construiu o forno em sua casa e espanta-se quando ouve alguém dizer que a queima do barro é difícil: não há mistério na queima, segundo Adalton: “O segredo do barro está todo no barro”.

Suas peças retratam as cenas e os personagens da vida: o vendedor de balões, o amolador de facas, o homem do realejo, palhaços de circo, o fotógrafo lambe-lambe, o vendedor de galinhas, o carregador de água, a folia de Reis, o jongo, presépios e procissões.

A modelagem é totalmente manual e os instrumentos auxiliares são apenas um canivete e uma agulha de costurar saco. A pintura é feita com pincéis comuns. As tintas são de fabricação



SEGREDO DO BARRO

continuação da página 77

artesanal, à base de água, cola plástica e corantes naturais, como o sumo de urucum (que produz cor vermelha), de beterraba (cor roxa), barro de quintal (cor amarela), fuligem de chaminé (preta) e caolim (branca). Somente os tons azuis e verdes são fabricados a partir de anilinas industriais.

Artista em constante crescimento e perseguindo sempre novas técnicas, Adalton introduziu o movimento em suas peças através de pequenos motores movidos a pilha e articulações com arame nos braços e pernas de seus bonecos. O motor fica escondido na “caixa” de barro que serve de suporte à peça.

As figuras com movimento exigiram de Adalton um novo tratamento do barro, pois certos pontos não resistiriam ao atrito constante (por exemplo, o pé de um boneco que bate contra a superfície onde está colocado, também em barro). Para solucionar o problema, colocou em prática os conhecimentos de química adquiridos de uma de suas alunas da Penitenciária de Bangu, onde deu um curso de modelagem em barro. Adiciona, nos locais certos, quantidades adequadas de pó de quartzo, silicato de alumínio, nitrato de prata, bórax e outras substâncias. A experimentação e a observação permitiram-lhe descobrir substâncias que enrijecem, que cristalizam, que alteram a cor e modificam a textura.

Ao fazer peças de maiores dimensões, usa formas de canudo de papel e modela o barro por cima delas. Pois o barro, ultrapassando determinada espessura, não pode ser maciço. Não seca completamente e quebra ao ser cozido no forno. Para evitar a formação de gases no interior dos canudos ocios de papel, faz pequenos furos

invisíveis, com arame, no boneco modelado. A forma de papel se queima durante o cozimento e vira cinza.

Mas os grandes bonecos de barro não poderiam ter movimento. Seu peso exigiria um motor de 110 volts e Adalton usa motores de 6 volts, com 4 pilhas ou ligados na corrente elétrica. Começou, então, recentemente, a modelar em massa de papel (não é *papier machê*), usando uma técnica aprendida nos tempos em que trabalhava na Companhia Costeira, com o cozinheiro de um navio chinês.

A pasta de papel, cuja preparação Adalton mantém em segredo, leva 6 tipos diferentes de cola. Fica tão resistente que parece madeira e é praticamente inquebrável. Além disso, leva formol e Pentox para garantir ainda mais sua durabilidade. Este material, que Adalton chama de “sintético de papel”, só se desfaz no fogo ou mergulhado por um dia inteiro na água. Com ele, já fez um homem do realejo que tem 1,60 m.

Além de se movimentarem, as figuras de Adalton, ganharam som também. Examinando o mecanismo das caixinhas de música, o artista fez seus próprios rolos de plástico que, girando, acionam os martelinhos que percute as cordas de um piano de brinquedo. Também as músicas são de sua invenção.⁶¹

Elizabeth Travassos



Adivinhação

De que lado fica a asa da xícara?

R.: Do lado de fora

Quando você está com medo, o medo passa a sua frente. (Renê Guilherme)

FUNDOS DE CONHECIMENTOS DE NITERÓI: A CULTURA NOS SUJEITOS E NAS CIDADES

continuação da página 26



A cidade de Niterói, como totalidade política e cultural, reúne diferentes lugares de pertencimentos sociais e campos de construção de conhecimentos dos sujeitos individuais e coletivos, institucionais e não-institucionais, criadores de bens culturais, materiais e simbólicos, visíveis ou invisíveis.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se constitui enquanto cidade, num processo dialético, constrói os diferentes sujeitos, com seus *fundos de conhecimentos* específicos. Da mesma forma,

os diferentes sujeitos, com seus *fundos de conhecimentos* específicos, se constituem, se constroem e intervêm no processo de formação da cidade.

Dizem os poetas que as cidades possuem alma. Como personagens, realizam trocas simbólicas, festejam, sofrem, se odeiam, se manifestam como os deuses do Olimpo ou como os deuses africanos, por que não?

Os *fundos de conhecimentos* são como operações manuais de informações e estratégias essenciais de que as famílias [e outros grupos sociais] necessitam para manter seu bem-estar. Elaboram-se a partir das necessidades humanas, materiais e espirituais. Essas relações de convivência e existência podem ser familiares, de amizade, de lazer, de trabalho, de crença religiosa, de caráter econômico, político, estético, educativo.

Como se vê, os *fundos de conhecimentos* estão articulados tanto às relações que os homens estabelecem com a natureza como àquelas que estabelecem com os outros homens. As relações de poder organizam e determinam o espaço social, sempre de maneira provisória.

É no embate político e nos espaços públicos de discussão que se configuram e se legitimam formas de pensar, agir, fazer, sentir, valorar a vida em sociedade. Nesses processos de disputa, secundarizam-se algumas formas de expressão. Os saberes dominantes afirmam-se como corretos, certos, exclusivos. Mulheres e homens se submetem a essa lógica, deixando de compreender que, com seu trabalho, produzem cultura e são sujeitos históricos. Assim, é relevante que as relações de poder na produção cultural sejam sempre questionadas, permitindo desvendar os mecanismos que vetam o acesso da maior parte da população à variedade dos bens culturais acumulados.

☞ página 92

INFORMAÇÃO SOBRE A ÁGUA

Hoje, 20% da população do planeta não têm acesso à água potável para beber e 50% sofrem com problemas sanitários.

CORNEIA DE LATA⁶²

1 - Arranje uma lata, um pedaço de pente velho, um pedaço de papel de seda ou impermeável branco e um pedaço de fita crepe.

2 - Faça um furo de dois dedos no fundo da lata.

3 - Coloque o pente por cima e prenda com a fita crepe.

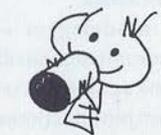
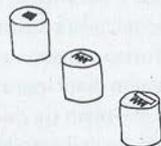
4 - Agora prenda o papel apenas por um lado.

5 - A corneta está pronta. Cante fino: "tu, tu, tu", encostando de leve os lábios no papel. Não é para soprar, é para cantar a música que você quiser fazendo "tu, tu, tu".

Experimente trocar a lata por garrafas plásticas. Invente cabos, alças, enfeites para sua corneta parecer um instrumento de banda de verdade.

Junte os amigos e faça uma bandinha que pode ainda ter tambores e xique-xiques de lata, plástico, couro, bambu, sementes e madeira.

Depois de brincar, cate toda a sujeira do chão.





Contar histórias



Como para as sociedades,
para o indivíduo também
[o contar histórias]
é uma atividade primordial,
uma necessidade de existência,
uma maneira de suportar a vida.

Por que o homem necessita
de contar e contar-se histórias?

Talvez porque (...)
dessa forma luta contra a
morte e os fracassos,
adquire uma certa ilusão de
permanência e desagravo.
É uma maneira de recuperar,
dentro de um sistema
que a memória estrutura
com a ajuda da fantasia,
esse passado que quando
era experiência vivida
tinha a aparência do caos.

Mário Vargas Llosa⁶³



PIADA



Entre dois amigos:

- Sabes a quem podemos confiar os nossos segredos?
- Não, a quem?
- Aos mentirosos, porque ninguém acredita neles.

QUADRINHA

Coitadinho de quem tem
Seu amor além do rio,
Quer lhe falar e não pode,
Do coração faz navio.

Mário de Andrade



Fim do rumo. Eu, grisalho.
Dos netos entre os carinhos,
pareço um velho espantalho
cercado de passarinhos.

Romen Gonçalves da Silva



ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro foi criado em 1931, tendo sede, hoje, na cidade do Rio de Janeiro.

Sua história, porém, começa em Niterói: primeiro esteve instalado no prédio da Biblioteca Estadual, na Praça da República, depois ocupou o prédio número 3 da Avenida Jansen de Mello, no bairro São Lourenço. Esse foi o primeiro arranha-céu da cidade construído (em 1929) para serviços da administração pública.

Há pouco tempo, o segundo andar abriga o Espaço Cultural Paschoal Cittadino, onde se pode assistir a exposições, peças de teatro e outros eventos.

RECEITA DE BELEZA

Discurso de Audrey Hepburn, ao lhe perguntarem seus segredos de beleza:

1. Para ter lábios atraentes, diga palavras doces.
2. Para ter olhos belos, procure ver o lado bom das pessoas.
3. Para ter um corpo esguio, divida sua comida com os famintos.
4. Para ter cabelos bonitos, deixe uma criança passar seus dedos por eles, pelo menos uma vez por dia.
5. Para ter uma boa postura, caminhe com a certeza de que nunca andará sozinha.
6. Pessoas, muito mais que coisas, devem ser restauradas, revividas, resgatadas, redimidadas. Jamais jogue alguém fora!
7. Lembre-se de que, se alguma vez precisar de uma mão amiga, você a encontrará no final de seu braço. Ao ficarmos bem mais velhos, descobrimos por que temos duas mãos: uma, para ajudar a nós mesmos, e a outra, para ajudar o próximo.
8. A beleza de uma mulher não está na expressão facial. A verdadeira beleza da mulher está refletida em sua alma; está no carinho que ela amorosamente dá e na paixão que ela demonstra.
9. A beleza de uma mulher não está nas roupas que ela veste, nem no corpo que ela carrega, ou na forma como penteia os cabelos. A beleza de uma mulher deve ser vista nos seus olhos, porque esta é a porta para seu coração; o lugar onde o amor reside.
10. A beleza de uma mulher cresce, com o passar dos anos.

BOLINHA DE PAPEL

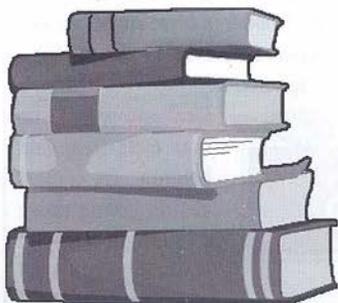


Agarrava-se à janela com as duas mãozinhas. Devia ter quatro ou cinco anos e fazia sua primeira viagem de barca. Olhava fixo lá embaixo...Era só água azul e limpa, andando ligeira, fazendo ondas pequenas. Dentro delas, quase saltando no ar, um monte de peixinhos brancos e lisos brincava, escorregando nas costas daquelas ondinhas também lisas, dando voltas e voltas em volta do próprio corpo. O menino olhava e ria, encantado. Queria mandar um recado aos peixes, falando do seu último segredo. A tia deu-lhe uma folha de papel branco. Ele largou da janela, rasgou um pequeno retalho, segurando-o quieto, olhando só... O menino não sabia escrever. Devargazinho, com as duas mãos, levou o pedacinho de papel bem perto da boca, bem perto dos lábios, e foi dizendo ao papel o que este levaria aos peixes brancos e lisos. Quando acabou, fez uma bolinha e jogou o bilhete no mar. Deve ter sido um escrito bem bonito porque os peixes nadaram mais depressa e mais juntos uns dos outros. Agora pareciam dançar... Também dançava nas ondas a bolinha de papel que se abriu e se desmanchava n'água como flor.

Lea Calvão

Uma boa palavra brota suavemente como um suspiro de felicidade. (Bertold Brecht)

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS DOCUMENTAIS



*“O que nós ouvimos e aprendemos,
o que nos contaram nossos pais,
não o esconderemos aos filhos deles,
nós o contaremos à geração futura.”*

Salmo 78

Grande parte da nossa memória repousa sobre um suporte frágil, sensível ao calor, à umidade, ao excesso de luminosidade, ao ataque de traças, cupins e outros insetos, e, principalmente, ao descaso e à falta de cuidado no seu manuseio: o papel.

Se prédios e monumentos históricos, construídos com materiais bem mais resistentes, precisam ser mais preservados, o que dizer do papel, tão frágil em sua própria essência?

Nossa memória documental, acumulada principalmente em bibliotecas e arquivos, sejam eles públicos ou privados, também necessita de socorro urgente, para que as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecê-la.

Sobre papel estão registrados – em livros, manuscritos, mapas, fotos, jornais, cartas, documentos oficiais, etc. - nossa história, nossas descobertas, dúvidas, medos, anseios, nosso dia a dia, nossa identidade e saber.

No entanto, quem de nós, em algum momento de nossa vida acadêmica ou particular, não passou pela experiência de necessitar de alguma informação ou documento, que não foi encontrado? Ou, se foi, estava em mau estado de conservação, às vezes até impossibilitando o manuseio?

Na situação acima, estão concentrados os dois grandes dilemas dos profissionais de arquivos e bibliotecas, que vivem cotidianamente essa realidade: antes de tudo, é necessário saber o que preservar, e de que maneira preservar. Infelizmente, somos obrigados a admitir que preservamos pouco e mal. E precisamos reverter urgentemente esse quadro!

Em nosso imenso país, o clima tropical e a escassez de recursos investidos na preservação de acervos monumentais agravam enormemente o problema. É preciso agir rápido, sob pena de perdermos muitos dos registros produzidos no passado, e repetimos o erro com os acervos que estão sendo produzidos no presente.

Enfim, é necessário e urgente estabelecermos políticas de preservação para nossos acervos em papel, e investir continuamente na sua preservação, porque eles também fazem parte – e importantíssima! – do nosso patrimônio histórico.

Por outro lado, é importante não esquecer que nós também, como usuários, podemos ser agentes dessa preservação, manuseando livros e demais documentos com cuidado, não dobrando ou escrevendo sobre suas folhas, não molhando a ponta dos dedos para passar suas páginas, evitando o uso de fitas adesivas, cliques e grampos, guardando-os ao abrigo do sol e da poeira, e usando os meios de reprodução disponíveis de forma criteriosa e consciente.

Maria José Fernandes

Adivinhação

O que é que sendo todo meu,
meus amigos usam mais que eu?

R.: Meu nome



DICA DE DONA LUZIA

Sementes de abóbora
acabam com os vermes.

Moqueca de dourado e lula, moqueca de camarão, moqueca de...lagosta! Era assim, ao gosto de cada sobrinho. Márcio preferia a de camarão, Carol gostava mais da de mariscos. E eles chegavam em alvoroço, alegres e famintos. À mesa posta, sobre toalha branca, bordada à máquina por Bili, as tias pousavam as tigelas de porcelana azul. À roda dessa mesa larga e farta, inebriados por aqueles odores de mar, tudo era juventude e risos. Adoravam ensopados, os meninos corados de vida – molhos, sopas, guisados

eram hábito antigo na família, aprendido do avô português, alfaiate com muitos filhos. A ternura das tias transbordava dos caldos grossos, do arroz de açafreão, do pirão mole de farinha branca. Ritual, ou festa, que se repetia toda primeira quinta feira, de todos os meses, de muitos calendários, a encher de amor os anos dourados dos meninos, os anos grisalhos das tias...

Alzira e Maria Eulália. Maria Eulália e Alzira...Irmãs de toda a vida, amigas nas alegrias e nas tristezas – não poucas nem fáceis, vividas em silêncio e sabedoria. Não tiveram filhos nem marido. Ocupavam-se de costuras, jardim e horta. Gostavam de cores claras para suas blusas e saias de seda ou musseline. Usavam *rouge* e pó-de-arroz. Da varanda gradeada de losangos verdes,

mostravam os bichos de nuvens, cantavam cantigas de outrora, bordavam lençóis e vestidinhos, ensinavam chás e ditos engraçados. Em dia de muito sol, era bonito vê-las pela cidade, indo às compras, com suas sombrinhas coloridas...

Compravam pouco para si, gastavam muito com aqueles meninos. Gastavam em livros de história e

da “ponte das barcas”, na altura da atual Rua Marechal Deodoro. Era um mercado formado de pequenas lojas – palafitas dentro do mar, demolidas em 1964, na gestão do prefeito Silvio Picanço. Para substituí-lo, o poder público construiu um outro à Rua Feliciano Sodré. Apesar de suas lojas azulejadas, não agradou aos comerciantes, pois

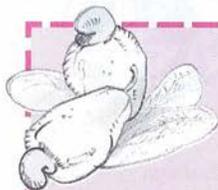
localizava-se longe do mar e da freguesia habitual. Os comerciantes cotizaram-se e inauguraram na Ponta d’Areia o Mercado São Pedro.

MERCADO DE PEIXES

em quitutes lendários. Preferiam os frutos do mar a quaisquer outras iguarias. Seu Agenor conhecia-as de longa data. Fosse sol ou fosse chuva, lá estavam as duas, entrando no portal do Mercado São Pedro. Primeiro, iam até o santo pedir bênção; depois, corriam, curiosas e atentas, barraca por barraca. Perguntavam preço, examinavam cor, cheiro e peso do atum, do cherne, bagre, curvina e sardinha. Também dos temperos, limões, salsa e cheiro verde. Passeavam olhares e gula por todas as texturas que o mar trazia aos tabuleiros do grande mercado especializado no comércio de crustáceos e peixes. Peixes que os vendedores limpavam e apregoavam aos passantes, aos compradores de atacado e varejo. Esses vendedores faziam o mesmo que aqueles de outrora, do mercado de peixes que ficava próximo

Alzira e Maria Eulália acabavam sempre no Seu Agenor. Separavam os camarões – graúdos ou miúdos, nos conformes das receitas; escolhiam a sardinha grande, as ovas amarelas ou cor de laranja. Despediam-se com um comedido aceno e votos de um muito bom dia. Seguiam para a barraca de Seu Aníbal, que vendia o namorado e o cherne mais que frescos. Recolhiam, na saída, o coentro, o limão e, às vezes, uma pimenta forte. Agora, sim, com a sacola de palha repleta, podiam partir. Abriam a sombrinha vermelha e, de braços dados, corriam à casa a preparar a alegria dos seus amados meninos... Sobrinhos. Quase netos...

Lea Calvão



Travessei o rio a nado,
Eu saí, foi de mergulho:
Somente para te ver,
Beijo de caju maduro.

Mário de Andrade

VOCÊ SABIA?



Segundo estudos da ONU, nenhuma região do nosso planeta será poupada da crise da escassez de água. Essa crise afeta desde a saúde das crianças até a capacidade de as nações assegurarem comida para seus cidadãos. Atualmente, 25 mil pessoas morrem de fome a cada dia e outras 815 milhões sofrem de desnutrição. Com o agravamento da falta de água, esses números vão aumentar.⁶⁵

Cisco nos olhos

Devagar, gire o dedo sobre a pálpebra fechada e recite, como antigamente:

*Santa Luzia passou por aqui
Com seu cavalinho comendo capim
Corre, corre cavaleiro
Pela porta de São Pedro
E diz a Santa Luzia
Que me mande o seu lençinho
Para tirar-me esse argueiro.*

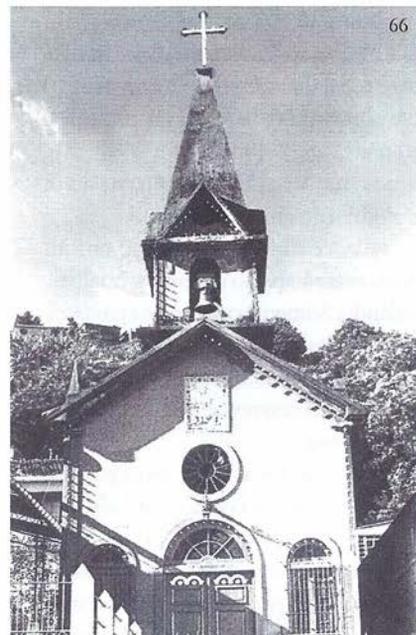
QUADRINHA DE BOTEQUIM



Lua nova trovejada sete dias de molhada.

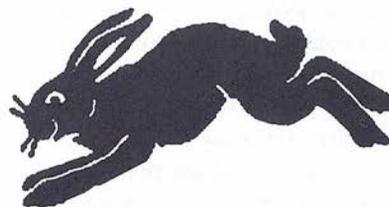
IGREJA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA PONTA D'AREIA

Considerada uma das igrejas mais antigas do Brasil dedicada a Nossa Senhora de Fátima, foi inaugurada em 16 de novembro de 1941, com procissão e festa. A edificação, "típica de capelas de subúrbio", guarda devoções, pedidos e agradecimentos dos fiéis do bairro. Abriga também uma imagem da santa que chegou de Portugal em 1929.



BRINCADEIRA DA LEBRE

Quer ver a lebre saltar?
Olhe bem para ela
e vá fechando e abrindo
um dos olhos de cada vez.



UM DIA QUASE EM PORTUGAL

Nesta ponta de areia, fundou-se um Portugal Pequeno. Esse bairro histórico de Niterói é local da indústria de construção naval, tem quitanda e bares, casas coloridas, agarradinhas.

Entramos na Vila Pereira Carneiro e estávamos como em outro tempo.

Nesta ponta, sente-se calma e paz, enfim. Não se escutam barulho de carros, buzinas, gente falando. Somente o canto dos pássaros e o sussurro dos ventos. É de costume, os moradores, ao anoitecer, sentarem-se à porta de suas casas para conversar e sentir o frescor que vem do mar.

“Este é o melhor local de Niterói para se morar. Todos aqui se conhecem”, diz um senhor.

Todos demonstram grande preocupação com o “avanço do progresso” e, ao mesmo tempo, um grande orgulho por fazerem parte desse lugar pitoresco, cheio de histórias. Quando os portugueses vieram para cá, ficavam alojados no Pinhão, prédio construído especialmente para abrigar os patrícios recém chegados. Ficaram mal alojados: três ou quatro famílias viviam no mesmo quarto.

Apesar das dificuldades, lutaram, cultivaram seus hábitos, construíram igrejas para atender a sua fé cristã. Estas têm uma característica única: o espaço interno pequeno, aconchegante, familiar, próprias ao atendimento de uma pequena população. Hoje, devido ao crescimento urbano, a paisagem tendeu a se transformar. A igreja

da Penha, por exemplo, tem sua visão quase totalmente bloqueada pelas construções do entorno. Ela fica localizada no Morro da Armação, que tem 162 m de altitude, de onde se tem vista privilegiada da Baía de Guanabara e de Niterói.

O prédio de sede da Banda Portuguesa lá está, com sua fachada encimada pela cruz de malta, símbolo de Portugal que aparece, também, em vários outros pontos do bairro. Nesse prédio havia grandiosos bailes com o fundo musical da Banda, no momento emudecida. Muitos eventos escolares, serviços do posto de saúde, do tribunal e festas acontecem nesse prédio.

Ali está, também, o Clube de Regatas Fluminense, famoso por seus grandiosos e cobiçados bailes de carnaval, que terminavam com refrescantes banhos de mar. Hoje, os bailes se restringem a uma das praças da Ponta d’Areia, organizados por alguns moradores do bairro. Mesmo assim, continuam animados e muito apreciados por todos, principalmente pelas crianças, que podem brincar sem perigo.

Curtir esse bairro, antes ou depois de almoçar ou jantar em um dos seus típicos restaurantes portugueses, é programa que não se pode perder. Os bolinhos de bacalhau, a cerveja gelada, o peixe frito - ou como se quiser -, os doces de Aveiro lá estão para ninguém duvidar que ali caiu um pedaço de Portugal. Ora, pois, pois...

Luciana Velasco e Suzana Pimenta

RECEITA

Doces portugueses

Têm nomes de poesia:
Chuvisco e fios de ovos,
toucinho do céu e ambrosia,
ovos moles
pastéis de Santa Clara
feitos por moças faceiras.
Não deixe de experimentar
a deliciosa barriga de freira.
Você já provou aletria?
Aprenda como se faz

Ingredientes:

1 lata de leite condensado
1 pacote de macarrão aletria
1 ½ litros de água
casca de laranja a gosto
canela (em pau) a gosto
cravo a gosto
açúcar a gosto

Modo de fazer:

Coloque a água para ferver com a casca de laranja, o cravo, a canela e o açúcar. Quando a água estiver fervendo, retire tudo da água e adicione o leite condensado e o macarrão, mexendo até cozinhar. Não deixe grudar no fundo. Coloque em um pirex para esfriar e polvilhe com canela em pó a gosto.



Você Sabia?

Ponta d’Areia, também chamada Península da Armação, por estar relacionada à pesca (“armar” os barcos) e à grande matança das baleias, foi um importante porto baleeiro.

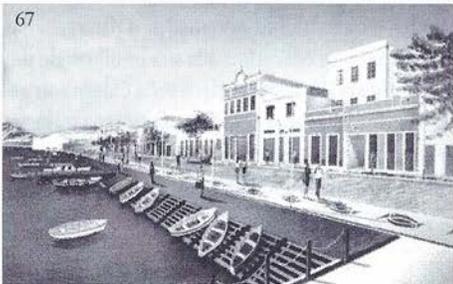
Tudo é palavra e sangra. (Ângela Calvão)

PORTUGAL PEQUENO



O bairro da Ponta d'Areia, onde hoje se situa o Portugal Pequeno, tem quatro séculos de história, começando a se desenvolver em torno da pesca e da industrialização das baleias, na época um dos negócios mais rentáveis para a colônia portuguesa. Os primeiros portugueses a ocuparem o local, atraídos pelas oportunidades de emprego, eram ferreiros, torneiros, carpinteiros e calafates. Terminado o ciclo das baleias, os galpões e armazéns passaram a servir de quartel provisório para a divisão dos Voluntários Reais, tropas que vieram de Portugal e depois seguiram para o Uruguai.

O processo de urbanização do século XIX, na Ponta d'Areia, se desenvolveu graças à presença lusitana. Surgiram ali pequenas oficinas e estaleiros de reparos navais, nos quais predominava a mão-de-obra portuguesa, e se desenvolveu a primeira indústria naval brasileira. No século XX, o bairro da Ponta d'Areia foi o ponto de encontro de quase todos os portugueses que escolheram Niterói como sua segunda terra natal. O nome Portugal Pequeno data deste período, principalmente pela forte presença lusitana na localidade.



A necessidade faz o sapo pular.



NITERÓI EMOLDURADA



Custei para encontrar a chave certa, quase desisti de entrar naquele cômodo que, visto através da janela empoeirada, parecia ocupado de quinquilharias. Mas, esse era justamente o motivo que o tornava tão atraente para os meninos que, desde o dia em que mudamos, insistem em entrar lá.

De fato, com a luz acesa, constatei que muito daquilo seria bem aproveitado por eles: chapéus de palha, bengalas e roupas velhas, ferramentas, três ou quatro rádios quebrados – dos bem antigos – e outras coisas que, para eles, seriam como matéria prima para brinquedos.

No caminho de volta, percebi atrás da porta, pendurado num cabide, um uniforme, não, uma farda, provavelmente de marinheiro ou algo assim, vestida de poeira, mas em perfeito estado, pronta para ser usada...

Na parede havia algumas fotografias emolduradas que, limpas, ficariam perfeitas penduradas na sala de estar, próximas à cadeira de balanço. Cuidei disso e do jantar. Não tardou chegarem nossos parentes. E, depois de conhecerem a casa nova, o primeiro comentário: - Que fotografias

bonitas!. E em seguida, as perguntas:

- Que lugar é esse na foto? Isso aqui não é o estaleiro de Ponta d'Areia?

Eu nem fazia idéia, mas as fotografias eram do tempo do Império, onde havia ali a maior e mais importante fábrica de navios de toda a província.

- O que é um estaleiro? Onde é Ponta d'Areia? - perguntou um dos meninos, interessado na conversa.

- Estaleiro é uma fábrica de navios. Esse lugar aqui, na fotografia - mostrou, aproximando o menino da foto, colocando-o no colo - é lá perto daquele morro, onde está escrito, bem no alto, Estaleiro Mauá. Antigamente, chamava-se Estaleiro Ponta d'Areia e pertencia ao Barão de Mauá. Foi uma grande fábrica, e não construía só navios, não, construía pontes e tubos de ferro, peças de artilharia, mas o grosso da produção se destinava ao setor de navegação, respondeu, do alto de seus setenta e tantos anos, meu avô, nascido e criado na beira desse imenso cais que é Niterói.

Ana Lúcia Galvão



CIMENTO E PÉROLA



68

Projeto da Ponte Rio-Niterói, idealizado em 1937, por Leon d'Escoffier

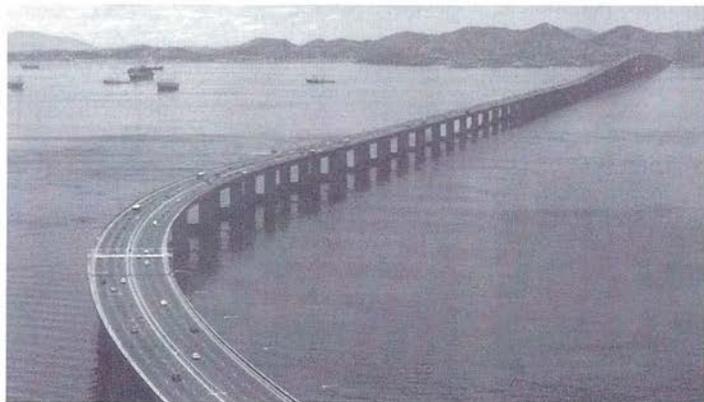
8 8

Dia da inauguração. Carros oficiais embandeirados, congestionando o trânsito na Francisco Bicalho. A majestosa obra entregue aos milhares de usuários naquela manhã de outono. Treze quilômetros de concreto armado que o vento beija e balança. Complexo viário num emaranhado de viadutos, lá e cá.

Para muitos ficava a saudade da travessia pelas barcaças. Nas noites enluaradas, os passageiros

desciam dos veículos e a brisa suave e o navegar lento nas águas plácidas davam sensação de calma e tranquilidade. A distância vencida pouco a pouco fora do burburinho da cidade permitia conversas, planos para o fim-de-semana, quiçá novas amizades e namoricos.

Para outros, a felicidade de pistas de rolamento sem as extensas filas de espera. Rápido acesso a



Ponte Rio-Niterói (Fotografia: Aldo Colombo. Cartões-postais Colombo/RJ)



Se você tivesse que redesenhar a ponte, como a imaginaria?

trabalho, ao lazer. Do lado de lá, a Região dos Lagos se aproximava. O centro da cidade era logo ali.

Alguns se mostravam descrentes e tantos tinham medo. E se a ponte cair? E a trepidação, principalmente no vão central? Os engenheiros dizem que é normal...e se não for?

O tempo passou. As cidades cresceram, o volume de veículos aumentou, a trepidação continuou, mas a ponte não caiu. Infelizmente, caíram inúmeros operários durante a construção. Caíram também aqueles de coração partido que buscaram a morte lançando-se ao mar, literalmente na esperança de afogar as suas mágoas. Gesto tresloucado a propiciar manchetes nos jornais.

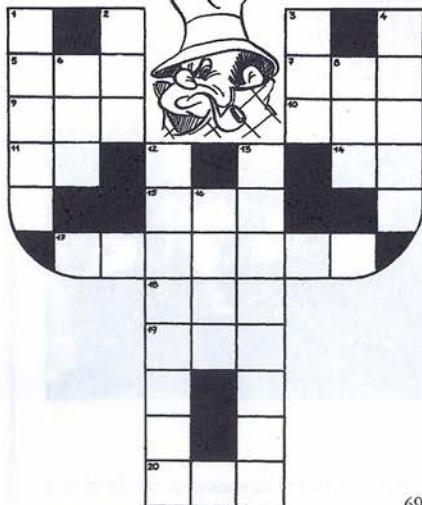
Imponente, ali permanece e nos mostrar a importância do projeto e a encurtar distâncias. Há, porém, engarrafamentos substitutos das filas de espera para as barcaças antigas...E que sufoco! O trânsito parado, carros, ônibus e caminhões suspensos no mar. A lentidão, quase cortejo fúnebre, à espera de pagar o pedágio em feriados. O relógio célere lembrando a perda de compromissos. O atraso na entrega da mercadoria, do alimento; a insatisfação do cliente. O calor a cozinhar miolos e a tirar o humor. O enguiço e o reboque chegando. A visão trágica do acidente a embrulhar estômagos sensíveis e o lamento pelo ocorrido. Quem foi? Como foi? Sairá amanhã nos jornais? Aviões sobre as cabeças; tão baixos que não dá para não sentir arrepios. Calafrios com a sombra das asas da Varig, pouco antes da aterrissagem. Delírio para a criança... Mas há, para os menos estressados, a paisagem das duas cidades se descortinando sob os olhos; de um lado, a Cidade Maravilhosa; de outro, a Cidade Sorriso. Vaivém. Ir e vir. Quem hoje pode imaginar a travessia sem a Ponte? Noite e dia. Ininterrupta ligação. Dia e noite. Destaque na paisagem. E quando o sol se põe, colar de pérolas sobre a Baía de Guanabara!

Ligia Cunha

Gato esaldado tem medo de água fria.

PALAVRAS

CRUZADAS



69

VERTICAIS

1. Dar impulso à embarcação
2. Tempero que vem do mar
3. Grande extensão de água salgada
4. O metal mais raro que existe
6. Baixo, desprezível
8. Duas notas musicais iguais
12. Máquina com que, em geral, se imprime os jornais
13. Doce que é uma coisa louca de gostoso!
16. Sem rugosidades

HORIZONTAIS

5. A primeira mulher que existiu
7. Presente do indicativo do verbo arar, 3ª pessoa do singular
10. A metade da redoma
11. Iniciais de Alfredo Lima
14. Nota musical da 3ª linha da pauta
15. Diz-se, às vezes, ao telefone
17. Felino pequenino
18. De avião, de pássaro ou de açucareiro
19. Metade do remédio que fortifica as crianças
20. De chapéu

☞ Resposta na página 144

FÉRIAS QUASE FRUSTRADAS



- Vamos lá, estamos de férias. Todos contentes, malas prontas, olhei para o relógio e contei cada minuto que me separava do paraíso. O trajeto era longo, mas chegaríamos a tempo de pegar uma praia. Era um dia ensolarado de janeiro, cheio de verde e azul.

Toda a família estava a bordo, três filhos, minha esposa e seu papagaio de estimação. Todos, ao mesmo tempo, cantavam, conversavam, riam. De repente, avistamos aquele que seria o primeiro grande obstáculo, aquela grande obra de engenharia humana: a ponte Rio-Niterói. Aproximando-me, percebi que algo estava errado: havia um aglomerado de carros como nunca vira antes. Era carro para todos os gostos, amarelo, azul, vermelho; pequenos, grandes; novos, velhos; nacionais e importados, todos na mesma direção e...parados.

Era o tão famoso **ENGARRAFAMENTO**. Andávamos dez metros e já parávamos novamente.

O suor banhava nossas faces, o sol escaldava. Bem quisera ter comprado um modelo com ar condicionado...Dentro e fora do carro o barulho era ensurdecedor – as crianças, a mulher e o

papagaio falando; motoristas xingando, sem tirar as mãos da buzina, até com mugido de vaca. Um horror!

Isso não podia estar acontecendo! O paraíso era logo ali. Que estou eu fazendo aqui?

A situação só piorava. No passo em que íamos, somente depois de horas chegaríamos ao vão central, com seus 50 metros de altura. Quando parecia que tudo ia acalmar, mais um problema: uma fumacinha saía do capô. Ai, não, meu mundo caiu! O que é isso? Vai explodir?

A barulheira redobrou – crianças gritando, mulher reclamando, sem falar nas buzinas que soavam, todas ao mesmo tempo.

Comecei a perder a visão, meu corpo tremia, comecei a sentir um sacolejo, e então... Ufa! Olhei para o lado e minha esposa sorria.

- Você cochilou mesmo e, pelo visto, teve um sonho bem agitado.

- Onde estão as crianças?

- Brincando na beira da praia.

- E o papagaio?

- Ficou com a mamãe, esqueceu?

- Que pesadelo!

Luciana Velasco

PONTE RIO-NITERÓI

A construção de uma via de ligação entre o Rio e Niterói foi cogitada desde 1875. A hipótese mais plausível seria a construção de um túnel submerso, feito com chapas de ferro de 6 a 8m de diâmetro e rejuntadas com resistente liga. Essa idéia foi abandonada tanto pelo custo quanto pelas amarras burocráticas. Desde então, até a real construção, vários projetos foram sugeridos, mas somente em 1963 foi apresentada, oficialmente, uma solução viável.

A ponte foi inaugurada em 1974. No lado do Rio, inicia-se no bairro do Caju; no lado de Niterói, na ilha da Conceição.

A função principal da ponte seria a de dar nova dimensão à malha rodoviária de acesso ao Rio, além de melhorar o escoamento da produção do norte fluminense. Para quem vem do Rio, é o melhor acesso para se chegar à Região dos Lagos.

Luciana Velasco

O GRANDE BAILE



70

Vendo esta fotografia, lembro-me de uma época distante... Estávamos, minha mãe e eu, a nos preparar para aquele que seria o primeiro baile de minha vida.

Minha fantasia de melindrosa - amarelo-ouro, missanguinhas pretas, franjas na barra, pena preta também para a cabeça - estava no cabide, esperando a hora.

O baile aconteceria no Clube Canto do Rio, o mais badalado da cidade. Eu estava eufórica, já pensando na festa!

Ao virar-me, percebi que minha mãe não compartilhava do mesmo sentimento.

- O que está havendo? A senhora não quer que eu vá?

Olhando surpresa, falou:

- Não se preocupe, não é isso. É que voltei um pouco em minha história, à minha adolescência... Vi-me, também, no meu primeiro baile. Que carnaval bom! A folia era na rua, os clubes eram poucos, só freqüentados pelos ricos da cidade. Mas o bom, mesmo, eram as batalhas de confete,



71

os banhos de mar, os blocos que arrastavam muita gente... Havia o dos solteiros e o dos casados.

Ela parecia estar vivendo aquele tempo! Até cantarolava algumas marchinhas. Então, seu rosto iluminou-se com alguma lembrança boa. Perguntei-lhe o que era.

E ela:



72



73

- Foi num carnaval desses que conheci um belo rapaz. Ele fazia parte do bloco dos solteiros. Já nem me lembro de seu nome, só guardei aquele momento. O bloco saía da Ponta d'Areia e tinha em Almanir Grego seu grande incentivador. Era no domingo de carnaval que eles se fantasiavam de mulher, cada um mais engraçado que o outro. O meu grupo de amigas - todas solteiras - ficava de longe, mas de olhos bem abertos para alguma paquera. Foi então que o avistei. Era o mais engraçado de todos! Parecia vestir roupa de sua avó. Nossos olhos se cruzaram, aproximamos e começamos uma longa e deliciosa conversa. Foi flerte que durou até 4ª feira de cinzas... Brincamos nas batalhas de confete, vimos os desfiles de carros e os blocos, cantamos as marchinhas e os ranchos.

👉 página seguinte

O GRANDE BAILE

continuação da página 90

As batalhas de confete eram uma festa! Tinham início no dia 31 de dezembro e se estendiam até o sábado de carnaval. Espalhavam-se por todos os lugares. Os bondes e até as barcas, na travessia Rio-Niterói, eram ponto certo para se travarem as batalhas.

Ela ia me arrumando, enquanto falava.
- Lembro-me de outros episódios... Uma vez, fui com seus tios ao Clube Manacá. Seu tio Celinho fazia parte da banda que alegrava a folia, por isso só íamos embora quando a banda parava de tocar... Quando o baile terminou, tive minha maior surpresa! Os músicos reuniram-se em um lugar reservado e, retornando ao salão, ainda cheio dos foliões, vestiam roupas engraçadas, de papel crepom. Rindo muito, corremos para alcançar o bloco que já saía para a beira-mar. Havia chegado o grande momento: todos, de uma só vez, se atiraram na água, que, então, se tingiu das cores do crepom. Estavam fantasiando o mar, para que ele também participasse da festa... A fantasia ficou lá, no tempo e em outro lugar... Essa praia nem existe mais, foi aterrada.
- É, mãe, infelizmente, minha geração não terá oportunidade de viver festa como essa. Nosso carnaval é outro, mas, veja, como nos tempos de outrora, estou vestindo uma fantasia de melindrosa...

Luciana Velasco

Você não pode escolher como vai morrer ou quando. Você só pode decidir como vai viver agora. (Joan Baez)

A BARÇAÇA VALDA⁷⁴

As barçaças começaram a circular, na baía de Guanabara, em 1946 e transportavam cargas e veículos. Seu terminal ficava em Niterói, na Rua Barão de Mauá, na Ponta d'Areia. A "Valda" manteve-se em operação regular até a inauguração da Ponte Rio-Niterói, em 1974.

VOCÊ SABIA?

Na Ponta d'Areia, foram fundados os primeiros estaleiros de Niterói. Ainda hoje, encontram-se em atividade os estaleiros Mauá, Mac Laren e Cruzeiro do Sul.

PIADA



Uma senhora deita uma moeda no prato de um cego, mas a moeda rola pelo chão. O cego levanta-se e a apanha. A senhora, espantada, pergunta:
- O senhor não é cego?
- Não, senhora, estou apenas a substituir o verdadeiro cego, que foi ao cinema.

SONHANDO COM A PONTE

"Se um dia... Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba. Se, por esse tempo, a febre amarela houver sacudido as sandálias às nossas portas, perderemos a má fama que prejudica a todo o Brasil."

Macbado de Assis⁷⁵

VOCÊ SABIA?

Já em 1858, o poeta Casimiro de Abreu reclamava:
"Agora mesmo, vim naquela monótona barca. Que coisa aborrecível! Para que não manda fazer uma ponte do Cais Pharoux a São Domingos, Papá?"⁷⁶



FUNDOS DE CONHECIMENTOS DE NITERÓI: A CULTURA NOS SUJEITOS E NAS CIDADES

continuação da página 80

Pensar as experiências e as relações das cidades com os sujeitos e dos sujeitos com a cidade é de fundamental importância, na medida em que se pode desvendar e desconstruir os *fundos de conhecimentos* criados pelas cidades e sujeitos, e a função educativa desempenhada por esses personagens em suas constituições e construções. Ao reconhecer os *fundos de conhecimentos* dos sujeitos e das cidades, podem os educadores problematizá-los como vetores emancipatórios, possibilitadores de autonomia e criatividade. Em síntese, os *fundos de conhecimentos* permitem descobrir a escrita/grafia apresentada pelas cidades e por seus respectivos sujeitos, que se apresentam com geografia própria e inúmeras histórias, na tentativa de recuperar e resgatar memórias, identidades sociais e nossos patrimônios. Afinal, a história é ou não é construída por todos nós? Que possamos continuar pensando sobre o tema.

José Luiz Antunes

Quadro de Giz

- Está naquele livro grosso, de capa amarela...
- O livro tem nome, autor, local e data de edição.



MÚSICA DO BALAIO

Eu queria "sê" balaio
Balaio eu queria "sê"
Para andar dependurado
Na cintura de você

Balaio, meu bem, balaio, Sinhá
Balaio do coração
Moça que não tem balaio, Sinhá
Bota a costura no chão

Mandei fazer um balaio
P'ra guardar meu algodão
Balaio saiu pequeno
Não quero balaio, não



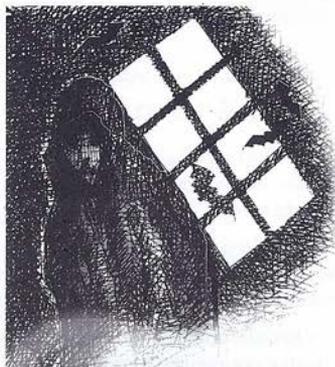
IRENE NO CÉU

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!
- E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Manuel Bandeira

Barreei meus lábios com o carmim doce dos dela... (Mário de Andrade)



JOÃO ALT

Muitas pessoas têm medo de fantasma...Você tem medo de fantasma?

Não?! Que bom!!! Pois eu sou uma fantasma. Meu nome é Curviana. Desculpe, eu estou chorando, mas é que, hoje em dia, não assusto ninguém. Onde já se viu um fantasma que não assusta?! Por isso, ando sozinha, fui ficando triste, sem amigos, sem emprego e sem teto para assombrar.

É, o desemprego já chegou ao além! Quase que entro para o MFST (Movimento dos Fantasmas Sem Teto). Mas por sorte, numa noite fria e chuvosa, com muitos raios no céu, eu vagava pela cidade, quando me deparei com um prédio ideal para uma fantasma abandonada. Era bem antigo, grande, com

CURVIANA

uma escadaria em mármore e lindos lustres. Mas... com muitas goteiras... que faziam chover mais do que na rua. As portas de ferro, imensas, pareciam feitas para um gigante. Estavam fechadas com enormes correntes e cadeados que, às vezes, rugiam com a ventania. O prédio era, de fato, bonito, apesar das janelas quebradas, das teias de aranha...Era o sonho de qualquer fantasma! Mas...que lugar era aquele, afinal, totalmente abandonado, até pelos fantasmas? Esquisito, muito esquisito.

Pois lá fui eu, entrando pela minha casa. Eu e meus apetrechos para assustar as pessoas. Não havia esquecido nada: correntes, lençóis e até uma caixinha de búbúus.

Percorrendo o prédio, deparei-me com muitas estantes. Nunca havia visto tantos livros - atchim, atchim - nem tanta poeira e mofo...Atchim! - sempre fui uma fantasma alérgica. Num outro salão, o sonho de todo fantasma pré-adolescente: enormes fichários repletos de gavetas...atchim! Minha diversão preferida: abrir e fechar gavetas. Ali, a poeira e a ferrugem haviam deixado algumas emperradas. Eu sabia que dificilmente conseguiria assustar alguém ali.

De repente...que susto! Não ria. Fantasma também se assusta!!! Eu não era a única alma ali! De um outro salão, vinha uma luz forte... Mas como, se a energia estava cortada? Que fazer? Correr? Dar boa noite? Esconder-me numa das gavetas? Atchim! Hum, não seria uma boa idéia.

Fiquei quietinha, espiando atrás dos livros. Que vontade de espirrar!

Eu nunca tinha visto uma figura de mulher tão bonita. Ela devia era desfilar e sair em alguma revista de moda para fantasmas. Como era chic com sua roupa colorida, cheia de brilho!

De repente, com voz suave, ela pediu que me aproximasse. Fiquei mais transparente do que era.

Ela foi dizendo:

- Ah, então tenho visita hoje...

Quase desmaiei!

- Desculpe ter entrado sem pedir licença, mas estava chovendo tanto lá fora e o casarão que eu pensava assombrar terminou ruindo. Você mora aqui?

Ela sorriu.

☞ página seguinte

ouvir uma história

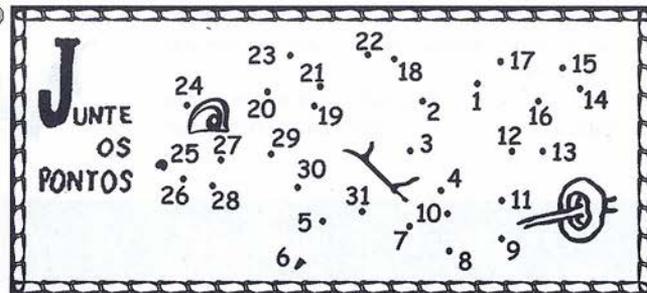
“O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fôssemos a heroína que cede diante das dificuldades ou que as supera no final.

Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvido ao conto.”

Clarissa Pinkola Estés

Praga de urubu não mata cavalo gordo.

BRINCADEIRA⁷⁷





CURVIANA

continuação da página 93



- Meu nome é História. Estou sempre em todos os lugares.

E ficamos ali conversando. A História falou-me sobre ela. Você nem vai acreditar! Mas é verdade! Ela era amiga de Cabral que chegou ao Brasil há mais de 500 anos. E tem mais! Contou-me muito mais sobre épocas e tempos outros. Depois, levou-me para uma outra sala, onde havia móveis amontoados e quebrados e muitas infiltrações. Num canto, um vulto maltrapilho descansava. História falou sobre o vulto. Era sua irmã Memória. Coitada, ela nem se lembrava do próprio nome. Sofria de amnésia, aquela doença que faz esquecer... Há muito não dizia uma só palavra. A História precisava sair um pouco, mas não podia abandoná-la. Então, pediu-me que ficasse por ali. Fiquei. A Memória nada dizia e eu não assustava nem os ratos que resolveram invadir o prédio. O prédio ficava pior a cada dia: uma parte do telhado havia voado durante um vendaval. As goteiras, agora, mais pareciam cachoeiras! E os pobres livros, antes cheios de vida, ali, mofando...

Numa bela manhã de sol, um barulho de velhas correntes chamava a atenção. Uma mistura de vozes ecoou no prédio. O que estaria acontecendo? Muito curiosa, fui ver, de perto, aquela confusão. Quanta gente! Gente gritando, gente com plantas, gente com martelo...Gente?! Que novidade boa! Se tinha gente, eu poderia voltar a ser uma fantasma de verdade, poderia voltar a assombrar! Mas a novidade não era só essa. Como num passe de mágica, depois de tanto tempo, Memória falou comigo! Lembrava o meu nome e...estava tão diferente! Não tinha mais aquele olhar parado, aquelas roupas rasgadas...Se você visse, também não iria acreditar.

- Olha, Curviana, quanta gente! Finalmente eles se lembraram de mim. E...se lembram de mim, falam

da História, de quem não me posso separar. Ei, onde você vai?

- Como o dia de hoje é de sorte, vou assustar essas pessoas.

- Assustar? Não, essas pessoas são do IPHAN.

- IPHAN? O que é isso? Caçadores de fantasma?

- Não, Curviana, o IPHAN é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

- Por que essas pessoas estão aqui?

- O IPHAN é responsável pela proteção, conservação, restauração, preservação e reforma de bens culturais. Eles estão aqui para restaurar o prédio. Se você os assustar, daqui a algum tempo esse prédio vai ruir.

Lá estava, talvez, a minha última oportunidade de assombrar...Eu era mesmo uma fantasma desacreditada, snif.

Percebendo minha tristeza, Memória trouxe um livro grande e bonito, atchim, cheio de poeira. Nossa! Era um livro sobre o prédio. Memória, então, me explicou:

- Curviana, o pessoal do IPHAN vai deixar o prédio assim, como era antes. Quando eles acabarem, muitas pessoas virão aqui. E quem sabe, um dia você fique famosa por morar aqui?

Aos poucos, minha tristeza foi passando e, de mãos dadas com Memória, fomos acompanhar o trabalho da equipe do IPHAN.

Algum tempo depois, lá estava o prédio, totalmente recuperado. Não havia mais goteiras e nunca mais espirrei. Memória, a cada dia, ficava mais bela e mais feliz. Agora, sim, as pessoas entravam ali para aprender História...



Rosimere Souza



PARLENDAS

QUANDO O RELÓGIO BATE AS HORAS

Quando o relógio bate as uma, todas as caveiras saem da tumba. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as duas, todas as caveiras pintam as unhas. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as três, todas as caveiras jogam xadrez. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as quatro, todas as caveiras tiram retrato. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as cinco, todas as caveiras tocam o sino. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as seis, todas as caveiras imitam chinês. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as sete, todas as caveiras chupam chicletes. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as oito, todas as caveiras comem biscoito. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as nove, todas as caveiras dançam o rock. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as dez, todas as caveiras comem pastéis. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as onze, todas as caveiras tomam "bronze" tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

Quando o relógio bate as doze, todas as caveiras voltam pra tumba. tumba la tumba, la tumba la baiá. (bis)

O que é, o que é? Que anda com os pés na cabeça?

R. Polho

A idade não protege contra o amor, mas o amor, em certa medida, protege contra a idade. (Jeanne Moreau)

T U P I N O M E D A Q U I

MARUÍ

Maru (mosca) i (pequeno, miúdo).

Mosca miúda, mosquito-do-mangue.⁷⁸

Fala o Livro ao Leitor

“Como tu, que me queres bem, eu também te tenho amor.

Cada página que me dobras é um golpe que me vibras.

Cada folha que me arrancas é uma ferida profunda que me fazes.

Cada anotação em minhas margens é uma nódoa na orla branca de meu traje.

Se me abres com violência, desconjuntas-me.

Trata-me com zelo, pois eu sou o teu melhor amigo.”



Adivinhação

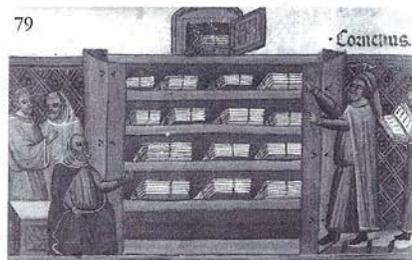
Todos me chamam mar.
Meu nome não é assim.
Soletre quem souber ler
E ponha sentido ao fim.

R. Martins

Irmão de barqueiro não paga passagem.

BIBLIOTECA ESCOLAR: QUE ESPAÇO É ESSE?

79



te baculus manente
om los nes farec etablic

et ses par son ceimant
e an pinter an comen

“Ao ordenar os registros do conhecimento humano, a biblioteca reúne discursos contraditórios e assim se torna uma fonte de conflitos, um ninho de desordem. Explode o dogmatismo de um conhecimento único muito próximo à fé e à verdade absoluta. Passa a incomodar as pessoas com o demônio das possibilidades múltiplas.” (Luiz Milanesi. *Ordenar para desordenar*. São Paulo: Brasiliense, 1986)

Ênfase na organização, apologia da ordem, obsessão pelo silêncio: isso mata qualquer biblioteca! No caso da biblioteca escolar, então, aí é morte sem ressurreição, é morte completa: do espaço físico — a matéria — e do espírito irrequieto de busca. Biblioteca escolar é descoberta, é prazer, é romance, é suspense, é diversão, é gíbi, é ficção, é poesia, é prosa, é paixão, é vida!

Contra a biblioteca escolar arrumadinha, pronta para a fotografia oficial da escola, feita para o repouso de quem nela trabalha, inclusive de professores entediados com a sala de aula (como é possível?), que se refugiam na biblioteca escolar em busca de sossego, quero brandir, com Luiz Milanesi, o estandarte da biblioteca escolar em efervescência, provocadora, desafiadora, insinuante, forjada em conflitos, contradições, dúvidas, perguntas, pesquisas, descobertas, provisoriedade.

Na biblioteca escolar e na escola como um todo, *prazer* deveria constituir-se em palavra-chave e usurpar o lugar do *dever*, do dever escolar entendido como obrigação, como ritual escolar vazio de significado. Saber com sabor é expressão que rima com biblioteca escolar, com fruição da leitura, com prazer de descobrir, com emoções produzidas pelo texto lido, com paixão pelas letras — e não apenas pelas “belas letras” e pelos “clássicos”. A biblioteca escolar é espaço/tempo de mexer com os sentidos, de provocar arrepios, de marejar os olhos, de estimular a saliva, de imaginar odores, de anular os ouvidos tamanha a concentração na leitura, de segurar firme o livro que nos cativa, nos atrai, nos seduz.

Lembro-me da biblioteca escolar dos meus tempos de educação básica, em uma escola pública de Jacarepaguá, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro; estava situada em uma das extremidades do grande pátio coberto, em oposição à direção e à coordenação da escola, que estavam localizadas na outra extremidade. Era como se a biblioteca, arrogante e insolente, desafiasse, pela sua própria localização, o poder instituído da escola. Ela se configurava como poder paralelo, legitimado pelos estudantes que a freqüentavam, quando queriam. Isso era diferente de nossa frequência às salas da direção e da coordenação da escola que, em geral, ocorria ao arrepio de nossa vontade, geralmente para uma sessão de enquadramento nas normas escolares, aplicação de corretivos, advertências e punições.

☞ página seguinte

MULHER LOIRA

De tempos em tempos, a mesma história teima em voltar.

Todos ficam apavorados, não sabendo como lidar.

As crianças, sobretudo, ficam aterrorizadas, só de pensar.

E quem de nós não tem um fato sobre isso para contar?

Voltando aos tempos de minha infância, agora o meu vou relatar.

Quem estiver com muito medo, é procurar um colega e com ele se abraçar.

Em tempos de colégio, quando ainda era menina, uma terrível história começou a circular.

Cochilos daqui, cochilos de lá, não se sabe onde começa e nem aonde vai parar.

Mas na hora do recreio é que começa a história a esquentar.

Há algo estranho no banheiro.

Todos se aproximam, cheios de vontade, mas, na hora de entrar, todos querem escapar.

A vontade cada vez é maior e quando não dá mais para segurar é hora de enfrentar.

Desejamos ir ao banheiro, diz, bem baixinho, um grupo de meninas.

E com uma cara de bruxa de contos de fadas, responde a servente, que guardava a porta, com um molho de chaves na mão:

- Nem adianta insistir, sabem muito bem que é somente de uma a uma que poderão entrar.

Coitadinhas, não aguentando mais de vontade, que só aumentava, decidiram com aquele dilema acabar.

Disfarçando o medo, iam elas, uma a uma, sem para os lados olhar.

Andavam reto para o seu destino, sem por um momento pestanejar.

E a cada uma delas que entrava, a mulher passava a chave, na porta do banheiro.

Imaginem o desespero...

O medo era tanto que andavam bem ligeiro.

Nem lavavam as mãos que, de tão geladas, pareciam um geleiro.

Corriam para a porta, batiam bem suave, porque, se a bruxa percebesse que estavam com medo, deixava-as por mais tempo naquele lugar assombrado.

Ao saírem, perguntas vinham de todos os lados.

- Você viu? Como é ela? Seus cabelos vão até os pés?

E os algodões que traz no nariz têm sinal de sangue?

Sentiu o cheiro do enxofre? E o barulho que faz?

Todos queriam detalhes.

Mas a verdade é que, ao menos em minha escola, nunca, ninguém a viu.. Não sei se por medo... Será que realmente, havia a lendária mulher loira do banheiro?!...

Luciana Velasco



Ah, bendito o que semeia
Livros (livros a mão cheia)
E manda o povo pensar.
O livro, caindo n'alma,
É germe que faz a palma .
É chuva que faz o mar.

Castro Alves

Lá no cemitério
tinha uma caveira.
Alguém foi lá e perguntou:
Caveira, quem te matou, caveira?
E ela respondeu: Foi a língua ferina!
Portanto, cuidado cabecinhas da humanidade,
cuidado, linguinhas...



JOÃO ALT

Gentileza

Waldeck Carneiro

BIBLIOTECA ESCOLAR: QUE ESPAÇO É ESSE?

continuação da página 95

É bem verdade que às vezes também íamos à biblioteca escolar contra a nossa vontade, premidos pela necessidade de cumprir uma obrigação escolar ou, pior que isso, quando alguma autoridade escolar nos impunha sessões de “castigo” durante o recreio. Pasmem, ficar de “castigo” na biblioteca escolar! Para os *habitués* da biblioteca escolar, até que o castigo não era mau, e alguns chegavam a provocá-lo. Entretanto, o que me parece deplorável é a associação entre punição e biblioteca escolar. Quantas representações negativas da biblioteca escolar não terão sido construídas como produto de associação tão perversa e tão desprovida de caráter pedagógico? Qual seria a concepção de biblioteca e de leitura dos professores que impingiam aos alunos aquele tipo de sanção?

Mas prefiro falar, nestas linhas que me restam, de motivos mais mundanos que nos levavam até a biblioteca da escola e que nos ajudavam a construir com ela uma relação de cumplicidade. Refiro-me aos romances vividos na biblioteca escolar, às paqueras entre as prateleiras; aos bilhetinhos sorrateiramente escorregados entre os livros...

Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo. (José Saramago)

CAPELA DE SÃO PEDRO DO MARUÍ

81

“A Capela foi idealizada pelos irmãos Francisco Vitoriano Pereira e José Pereira Correia, proprietários da Fazenda São Pedro, localizada na enseada do Maruhy, por considerarem que a capela mais próxima – de Santana – estava muito distante. Sua autorização para funcionamento foi concedida pelo Bispo do Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1751. O pequeno templo foi construído próximo à Casa Grande da Fazenda, da qual não restou nenhum vestígio. (...)

Em 1850, a fazenda pertencia a Domingos Ferreira Bastos, que a vendeu ao governo provincial, em 1853, para construção de um cemitério público – as terras foram consideradas ideais por possuírem uma capela e disporem de um bom porto para o transporte marítimo de cadáveres. Mais tarde, outros terrenos próximos foram adquiridos e incorporados ao patrimônio do cemitério. Em agosto de 1855, as obras ainda não estavam terminadas, em virtude da epidemia de cólera, foi feita a sua sagração e, em 1º de novembro, realizou-se o primeiro funeral. (...).”⁸⁰



CHARLES RIBEYROLLES

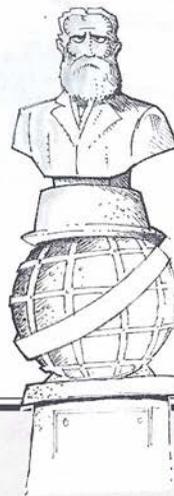
O jornalista francês chegou ao Brasil em 1858, vindo da Inglaterra onde se encontrava em exílio, devido às suas idéias republicanas. É o autor de *Brasil Pitoresco*, livro ilustrado pelo fotógrafo Vitor Frond.

Ribeyrolles morreu em Niterói, dois anos após sua chegada. Em sua homenagem, os amigos mandaram erguer, em 1886, no Cemitério do Maruí, um monumento tumular que só foi inaugurado em 1890. Nesse monumento, está o epitáfio enviado, em carta de 1860, pelo amigo e escritor Vitor Hugo.



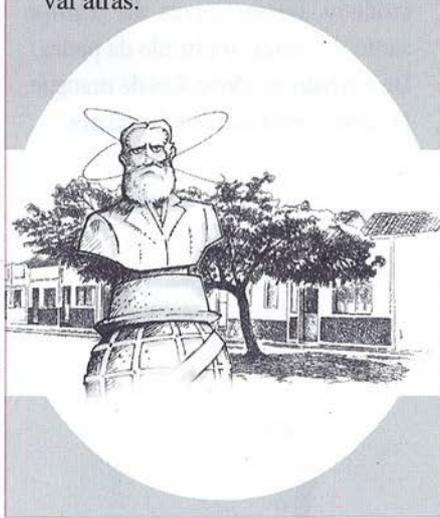
FIM DO 2º CAMINHO

E a “água escondida”? Chico pisa, com cuidado, nessas terras do “campo santo”. À frente, o túmulo da pedra. De um lado, os mosquitos do mangue. De outro, essa sombra fantasma...



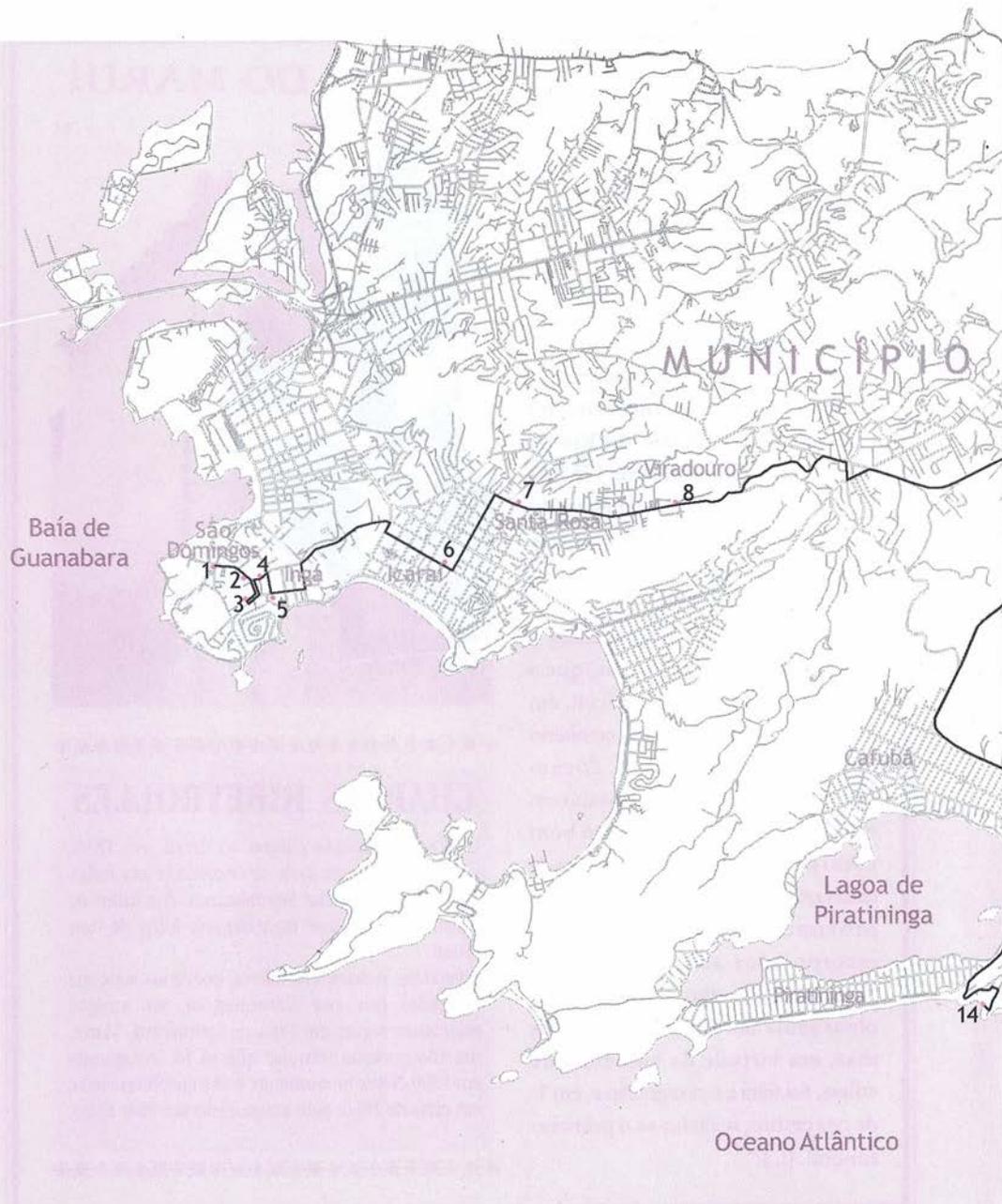
RODA CABEÇA!
RODA PONTEIRO!
RODA CIRANDA!
RODA BARQUEIRO!
Qual é da vez o caminho,
Adivinho – pipoqueiro!

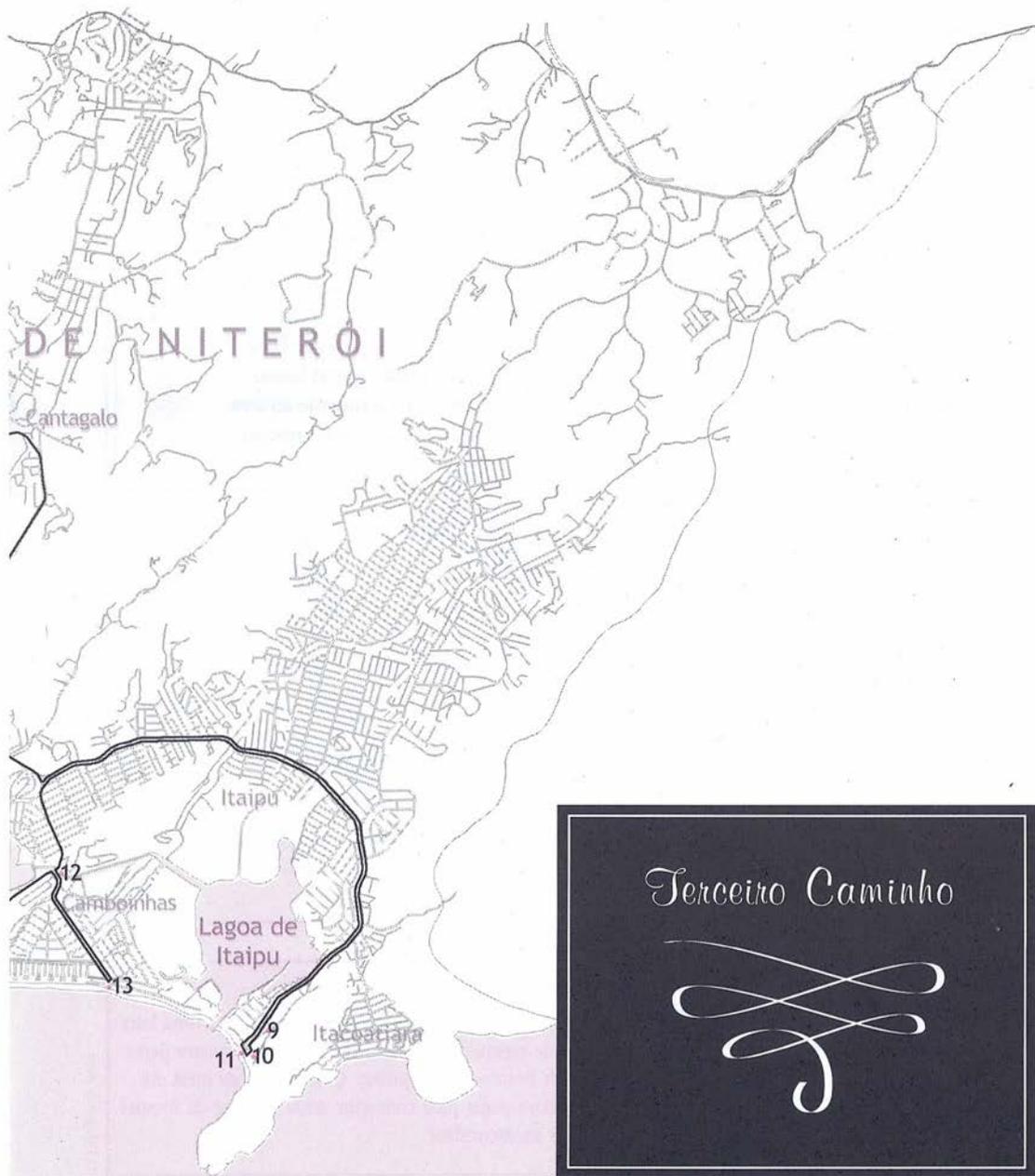
Ui... Na praça outra vez... Chico, ainda tonto, procura nas placas os nomes das ruas. Quer ter a certeza de onde está. Respira fundo e faz uma reverência para D. Pedro, como nas histórias antigas. Um cachorro viralata enterra um osso no canteiro e segue pela calçada. Chico confere as trilhas no mapa e vai atrás.



E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar.

Manuel Bandeira





Legenda

1. Praça Leoni Ramos
2. Instituto de Arte e Comunicação Social - UFF
3. Solar do Jambeiro
4. Museu Antônio Parreiras
5. Palácio Nilo Peçanha
6. Campo de São Bento
7. Basílica Nossa Senhora Auxiliadora
8. Local de origem da Escola de Samba Unidos do Viradouro
9. Igreja de São Sebastião de Itaipu
10. Museu de Arqueologia de Itaipu - MAI
11. Praia de Itaipu
12. Canal de Camboatá
13. Praia de Camboinhas
14. Praia do Sossego



Terceiro Caminho



perambulando



D. Pedro parece sentir o cheiro dos pastéis, dos salgadinhos a quilo que toma a praça nesse fim de tarde. Enfileiram-se, amarelos, os carros do Gragoatáxi. No armarinho da esquina, por entre meias de nylon, assistem o tempo bibelôs de louça.

Na José Bonifácio, Louro corta cabelo em ritmo de *dancing music*. Brilham nas quitandas malaguetas e tomates de vez. Portões depois, a fé da igreja evangélica. Cantos de aleluia. Ali junto, a marcação da ginástica, os corpos ágeis da academia: esteiras, halteres, suores. Vazia e misteriosa, adiante, aparece a loja maçônica. Os graus do compasso, o espírito da medida.

E a meninada zoa, mostrando na rua a obra da paróquia: Casa da Criança – exemplar arquitetônico do conjunto urbanístico do bairro histórico de São Domingos. Fatia alta de paredes, platibandas ecléticas e janelas; porão de morar. Pneus de balanço.

Três passos. Um São José de azulejo perdido no muro de cimento cinza. Mangueiras de anos e jasmims.

Depois o IACS (Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF). Prédio tombado pela Prefeitura. A fachada oitocentista traz uma porta larga de folha dupla e grandes janelas com cercadura em cantaria. Saem dali fitas de cinema.

Passa o ônibus, calando as conversas.

Seguindo, o anúncio de dentista com prótese própria e a farmácia arrumada em prateleiras de madeira. *Arsenicum Album*, *Belladonae* Viagra. Às beiras do Solar do Jambeiro, uma torre de galões de água. Azul.

A morada antiga se recorta nas plantas e nas grades do jardim. As telhas e os beirais dançam curvas nas linhas do alto. Uma casa de louça com histórias em verniz.

Do outro lado da rua, o casarão geminado, a pintura esfolada, o reboco partido. Uma baranga: o desenho do Mickey na parede, com laços na orelha, apontando o letreiro *Zé pintor de placas, faixas e painéis*.



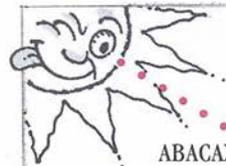
Lygia Segala e Léa Calvão



Pirulito que bate-bate

Pirulito que bate-bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

Pirulito que bate-bate
Pirulito que já bateu
A menina que me amava
Está bonita e já cresceu.



RECEITA DE VERÃO

ABACAXI COM HORTELÃ

- 1 abacaxi descascado, cortado em pedaços pequenos
- 1/2 xícara de folhas de hortelã
- 1/2 xícara de água gelada

Bater tudo no liquidificador e servir imediatamente.

DESAFIO



Os pares de meia

A moça estava apanhando as meias para ir a uma festa e, de repente, faltou luz. Na gaveta havia quatro pares: dois brancos e dois pretos. Quantos pés de meia ela precisa pegar para conseguir achar um par da mesma cor na escuridão?

O Baile

Nitheroy, 20 de agosto de 1903.

Querido Diário,

Estou triste, tristíssima, de morrer de tanta tristeza! Pois faltam dois dias para o baile do Clube Internacional, no Palacete Bartholdy, e papai só levará Teodora à festa.

E aquela tonta vive a se rir de mim só porque é a mais velha e, após a morte de mamãe, tornou-se acompanhante de papai em todos os bailes e saraus. Não entendo! Também já sou uma moça, tenho 13 anos e até Joana, minha mãe preta, diz que não sou criança pois já tenho peitos (certo que ainda não são tão grandes).

Ora, quero entrar naquele salão e girar, girar ao som de uma valsa, olhando a abóbada do teto onde estão pintadas as quatro estações. Quero ver o major Fróes que construiu a tal estrada. Ele e toda a fina flor de nossa sociedade estarão lá, menos eu.

Estão a dizer que até bonde passará na porta para levar os convidados e que o jardim será todo iluminado com velas.

Não posso perder isto! Mas se reclamo com papai, ele diz que sou criança e coloca-me logo de castigo. Ainda bem que o recolhimento de Santa Teresa já se findou. Senão era bem capaz de papai trancar-me lá, até aparecer-me um pretendente.

Drei a esse baile nem que tenha que fugir de casa! Palavra de honra! Ouvieste, meu diário? Você é o único em que confio nesta casa.

Até depois do baile.

Melena

Elisa Maria Ribeiro

Lembranças de Dona Mabel

O Solar do Jambeiro pertencia a uma família com Dona Olga como matriarca. Ela freqüentava a Igreja do Ingá que fazia, todo mês de maio, a ladainha. Os rapazes iam para ver as moças saindo da igreja. Depois, havia um passeio ali no Jardim do Ingá. Dali saíram muitos namoros, muitos casamentos.

Em Niterói, nos anos 20, as casas não eram chácaras. Eram casas que tinham jardim tipo quintal. Tinha a sala de visita, sempre com um piano. Não havia casa que não tivesse um piano, não havia moça que não tocasse piano.

Os sofás eram de palhinha para os quais as donas de casa faziam almofadas bonitas. Tinha o Sr. Alexandre que vendia os tecidos à prestação. Ele tinha um cartão, que furava com alfinete, para controlar os pagamentos. Outros tempos...



82



Dica de Dona Luzia

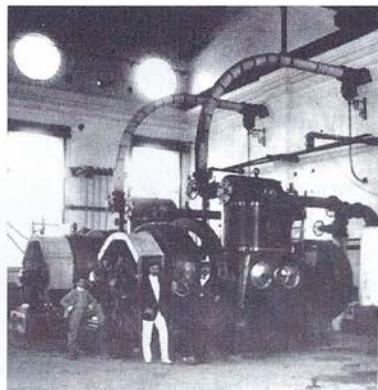
Para o bolo não solar, peneire todos os ingredientes secos e bata bem a massa até dela brotarem bolhas.

ANÚNCIO

Vende-se magnífico solar no Ingá. 800 m², azulejos portugueses, 20 cômodos, janelas abertas. Há belíssimas árvores de diversas qualidades: jambo, jaqueiras, mangueiras, limoeiros e sirigüelas. Há flores de manacás e canteiros de rosas e um portão destrancado para receber visitas.

Você sabia?

Em 1871, circulou o primeiro bonde na cidade de Niterói. Em 1905, o sistema de tração animal foi transformado em sistema de tração elétrica. Montou-se, para tal, uma usina geradora de eletricidade e uma oficina de reparos e guarda dos veículos, local conhecido como Abrigo dos Bondes.

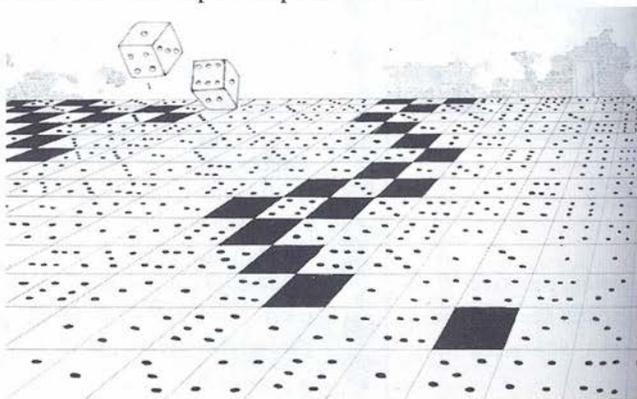


83

dominó⁶⁴

Os dominós são uma derivação dos dados e por vezes são chamados “dados estendidos”.

Foram os chineses que fizeram os primeiros dominós, de osso e marfim. Alguns atribuem sua criação a um soldado chamado Hung Ming, que viveu de 243 a 181 a.C. O dominó começou a ser praticado na França na segunda metade do século XVIII, principalmente por camponeses da cidade de Ruen, que imprimiam as peças em papel usando chapas de madeira como carimbo. O dominó foi trazido ao Brasil pelos portugueses no século XVI e virou passatempo dos escravos.



102



DOCE DA MEIA-LARANJA



Ainda menina, eu ficava intrigada com os presentes de Natal que meu pai fazia questão de levar, pessoalmente, à casa dos seus amigos, a cada dezembro.

Eram doces muito lindos feitos por ele na cozinha de nossa casa, em São Gonçalo, e embalados em caixas de papelão, cobertas com papel celofane. Talvez porque possuíssemos um grande laranjal (nunca mais chupei uma daquelas suculentas e deliciosas laranjas seleta...), papai inventava, com a sensibilidade que lhe era peculiar, doces de laranja absolutamente originais: geléias de todo tipo, com casca, sem casca, só de gomos, mais azedas, mais amargas, tudo dependendo da inspiração, da variedade das frutas e da combinação dos ingredientes. Depois de prontas, estas geléias se apresentavam em formatos diversos, de acordo com as formas em que ele as colocava: tinha uma em forma de peixe que eu achava linda! Mas o que mais me atraía eram as meias-laranjas que ele fazia! Acho mesmo que foi meu pai que inspirou-me o gosto pelo fazer, na cozinha.

Tudo começava na escolha das frutas, colhidas uma a uma por suas mãos hábeis, depois de minuciosamente conferidas pelo tamanho, ponto de maturação e beleza. Cada fruta era assim por ele acariciada e admirada, antes do ritual da preparação dos doces.

Vou contar a receita do doce da meia-laranja.

☞ página 108



Trava-língua

**Pedro Pereira Pinto, pintor, português,
pinta paredes por preço próprio para pobre
poder pagar.**

Viver é desenhar sem borracha. (Millôr Fernandes)

VOCÊ SABIA?

O Solar do Jambeiro ou Palacete Bartholdy, em meio a uma chácara arborizada e revestido com autênticos azulejos, característicos das construções portuguesas, foi construído em torno de 1872, por Bento Joaquim Alves Pereira, rico português, residente no Rio de Janeiro. Foi várias vezes alugado, sendo inquilinos o médico Júlio Magalhães Calvet e o pintor Antonio Parreiras. Em 1892, foi vendido ao diplomata Georg Christian Bartholdy que, em função de longas ausências devido ao trabalho, alugou-o ao Clube Internacional, uma agremiação de caráter recreativo e cultural; ao Colégio da Sagrada Família, das Irmãs Dorotéias; a Pedro de Souza Ribeiro, membro da Guarda Nacional. Só em 1920 é que a família Bartholdy passou a residir no Palacete. Tombado em 1975, pelo IPHAN, esteve fechado nos últimos anos. Em 12 de agosto de 1997, foi desapropriado pela Prefeitura Municipal de Niterói, restaurado e aberto ao público em 2002.⁸⁵



Site de Niterói: www.niteroi.com.br

Da porta para a rua, toda casa é tua.

A CARLOTA DO SOLAR OU A MULHER DO JOAQUIM OU A MULHER QUE ENGANOU O DIABO

A princesa já dizia que desta terra não queria nem o pó! Ora pois, Joaquim, vamos embora... Se Joaquina não ficou é porque boa coisa nesta terra não há.

Se ao menos esta casa fosse nas bandas de lá. Mas tu, teimoso, quiseste vir logo para as bandas de cá!

Ainda por cima, plantaste jambo! Acaso sou alguma quitandeira, senhor meu marido?

Quero rosas, bromélias, aliás não quero nada, não quero ficar aqui, quero voltar à Europa.

Não, não adianta construir os bons gostos de nossa terrinha. Mesmo que trouxesses ouro, ao invés de azulejos; mesmo que pusesse mais vinte cômodos, aqui não ficaria!

Prefiro fazer a travessia, não só da baía, mas a do Atlântico. Aqui não quero ficar, é longe demais da civilização.

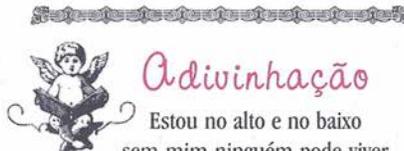
Por favor, Quinzinho... deixemos esta quietude, as árvores, a casa.

Deixemos este mato, onde nem bonde anda direito. Vamos, vamos voltar para as bandas de lá!

Pela Virgem, não quero ser enterrada aqui como as outras, voltemos para as bandas de lá!

Voltemos, meu Quinzinho!

Elisa Maria Ribeiro



Adivinhação

Estou no alto e no baixo
sem mim ninguém pode viver
ninguém me vê subir
mas todos me vêem descer.

R: Chana



TAMPA DE CAIXINHA

“Repousava, numa praia, depois de um dia inteiro de trabalho ao sol, um sol causticante – uma temperatura de fornalha.

O mar, movimentado pela viração, em maré crescente, havia alagado a praia e começava a descer lentamente com o cair da noite.

A dois metros mais ou menos de onde eu me achava, uma pedra, que havia se desprendido da próxima penedia, surgia da areia úmida. O movimento das ondas no seu vaivém produzia bem junto da pedrinha uma cavidade, onde o resto d'água que ficara retido formava um pequenino lago que refletia uma nesga do céu, um pouco da penedia, um grupo de árvores que estava próximo, na ribanceira. Vendo aquele fragmento do amplo

cenário assim nitidamente reproduzido, comecei, para me distrair, a copiá-lo no tempo da minha caixa de tintas.

Ao princípio sem grande interesse.

Depois com crescente boa vontade.

Finalmente com entusiasmo, este fator de grandes sucessos.

Inteiramente absorvido, não dei com a noite que começava a escurecer o mar, as montanhas ao longe que já mais acentuadamente se recortavam no céu dourado.

No dia seguinte ao abrir a caixa, muito me agradou o quadrinho que no tempo dela havia pintado.

Chovia.

Para não interromper o hábito, que sempre tive, de não passar um dia sem pintar, resolvi ampliar o que estava no tempo da caixa.

Assim fiz, sem nada alterar.

Constituiria um bom apontamento, talvez aproveitável para o futuro.

Expus.

Foi considerada uma das melhores cousas da mostra.

Isto vem provar o que disse atrás. Mesmo apegando-se à “verdade” absoluta o mais simples trecho de paisagem reproduzido com sinceridade impressionará agradavelmente pois será uma janela para a “natureza” e esta é sempre bela mesmo nos seus detalhes os mais simples – uma flor é sempre um cúmulo de beleza – na forma e na cor.”⁸⁷

Antônio Parreiras

‘ACERVO DO MUSEU ANTÔNIO PARREIRAS’⁸⁸

O núcleo inicial do acervo do Museu Antônio Parreiras compunha-se por 222 peças, formado por obras do pintor e sua pinacoteca, além de objetos particulares seus, adquiridos de sua família pelo Estado após sua morte em 1937. Atualmente o acervo do Museu possui quatro coleções distintas, totalizando aproximadamente 1000 obras.

Aquisições feitas com o passar do tempo e doações ampliaram a COLEÇÃO ANTÔNIO PARREIRAS, a qual inclui 168 pinturas e 147 desenhos realizados entre 1883 e 1937, as ilustrações originais de desenhos a carvão elaboradas pelo pintor para o seu livro História de um pintor contada por ele mesmo, além de esboços preliminares para diversas obras a óleo de paisagem, de fatos históricos e de figuras humanas, sobretudo femininas. A COLEÇÃO DE OBJETOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DE ANTÔNIO PARREIRAS inclui 287 peças: objetos e instrumentos de trabalho como paletas, pincéis, cavaletes, caixas de pintura, documentos diversos, contratos de encomendas, manuscritos sobre técnica de pintura, sobre a própria obra de arte e de crítica artística, contos, fotografias, mobiliário e uma pequena biblioteca.

As outras duas coleções do acervo são a COLEÇÃO DE ARTE BRASILEIRA SÉCULOS XIX E XX, que possui algumas paisagens de Georg Grimm, Fachinetti e outros, e a COLEÇÃO ARTE ESTRANGEIRA, compreendendo exemplares da arte francesa, italiana e holandesa do século XVII. Ambas se originaram das coleções particulares de Antônio Parreiras e do historiador campista Alberto Lamego, adquiridas pelo Estado.

VOC SABIA?

O Museu Antonio Parreiras fica na rua Tiradentes, 47 – Ingá – Niterói. Criado em 1941, expõe, permanentemente, obras do famoso pintor e dispõe de projetos educativos para grupos interessados.



89

Palavras são pedaços. (Arnaldo Antunes)



Olhando o retrato de Antonio Parreiras, lendo seus escritos, suas lembranças datadas, fiz-me o pintor inventado, alguém que o escutava de perto nas palavras e tomava notas como em sonho...

Da cama, com um bom amigo à cabeceira, dos poucos dias que a vida ainda me reserva, falo um pouco de minha existência...

Ainda lembro-me daquelas colunas imensas e roliças da Academia de Belas Artes, onde, por muitas vezes, tentei contagiar outros com a minha paixão pelas tintas.

Foram muitas as viagens que fiz. Dentre elas, ainda trago na lembrança as cortinas, lustres, o sabor dos licores servidos no Salon de la Societé de Beaux Arts, em Paris.

Com o peito em euforia, expus minha pintura de nu – “Fantasia”. Paisagista, atrevi-me a pintar o nu, o gênero, a história, sem, no entanto, abandonar a paisagem... ela

sempre me escolhia e, quando percebia, já estava de agridos e risadas ofegantes... Era conhecido como o apaixonado pela natureza e agora me aventurara, diziam, a pintar coisas obscenas... Havia sempre aqueles que tentavam me atrelar a um estilo de traço, apenas, esquecidos de que minha arte é como vento que sopra de muitos lados. Pelos idos de 1880, a nobreza do Brasil dobrara-se ao meu talento. A Princesa Isabel e o Conde D’Eu levaram para seus palácios meus quadros. Olha que nem estavam tão aperfeiçoados assim, mas o dinheiro viera em boa hora. Foi com ele que parti para a Itália e logo fixei residência na linda Veneza – paisagem para se contemplar livremente, sem amarras de nenhuma orientação estética de pintura... Mas, um dos meus objetivos era tomar aulas na Academia de Belas Artes, e assim foi. Aproveitei o tempo e o dinheiro que me sobravam para visitar cidadezinhas dos arredores.



Paisagem Alpina, 1907

Após emoldurar um punhado de minhas telas, fiz uma exposição na própria Academia e fui agraciado por críticas elogiosas vindas da imprensa veneziana.

Agora tinha o reconhecimento da Academia e da imprensa internacional...Coitados!..Pensavam que minha paixão se nutria de seus olhares...Não! sempre fui um inconformado, creio que morrerei assim. Notoriedade e prestígio eram tudo o que um artista franzino e fluminense como eu poderia querer no berço dos mais renomados pintores do século. E os louros vieram, como cargo de professor interino da Academia de Belas Artes do Rio, na cadeira de *paisagem*. Mas o inverno chegou aos meus louros e à minha paisagem. Eles envelheceram, murcharam. Secos e mortos ficaram, na extinção da cadeira pela reforma curricular que atravessou a Academia.

Desiludido e revoltado pela carência de recursos, mergulhei na natureza grandiosa, desprovida do esplendor dos salões da escola oficial e das verbas generosas do Estado.

Com fome na alma e com alguns outros pintores, que comigo parceria fizeram, formei um grupo intitulado de “alunos independentes da Escola do Ar Livre”. Éramos apaixonados pela paisagem e por tudo o que fizesse parte dela.

Foi uma época de grandes descobertas, trazidas por cada um de nós, em nossas investigações pessoais, notícias vindas da Europa, principalmente dos renegados pelas Academias de lá. As novidades trazidas e capturadas pela invenção da fotografia e sua fantástica caixa de reprodução de pequenas telas, prontas em horas, comichavam nossos ouvidos e olhos. A luz estourava por um único e minúsculo orifício, captando a imagem, mas não a alma da paisagem...

☞ página seguinte

PATRIMÔNIO NATURAL

Na América Latina, área de grande densidade florestal, 3% da cobertura de mata foi dizimada entre 1990 e 1995. No Brasil, entre 1987 e 1997, cerca de 15 milhões de hectares de floresta natural

desapareceram. Com isso, milhares de espécies vegetais e animais estão sob ameaça de extinção.

O planeta Terra vive uma constante ameaça de mudança climática, provocada pelo impacto das emissões de gases causadores do efeito estufa. O

aumento de temperatura incide, por sua vez, sobre as calotas polares, podendo provocar o seu degelo de forma preocupante, na medida em que o volume das águas avança sobre as terras costeiras habitadas.⁹¹

OUVINDO ANTÔNIO

continuação da página 105

Com aulas de paisagem, aperfeiçoei-me em minhas técnicas, perseguido pelo fantasma da falta de recurso que, como sombra, insistia em atormentar-me, levando-me a fazer pequenos trabalhos para angariar recursos à minha sobrevivência.

No ateliê em Santa Rosa, pintei uma de minhas encomendas de grande porte artístico e social — o cenário do Teatro Santa Teresa, de minha cidade. Escolhi como tema o cenário da Praia de Icaraí, uma das marinhas mais belas que já contemplei, com suas águas claras e calmas.

A rígida orientação da estética européia impregnava os gostos daqueles que iriam financiar a obra. Insistiam em ver representadas as ruínas do Coliseu Romano. Que idiotice! Povinho sem escrúpulos esse políticos e banqueiros! Não tinham e nem queriam ter a identidade da nação retratada pela paisagem da cidade... Entretanto, com o apoio de Felice Tati e Barranton, o pano de boca do Teatro Santa Teresa ganhou os azuis dos mares, os tons amarronzados dos rochedos, o branco das areias de Icaraí. A imprensa e a presença do Imperador e da Imperatriz elevaram minha paisagem. Eu, Antônio Parreiras, estava nos jornais!

Meu prazer estava em pintar a paisagem com tudo o que a preenchia: enormes matagais, índios à beira mar, o trabalhador que do campo vinha, montado em mula, com cestos cheios. Gostava dos imensos morros, da vista da baía que parecia inundar a cidade a qualquer momento. Até das queimadas, tirava inspiração para minha arte. Indignação pelos senhores da terra que, ambiciosos pelo avanço da população urbana, queimavam alqueires imensos, para construção de novas casas, vilas, fábricas...

92



Flor do Mal, 1918

93



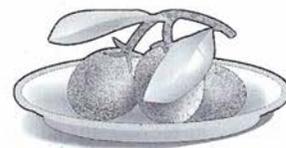
Vencido, 1905

Enredei-me com aqueles “loucos” apaixonados da Academia Grimm, espécie de anarquistas, cansados de obedecer às regras rígidas, dissidentes da Academia Imperial.

Dos recantos de Niterói, preenchi meus quadros com marinhas, encostas e vegetação vastíssima! O Canto do Rio, a Praia das Flechas, a Ilha da Boa Viagem, as embarcações de Jurujuba e de seus pescadores foram o azeite para que minha lâmpada criadora não se apagasse.

☞ página 111

Pudim de Sapoti



Ingredientes

- 1 ½ xícara de polpa de sapoti (ou sapota)
- 1 ½ xícara de leite
- 3 colheres de açúcar
- 1 pitada de sal
- 3 ovos batidos
- manteiga para untar a forma.

Modo de fazer

Ferva o leite. Bata o leite fervido com os demais ingredientes.

Unte uma forma com manteiga e nela coloque a mistura de ovos, sapoti, leite e açúcar.

Asse em banho-maria, em forno quente, por 25 minutos.

Sirva quente.

Corrupio de Tampinha⁹⁴

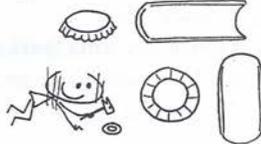
Este é um brinquedo fácil de construir e de brincar. No começo, a gente demora um pouco para pegar o jeito, mas depois que compreende o movimento do corrupio, não esquece nunca mais.

Você pode experimentar novas formas de brincar com o corrupio. Descubra sozinho e com outros companheiros.

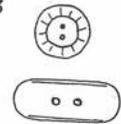
1



2



3



4



1. Arranje uma tampinha de garrafa, um botão grande ou um caco de bambu.

2. O caco tem que ter as pontas arredondadas. A tampinha deve ter as bordas amassadas.

3. O caco e a tampinha precisam ser furados: Dois furos com um espaço menor do que um centímetro entre eles.

4. É preciso rebater, com o martelo, os furos da tampinha para não cortar a linha.

5. Agora arrume um cordão fino de padaria ou uma linha grossa de bordar ou um cordonê.

6. Passe a linha nos furos e amarre como no desenho.

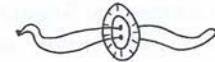
7. Agora, segurando as pontas duplas do cordão, rode, rode, gire até que tenha dado bastante "corda".

8. Então puxe e solte, puxe e solte. Quando você pegar o tempo certo o corrupio não pára mais.

5



6



7



8



Tinta de Cebola

Queria vestir-se de seda. Era jovem e bonita, muito bonita. Como toda jovem, ria e desejava. Não, não queria muitas coisas. Apenas um vestido de seda para ir aos bailes ver aquele rapaz de nome tão estranho, Ronetna, de gestos calmos e olhar tão doce. Precisava de um vestido assim... cor de chá, cor de palha, que ficasse bem com a camélia branca que seu irmão violeiro lhe dera. Correu as lojas da cidade. Nada. Nem no empório do Seu Farreth. Então, começou a urdir a cor, como urdia os sonhos de dançar, casar, ter filhos. Em um cesto grande, começou a guardar, dia após dia, as cascas douradas das cebolas que adoçavam o arroz, os guisados, o bife de caçarola. Dia após dia, ao preparar o almoço para seus pais e seus muitos irmãos, separava aquelas cascas novas, tênues, soltas, como asas, leves como a brisa da tarde na jabuticabeira perto da cozinha. Meses e meses... A cesta cheia... Ela limpa, com areia e limão galego, o tacho grande, de cobre. Na água fervente, as asas rodopiam, fazendo tinta. Naquela água cor de chá, coada e muito quente, mergulha, enfim, a seda branca, macia como a valsa Danúbio Azul que sua mãe cantava, lavando roupa e alma.

Lea Calvão

Dica de Dona Luzia

O coco levanta as forças.
É bom para acabar com a anemia e com o enfraquecimento do corpo.



Vamos falar da jangada que é pau que bóia.



DOCE DA MEIA-LARANJA



continuação da página 102

Primeiro o descascar, cuidadoso para não ferir a pele branca da laranja (o que ele fazia com a ajuda de um canivete suíço de cabo azul e lâmina muito afiada). Depois, os remolhos, trocando duas ou três vezes a água para abrandar o amargo resultante do descascamento. Seguiu-se o corte das laranjas pelo meio, em duas partes exatamente idênticas, facilitando a retirada das sementes. Para iniciar o cozimento, as partes eram arrumadas numa panela bem larga e rasa, com o miolo voltado para cima, umas ao lado das outras, com pouca água no fundo para impedir que se movimentassem durante a fervura. O açúcar era acrescentado aos poucos, mas só depois que já estavam macias. A cada nova dose era dada uma fervura. Este ritual durava dias, tantos quanto o necessário para conseguir apurar o doce de modo a que no centro da meia-laranja se formasse uma geléia.

Como eram lindas aquelas meias-laranjas douradas!

-Prove, minha mulher, dizia papai quando estava próximo o fim do trabalho.

E lá vinha ele trazendo o pratinho com uma laranja dourada para a apreciação da companheira amada.

Maria José Paes Leme



Por que se esconde a árvore?

Na maioria das vezes, adultos e crianças, quando pegam num lápis para desenhar uma árvore, fazem duas retas verticais ligadas na parte superior por um risco ondulado circular. O resultado é um desenho que traduz um esquema muito distante da riqueza de detalhes presentes na *árvore*.

Esse exemplo é um típico desenho estereotipado. O mesmo ocorre na representação gráfica da casa, da nuvem de “babadinho”, do boneco “palito”... São verdadeiros “carimbos” que insistem em acompanhar as pessoas.

Muitas podem ser as causas desse fato. Porém, para uma nova forma de desenhar, o importante é fornecer elementos motivadores. Não me refiro a nenhum manual de ensino de desenho, e sim a um exercício de traduzir o que se *pensa*, o que se *usa* da memória e, principalmente, o que se *observa* para posteriormente fazer o registro. É o resgate do olhar curioso, da pesquisa cuidadosa e da apreciação estética.

A partir dessas questões, o Setor Educativo do MUSEU ANTONIO PARREIRAS elaborou uma oficina que visa estimular as pessoas, em especial as crianças, a perceberem as formas na natureza e os elementos da composição visual na representação da árvore. O exercício da observação e da percepção representa a pauta metodológica desta oficina, na qual o processo começa muito antes de se pegar no lápis.

A atividade se inicia com os participantes olhando a árvore de longe. A idéia é, já neste primeiro momento, pedir para estarem atentos ao objeto de pesquisa (suas formas, tamanho e cores), prestando atenção também no seu entorno (tonalidade do céu ao fundo, etc.).

A partir daí, uma lenta aproximação deve acontecer sem que se tire os olhos da árvore e do cenário. Deve-se perceber os detalhes que, aos poucos, ficarão visíveis: a textura do caule, o formato das folhas, se tem frutos, sementes, folhas secas, raízes aparecendo acima do solo, galhos secos, a disposição das folhas nos galhos, brotos, ninhos, frutos servindo de alimentação para pássaros, formigas, insetos, etc.

A seguir, um momento distinto: o *toque*. Até agora, usou-se com mais ênfase a visão e audição. Através das mãos, é possível perceber a textura das folhas, do caule e dos galhos.

O olfato distinguirá, pelo menos, o cheiro das folhas. (*Melhor se aparecer um percevejo...*). E, por fim, um abraço para sentir sua energia – a seiva fluindo em seus vasos.

A seguir, uma leitura coletiva das árvores pintadas por Parreiras. Aí sim, tudo indica que teremos uma árvore no papel sem a beleza escondida.

Bárbara Harduim

Mais vale um gesto do que quatro vinténs.



PÉ · DE · VALSA



- Vooooooooooooooooó! Vooooó!
- O que é, menina? O que de tão grave pode estar acontecendo? Por que tanta gritaria? É, crianças de hoje não têm modos. No meu tempo, duvido que a gente falasse assim com um adulto!
- Vovó, você não sabe o que eu achei...
- Você, não. Já falei: senhora.
- Tá bem, a senhora não sabe o que eu achei.
- Saber eu não sei, mas imagino que seja importante.
- Vó, você era... como se diz... um “pé de valsa”? Você dançava muito?
- Às vezes. Por quê?
- Arrumando o armário com a mamãe, encontrei uma preciosidade. Olhe isto aqui!
- Ah, um caderninho de baile. Meu Deus,



quanto tempo se vai... Sabe? Quando papai me levava a festas, meu caderninho ficava completo. Eram vinte valsas em uma noite! Meus pés sofriam, mas era maravilhoso. Que festas! Que bailes!

- Onde eram os bailes? O vovô não ligava?
- Calma! Eu ainda não conhecia o seu avô. Era uma menina de quinze, dezesseis anos. Meu pai não me deixava ir a todos os bailes. Só podia ir com ele e ele só ia aos mais importantes. Fui a bailes em casas de famílias ilustres e dos que eu mais gostava eram os da mansão do Conde Agrolongo, dono da Manufatura de Fumos e Cigarros Veado. Que casarão, que jardins de luxo!

- Puxa! A senhora fala de um jeito... Seus olhos brilham. Parece que refletem as luzes dos salões...

- Foram tempos felizes, minha querida. Foi a minha mocidade e a mocidade é um tempo muito bonito. Eu tinha assim esse sorriso como o seu, esse olhar de quem vai devorar o mundo, esse ar cheio de vida. Os rapazes me admiravam. Meu pai circulava nos salões, mas seus olhos seguiam-me e aos rapazes. Ele era um velho durão... Minha mãe preparava os mais belos vestidos, arrumava meus cabelos negros em belos cachos e me ensinava a empunhar os finos leques decorados. Junto ao leque ia o meu cademinho, ele sempre ficava completo...

- E esse Conde Agrolongo era um cara legal?

- Ele era um senhor português, um grande industrial. Não sei se era legal; não conversava com as mocinhas, só com as senhoras e os senhores. Depois que voltou para Portugal, não ouvi mais falar dele. As festas da mansão acabaram.

- E a mansão? Acabou também?

- Não. A mansão passou a abrigar os governadores do nosso estado, com o nome de Palácio Nilo Peçanha.

- É a casa do governador?

- Agora já não é mais, agora é um museu, conhecido como Museu do Ingá. Continua um belo casarão. Dizem que tem móveis antigos. Parece que tem também objetos de cultura popular, mas não tenho certeza. Você sabe, na minha idade, já não passeio por aí sozinha.

- Vó, a gente podia falar com a mamãe e ir lá. Já pensou? Nós três, dançando nos antigos salões? Os “coroas” iam fazer fila para dançar com você!

- Ah, minha menina! Só você para ter essas idéias mirabolantes! Como é bom preencher minha saudade com os seus sonhos!

Marta Maia

IMPORTÂNCIA DO FLÚOR

O flúor na água de abastecimento público é a forma mais econômica e abrangente de prevenção de cárie em crianças na fase de formação dentária. Esse método atinge índices de prevenção que chegam a 50% ou 60%.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE NITERÓI

Cada cidade tem seu jeito próprio de ser. Cada cidade tem um rosto que é só seu. Cada cidade tem a sua identidade que a faz própria e diferente das demais, por mais próximas e contemporâneas que sejam. Toda cidade tem o seu núcleo histórico, mesmo aquelas cujo ponto de origem foi demolido, como é o caso do Rio de Janeiro.

Já está comprovado que a perda das referências urbanas leva o cidadão a perder os laços afetivos com a cidade que habita. O homem que não se identifica com sua cidade não a reconhece como sua, nem se reconhece nela; portanto, ele não a conservará, nem respeitará seus deveres de cidadania e civilidade.

A memória é o que constrói a integração do Homem com o seu Eu. É o que mantém o presente e nos permite imaginar o futuro. Gaston Bachelard pergunta: “como prever sem imaginar?” O psicanalista Edson Lannes diz que a memória, além de proporcionar identidade, produz CRIATIVIDADE.

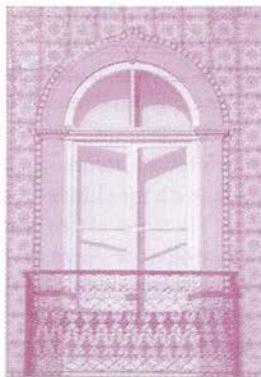
Em Niterói, a história da preservação vem de épocas remotas. Tem seu início no ano de 1908, quando José Luís de Arraigarra Cardoso, preocupado com o estado de conservação da Igreja de São Lourenço dos Índios, encaminha ao presidente do Conselho Municipal de Niterói um projeto que autorizava o Prefeito a incorporar aquela edificação ao Patrimônio Municipal de Niterói, como Monumento Histórico do Século XVI. O projeto nº 219 foi apresentado na sessão de 29 de julho de 1908, argumentado, entre outros arrazoados, que “tão preciosa relíquia a que estão

ligados tão grandes factos de nossa história, o livro aberto, a fonte puríssima dos mais bellos ensinamentos, de nossas mais apreciáveis tradições ... não pode, não dever cair, transformando-se em um montão de ruínas um templo glorioso, essa relíquia verdadeiramente histórica do século XVI”. Enfim, em 1915, o prefeito Manoel Otávio de Souza Carneiro promulgou a Deliberação 264 para entrar em acordo com o Bispado, visando à incorporação da igreja de São Lourenço dos Índios como patrimônio histórico da fundação da cidade. Esse processo se estendeu por longos vinte anos e, em 1934, sob a administração de Gustavo Lyra da Silva, o processo chegava ao fim, com a cessão de propriedade da igreja para a Prefeitura. A esse ato, somaram-se intervenções arquitetônicas naquele imóvel, assim como também no Teatro Municipal João Caetano e na ilha da Boa Viagem.

É mister ressaltar o caráter preservacionista pioneiro que o Poder Público de Niterói, atendendo aos clamores dos seus cidadãos, tentava imprimir à cultura local, numa época em que não estava ainda formado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN – que somente viria a ser criado em 1937.

É verdade que ações institucionais para a salvaguarda dos bens culturais da cidade se processaram somente em nível federal durante cerca de quarenta anos, tendo sido inscritos no Livro do Tombo oito exemplares remanescentes do período colonial e apenas dois do último quartel do século XIX.

 página seguinte



*Doli lim dô letê
Doli lim dô lalá
Toca viola para se dançar
Dou-lhe, lhe dou, Letê
Dou-lhe, lhe dou, Lalá
Toca viola para se dançar.*



As algas marinhas são ricas em sais minerais. Ajudam a eliminar resíduos alimentares tóxicos (alimentos industrializados) do nosso corpo. Na alimentação, são utilizadas de várias maneiras: cozidas em sopa ou junto com algum cereal, fritas, como recheio de legumes. Atuam no fortalecimento do organismo, dos ossos, dos cabelos e ajudam no tratamento da obesidade, da gota e da celulite.

O mar pode ser isto: o ar dentro da concha. (Eucanaã Ferraz)



OUVINDO ANTÔNIO

continuação da página 106

Linda, bela e aconchegante Niterói, tenho a sensação do amante que escreve versos enamorados para seu bem querer. E eu te percebo, te pinto, em cada contorno de teus morros, nos suores de tuas ondas, no brilho intenso de tuas folhagens, no cheiro sedutor de tuas muitas praias.

Como dois amantes, eu e a paisagem, nos completávamos.

A construção desta casa e do ateliê na parte superior do terreno virou realidade em 1895.

Do Presidente Campos Sales recebi encomenda de vários estilos. Ele escolheu telas decorativas com conteúdo histórico para o Supremo Tribunal Federal. E eu me perguntava: "Que história será que ele quer que eu pinte?" Parti para a pesquisa, estudos iconográficos, documentais e algumas viagens.

De São Paulo, vinham arroubos da Semana de Arte Moderna. Na minha cabeça, já quase toda branca, pensava nas notícias dos novos artistas. Porque, na verdade, para ser artista, há de se ter a frieza dos executores e o discurso dos sofistas...

Amanhã estarei de partida para a Fazenda Javary. Tentaremos a recuperação de minha saúde, golpeada por essa maldita doença. Minhas mãos já estão trêmulas, mas ainda consigo pintar. Os sessenta anos em quase nada me prejudicam, permitem-me algumas sandices... E todos acreditam que sejam mania de velho.

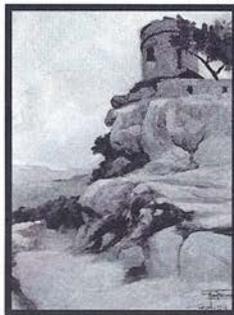
Ao menor gemido, correm a mim e eu, num sorriso cansado, ponho-me a falar de uma nova tela. As idéias povoam minha mente. Peço a alguém que as escreva, pois podem tomar pé de vento e se perderem de mim.

Escreve ainda, nessas folhas, bom amigo, que quando morrer (ainda está longe o tempo), quero que minhas cinzas sejam jogadas no meio da paisagem, perto do meu ateliê, onde sempre estive e sempre vou estar...

Despeço-me de Parreiras, desta história emprestada, numa dobra do seu jardim no Ingá, Rua Tiradentes.

Anne Souza

96



Torre do Sinal, 1917

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE NITERÓI

continuação da página 110

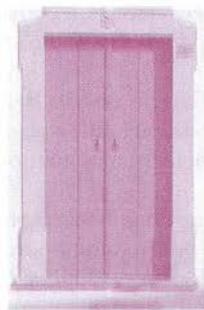
Posteriormente, com a criação do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC – outros bens foram tombados (num total de dezenove), ampliando-se o conceito de bem cultural. Foram tombados dezesseis bens de vários períodos, num espectro que vai desde as igrejas tradicionais ao casario burguês, abrangendo, ainda, extensões praias, ilhas e formações rochosas.

Em 1990, a municipalidade passa a ter uma legislação específica para a proteção do seu patrimônio cultural, com a Lei 827, de 25 de junho de 1990, de autoria do vereador Marcos Gomes, sancionada pelo prefeito Jorge Roberto Silveira, em sua primeira gestão. A lei regulamenta a ação do Poder Público na preservação de seu patrimônio cultural e cria o Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural – CMPC – e institui o instrumento do tombamento municipal para a proteção dos bens considerados de excepcional valor para a identidade cultural niteroiense. Durante nove anos de existência do CMPC, foram tombados quarenta bens culturais representativos das mais diferentes categorias e épocas, formando um painel amplo

da cultura da cidade, acreditando-se que, através da diversidade, estamos encontrando a unidade cultural de Niterói. O acervo é vasto e rico porque abrangente e versátil.

O tombamento da coisa pode se dar em razão do seu valor histórico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, etnográfico, artístico e também afetivo. O CMPC se reúne mensalmente e analisa o processo, previamente instruído pelo Departamento de Preservação e Reabilitação do Patrimônio Cultural - DePAC -, deliberando pelo tombamento ou não.

☞ página 125



TRAVA-LÍNGUA



No galho de uma árvore tem uma arara loura.
– Fala, arara loura! Fala, arara loura!

O IMPERADOR NO CAMPO DE SÃO BENTO

97

Já estou com fome. Ainda serei um oficial para ser o primeiro a comer... Todos os banquetes são assim: os soldados só fazem suas refeições depois que seus superiores fizeram as suas. O dia não foi cansativo, mas estou com muita fome mesmo assim.



Chegamos à Vila no dia 23 de junho de 1824, exatamente há 6 dias. O Imperador D. Pedro I trouxe-nos para cá a fim de nos prepararmos para defender o Brasil das idéias de criação da Confederação do Equador. Na verdade, é Pernambuco que mudou de nome, não sei bem o porquê. Em todo o caso, fomos trazidos e instalados no prédio da rua da praia.

No dia 25, acordamos cedo e rumamos para o Campo de São Bento. Ao chegarmos, com o céu já clareando, foi possível ver quão grande e plano é este lugar. Quis ficar contemplando, mas não havia tempo. Devíamos nos posicionar para o início das manobras.

Os exercícios tomaram toda a manhã e, durante grande parte do tempo, foram dirigidas pelo próprio Imperador. Ao término, o padre René Pedro Boiret rezou uma missa no altar que haviam erguido no terreno. Depois, houve o primeiro banquete, igual ao que se anuncia para daqui a pouco...

Sob uma barraca de uns 220 passos de comprimento, colocaram mesas e 540 talheres. A única diferença é que, hoje, D. Pedro não está se sentando sozinho. Acompanham-no a Imperatriz D. Leopoldina, a Princesa D. Maria da Glória e os conselheiros. Após uma salva de 21 tiros, sucederam-se os brindes: à Independência, à saúde do Imperador e à Dinastia Imperial do Brasil. O último brinde, feito por D. Pedro, foi uma conclamação: "o Brasil será salvo ou todos nós morreremos". Eu só espero não morrer de fome antes.

Denise Brown



ADIVINHAÇÃO

Essa é fácil como água de pote:
Um vai, outro vem.
Um passa pelo outro
E, quando pára, o outro pára
também.

R.: Os pés

T U P I
N O M E
D A Q U I

ITACUATIARA

Ita (pedra) *cuatiara* (desenhos, inscrições).
Pedra escrita.

ITAIPU

Ita (pedra) *ipu* (fonte, nascente).
Fonte das pedras.⁹⁸

A evolução da autoridade





Água de colônia da Joanir

Ingredientes

1 litro de álcool de cereal
30 ml de essência de alfazema ou capim cheiroso
10 ml de fixador

Modo de fazer

Do litro de álcool, retirar uma quantidade correspondente a um copo padrão de requeijão (mais ou menos 250 ml). Ao que ficou na garrafa, adicionar a essência e o fixador. Guardar em lugar protegido da luz, por sete dias. No final dos sete dias, acrescentar 250 ml de água filtrada. Sacudir e guardar em vidro. Criar um rótulo bem bonito para o vidro de colônia.



Bem te vi

Vestidinho *ped poule*, cisca o chão, levanta a cabecinha pra frente, pros lados...tô fraco, tô fraco. Lá vai ela com seu andarzinho engraçado. Passeia ao longo do lago e parece admirar, na moldura de seus olhinhos míopes, o deslizar dos cisnes, belos e altivos, no espelho vivo de peixes vermelhos e sapos cantadores. Patos descansam no cercado de arame, bicam as costas e olham, enfarados, os visitantes que lhes jogam milho e gritinhos esquisitos. E há gatos e pombos, pardal e sabiá, canário da terra em gaiolas que os visitantes penduram nos galhos baixos das árvores. *Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi...* São muitos e solitários. E esquilos, e uma manadinha de aratacas, que voa, em algazarra, atravessando o céu e a curiosidade dos passantes. E gatos que esticam em ginástica seus corpos ágeis e fogem das crianças no jogo de pega-pega. Dos caminhos em curva, cobertos de areia batida, os bichos se esquivam dos homens. Nos caminhos em curva, cercados de folhagem úmida, os homens passeiam seus desejos, sua ternura e suas horas. Já estão chegando os vendedores com seus artesanatos, seus doces e artes, com suas barracas listradas de verde e branco; lá estão as babás engalanadas, empurrando carrinhos com bebês chorões e rosados; ali vai o último bêbado atrasado pelo sono interrompido. Ao longo dos caminhos em curva, batidos de areia cinza, o homem oferece saudade em discos antigos e raros. Homens e mulheres apregoam românticos chinelinhos de xadrez azul para o conforto de pés cansados, ou perfeitos soldadinhos de chumbo recém saídos de batalhas e glórias. Oferecem pinturas em porcelana e colares e toalhas bordadas e tapetes e brinquedinhos



domésticos. O cantador de cordel conta história de onça pintada e milagre de santo poderoso... Um barulho bom de vozes, um corre-corre de gente, um cheiro ácido de fruta e quitutes tomam conta do grande parque. E ele está ali desde cedo, sorvendo aquele buliço de vida, aquela esperança que invade o tempo, que põe alma no corpo. Afasta-se um pouco, abriga-se à sombra, olha essas cenas, tantas vezes repetidas... Nada é novidade, embora com elas tudo nele se renove. Devagar, caminha um pouco e debruça-se nos troncos cimentados da pontezinha sobre aquela água rasa. Diz baixinho: *Que reconfortante, respinga até aqui, refresca!* Ele, 73 anos, olhos cerrados, abraça sua pele quente e seus ossos sem idade. O chafariz... névoa e véu, canto e gotas. Gosta de estar ali nas horas em que a água se acende, sobe, dança, estende-se até as bordas do caminho. Seria água ou o tule que lhe cobria os cabelos? Seria o vestido, cetim macio, branco e leve que sua primeira namorada jamais usara? Súbito, a noiva loira corre, rindo muito, escolhe o cenário e posa para o fotógrafo agitado, o noivo ao lado, o coreto de ferro ao fundo, as promessas nos gestos e na juventude dos dois. E ele a vê, 19 anos, magrinha, morena e tímida, acenando sonhos aprendidos em folhetins cor de rosa. Quase ébrio de lembranças, está ali, parado e mudo. Parece tremer um pouco. Ao redor, os verdes brilhantes dos musgos dentro do lago, as árvores tantas e sólidas, as sombras, a brisa leve que vem do mar.

☞ página 115

MUSEU DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Na segunda metade do século XIX, os estudos e pesquisas da Antropologia, antes de se definirem como campo de ciência no mundo acadêmico, estavam fortemente vinculados aos museus. Incorporavam, no seu sentido mais amplo, as investigações da Antropologia Física e da Arqueologia. Investiam, então, na classificação de coleções etnográficas reunidas, no mais das vezes, por administradores coloniais, missionários, viajantes, expedicionários dilettantes. As peças compiladas eram analisadas e expostas como demonstração de teses calçadas no paradigma do evolucionismo unilinear. Por esta argumentação teórica, a humanidade definia-se a partir de uma sequência inevitável de estágios evolutivos. Os itens de cultura material, agrupados nos museus, tentavam reproduzir nas salas e vitrines esse “tempo hierárquico”, essa ordem explicativa.

O evolucionismo e também os enunciados difusionistas, preocupados com a difusão de objetos e traços culturais, forneceram, assim, os modelos museográficos dos grandes museus enciclopédicos oitocentistas.

Como observa Gonçalves, “o objetivo destes era narrar a história da humanidade desde suas origens mais remotas, reconstituindo essa longa trajetória até chegar ao que entendiam como estágio mais avançado do processo evolutivo: as modernas sociedades ocidentais”.⁹⁹

Com o desenvolvimento do trabalho de campo, a sofisticação dos métodos de pesquisa, esses princípios interpretativos são desconstruídos nas primeiras décadas do século XX. A consolidação da disciplina nas universidades propicia o afastamento dos antropólogos dos museus. As teorias, principalmente a partir dos anos 30, deslocam seu foco dos objetos para as relações

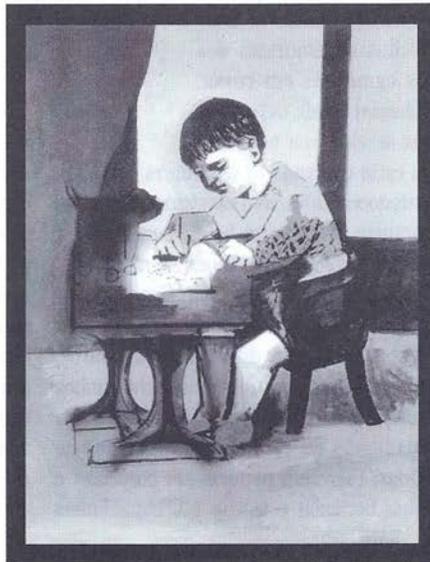
sociais e para os significados dessas relações.

Nos anos 1980, porém, momento de intensos debates sobre a própria história da Antropologia, assiste-se a uma reaproximação entre esta ciência e os museus. Criticam-se então as concepções transcendentais e monumentalistas de cultura, distinguindo-se os museus como espaços de representação cultural e política de vários grupos e categorias sociais.

É por esse viés que os museus científicos vêm procurando se definir hoje, abrindo-se como lugar de reflexão, como fórum de idéias concorrentes em permanente reconstrução, como experimentos de múltiplas linguagens, como ações pedagógicas preocupadas com a compreensão e a apropriação das pesquisas de ponta por parte dos diferentes segmentos de público.

Lygia Segala

100



Morena dos olhos d'água

Morena dos olhos d'água
Tira os seus olhos do mar
Vem ver que a vida ainda vale
O sorriso que eu tenho
Pra lhe dar

Descansa em meu pobre peito
Que jamais enfrentou o mar
Mas que tem abraço estreito, morena
Com jeito de lhe agradar
Vem ouvir lindas histórias
Que por seu amor sonhei
Vem saber quantas vitórias, morena
Por mares que só eu sei

O seu homem foi-se embora
Prometendo voltar já
Mas as ondas não têm hora, morena,
De partir ou de voltar
Passa a vela e vai-se embora
Passa o tempo e vai também
Mas meu canto ainda lhe implora,
Morena, agora, morena, vem

Chico Buarque

Você sabia?

Entre 1979 e 1995, cerca de 343 mil crianças com menos de 5 anos morreram no Brasil, em decorrência do consumo d'água contaminada por falta de tratamento adequado.

Beleza não põe mesa, mas abre o apetite.

Bem te vi

continuação da página 113

Também do mar viera a areia que, pelo século XVII, cobria esses caminhos, chão de pitangueiras, cajueiros e cactos, pasto para descanso do gado que vinha das fazendas dos beneditinos, em Campos. Tudo era então uma grande “restinga”, estendendo-se da rua do Calimbá (hoje Dr. Paulo César) até à do Reconhecimento (hoje Sete de Setembro).

Em almanaque de sua infância, aprendera que o Mosteiro de São Bento, aos poucos, fora vendendo, aforando e permitindo que outros aforassem aquelas terras. Nesse areal, nesse Campo de São João Velho, a primeira tentativa de urbanização, com ajuda financeira do próprio Mosteiro, ocorrera em 1882, sob o governo de Gavião Peixoto. De 1907 a 1909, já nas proporções de hoje, por contrato do prefeito João Pereira Ferraz com o arquiteto Arsênio Puttmans, foram construídos seus jardins, o lago, plantadas as grandes árvores. Esse quadrado verde, esse Campo de São Bento, é refúgio, fuga, festa de som e cor.

Ele, velho e só, queria apenas que suas forças lhe permitissem isso: descer do seu nono andar e poder estar ali, todas as manhãs de sábado, apanhando a vida na alegria das crianças balançando ou no labirinto do parquinho infantil; nas bandas de música no coreto de paredes rendadas; nos espetáculos de dança no rinque (antes de patinação); nos movimentos dos jovens em ginástica; nos pregões desafinados; na pressa dos passantes. Lá do alto, das janelas de sua casa, via apenas as copas densas, teto do que ali pulsava. Urgente era descer, estar entre as vozes, estar nos sonhos.

Outra vez a galinha d'angola cantou seu “tô fraco” e o cisne descreveu mais um círculo no espelho verde. Sentado no banco de pedra, de conversas e beijos, ele já não via o vestido de noiva nem o fotógrafo aflito nem o sorriso tímido da mocinha de outrora. Aguardava seus companheiros para o jogo de xadrez, paciência e espera.

Lea Calvão



A diversão das moças do meu tempo era justamente isso: no verão, de manhã, até o meio dia, era o banho de mar. À uma hora, minha mãe me mandava buscar. Às vezes, o professor já estava lá em casa e eu ainda no mar. À tarde - isso nas férias, outro banho de mar. E, à noite, passeio pelo cais. Eu dizia que era o oásis...O arrastão, na praia, era muito interessante. Vinham aqueles pescadores, formavam um círculo e jogavam as redes. Quando levantavam a rede e a canoa chegava à praia, havia a corrida em Icaraí e na Praia das Flechas. O sorvete o sorveteiro vendia com aquele balde de madeira na cabeça: “Sorvete Yaiá! É de coco!” Nós, às vezes, também fazíamos sorvete em casa. Íamos buscar pitanga no Saco de São Francisco. Íamos de bonde. O bonde São Francisco ia pela Rua Miguel de Frias, Praia de Icaraí, contornava a Estrada Fróes. Era circular, ia até o Canto do Rio. Em São Francisco, os terrenos eram baldios, cheios de pitangueiras nativas.

Botávamos num cesto as frutas e, depois, tomávamos o bonde. Às vezes, para não pagar passagem, dávamos pitangas para o condutor. E assim foi. Ah! nas ruas passava um doceiro. Ele botava a caixa de vidro na cabeça e vendia doce. Brevidade, doce de aipim, doce de abóbora, doce de batata doce. Minha mãe fazia doce muito bem feito, mas nós preferíamos comer o doce do doceiro. Então, quando não tínhamos dinheiro, trocávamos dois ovos de nosso galinheiro por um doce. Havia poucas quitandas em Niterói, naquele tempo. No Ingá, parece que havia uma, em Icaraí, outra. Mas havia homens que vinham com os burros e uns jacás de lado, cheios de verduras, até galinha vendiam. Eles iam gritando: “Verdureiro, verdureiro!” Eles já tinham freguesia. Sempre que passavam em nossa casa, paravam. A gente dava café para eles. Eles faziam camaradagem, vendiam mais barato.

CHAPA DE PRATA E FURO DE ALFINETE

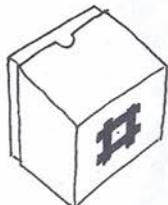
continuação da página 8

Com o aprimoramento da tecnologia, a câmera fotográfica foi evoluindo e a fotografia, que inicialmente era utilizada mais para retratos, foi conquistando novos campos, como o do fotojornalismo; da propaganda; da documentação do patrimônio histórico e artístico; de prova em autos jurídicos; da medicina, para facilitar diagnósticos; de pesquisas industriais e meteorológicas... Quem não se lembra dos filmes de espionagem, onde as mini-câmeras faziam sucesso? Hoje, embora esteja em pleno desenvolvimento a câmera digital, a maioria das câmeras fotográficas ainda segue o modelo de uma caixa fechada, escura, em cujo interior é possível colocar um filme sensível à luz. É partindo desse princípio que alguns fotógrafos vêm trabalhando com o que chamamos de fotografia *pin-hole* (fotografia a furo de alfinete). Esse tipo de fotografia não usa a mesma lente que a câmera convencional. A *pin-hole* (nome que vem da língua inglesa, onde *pin* significa alfinete e *hole*, buraco) utiliza um pequeno buraco, perfeitamente redondo.

A fotografia *pin-hole* tem certas limitações, causadas principalmente pelo fato de não possuir lente. Apresenta, porém, vantagens, sendo uma das principais o fato de ser um modo barato de fotografar, acessível a todos. Para a confecção de uma câmera, podem ser utilizadas caixas de papelão, latas, embalagens variadas em tamanho e forma. Os negativos podem ser feitos de papel fotográfico, ao invés de filme pancromático. Não é necessário, pois, possuir um laboratório sofisticado. Fazer a "caixa" é normalmente a parte mais trabalhosa. É necessário paciência, cuidado.

O que mais atrai na fotografia *pin-hole* é a possibilidade de fotos únicas, inusitadas. É a possibilidade de um olhar diferente para aquilo que nos cerca e para aqueles que nos cercam. É poder soltar a imaginação. É olhar o outro. Redescobrir e recriar imagens. É obter novas formas de registrar, foto-grafar o que antes poderia parecer banal.

Kita Eitler



BASIC BOX TAKES
"NORMAL FOTOS"

Quadro de Giz

Hora de aula.
Desligue o seu celular.

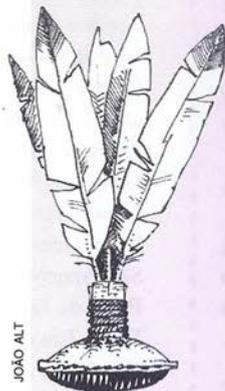
Dica de Dona Luzia

Para acabar com vermes e lombrigas, experimente chá de hortelã.



Brincadeira da peteca

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, viram os índios brincando com uma trouxinha de folhas cheia de pedras, amarrada a uma espiga de milho. Chamavam o objeto de Pe'teka, que em tupi significa bater. A brincadeira foi passando de geração em geração e tornou-se um esporte.



JOÃO ALT



Não fico na beira da calçada vendo o desfile passar, vou junto com o desfile. Sempre. (Mário Lago)

MONUMENTO NO ATALAIA

Para comemorar os 400 anos do Brasil e a passagem do Ano Santo Mariano, os padres salesianos construíram, no alto do Morro do Atalaia, um monumento à padroeira, em forma de torre, tendo, na base, um altar e, no topo, a imagem de sete metros de Nossa Senhora Auxiliadora.

BASÍLICA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA¹⁰¹

Construída no período de 1901-1918, mesmo inacabada, substituiu a primeira capela, datada de 1884, edificada no ano seguinte à chegada dos padres salesianos ao Brasil. Na Basílica está o maior órgão da América do Sul e um dos maiores do mundo. Foi inaugurado em 1956 e ajuda a compor o conjunto arquitetônico da igreja.

O monumento, a basílica e o órgão foram tombados pela Prefeitura de Niterói, em 1992.



Você sabia?

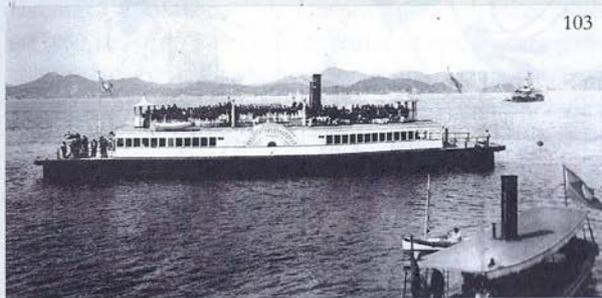
Água furtada: espécie de sótão em que as janelas abrem sobre o telhado, interrompendo-lhe ou modificando-lhe as águas.

BARCA SÉTIMA¹⁰²

26 de outubro de 1915. A barca Sétima, da Companhia Cantareira e Viação Fluminense, naufraga, ao lado da Ilha de Mocanguê Grande, na Baía de Guanabara.

Nessa barca, fretada para levar ao Rio de Janeiro os alunos do Colégio Salesianos de Santa Rosa, que iriam homenagear o primeiro cardeal da América do Sul, estavam quase 400 pessoas – 328 alunos, diversos empregados, 8 padres, vários professores, a banda de música do colégio e seus instrumentos, além de três cavalos.

A meninada divertia-se em excursão que, na volta a Niterói, se estendera à Enseada de Maruí, quando, às 15h30min, no Canal de Mocanguê, a barca bateu no casco de um navio ali naufragado. O choque foi violento, fazendo-a afundar em poucos minutos. Muitos se salvaram, nadando, ou com a ajuda de embarcações próximas. Muitos morreram – 27 crianças, entre 12 e 15 anos, e o Professor Otacílio Ascânio Nunes, de 26 anos. Este professor, após ter salvo quatro alunos, e na tentativa de salvar mais dois, perdeu as forças e submergiu nas águas limpas da baía. Em sua homenagem, a Ladeira do Lá-vai-um, em Santa Rosa, passou a chamar-se Rua Professor Otacílio.



Você Sabia?

A G.R.E.S. Unidos da Viradouro, em 1965, mudou-se do bairro que lhe deu o nome, trocando de endereço cinco vezes, até chegar à quadra atual, no Barreto.

O primeiro carnaval de que participou foi o de 1947, quando tirou o quarto lugar, com um enredo sobre Araribóia. Daí em diante, foi 18 vezes campeã em Niterói. Em 1986, começou a se apresentar no carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Desfilou no Grupo 1, em 1990, passando, em 1991, para o Grupo Especial. Sob a batuta do carnavalesco Joãozinho Trinta, obteve o terceiro lugar em 1993 e, em 1997, com *Trevas, luz, a explosão do universo*, classificou-se em primeiro lugar no desfile das campeãs.



ESCOLA DE SAMBA VIRADOURO

Desfile na Viradouro há oito anos. Comecei a desfilhar na Av. Rio Branco. A Escola tinha outras cores, eram azul e rosa. E sempre foi Escola, não passou por bloco. As fantasias...é muito engraçado porque um ano saem muito bonitas, em outros já saem feias, outros mais simples. Até as alas. A gente vê a fantasia na apresentação. Tem um dia que todas as fantasias são apresentadas à comunidade. Uma pessoa veste a fantasia da ala para que a gente veja. Na confecção dessas roupas, alguns ajudam porque gostam da Escola, mas o resto é pago. A ala da comunidade que recebe muita ajuda fica até mais barato.

O tempo do desfile é de uns 15 minutos, no máximo. A vontade é de voltar quando termina. Porque são muitas pessoas. Porque na hora que a gente roda, tem que rodar andando. A música tem um refrão e só no refrão é que nós, as baianas, rodamos.

Para participar dessa ala não podem ser jovens, não podem ser meninas novas, nem moças novas. Não sei a idade mínima, mas tem que ser senhoras. E senhoras muito velhas também não podem, aí elas passam para a ala da velha guarda. Porque a roupa é pesada e elas não agüentam. Antes, os carros alegóricos eram empurrados; agora são maiores e motorizados. As fantasias têm um prazo para ficar com a gente. Depois temos que entregar porque elas são reaproveitadas. Se a minha estivesse aqui, eu ia colocar para você ver como é linda.

Lais de Souza Rosa
Integrante da Ala das Baianas da Viradouro

Quem vem pra beira do mar nunca mais quer voltar. (Dorival Caymmi)

Meias Verdades

continuação da página 41

- Nossa! interrompeu Bentinho, indignado. Afrânio continua: O pai dos infelizes pensou: “Ninguém desconfiaria, afinal o sinal que Antônio trazia no braço direito não era tão visível e... eles eram tão parecidos.”

Bentinho, de boca aberta, nada perguntou.

- Aqui era a fazenda do pai de João e Antônio, continuou o contador, descruzando devagarinho os dedos e apontando para o fim do quarteirão onde terminava o muro que cerca o BINGO Charitas. Em 1757, João Malheiros vendeu esta fazenda a Antônio, ou melhor, a Frei Antônio, seu irmão já bispo da diocese do Rio de Janeiro. Frei Antônio, inconformado com o passado, doou a propriedade com todos os seus pertences ao seminário S. José.

Afrânio estava tão empolgado, fazendo a sua especialidade, que era possível contar a quantidade das veias esverdeadas ameaçando pular do seu pescoço magro. Ele acreditava que a



105

escuro e arredondado. Um sinal?...Afrânio pisca um olho e grita: - Esse casarão foi tombado em 1962!!!

imaginação era mágica, capaz de levar o homem a qualquer lugar, por isso procurava apimentar as histórias.

O casarão hoje é quase o mesmo se não fosse...

- Bentinho tenta novamente perguntar e, dessa vez, não o fez, tomado pela admiração, ao perceber que já eram 23 horas: - Nossa! preciso ir.

Na calçada os dois rapazes pareciam ter algo em comum. Sempre que as portas do antigo seminário se abriam, o som da discoteca parecia abafar os cantos das remotas celebrações litúrgicas. Calavam-se, então, devagarinho. Apressa-se em despedir-se do amigo que, levantando o braço direito para um tchau, exhibe, um pouco acima do cotovelo, um sinal

Ligia Ferreira

O Que é Patrimônio?

Patrimônio seria tudo aquilo de valor: pessoal, familiar (herança), social, ou cultural, enfim, tudo aquilo que alguém pode dar ou deixar para o outro, como testemunho de uma experiência, de um acontecimento histórico. O patrimônio define identidades sociais atravessando gerações. Em uma dimensão mais ampla, revela material e simbolicamente uma nação.

Segundo estudiosos, há três formas diferenciadas de patrimônio: arqueológico, natural, cultural.¹⁰⁶

água

Já somos 6 bilhões de pessoas, a maioria vivendo em países pobres. Até 2050, seremos 9,3 bilhões. O aumento da densidade demográfica agrava os problemas: degradação da terra, desmatamento, urbanização excessiva e poluição, sem contar que há mais gente necessitando de água potável e alimentos para sobreviver. Hoje, 54% da água potável disponível estão sendo utilizados. Em algumas cidades da China, da América Latina e do sul da Ásia, a falta d'água ou sua escassez já é uma realidade. Algumas soluções desastrosas para o meio ambiente foram propostas, como o desvio de mares e de cursos de rios para servir à irrigação e à indústria.¹⁰⁷

CHARLOTE DE PITANGA¹⁰⁸

½ litro de suco de pitanga
½ litro de creme de leite
4 colheres de açúcar
1 pacotinho de gelatina sem
sabor branca
1 caixa de biscoito champanhe
vinho branco
2 colheres de água

Modo de Fazer

Bata no liquidificador,
rapidamente, o creme de leite
com o açúcar para que fique
consistente.

Dissolva a gelatina na água.
Junte o suco de pitanga e a
gelatina e bata mais
um pouco.

Molhe os biscoitos no vinho, sem encharcar,
e com eles forre uma forma redonda (fundo e
parede lateral).

Coloque o creme de pitanga sobre os biscoitos e
leve ao congelador por algumas horas.



Aleitamento Materno



Dizem que o leite materno é bom porque tem gosto de mãe. Mas não é só por isso. Ele tem tudo de que o bebê precisa para crescer: vitamina, proteína, gordura, açúcar, sais minerais e muitos anticorpos para proteger o bebê de doenças. Nem água ele precisa tomar; mesmo nos dias quentes; o leite materno alimenta e mata a sede do bebê. Só depois dos 6 meses ele vai precisar beber água e comer outras coisas.

Quanto mais o bebê mama, mais leite é produzido. Cada vez que o bebê suga, ele estimula o organismo da mãe a produzir o leite de que ele precisa, na medida certa. Por isso, ele deve mamar sempre que tiver fome, de dia e de noite.

Para que amamentar seja gostoso, amamente com o bebê coladinho no seu corpo, com a cabeça e o corpo virados para você. Assim ele vai pegar, não o bico do peito, mas também a rodela escura em volta, vai sugar melhor e não vai machucar o peito da mãe. Dar mamadeira não é bom porque o bebê acostuma-se com outro tipo de bico e pode largar o peito. Além disso, a mamadeira pode dar diarreia, prisão de ventre ou deixar o bebê gordo demais. O bebê que só mama no peito pode fazer cocô toda vez que mama, mas isso é normal, não é diarreia. Em algumas épocas pode ficar um ou mais dias sem fazer cocô, mas isso também não é prisão de ventre, ele está absorvendo o leite materno todo. Tem gente que diz que amamentar é a coisa mais gostosa do mundo e tem gente que se arrepia toda só de falar disso, de tanto que sofreu amamentando. Se você foi feliz amamentando, ajude a quem está começando. Se nunca amamentou, fique ao seu lado. A mãe de bebê novinho precisa de ajuda, carinho e solidariedade. Ele precisa de você!!!!

Maria Inês Couto de Oliveira



SERRA DA TIRIRICA

Reserva da Mata Atlântica, situada nas regiões Oceânica e Pendotiba, a Serra da Tiririca tem sido defendida da especulação imobiliária por movimentos ecológicos organizados e por aquelas pessoas que, caminhando por suas trilhas, conhecem, desfrutam e cuidam da beleza de sua flora e de sua fauna.

É o luar que inventa novas árvores e morros. (Mário de Andrade)

T O M B O



109

- Mãe, o que é tombamento?
- Lá vem Chico de novo com suas perguntas!
- Tombamento é... espera um pouco. Depois eu te digo. Agora estou muito ocupada.

Não disse.

- Professora, o que é tombamento?

A professora arregalou os olhos, surpresa com a pergunta que veio em meio a uma aula de Ciências.

- Tombamento?

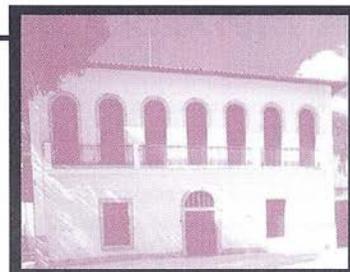
- Professora, tombamento é a mesma coisa que caimento? pergunta Leo. Um dia eu caí e meu irmão falou que levei um tombo.

Risada geral...

- Que tal se todos pesquisarem o que é tombamento, para a gente discutir na próxima aula? propôs a professora.

Na outra aula:

- Quem pesquisou o que é tombamento?
- Eu! Chico levantou-se eufórico e começou a ler o que tinha escrito: Tombamento é o ato de tomba, tombo.
- Viu? Eu estava certo, gritou Leo.



110

- Espere um pouco, tem mais. E Chico continuou: Tombar significa pôr sob a guarda do Estado bens móveis ou imóveis, cujas conservação e proteção sejam de interesse público, por seu valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Meu tio disse que essas idéias podiam ficar mais claras se a gente fosse visitar um museu.

- Museu? Que saco!, diz Rivo.

- Xiiii!

- Bem, eu espero que vocês gostem, já que o museu é perto da praia.

- Vou de biquini.

- Vou levar minha prancha.

- Eeeeeeeeeee!!!!

- Ei! Calma aí! Nosso passeio é no museu! Vocês já foram a um museu? É um lugar muito importante, onde objetos contam histórias, guardam segredos...

Chico interrompe: Que museu é esse que a gente vai?

☞ página 124

Os diversos tipos de mel e seus usos

Mel - rico em glicose e frutose. É elaborado a partir do néctar e do pólen colhido das flores pelas abelhas.

Alecrim: para esgotamento físico, reduz a fadiga, hipertensão arterial, taquicardia, cirrose, irritação da garganta devido ao uso do fumo e tosse. É depurativo do sangue, tônico estomacal, fortificante nas convalescenças, auxilia o funcionamento do fígado. Indicado para gestantes.

Angico: adoçante.

Assa-peixe: purifica o sangue e neutraliza a acidez. Bom para infecções nas vias respiratórias, é calmante e diurético.

Café: tratamento de desidratação.

Caju: afrodisíaco.

Capixingui: depurativo do sangue.

Erva canudo: de cor clara e gosto suave, é indicado para inapetência infantil.

Eucalipto: de cor mais escura, é anti-séptico das vias urinárias, intestinos, pulmão e alivia a tosse (expectorante).

Flor de cipó: combate os efeitos do álcool desintoxicando o fígado.

☞ página 123



Farol alto e pimenta ardem nos olhos de qualquer um. (para-choque de caminhão)

A METÁFORA DOS MONUMENTOS

Os monumentos históricos que são esculturas urbanas se constituem como imagens do passado. Demarcam simbolicamente os sentidos da sociedade urbana. A imagem torna-se, então, símbolo da cidade.

Inscrever a presença humana na paisagem é uma tradição humana muito antiga. Os menires ou as pirâmides estão aí desde tempos imemoriais. Durante a Revolução Francesa do fim do século XVIII, surgiu o costume de cultuar personagens históricos nas ruas da cidade através de estátuas. Tratava-se de um culto cívico que promovia a Nação a partir da história laica. A morte dos homens de ações exemplares ganhou um sentido político e a lembrança tornou-se um recurso didático para a promoção do civismo. A gratidão aos heróis da pátria se constituiu em um motivo para consagrar a identidade da Nação.

A composição da escultura histórica possui uma estrutura narrativa. A partir de sua forma escalonada, que parte da base larga, alcança as inscrições e alegorias do pedestal e se completa com a estátua, se reconhece o espaço e o tempo de uma ação, as qualidades e os fatos que a envolvem, bem como seu objeto e seu personagem através da escultura. Além disso, ao se instalar na cidade, os monumentos organizam simbolicamente o espaço. No centro

da praça estabelecem o eixo simétrico. A referência histórica estabelece a perspectiva que hierarquiza os elementos urbanos, articulando sua unidade. As imagens da cidade naturalizam e territorializam a memória do passado. Opera-se, portanto, uma certa leitura da história. A estátua relaciona, assim, ordem temporal e ordem espacial. O tempo e o espaço integrados da Nação, são assumidos como metáforas da harmonia social.



Porto de Niterói

111

Paulo Knauss

TROVA

A trova é flor brasileira,
ternura que não acaba,
"olhar de mulher rendeira",
sabor de jabuticada.

Geraldo Bezerra de Menezes

A ARQUEOLOGIA

Arqueologia é a ciência que estuda o homem através da sua cultura material. Desvenda o passado através de evidências materiais deixadas por grupos humanos. Os vestígios são obtidos, principalmente, pelo ato de escavar os locais onde estes grupos viveram e deixaram suas marcas, desde o seu lixo até as ruínas de suas construções. Estes locais são denominados sítios arqueológicos.

No Brasil existem sítios arqueológicos que mostram a presença do homem aqui desde a nossa pré-história até os dias de hoje. Atualmente, estão identificados mais de 20.000 sítios arqueológicos em todo o país.

A Arqueologia Brasileira pode ser dividida em dois grandes segmentos, estabelecidos a partir de um referencial básico: o ano do nosso descobrimento. O primeiro segmento denomina-se Arqueologia Pré-histórica, que estuda a ocupação humana que aqui existia antes de 1500, data da chegada dos europeus. O segundo é a Arqueologia Histórica, que estuda o período posterior ao ano de 1500, através da presença dos europeus, como os portugueses e espanhóis, e os africanos e outros povos que vieram para nosso território.

☞ página seguinte

Quadrinha

Eu queria ser peneira
na colheita do café
para andar dependurado
na cintura de mulher.

Dica de Dona Luzia

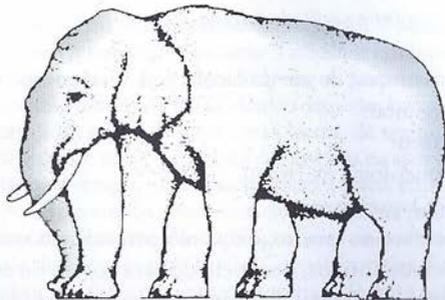


Para acalmar os nervos, tome
chá de erva cidreira, chá de
camomila, suco de maracujá.

Zomba das cicatrizes quem nunca foi ferido. (Shakespeare)



Quantas pernas tem este elefante?



OS NOMES DE NITERÓI¹¹²
- VOCÊ SABIA? -

Bandas D'Além: termo utilizado para denominar as terras situadas do outro lado da baía de Guanabara, em contraposição ao Rio de Janeiro, até aproximadamente 1918.

Vila Real da Praia Grande: denominação dada às povoações de São Domingos e Praia Grande e às freguesias de São João Batista de Icaraí, São Sebastião de Itaipu, São Lourenço dos Índios e São Gonçalo, elevando-as à categoria de vila, em 1819, tendo São Domingos como sede, transferida depois para Praia Grande.

Niterói (Nichteroy): nome dado à Vila Real da Praia Grande, em 1935, quando, passando a ser sede da capital da província do Rio de Janeiro, a vila foi elevada à categoria de cidade.



MÁXIMAS E MÍNIMAS DO BARÃO DE ITARARÉ

Adolescência é a idade em que o garoto se recusa a acreditar que um dia ficará chato como o pai.

Barão de Itararé

Quem ri por último ri atrasado.

A ARQUEOLOGIA

continuação da página 122

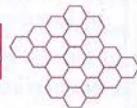
Cabe ao arqueólogo, devido a sua formação acadêmica especializada, a tarefa de resgatar as informações contidas nos sítios arqueológicos. Esta é uma grande responsabilidade, uma vez que, ao escavarmos um sítio, estamos, ao mesmo tempo, destruindo-o irremediavelmente. O processo de escavar subentende uma leitura única, sem chance de revisão. Portanto, subentende, também, que o profissional possua uma sólida formação teórica, técnica apurada e paciência, muita paciência, pois uma pesquisa arqueológica demanda minúcia e tempo.

Ao contrário dos que muitos pensam, a Arqueologia não se encerra no ato de escavar. Antes de qualquer intervenção num sítio arqueológico, é necessário que seja realizado um exaustivo levantamento de dados, de várias disciplinas afins, que irão compor o arcabouço teórico no qual a pesquisa arqueológica irá se basear. O trabalho arqueológico deve ter um caráter interdisciplinar, necessitando de dados da História, da Zoologia, da Ecologia, da Botânica, da Arquitetura e de muitas outras disciplinas. Qualquer escavação desprovida desta preocupação teórica não é Arqueologia, é pilhagem nos sítios arqueológicos.

☞ página 130

Os diversos tipos de mel e seus usos

continuação da página 121



Flor de laranjeira - reconhecido por sua cor amarelo-claro, é suave laxante, calmante e antiespasmódico. Indicado para problemas nervosos, palpitação e insônia.

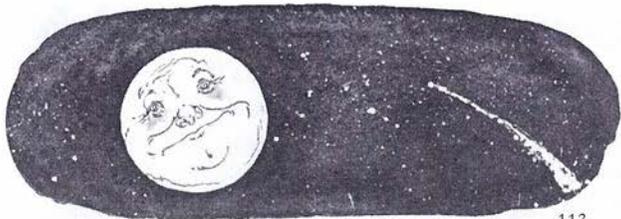
Marmelo - auxiliar no tratamento da desidratação e dores de cabeça.

Morrão de candeia - de cor clara, é bom para o aparelho digestivo.

Silvestre - é o mais encontrado no Brasil, pela abundância de flores silvestres na nossa flora. Possui diferentes propriedades: fortificante para criança, dá energia para jovens e adultos, é ótimo revigorante para pessoas idosas, bom para intestinos, pele, vias respiratórias e sistema nervoso.

Vassourinha - indicado como anti-séptico e contra aftas.

☞ página 130



113

Chão de Histórias

A escavação arqueológica é um ato de *desconstrução*. Não é possível descobrir o que um sítio pré-histórico esconde a não ser desmontando-o lentamente até encontrar o solo natural, sobre o qual repousam as camadas artificiais, vestígios da atividade humana. Essa desconstrução é, na verdade, um ato de leitura – cada camada é uma página, que só o profissional competente sabe ler. Num perfil estratigráfico estão presentes todos os dados fatuais, que devem ser transmutados em textos explicativos de fatos ocorridos há milhares de anos. A pesquisa arqueológica não pode ser reduzida a uma simples coleta de objetos e de esqueletos. As paredes do corte na medida em que ele é efetuado e as superfícies dos planos de escavação, quando afloram os sinais de ocupação humana, representam o *texto* a ser lido e interpretado. O conjunto de todos os dados recolhidos – artefatos, esqueletos e qualquer outra evidência de atividade humana – constituem o *contexto*, de utilização indispensável para a apresentação de resultado científico de uma escavação.

Luiz de Castro Faria¹¹⁴

TOMBO

continuação da página 121

A idéia de visitar um museu, de sair da escola, cria um alvoroço na sala de aula. Chico volta a perguntar:

- Vamos a qual museu?
- Ao Museu de Arqueologia de Itaipu.
- De Arqueologia? O que é isso?
- Arqueologia – escreveu no quadro. Arqueologia é a ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos, por meio de escavações ou através de documentos, monumentos e objetos deixados por eles. Lá vamos encontrar objetos que homens usaram há muito tempo. É o que chamam de material arqueológico. E também...

O resto Chico não ouviu, tão fascinado estava com a idéia de ir a um museu diferente dos que conhecia. O que encontraria lá? Uma faca de pedra? Um esqueleto? Chico foi logo inventando uma história.

“Teve um tempo em que os homens não tinham casa, moravam num monte de conchas. Eles não cortavam o pé nas conchas e as conchas aguentavam o peso da família toda, mesmo se o pai fosse grande e gordão. A faca que eles usavam não era igual à que a minha mãe tem, mas eles comiam a mesma coisa que eu: peixe. Só que eu acho que era cru, igual aos japoneses.”

A professora conseguiu o que queria: capturar a primeira reação dos seus alunos diante do Museu de Arqueologia de Itaipu e, a partir daí, ficou mais fácil despertar seu interesse para as histórias dos homens de outros tempos.

Graziela Venerável Silva

Adivinhação

O que é mesmo
Me diga se for capaz:
Me diga quem é aquele
Que num instante se quebra
Se alguém diz o nome dele.

R.: O Silêncio

Em terra de olho quem tem um cego... Errei.

Trilha d'Água

“Eu comecei a trabalhar cedo demais, com 7 anos eu já trabalhava com meu tio em pescaria. Trabalhar em barcos de arrastão como esse aí de Itaipu. Depois, eu fui pro Caju, fui arrastar camarão dentro da Barra, dentro daqueles barquinhos. Pesquei também muito dentro dessa barra, de traineira, de canoa. Ali tinha de tudo, cada coisa de pescaria eu aprendi um pouco. Naquele tempo, os barcos maiores a gente enfrentava mais tempo. Hoje em dia, você vem de barco ali na traineira e pesca ali até Saquarema, Ponta Negra, mas naquele tempo não, a gente dizia que ia pra Coréia (Coroa), ia viajar. Então a gente botava rancho uma semana ou mais de uma semana. Se acabasse o rancho, a gente parava em Cabo Frio. Aí a gente saía aqui do Rio carregado de gelo, de óleo, um caíco amarrado em cima do *padre bento*.

A Coréia era daqui pra Santana, aí você viajava 14, 15, 16, 18 horas, aí ia embora viajando... quer dizer, pra gente matar sardinha. Naquele tempo, o peixe aqui todos os barcos matavam, então a gente não fazia nada, a gente ia lá buscar sardinha, porque a sardinha dava mais dinheiro, e nós tínhamos contrato com a fábrica, já se tinha contrato com a fábrica já era garantido, então a gente ia buscar lá pra descarregar aquilo, mas graças a Deus, não reclamo da vida”.

*Seu Zequinha, pescador de Itaipu*¹¹⁵

Arte de amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação,

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Manuel Bandeira

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE NITERÓI

continuação da página 111

É importante ressaltar que o tombamento não significa DESAPROPRIAÇÃO, continuando a propriedade da coisa pertencente ao mesmo proprietário. Também não significa CONGELAMENTO do estado físico daquele bem; obras e modificações são permitidas desde que não comprometam a característica básica do bem tombado e que o projeto de intervenção seja previamente aprovado pelo CMPC. Qualquer intervenção nova deve também ressaltar a sua contemporaneidade para que não se falsifique o documento. Isto quer dizer que imitações de coisas antigas não são toleradas numa intervenção. Vale ressaltar que o Brasil é co-signatário da CARTA DE VENEZA, instrumento internacional que regulamenta os princípios de intervenção e conservação dos bens culturais.

O tombamento é um instrumento excelente para preservar bens isolados, de valor excepcional e, muitas vezes, fica limitado por não dispor de atribuições legais para cercar a coisa tombada, como uma legislação urbana pode fazer.

O que fazer, então, para preservar aqueles bens edificados em áreas urbanas, sem valor excepcional, construídos sem nenhuma preocupação com purismos, mas que contêm, no seu conjunto, valor de identidade cultural para aquele lugar?

Cabe, então, sublinhar três idéias ensinadas pelo arquiteto Ítalo Campofiorito: “1. a diversidade ilimitada do bem cultural deve ser reconhecida e louvada; 2. o patrimônio não constitui um acervo de coisas passadas, mas, ao contrário, é parte viva da poética do povo e dos artistas; 3 – as populações, com sua sabedoria local, devem participar ativamente da defesa de um patrimônio que é seu”.

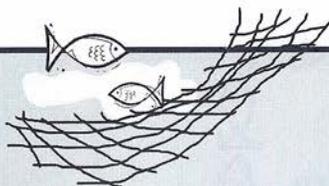
Tornou-se necessário, para tanto, criar um outro instrumento que garantisse a ambiência urbana, sua paisagem e fisionomia.

Como diz um ditado português: “Da porta para a rua, toda casa é tua”. Isto quer dizer – uma casa isolada pertence exclusivamente a seu proprietário enquanto arquitetura interna, mas, a partir do momento em que ela está inserida na cidade e faz parte da paisagem de cada cidadão que usufrui aquele espaço urbano, essa casa também pertence à cidade, portanto, é componente da vida dos seus cidadãos.

 página 127

Ela fala, no entanto não diz nada. Mas e daí? Seus olhos discursam; responderei a eles. (Shakespeare)

Tintura de Rede



Conta D. Maria Sila, moradora de Itaipu:

*“Os pescadores mesmo tinham tacho pra cozinhar a rede; porque eles cozinhavam a rede. Então eles tingiam com raiz de aroeira, casca de aroeira, se fervia a casca de aroeira nos tachos de cobre enormes, que se for ver ali na frente parece que ainda tem um, que o Cambuci tem. Se fervia as cascas de aroeira ali (...) depois estendiam em varais, pra rede não ficar branca, porque além de não conservar, a maresia, o mar estragava muito. Parece que tinha alguma relação também com o peixe. Pro peixe não ver a rede branca”.*¹¹⁶

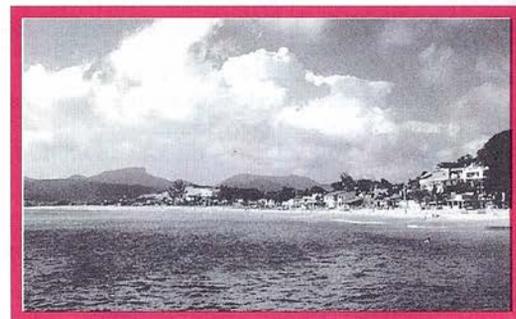
FESTA DE ITAIPU

As festas são sempre marcadas para um fim de semana, para não prejudicar o trabalho e para que “todos possam comparecer”, o que demonstra a interferência do calendário da sociedade abrangente no ciclo de atividades locais.

A festa de São Pedro é, em particular, digna de nota, porque é feita em várias localidades, em dias alternados, visando com isso a uma participação complementar de populações “de fora” do lugar, para que seja mais animada. Os pescadores costumam freqüentar também as festas de padroeiras de outros locais (especialmente Maricá e Saquarema), supondo-se que a recíproca seja verdadeira.

Faz parte obrigatória do programa da festa a realização de batizados, o que implica a construção de laços de compadrio, que possivelmente se estendem além das “fronteiras” da localidade.¹¹⁸

Roberto Kant de Lima

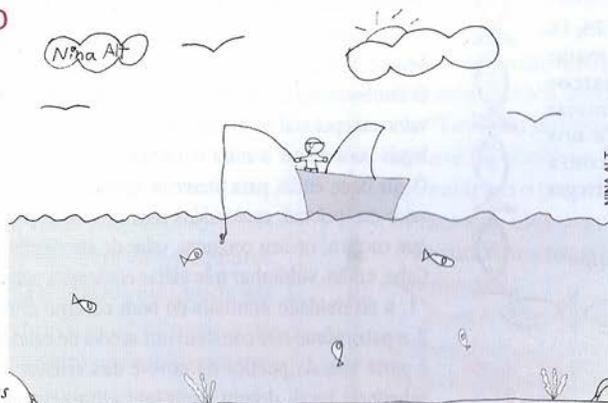


No frigid dos ovos é que a manteiga chia.

Zé Moreno

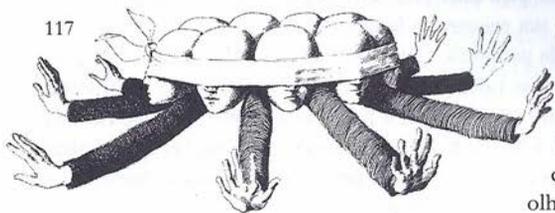
Silente, remando,
e sempre singrando
as águas do mar,
lá vai Zé Moreno,
de porte pequeno,
de gigante a sonhar.

O barco encantado
desliza sereno,
explode a saudade,
lá vai Zé Moreno.



Geraldo Bezerra de Menezes

117

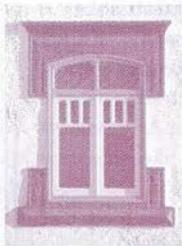


Cabra Cega

Uma criança amarra um pano na cabeça de outra, cobrindo-lhe os olhos. Todas as outras ficam correndo, mais ou menos ali por perto, atijando o pegador. Quem for pego será a próxima “cabra cega”.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE NITERÓI

continuação da página 125



A criação das Áreas de Preservação do Ambiente Urbano (APA.U) é uma tentativa de preservarmos, na cidade, a memória do cidadão, sua história quotidiana, através da preservação do seu arcabouço físico que são suas ruas, suas praças, suas pequenas edificações que mesmo não se constituindo de exemplares de notáveis valores arquitetônicos ou monumentais, formam um expressivo conjunto no contexto urbano, cujo desaparecimento poderia causar profunda cicatriz à memória coletiva e à identidade cultural e afetiva do cidadão. Assim como um bonito sorriso necessita de todos os dentes para sua beleza, o conjunto urbano precisa de todas as casas para sua harmonia.

Não se trata de um trabalho saudosista, pois o instrumento da APA.U conjuga dois vetores até então quase incongruentes: desenvolvimento urbano e preservação. A APA.U não congela o espaço urbano. Sua preocupação é adequar as transformações necessárias de forma a não produzir descaracterizações culturais, preservando o conjunto que confere identidade ao local e permitindo que adaptações às necessidades modernas possam ser realizadas. Ela permite que a cidade possa ir se modificando sem que as pessoas percam seu referencial, sem perder sua identidade urbana; assim também como permite que a cidade continue incorporando novos valores a si, de uma maneira cumulativa, conseqüentemente, cultural.

Ao criar uma APA.U, o poder público está reconhecendo o papel fundamental do caráter da memória e identidade cultural do seu povo.

A Secretaria da Cultura, trabalhando em conjunto com a Secretaria do Urbanismo, desde 1991, criou uma Comissão Executiva com a finalidade de estudar as áreas de interesse para preservação, propor normas conjugando preservação e desenvolvimento urbano e acompanhar a implantação desse projeto. Conseguiu-se incluir essa legislação no Plano Diretor do Município, o que foi um grande avanço

em termos de preservação. O Plano Diretor foi aprovado ao final de 1992, através da Lei 1.157, gerando as APA.U do Centro, da Ponta D'Areia e de São Domingos/Gragoatá/Boa Viagem. Dentro desse Plano Diretor, estabeleceram-se duas categorias de imóveis nas APA.U: os imóveis de interesse para preservação e os imóveis passíveis de renovação.

Os imóveis de interesse para preservação são aqueles que, mesmo não possuindo valor excepcional de arquitetura, formam um significativo conjunto homogêneo com os demais e, portanto, deverão manter suas características arquitetônicas de fachada e volumetria, podendo ser alterada a sua forma interior. É uma legislação mais branda que a do tombamento, permitindo-se que o imóvel possa ser alterado de maneira lenta, sem perder sua identidade cultural. Os imóveis passíveis de renovação poderão, obviamente, ser demolidos, porém qualquer nova construção deverá ser feita de modo harmonioso com o conjunto preservado, sem, entretanto, buscar criar um pastiche. Ou seja, desenvolvimento com harmonia e respeito à preservação.

Em 1995, foram criadas as Leis 1.446 e 1.451 que, respectivamente, listou os imóveis de interesse para preservação e regulamentou a criação das APA.U. Existem cerca de 900 imóveis listados como de interesse para preservação. Atualmente, o DePAC, da Secretaria Municipal de Cultura, analisa os processos de intervenção arquitetônica e urbanística nas APA.U, orientando os requerentes quanto ao melhor modo de se fazer uma obra nas áreas preservadas.

Como forma de fomentar a preservação, foi criada uma legislação de incentivos fiscais que concede isenção total de IPTU para os imóveis tombados e 75% do IPTU para os de interesse de preservação, desde que eles se apresentem em bom estado de conservação e caracterização arquitetônica. O DePAC também analisa e orienta as intervenções necessárias para o recebimento do incentivo fiscal.

Luiz Eduardo Pinheiro da Silva

SALVA DOS SANTOS

120



“A festa aqui de Itaipu, ela já foi uma festa bonita? Já foi uma festa bonita, uma festa folclórica; hoje em dia, atualmente,

a festa aqui de Itaipu...pra dizer a verdade, eu, como pescador, ela não é mais uma festa de São Pedro. Ela virou uma festa política, ela virou uma festa financeira. E no meu tempo ela era uma festa para a igreja. Era uma festa que tinha procissão, tinha os fogos, era uma festa de benefício para o santo, benefício para a comunidade, era uma festa bonita. A festa era feita em procissão, tinha mais de 2000 pessoas. Ia até ali em volta da praça, ia até ali em cima onde tem essa mão dupla, ia até ali e voltava, pra cá do cemitério, vinha pela praia, corria a praia e voltava para a igreja.”

Sr. Cambuci, pescador de Itaipu

“Teve uma época que nós fizemos a festa, só os pescadores. Nós fazíamos missas, procissões, tudo dentro d’água. Eu carregava muito São Pedro dentro d’água na canoa, às vezes botava ele no meio da rede e segurava ele...”

Sr. Edilson, pescador de Itaipu

“Com orgulho eu vou falar isso aqui. Porque você mexeu com uma pessoa que é revoltada com Itaipu por fazer o que faz. Com o que os pescadores de Itaipu fazem. Eles só visam uma coisa que não deveriam visar. Porque o padroeiro de Itaipu é São Sebastião. A primeira igreja dentro de Itaipu é de São Sebastião. A festa de São Pedro é apenas visando o lado financeiro. Então essa festa, eles fazem pelos ricos, que uma das melhores festas dentro de Itaipu, no passado era São Sebastião... Era a festa mais rica de Itaipu, mas uma festa de pobre.”

Ocimar Vieira, pescador de Itaipu



HISTÓRIA DE TRÊS DIAS

- Puxa, mãe! A professora de Estudos Sociais falou sobre o Município de Niterói. Quanta coisa bonita e interessante há aqui! E eu não conheço nem a metade! São praias, fortes, igrejas, museus, bibliotecas, restaurantes. Sabe do que eu mais gostei, e fiquei super a fim de conhecer mais? Foi o Museu de Arqueologia de Itaipu, o MAI. Moramos tão pertinho dele e não sabemos nada a seu respeito...

- Já que não sabemos nada sobre ele, que tal pesquisarmos sobre a história do Museu? Deve haver coisa do arco da velha!

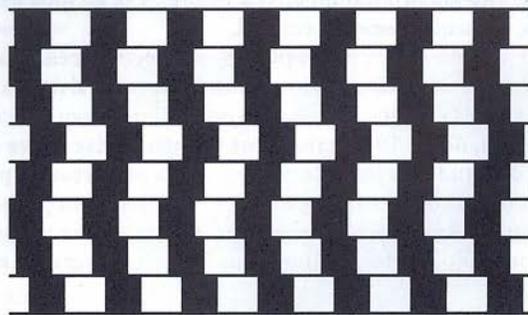
- Onde a gente pode pesquisar?

- Nas bibliotecas, no próprio Museu, nas instituições de cultura e de lazer, nas agências de turismo, na escola, conversando com sua professora, seus amigos, na biblioteca de lá.

- Puxa, mãe, que barato!

página 131

São linhas horizontais paralelas
ou elas se inclinam?



Resposta na página 144

.Deixa correr trinta dias por um mês.



Gente



Gente.

Que gente?

Nós gente.

Gente eu, ele gente.

Qual gente?

Gente indo, gente vindo.

Gente correndo atrás do pão.

Gente correndo com o pão.

Gente que nunca chega.

Gente que corre de gente.

Gente que corre da gente.

Tem gente pra todo gosto e até pra nosso desgosto.

Tem gente que muito faz pra nunca usar o que fez.

Tem gente que pouco faz e é dono do que alguém fez.

Tem gente que sonha acordado e tem gente que sonho já se desfez.

Tudo gente.

Aonde vai essa gente?

Nada contra a corrente feita de outras gentes.

Dá murro na ponta da faca afiada por uma gente.

Resiste que nem pedra dura pingada por muita gente.

Cava rocha de mar com ondas da nossa gente.

Gente!

É mesmo, gente?

Gente eu, ele gente.

Nós, tudo, é tudo gente.

Marta Maia

Receita



Sopão de frutos do mar



Ingredientes

1 xícara de coentro picadinho

1 cebola média picadinha

1 tomate picadinho

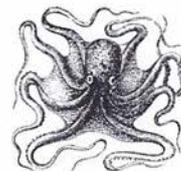
2 colheres (sopa) de óleo ou azeite de oliva

Lula, polvo e mariscos cozidos e picadinhos

Camarões descascados

Peixe picado

Siri escaldado (só a carne)



Modo de preparar

Fazer um refogado com o tomate, a cebola e pimentão (opcional). Juntar a lula, o polvo e os mariscos. Colocar um pouco de água. Depois de razoavelmente corados, adicionar os camarões, a carne do siri e o peixe. Deixar cozinhando, vá acrescentando água. Quando já estiver quase pronto, acrescentar o coentro.

Obs.: se quiser mais corado, pode colocar extrato de tomate. Se preferir engrossar com maisena ou farinha de trigo, bater tudo no liquidificador.



DICA DE DONA LUZIA

Para a isca ficar mais firme, é necessário salgá-la, principalmente a sardinha.



O que é, o que é?



É cheio de buracos, mas segura a água?

R.: A esponja

Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem. (Manoel de Barros)

A ARQUEOLOGIA

continuação da página 123

Todo o material retirado do sítio através das escavações, desde os objetos móveis até as informações sobre as estruturas fixas (muros, pedras, etc.) deverá ser analisado em laboratório. Necessariamente temos este segundo momento, o de ordenar e traduzir todos os dados advindos das escavações, transformando-os, sempre que possível, em informações que nos permitirão confirmar, complementar ou refutar interpretações históricas já sedimentadas.

A Arqueologia tem papel fundamental no trato com o patrimônio cultural de uma nação. Através dela, também se (re)faz e/ou se (re)pena a história, contribuindo para a formação de uma identidade nacional. A preservação do patrimônio arqueológico é fundamental no processo de formação de cidadania. Identificar este patrimônio e preservá-lo para futuras pesquisas é papel do Estado, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, órgão ligado ao Ministério da Cultura.

Esta atribuição está firmada na Constituição, que considera os sítios arqueológicos como bens da União, e na Lei Federal nº 3924, de 1961, que versa, especificamente, sobre a gestão do patrimônio arqueológico brasileiro.

Rosana Najjar

E mais...

Caso você tenha interesse em se comunicar com o IPHAN, seja para obter maiores informações sobre nosso patrimônio arqueológico, para denunciar danos a este patrimônio, ou para qualquer outra necessidade, procure, no Rio de Janeiro, a 6ª Superintendência Regional do IPHAN, em específico a sua Assessoria de Arqueologia. Ela fica na Av. Rio Branco, 46/5º andar, Rio de Janeiro/RJ. Seu telefone é (21) 2203-3113 e seu e-mail arqueol@6sr.iphan.gov.br. Existe também a *home page* do IPHAN (www.iphan.gov.br), onde podem ser encontradas muitas informações sobre o patrimônio arqueológico e a legislação que o preserva.

Mel Composto

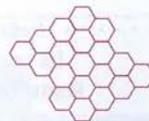
continuação da página 123

O mel composto com ervas auxilia no tratamento de algumas moléstias como:

Mel com gengibre e própolis (antigripal/antiinflamatório): indicado contra amigdalite, bronquite, faringite e laringite. Também para pessoas que usam muito a voz (cantores, professores, advogados, etc), para ex-fumantes, ajudando na desintoxicação do organismo. Usa-se uma colher de sobremesa 2 a 3 vezes ao dia. Crianças duas vezes ao dia.

Mel com poejo, assa-peixe, eucalipto, guaco (expectorante/antitussígeno-tosse): o poejo elimina as secreções (catarro) e diminui a tosse. Também é expectorante e ajuda a combater gripes e resfriados, sendo eficaz no combate à tosse. O eucalipto tem efeito anti-séptico e febrífugo (diminui a febre). O guaco é usado para combater bronquite, gripes, tosses rebeldes, rouquidão e também é febrífugo. Usa-se duas colheres de sobremesa duas ou três vezes ao dia. Crianças duas vezes ao dia.

Mel com própolis: indicado para faringite, amigdalites, gripes e resfriados. Usa-se uma colher de sobremesa duas ou três vezes ao dia durante 15 dias.



VOCÊ SABIA?

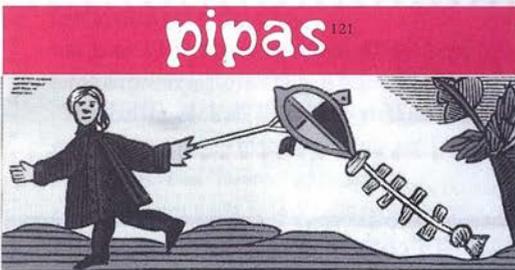
Os pescadores de Itaipu contam que existem dois tipos de rede: a de *arrastão*, que cerca e arrasta o peixe, e a de *espera*, que tem o retângulo da rede mais largo, onde o peixe consegue passar, mas fica preso pela barbatana ou pelas nadadeiras.

Sai pra lá, seu pé-de-chumbo, calcanhar de frigideira.



Vamos Cantar?

Como pode um peixe vivo
viver fora da água fria?
Como poderei viver?
Como poderei viver?
Sem a tua
Sem a tua
Sem a tua companhia?



Pipa, papagaio, arraia, raia, quadrado, pandorga. Os papagaios apareceram na China mil anos antes de Cristo. Antes de ser um brinquedo, era um dispositivo de sinalização militar. A cor da pipa, o padrão da pintura e os movimentos no ar eram executados para comunicar códigos de mensagens entre os campos.

Da China, as pipas viajaram para o Japão, para a Índia e depois para a Europa e, em cada nova terra que chegava, sua primeira aplicação era militar, mas havia outras funções para ela. Em algumas ilhas do Pacífico, pipas feitas com folhas de bananeira ainda hoje são usadas na pesca.

A pipa chegou ao Brasil com os portugueses e há notícias de que foi usada por sentinelas, no Quilombo dos Palmares, também como sinalizadora de perigos.

Os tipos de pipa mais conhecidos são o de três varas, o de cruzeta e o de caixa.



HISTÓRIA DE TRÊS DIAS

continuação da página 128

No dia seguinte, Ana acordou mais ansiosa do que de costume – ela, vocês sabem, é uma menina muito curiosa. Faz de cada aprendizagem uma grande aventura. Custou a se concentrar nas aulas... Queria mesmo era entrar logo no mundo desconhecido do Museu, seu vizinho. Pediu indicação de livros àquela professora e, ao fim das aulas, voou para casa, para dividir a alegria da descoberta com sua mãe. Juntas, leram e releeram... Ana até organizou um glossário com as palavras novas que foi aprendendo...

Há muito tempo, há mais de 8 mil anos, aldeamentos indígenas ocupavam as terras de Itaipu. Vivia-se ali da caça de animais e da pesca. Esses primeiros habitantes utilizavam artefatos como machados de pedra, lascas de quartzo que tinham variadas funções (como cortar e polir), peças de cerâmica e conchas.

As tribos indígenas habitaram Itaipu em três momentos diferentes: os primeiros habitantes fixaram-se nos sambaquis (morros de conchas). Depois, como o clima fosse ficando muito quente, sentiram necessidade de mudar: deixaram os sambaquis e foram para as dunas da região.

- Puxa, mãe, duna é aquele morro de areia? - foi até a janela e apontou para a Duna Grande - E como sabem que viveu gente ali?

- Porque alguns arqueólogos estudaram e encontraram pedaços de objetos, sementes e frutos silvestres, restos de esqueletos humanos, restos de ossos de peixes, de animais, cinzas de carvões, carapaças de conchas, anzóis e outros vestígios que indicavam ter sido a Duna Grande habitada em tempos distantes.

Mas não acaba por aí, não.

- Então conte, mãe. Leia para eu ouvir.

Os índios começaram a fabricar peças de cerâmica, que utilizavam para guardar seus pertences, alimentos e enfeites; em potes grandes, enterravam seus mortos. Os índios pintavam essas cerâmicas e, com as unhas ou com artefatos de madeira e pedra, faziam a ornamentação das peças.

Ana começou a imaginar as massas de terra, a modelagem dos potes, as formas que, devagar, iam saindo das mãos, para uso, para brinquedos. Já se via na praia, fazendo panelinhas grudadas com conchas, postas com jeito nas espumas da água. O sonho continuou a história. O barro virava nuvem. As nuvens viravam peixes.

 página 136

O mais corajoso dos atos ainda é pensar com a própria cabeça. Alto. (Coco Chanel)



No embalo do nosso amor

Sentada nesta cadeira, rangendo para frente e para trás, na impossibilidade de me movimentar, percebo que lá fora a brisa quente vai soprando e brincando com as folhas das amendoeiras, carregadas de frutos dourados. É só assim que confirmo que a vida não parou porque, além do vento, ouço o som das ondas, quando beijam os pés da terra e sinto o cheiro adorável de peixe fresco, misturado com azeite.

Este quadro mínimo de mundo, a que fiquei reduzida, vai se juntando como as contas do rosário que dedilho todas as noites, anos e anos a fio. Minhas lembranças criam vida, tornam-se realidade, descortinam-se com tanta clareza, que sou capaz de voltar há algum tempo...

Foi numa tarde como essa que desembarcamos na colônia... Depois de meses trancados em uma embarcação, pisamos em terra firme, mas ainda sentia o balançar das ondas nas solas daqueles sapatos apertados.

Viera toda a família: João Manoel Gomes D'Alencastro, meu pai; Assunção Almeida Gomes D'Alencastro, minha mãe; Maria da Glória Gomes D'Alencastro, minha irmã mais velha; Maria da Natividade Gomes D'Alencastro, minha irmã do meio; e Maria Rita Gomes D'Alencastro, a que vos fala.

Papai, um comerciante de fazendas, decidira vir se instalar na colônia, pois muito se falava, no Reino, o quanto esta terra era promissora. E ele, astuto negociante, não titubeara. Da noite para o dia, deixara a quinta e a casa da cidade para que os irmãos as administrassem; colocara o estoque de sua mercadoria em grandes malões e assim zarpáramos no Lusitânia.

Minha mãe, coberta de negro, como se já tivesse nascido viúva, não esboçara qualquer reação, quando meu pai declarou que iria tentar vida nova, onde, sem dúvida, ficaria rico. Foi com a mesma apatia que ela arrumara as filhas, as roupas, os objetos que papai determinara como indispensáveis, de acordo com a sua própria escala de valores, separando o que deveria seguir para a colônia e o que ficaria por lá.

Foi assim, cabisbaixa, que desembarcara do Lusitânia.

Dica de Dona Luzia

Mesmo depois de retiradas as tripas e recolocado na água, o peixe ainda sobrevive por, aproximadamente, duas horas. Isso porque ele não depende apenas das guelras para respirar.



TUPI NOME DAQUI

CAMBOATÁ

Cã (mato) *bo* (pelo, por, em) *uatá* (andar, caminhar). Que caminha, num terreno seco, de uma água para outra.¹²²

Você sabia?

É o cavalo marinho macho que dá à luz os filhotes.

A UFF no Estado do Rio de Janeiro



Retrato nosso de cada dia



O patrimônio cultural do nosso país é o conjunto de bens culturais materiais e imateriais que se referem à ação, à memória e à identidade dos grupos formadores da sociedade brasileira.

Quando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi criado, em 1937, a grande preocupação dos intelectuais modernistas envolvidos com a instituição era *tombar*, conservar monumentos e obras de arte, marcos excepcionais da nossa história. Igrejas, fortes e palácios tinham destaque nas listas de lembranças em pedra e cal.

Nos anos 1970, abrem-se novas questões em torno da preservação dos nossos bens culturais, calçadas no debate internacional sobre patrimônio. Entram mais largamente em foco os “saberes” e os “fazeres” tradicionais.

Em 2000, é instituído, pelo decreto presidencial 3551, o *Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial*. O que é isso?

Está se falando aqui, por exemplo, das formas de realização e do sentido de festas populares, da receita do vinho de caju, da arte da pipa, do cozimento das panelas de barro, do som do pífano e da viola de cocho...

Mas esses processos mudam na sua continuidade! É impossível *tombar* o bumba-meu-boi, a feira de Caruaru, a pintura corporal indígena! Não podemos aprisionar a dinâmica dessas manifestações culturais. Como, então, protegê-las das novidades do tempo, da mídia, da globalização?

Conhecer esses bens culturais imateriais é o primeiro passo para preservá-los. Cabe ao poder público a sua identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio.

Já foram abertos *livros* para registro desses bens: o *Livro dos Saberes* registra conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; o *Livro das Celebrações*, as festas, rituais e folguedos que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e outras práticas da vida social; o *Livro das Formas de Expressão*, a inscrição de manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; o *Livro dos Lugares* a inscrição de espaços, como mercados, praças e santuários, onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

O IPHAN fará reavaliação desses bens registrados, pelo menos a cada dez anos, para que se possa decidir sobre a revalidação do título de “patrimônio cultural do Brasil”.

Que tal criarmos, nas nossas escolas, “livros” para registrar as manifestações culturais reconhecidas do nosso bairro? Depois, poderíamos juntar essas pesquisas com as de outras escolas. Tudo reunido, poderíamos fazer um novo almanaque, o *Bandas de Cá*, documentando, valorizando e divulgando a memória social, o patrimônio imaterial de nossa cidade.

Morte das Lagoas

“As praias de Camboinhas e de Itaipu, que formavam uma única paisagem, foram separadas com a escavação de canal permanente, protegido por pedras, para acessar a marina que seria construída(...). O canal permanente quebrou o ciclo natural de lagoa de arrebentação que tinha Itaipu - a de romper a sua barra arenosa, ligando-se ao mar, na época das chuvas. Este processo, que se repetia anualmente, permitia que os cardumes saíssem do mar, subissem a correnteza e desovassem no interior da lagoa, de águas calmas e protegidas, perpetuando espécies. (...) A alteração do ecossistema continua a causar danos para as lagoas de Itaipu e de Piratininga, esta ligada à de Itaipu pelo canal de Camboatá e que vive permanente processo de assoreamento que se não for detido resultará na sua completa extinção. Por causa do desnível provocado pela dragagem do fundo da Lagoa de Itaipu, as águas da Lagoa de Piratininga sangram permanentemente para a de Itaipu e, desta, para o mar. O processo só se inverte na maré alta, insuficiente para renovar as águas da Lagoa de Piratininga que, pouco a pouco, está desaparecendo”.¹²³



Você sabia?



A aveia é um cereal energético de grande importância no uso terapêutico: aumenta a resistência física, auxilia no tratamento da impotência sexual e no tratamento e prevenção da anemia, sendo especialmente recomendado aos diabéticos.



No embalô do nosso amor

continuação da página 132

Minhas irmãs sofreram muito. Para elas, a colônia era o desterro, o desencanto. Enterravam os sonhos de se casarem com fidalgos, daqueles que freqüentavam os bailes da Corte. Passaram a viagem choramingando, com os olhos inchados de tanto pranto, uma palidez mórbida de tanto marearem. Pisaram em terra firme, maldizendo o futuro que esperava por elas.

Acho que aquela foi a única vez que meu pai e eu partilhámos da mesma opinião. Ao desembarcarmos, olhos para o céu, para frente, secamos o suor que escorria pela testa e demos um sorriso.

Quanto ao meu pai, não sei o que pensou. Quanto a mim, tive vontade de misturar-me àquele povo que circulava pelo cais. Eram escravos acorrentados, capatazes com chicotes, tabuleiros de quitandas cheirosas, barraca de peixes... Um vozerio por todo lado, cabrito berrando, galinhas presas em balaios, reclamando da falta do puleiro... e o cheiro doce de pitanga que impregnava o ar...

A medida que a família ia percorrendo aquele mercado infundável, meu coração batia acelerado, cheio de prazer por estar ali. Não resisti e tirei o chapéu e os sapatos. Quando minha mãe me viu descalça, ficou irritada, e meu pai já tratou de repreender-me, como sempre:

- Componha-se, menina!

E, lógico, fiz ouvido de mercador.

Sentindo aquele calor acariciante em meus pés, fui caminhando até chegar à estalagem, onde ficaríamos hospedados até que meu pai encontrasse uma casa que lhe interessasse.

Não demorou muito, até que, uma tarde, papai chegou com a novidade: acabara de fechar negócio de um sobrado, com uma ampla loja em baixo.

Dias depois, já estávamos devidamente instalados. Era uma casa de cômodos grandes, onde minhas

irmãs ficavam todas as tardes, sentadas, bordando seus enxovais. Ali fui crescendo e me tornei moça.

Era prazeroso sair acompanhada por uma ama negra, de nome Justina. Íamos ao mercado e, enquanto Justina fazia as compras, aproveitava para ficar vagando pelas barracas e beliscando aquelas deliciosas pitangas que, sorrateiramente, colocava no bolso do avental.

Longe do olhar vigilante de meus pais, tirava os sapatos... Porém, ao aproximarmo-nos de casa, já tratava de colocá-los. Pobre de mim, se alguém me pegasse sem os mesmos!

Às vezes, minha família se reunia para irmos às quermesses. Eram festas que duravam até a noite, e foi em uma dessas festas que conheci o João Ricardo. Tinha cor de jambo, olhos de jabuticaba e cabelos negros, presos na altura do pescoço. Tenho a sensação de que minha alma estampou-se em meu olhar... meu corpo tornou-se ardente como o sol do meio dia. Quando meu pai nos pegou conversando atrás da igreja, segurou firme em meu braço e disse:

- Componha-se, menina!

Foi em consequência dessa violenta paixão que minha vida transformou-se em um vaivém de castigos em quartos escuros. Porém, nenhuma atitude "corretiva" me fazia desistir daquela paixão. Pelo contrário, ela crescia como uma ferida, provocada pela queimadura da castanha de caju, quando torrada nas pedras.

Só de lembrá-lo, meu corpo se encolhe todo, como se esta recordação estivesse envolta em seus braços fortes, tão bem protegida, para que eu jamais a apagasse da memória, para ser eterna...

Foi numa noite de verão, destas em que o céu é forrado por um manto bordado de estrelas e a lua dá o tom prateado das casas, das calçadas e até das sombras dos transeuntes, que eu planejei uma fuga secreta. Vesti um jibão de Justina – solto, sem

mangas, e na altura dos tornozelos – e, descalça, corri pela rua do Ouvidor, até alcançar o cais.

Ainda ofegante, entrei naquela roda e com as mãos na cintura comecei a dançar. Girava, girava, balançava os quadris ora para a direita, ora para a esquerda, tentando balançar o corpo como o das mulheres negras e mestiças que compunham a roda, ao som da viola. Sentia o olhar de João Ricardo seguindo meu transe. A viola silenciava, todos estáticos... Meu pai me segura firme pelo braço, e diz:

- Componha-se, menina! E foi me arrastando até nossa casa.

Naquela mesma noite, tosaram meus cabelos, colocaram meus pertences em malões e me despacharam em um cargueiro puxado por burros. Já não podiam mais com aquela filha, não queriam uma união com mestiço. Seria a degradação da família de tão ilustre e respeitado senhor do comércio. Sabia perfeitamente para onde estava indo, pois quantas vezes já haviam feito a promessa de me despacharem para o Recolhimento Santa Tereza de Itaipu.

Justina me acompanhou de cabeça baixa, não falou uma palavra sequer durante toda a viagem.

 página 137

134

 O que é o que é? 

Quanto mais cresce mais baixo fica.

R.: O cabelo



VOCÊ SABIA?

Da população brasileira, 45% não têm acesso ao serviço de água tratada e 96 milhões de pessoas vivem sem serviços sanitários.

Galo que canta fora de bora, faça na garganta.

História de adivinhações

Ora, Pedrina, como se vê pelo nome, nascera no mês de junho, e pertencia ao calendário das festas de Santo Antonio, São João e São Pedro. Era especialmente versada em toda classe de adivinhações e “sortes” e por muito tempo me perguntou qual era a diferença entre médico e água, sem que eu pudesse resolver problema tão sério para a minha idade. A diferença – revelou-me um dia, confidencialmente, como quem transmite um conhecimento secreto – é que a “água mata a secura e o médico, se cura, não mata”. Esse jogo de palavras me pareceu tão engenhoso que me apliquei a inventar trocadilhos, sem chegar, naturalmente, a resultados perfeitos.

*Cecília Meireles*¹²⁴

GUARDAR¹²⁶

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,

por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antonio Cicero

Cachorro que fuça tatu acha mordida de cobra.

O
M
A
I



O Museu de Arqueologia de Itaipu, unidade da 6ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, do Ministério da Cultura, assim como a grande maioria das instituições públicas do nosso país, enfrenta dificuldades de ordem financeira, além da extrema carência de recursos humanos, mas como já sabia disso quando assumi a direção do Museu, a solução foi apelar para a criatividade e arregaçar as mangas...

Somado a isso, conto com uma equipe de trabalho que, apesar de reduzida, compartilha dos mesmos ideais com muita dedicação.

O nível de conscientização e envolvimento da comunidade com as questões ambientais e com relação ao patrimônio cultural vem crescendo cada vez mais.

Em 1995, por exemplo, o número de moradores da Região Oceânica que visitaram o Museu representava apenas 5% do total. Já no ano de 2000, esse percentual subiu para 15%.

Atribuo essa mudança ao trabalho de divulgação que vem sendo desenvolvido, através da cessão de espaço para a realização de eventos voltados para essa comunidade, como a I e II Expoartes da Região Oceânica (mostra da produção dos artistas da região), o I Concurso de Ecoesculturas, voltado para as escolas de Niterói, promovidos pelo CÇRON - Conselho Comunitário da Região Oceânica de Niterói e pelo Instituto Lagoa de Itaipu, respectivamente, além de outros eventos educativo-culturais.

Fico sempre muito feliz com o interesse dos estudantes nas nossas visitas orientadas, que visam o conhecimento e consequente valorização do nosso patrimônio cultural.

Muitos alunos saem do Museu intitulado-se fiscais do patrimônio e, com isso, sinto-me cada vez mais estimulada e gratificada por estar contribuindo de alguma maneira para a formação desses jovens que serão o futuro do nosso país.

Vera Gigante



HISTÓRIA DE TRÊS DIAS

continuação da página 131

Ana e sua mãe continuaram a história, catada nos livros:

Em 1764, dois padres, chamados Manuel Francisco da Costa e Manuel da Rocha, fundaram, em Itaipu, um recolhimento para mulheres, o Recolhimento de Santa Teresa. Era destinado às mulheres que queriam fazer retiro espiritual, àquelas que não se comportavam bem na sociedade ou na família, àquelas que eram solteiras e estavam esperando completar a idade certa para casar. Também servia como forma de castigo ou de segurança, quando os pais e maridos viajavam. O Recolhimento era ligado à Igreja de São Sebastião, ali perto. Foi D. Maria I que deu permissão para o seu funcionamento, a pedido do Bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco e do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza.

Mais tarde - falou Ana, observando suas anotações -, esse lugar deixou de ser recolhimento de mulheres e passou a ser recolhimento de menino. Os meninos, assim de minha idade, eram, recolhidos das ruas e passavam a morar lá.

Como Itaipu é banhada pelo mar, a pesca foi - e ainda é - uma das grandes atividades da região. Como as ruínas do Recolhimento ficaram abandonadas por muito tempo, elas foram ocupadas por pescadores.

- Os pescadores? Esses que vivem aqui na Colônia?, perguntou Ana, surpresa.

- Sim, esses mesmos. Moravam lá várias famílias de pescadores, vivendo perto do mar.

Em 1977, as ruínas foram transformadas no Museu de Arqueologia de Itaipu e os pescadores foram obrigados a sair de lá. O fato é que, em 1955, o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tombara aquelas ruínas, consideradas como um bem de valor para a sociedade.

- Que barato! - falou Ana. Nunca pensei que aquele Museu pudesse ter tantas histórias incríveis assim! Como é legal descobrir sobre o lugar onde a gente mora! Amanhã, vou pedir à professora para nos levar ao Museu. E se você, que acabou de ler esta história, se interessou em conhecer mais sobre os vários povos que viveram antes de nós, vá ao Museu de Arqueologia de Itaipu. Talvez, quem sabe, a gente se encontre por lá? Até!

Suzana Pimenta

Significados de Colônia

J. B. DEBRIET



- Grupo de pessoas que se estabelecem em terra ou região que não a sua de origem.

- Lugar onde se estabelece um desses grupos.

- Região pertencente a um Estado e fora de seu âmbito geográfico principal; possessão.

- Conjunto de organismos da mesma espécie e que vivem juntos.

- Conjunto de indivíduos da mesma nacionalidade que se estabelece em país estrangeiro; a Colônia Portuguesa no Brasil é muito numerosa.

- Colônia Agrícola: estabelecimento campestre onde certos condenados cumprem a pena, ocupando-se de um trabalho agrícola.

- Colônia de Férias: local destinado ao gozo de férias dos membros de certas associações ou instituições, grupos de colegiais, etc.

- Cidade da República Federal Alemã (Renânia) sobre o Reno.

- Importantíssimo centro industrial, perfumes (água de colônia).

- Famosa Catedral (Alemanha).

- Pessoa que conhece a fundo as colônias ou é estudioso dos problemas coloniais.



MÁXIMAS E MÍNIMAS DO BARÃO DE ITARARÉ

O homem que se vende
recebe sempre
mais do que vale.

Barão de Itararé

Quem mal usa mal cuida.



No embalo do nosso amor

continuação da página 134

O sol já estava firme quando, do alto da serra, avistei a paisagem mais encantadora de minha vida. Era tudo verde, cortado por uma trilha marrom no meio da mata e, lá no final da terra, Deus emoldurou-a com um espelho azul enorme.

À medida que avançávamos, o mar ia se sobrepondo à floresta, até que deparei-me com uma praia enorme, de areia muito branca, com pequenas dunas de um lado e uma enorme pedra sisuda do outro.

O pequeno comboio parou à frente de um enorme portão de madeira, que foi aberto por duas negras fortes. Adentramos.

Apeamos e fomos recebidas por umas freiras de hábitos negros e chapéus de abas enormes e muito brancos. Todas traziam um terço preso à cintura. Reconheci que ali só poderia ser o tal Recolhimento, ao qual estaria condenada a passar um bom tempo de minha vida, ou quem sabe, seria mesmo o desterro?

Fui levada a uma salão imenso com uma única mesa de madeira no centro e bancos por toda a volta. Tinha assentos para umas vinte pessoas, todos ocupados, exceto os das cabeceiras e um na extremidade à esquerda, que me foi destinado.

Fui apresentada àquelas mulheres, pois, a partir daquele dia, dividiríamos todos os espaços daquele imenso casarão. Eram mulheres de várias idades, de todas as expressões e de todos os olhares.

As freiras iniciaram o ritual que iria se repetir por todos os outros anos de minha vida.

A irmã Antoniette, uma francesa muito alva, que jamais devia ter visto um raio sequer deste sol da colônia, de voz mansa quase angelical, fez o papel de "dona de casa". Apresentou-me às companheiras, dizendo os nomes e um adjetivo qualquer e, lá no ámago, já tecia conceitos a respeito de cada uma. Alguns mudaram outros não.

Foi assim que decidi com quem dividiria os aposentos, quando a freira disse-me:

- Esta é Irene Di Pricilis, a nossa poetisa, está em nosso convívio por opção pessoal.

Di Priscilis, como era tratada por todos, era filha de italianos, baixinha, de formas bem arredondadas, cabelos louros, ondulados, longos, que lhe cobriam o colo, como se estivessem compondo a parte que o tecido da blusa não dera para completar.

Minha companheira ajudou-me a levar a bagagem de mão até o nosso canto.

Era um grande quarto, com duas camas forradas de colchas tingidas, e uma arca com espaço suficiente para nossos pertences. Havia janelas altas por onde entravam os raios de sol da manhã e a brisa da tarde. Paredes cobertas de quadros com desenhos e muitos versos, uns de louvor a Deus, outros maldizendo a guerra ou ovacionando o amor que estaria por vir.

Através desta amiga, desbravei a mata, percebi o surgimento da vida quando me deparava com ninhos de pássaros, que provam que o nascimento atenua a morte.

Não me senti enclausurada porque o som das ondas, o cheiro das pitangueiras aquecidas pelo sol e um vozerio longínquo levavam minha alma para além daquelas largas paredes caiadas de branco.

Era um dia atrás do outro, quase sempre iguais, porém cheios de intensas atividades e muitos trabalhos manuais. Preparávamos toalhas enormes, com bordados; aprendíamos a fazer quitutes variados e saborosos, que nós mesmas consumíamos; fazíamos nossas próprias roupas com as fazendas que chegavam nos barcos que atracavam no lugar.

Com o aval da freira Antoniette, passamos a introduzir nas refeições os frutos que vinham do mar, trazidos pelos índios nossos vizinhos.

Mal surgiam os primeiros raios da manhã, um grupo de homens pegava suas canoas, esculpidas em um único tronco de árvores, e partiam mar adentro.

Em terra firme, as crianças da aldeia entoavam um

cântico e, em círculo, alternando a batida dos pés no ritmo da música, saudavam o novo dia.

Di Priscilis, Justina e eu aprendemos muito com os vizinhos Guarani, como o respeito pela mata, a admiração pelos pássaros, a forma afetuosa de convivermos dentro daquelas casas enormes sem cômodos, paredes de pau a pique cobertas pelas folhas secas das palmeiras. Todas éramos convidadas para as grandes celebrações: os nascimentos, as iniciações na vida adulta, os ritos funerários. Mas nem todas iam, achavam aquilo coisa pagã.

☞ página 139

Em abril de 1995, vim prestar serviço no Museu de Arqueologia de Itaipu, e não imaginava como isso mudaria tanto a minha vida. Aprendi que a arqueologia esclarece sobre a nossa cultura, ilustra a nossa memória. Imagine você montando um quebra-cabeça com peças de milhões de anos e entender que não é um jogo e sim uma realidade...

Faço um convite a você, leitor, que tem a alma de um pensador, venha conhecer nosso museu.

Renê Guilherme Delbone

**“O mundo do rio
não é
o mundo da ponte.”**

Guimarães Rosa

Muita coisa importante falta nome. (Guimarães Rosa)



LOJA MAÇÔNICA ACÁCIA



continuação da página 52

Por determinação do Conde dos Arcos (vice-rei do Brasil a partir de 1806), a maçonaria sofreu as primeiras perseguições. Nem o conde nem os governantes que o sucederam conseguiram pôr fim à presença dos maçons. A partir da década de 1860, as lojas maçônicas se multiplicaram em todo o Brasil. Ainda neste ano foram criadas lojas em Florianópolis e Recife. A primeira loja do Rio de Janeiro, a Perfeita Amizade, data do ano seguinte. No dia sete de março de 1868, exatos sessenta anos depois da chegada ao Brasil da família real portuguesa, por acaso, ou não, foi criada, na cidade do Rio de Janeiro, a Loja maçônica Acácia, então situada na Rua da Carioca.

Já em dezenove de dezembro do mesmo ano, a loja foi transferida para a cidade de Niterói, do outro lado da baía, onde residia a maior parte dos irmãos. A Loja foi então instalada num pequeno sobrado na antiga Rua da Conceição, número 82. No ano de 1869 foram fundadas outras duas lojas em Niterói, a Vigilância e a Aliança. Logo em seguida, Acácia e Vigilância se reuniram numa só loja. As duas últimas décadas do século XIX foram marcadas não apenas pelos conflitos internos, mas também pelos conflitos políticos que envolviam toda a sociedade. Os maçons estiveram estreitamente envolvidos com os debates políticos do Império como a chamada “questão religiosa”, o movimento abolicionista e o movimento republicano. A Loja Acácia teve especial destaque na luta pela emancipação dos escravos.

Em 1907, por rebeldia ao Grande Oriente do Brasil, os irmãos da Acácia-Vigilante fundaram o Novo Grande Oriente do Brasil, que passou a ter como símbolo a Pedra de Itapuca. Algum tempo depois, diante de novos conflitos, as duas lojas voltaram a se separar e os acacienses saíram da sede da Rua da Conceição para se instalarem, no ano de 1909, na Rua Hernani Mello, onde permanecem até hoje. Ao longo dos anos, a Acácia tem estado sempre associada a importantes acontecimentos da vida da cidade de Niterói. O jornal *O fluminense*, o mais importante da cidade, foi fundado pelo jornalista e major da Guarda Nacional, Luiz Prudêncio Travassos, irmão da loja.

Marisa Soares

CAMBOINHAS

O bairro de Camboinhas foi assim chamado porque um navio com este mesmo nome ficou ali encalhado na década de 50. Foram enviados três corvetas para resgatá-lo, mas uma delas afundou e as outras duas não tiveram sucesso. Para retirar o navio foram obrigados a cortá-lo ao meio, tirando a parte superior. A sua espinha dorsal permanece na areia até hoje, sendo visível na maré baixa.

Denise Brown

Dica de Dona Luzia

Para acalmar os nervos, tome chá de erva cidreira, chá de camomila, suco de maracujá.



Quadro de giz

Escute o colega para que a
conversa seja nossa.
A dúvida que ele tem pode
ser sua também.



Você sabia?

Em 1993, a UNESCO elaborou uma proposta, com base em experiências de países orientais, para o reconhecimento e apoio financeiro a detentores de saberes tradicionais. Recomenda-se que os indivíduos

ou grupos sejam declarados oficialmente “Tesouros Humanos Vivos” e passem a receber do Estado ajuda financeira com vistas à transmissão de seus conhecimentos às novas gerações.

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a limpo. (Cora Coralina)



o embalo do nosso amor

continuação da página 137

O tempo passou sem que me desse conta, até que, em uma manhã, após enchermos nossos cestos de peixes, que seriam preparados com banana (receita da índia Jerá Poti), avistamos no cais o cargueiro que trazia as fazendas.

Este era um dia especial no Santa Tereza. Pelos longos corredores, ouvia-se um burburinho frenético. Algumas recebiam notícias dos seus, outras encomendas. O cargueiro provocava risos e lágrimas.

Corri ao meu quarto, passei a mão nos cabelos. Continuavam curtos como naquela noite. Decidira não usá-los longos para que meus sentimentos não se escondessem debaixo deles.

Descalças, com passos ligeiros, Di Pricilis e eu chegamos à beira do porto.

O mercado já estava exposto. Era um mundo de cores e brilhos. Não pude crer! Reconheceria aquela silhueta em qualquer lugar, pois estava sempre viva e povoava todos os meus pensamentos. Era ele! O cargueiro trouxera, junto com as fazendas coloridas, João Ricardo. Abraçamo-nos demoradamente. Tive receio de soltá-lo e ele se diluir no ar. Mas era real. Sua volta era definitiva.

Por concessão dos vizinhos Guarani, ergueu sua casa nas terras que lhes pertenciam, nos moldes das deles. Talvez por gratidão, João Ricardo ensinou-lhes a salgar os peixes. Desta maneira, podiam negociar com as tripulações dos cargueiros e até com o povoado que crescia do outro lado da mata.

A vida transcorreu na doçura dos nossos beijos, no ardor dos nossos abraços, no embalo do amor.

Deste amor que não deu frutos, ficamos os dois. A vida se encarregou de nos branquear os cabelos e, em negociação com a dama de negro, roubou-me João Ricardo.

Clayde Sobreira

Eu sou como eu sou, pronome pessoal intransferível. (Torquato Neto)

PRAIA DO SOSSEGO

- São cinco meninos e uma feminina - aponta a mulher com o rosto, os filhos pequenos que correm na praia.

- É tudo pagão e sem escola.

Mexe com os pés na areia molhada, descaminha a beira da onda. Veio tentar a sorte. Largou do Ceará mais o marido, que vive agora do peixe, do polvo e do mexilhão que arranca das pedras.

- De tanta terra seca vim parar nesse tanto de mar.

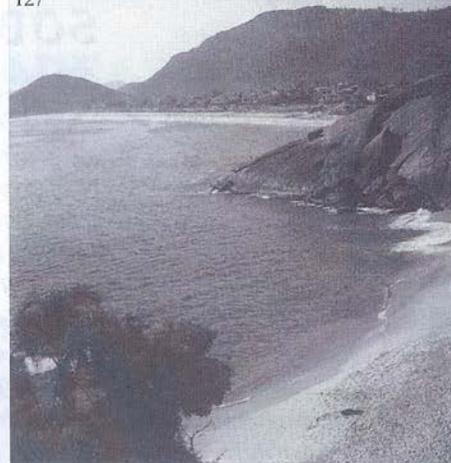
Faz tempo que botaram casa no canto de areia, na veredinha das pitas e dos espinhudos, sombreada por amendoeira e pé de caju.

- Aqui passa mico, gambá que pula de um coqueiro pra outro, atazanando o meu gato... No alto da pirambeira, espiam as casas de luxo.

- Eles lá ajudam a gente. Dão comida, congelado...

No morro riscam-se as descidas de terra, de degrauzinhos de cimento, irregulares, nas dobras das pedras.

127



- Dia de Domingo, a praia fica cheia! Vem gente dos lados de Piratininga, Camboinhas, Niterói. Faço pastéis pra vender, trago bebidas. Depois, é esse parado...

Da outra banda do mar, estão os morros do Rio: Dois Irmãos, Gávea, Pão de Açúcar, enevoados. O sol abre uma língua de luz na água da tarde. Na cuia da praia há cavernas baixas, com correrias de "lagartixas e besourinhos" de sal, calangos.

Há pescadores de linha. Nus. Namorados. Sossego.

Lygia Segala

DESAFIO

Localize, num atlas da biblioteca de sua escola, as seguintes serras de Niterói:

 Serra da Tiririca

 Serra do Malheiro

 Serra do Calaboca

DESAFIO



SOBRE NITERÓI

128

Voltemos à baía, quaisquer que sejam os navios que a povoem, e saudemos, antes de penetrar na alfândega, essa praia encantadora e embalsamada de Niterói, onde se embalam as preguiçosas espumas do mar. Niterói! Donde vem este nome suave como uma canção? Dos índios Caribu da tribo dos Tamoios. Esses selvagens, que desconhecem a gramática, assim chamavam a grande enseada que quer dizer - água escondida. Vem mais tarde uma Excelência, o sr. Martim Afonso de Souza, que, tendo-a descoberto em janeiro de 1532, e tomando esse mar por um rio, lhe deu a denominação burlesca de Rio de Janeiro. Prefiro Niterói, a "água que se esconde", que tão bem a define. Não é uma fantasia, é a imagem verdadeira. Em vez de se atulhar de santos e deuses amortalhados, não ganhariam mais as línguas geográficas, se copiassem a natureza? As lendas mudam ou passam. A natureza é imortal.

Nesse doce rincão de Niterói ergue-se agora uma bela cidade, que desponta da praia, com suas igrejas, o seu teatro, o seu pequeno hotel e a sua quinta imperial. Daqui, dali, o que falta ao Rio, algumas alamedas de sombra. Belas ruas bem traçadas conduzem aos arrabaldes nascentes de São Domingos, Jurujuba, Tocaia, Pendotiba, Sant'Ana, Maruí, Armação, Santa Rosa, bem como às paróquias menores e afastadas de São Gonçalo, Itaipu e São Lourenço.

Praia Grande é o nome da capital da província, em face do município neutro onde se instala a capital do Brasil. Niterói é comarca. Tem a sua corte de justiça, a sua sede legislativa e uma legião da Guarda Nacional. Tem seus municípios, seu governador, suas escolas de agricultura e belas-artes, suas indústrias principais.

Conquanto sob as vistas da cidade-rainha, ela é um foco e um centro.

Charles Ribeyrolles, 1859

Chico mergulha no mar.

Dá cambalhotas.

Nada no Sossego.

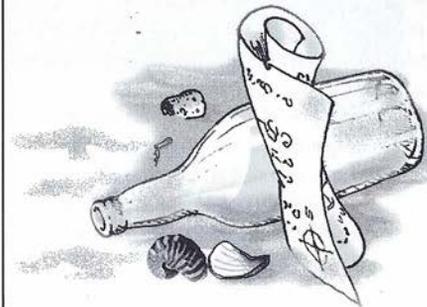
Caminho sem fim porque come
os horizontes ou, então, volveia.

Entra no barco.

Descobriu, para contar,
o segredo da água escondida!!!

Na areia, junta com os fios de
palha o almanaque Bandas
d'Além.

Enfeita com conchas e com uma
pata de tatuí da praia.



JOÃO ALT

Se você obedece a todas as regras, perde toda a diversão. (Katherine Hepburn)

MAR, ESPELHO DA CIDADE

Do Sossego, seguimos de olho a traveira azul.

Um bando de gaivotas acompanha as redes jogadas, crespas, na água.

Na proa, uma bandeira com São João e o Cordeiro, uma flâmula de time de futebol, uma rosa de papel e um coração, amarrados com saudade.

Em letras vermelhas, pintadas, o nome do barco: *histórias*.

A distância, o jogo de luz não deixam ver quem toma o leme. Esse corpo de gesto vivo, que maneja o tempo, trabalha sobre a memória, parece ter todos os rostos.

Faz voltas e vai. Segue o litoral de cá, atravessa as fortalezas -olhos da antiga capital do Brasil- entra na baía. Guanabara, “seio do mar”.

Passa a taça do futuro, a Boa Viagem e joga âncoras, na “água escondida”, espelho da cidade: Niterói.



FOTO: DENISE NOGUEIRA

O povo muda de horizonte quando acha necessário. (Luiz Inácio Lula da Silva)

1. Serviço de Apoio à Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro. 2, 6, 23, 38, 78, 98, 122. PIMENTEL, Luís Antônio. *Topônimos tupis de Niterói*. Niterói: Icaraí, 1988.
- 3, 25, 26, 36, 60, 69, 77. *Almanaque d'O Tico-Tico*. 1954.
4. Acervo Colégio Salesiano, Niterói, RJ. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: Projeto Editorial Niterói Livros: FUNIARTE, 1994.
5. WEITZEL, Antônio H. *Adivinba o que é: adivinhações, brincadeiras e perguntas*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
7. PANORAMA de Nictherohy e São Domingos. Fotografia de Victor Frond litografada por J. Jacottet. Brazil Pittoresco, 1862.
8. IGREJA de São Domingos, c. 1895. Foto do Conde de Agrolongo. Coleção Roberto Pedroso, Rio de Janeiro. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
- 9, 19, 28, 37, 40, 41, 43, 46, 58, 64, 66, 80, 81, 82, 85, 89, 95, 97, 101, 105, 110, 119, 125, 127. SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Niterói: patrimônio cultural*. Niterói, RJ. Niterói Livros, 2000.
10. OLIVEIRA, Lúcia T. S. *Fortes de Niterói: sentinelas históricas da Vila Real da Praia Grande*. Niterói, RJ: EDUFF, 1986. p. VII.
- 11, 12, 29, 32, 34, 35. DESENHOS de Miguel Coelho. In: OLIVEIRA, Lúcia T. S. *Fortes de Niterói: sentinelas históricas da Vila Real da Praia Grande*. Niterói, RJ: EDUFF, 1986.
13. BOA Viagem. Águatinta de Chamberlain. SALGUEIRO, Valéria. *Paisagens de sonho e verdade: Rio de Janeiro, Buenos Aires e Cidade do México nos álbuns ilustrados de oito artistas viajantes*. Rio de Janeiro: Fraiha, 1998.
14. Adaptação do passatempo "Morcegos Barulhentos". In: *Na Poltrona*. Revista de bordo do Grupo Itapemirim. Ano 4, n. 47. São Paulo: RMC Editora. mai/2003. p. 61, 63.
15. EWBank, Thomas. *Vida no Brasil ou Diário de uma visita à terra do cacauero e da palmeira*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976. p. 195, 197, 201.
16. LIMA, Hildebrando de. *Nosso mundo: história do progresso humano para crianças*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. p. 15.
17. A PESCA da baleia na baía do Rio de Janeiro, óleo sobre tela, c.1790, de Leandro Joaquim. Museu Histórico Nacional.
- 18, 24, 33, 76, 102. WEHRS, Carlos. *Niterói cidade sorriso: a história de um lugar*. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1984. p. 41; 196-7; 49; 123; 124.
20. The BATHERS, de Pablo Picasso. Book of 30 postcards. England. s.d.
21. O CASINO Hotel Balneario Icaraí: Projeto arquitetônico de Luiz Fossati. In: *Universidade Federal Fluminense - Cd rom: Dados gerais e outras informações*. Niterói: 1999.
22. O TRAMPOLIM da praia de Icaraí, 1941. Foto de Manuel Fonseca. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
27. JORNAL O Globo, 21/11/99.
30. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EDUFF, 1999. p. 107.
31. PRAIA de Jurujuba, 1908. Coleção FUNIARTE, Niterói/RJ. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
39. FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 58.
42. JORNAL Folha de S. Paulo, 8/5/2000.
44. CRIAÇÃO de Zivaldo. Cartaz distribuído pelo CREA-RJ. Movimento de cidadania pelas águas, s.d.
45. FATOS & Notícias. Ano 1, n. 10. Niterói: FAC (Fundação Atividades Culturais de Niterói), out. 1985.
47. MARIANI, Alayde Wanderley. Patrimônio Cultural. In: Memória e Educação. *Caderno de Ensaio*. Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural. Paço Imperial. Rio de Janeiro, 1992. p. 1, 3.
48. FATOS & Notícias. Ano II, n. 23. Niterói: FAC (Fundação Atividades Culturais de Niterói). Secretaria Municipal de Educação e Cultura. nov., 86.
49. BORGES, José Francisco. *No tempo que os bichos falavam*. Olinda: Fundação Cada das Crianças de Olinda / Instituto Nacional do Folclore. s.d.
50. JORNAL da Ciência. Publicação SBPC. Ano XV, n. 460. p. 16.
- 51, 52. SILVA, J. Norberto de Souza. Memória Histórica e Documentada da Aldêa de Índios da Província do Rio de Janeiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. 3a série n. 14, 1854. p. 164.
53. BELCHIOR, Elysis de Oliveira. *Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Brasilianna, 1965. p. 55-59.
54. REQUERIMENTO de Manoel Jesus de Souza. Ms. AHU (Arquivo Histórico Ultramarino). Documentos Avulsos Rio de Janeiro, Caixa 160, doc. 48.
55. SOARES, Emmanuel de Macedo. Igreja São Lourenço dos Índios. *Fatos & Notícias* - Boletim da Fundação Atividades Culturais de Niterói, Niterói, v. I, n. 1, jan., 1985.
56. MEMÓRIAS de um Tucano. Desenho de MONTEIRO FILHO. In: *Ilustradores brasileiros de literatura infantil e juvenil*. Seleção e Organização Técnica da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro: Consultor, 1989.
57. HUMBOLDT dans sa bibliothèque, de Ernest Hildebrandt. In: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
59. DESENHO de CAMPOS, Jurandir Ubirajara. *Ilustradores brasileiros de literatura infantil e juvenil*. Seleção e Organização Técnica da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro: Consultor, 1989.
61. TRAVASSOS, Elizabeth. Adalton Fernandes Lopes. In: *Sala do artista popular 16*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985. p. 1, 2.
- 62, 94. ADELSIN. *Barangandão arco-íris: 36 brinquedos inventados por meninos*. Belo Horizonte, 1997.

63. VARGAS LLOSA, Mario. A senhorita de Tacna. In: Folder "Oficina de contadores de histórias". Módulo I - out., 2000. Paço Imperial. Rio de Janeiro.
65. JORNAL O Globo, 6/3/03.
67. PORTUGAL Pequeno. Ilustrações de Carlos Trindade. In: *Niterói: encontro com Portugal. Brasil 500 anos*. Prefeitura Municipal de Niterói. Secretaria de Cultura. Fundação de Arte de Niterói. s. d.
68. PROJETO da Ponte Rio- Niterói, realizado em 1937, por Leon d' Escoffier. Desenhos. Coleção Paulo Santi. In: *O Rio jamais visto*. BR PETROBRAS (projeto). Centro Cultural do Banco do Brasil (realização). Rio de Janeiro. s. d.
- 70, 72, 73. FOTOS de Manuel Fonseca. Acervo da Fundação de Arte de Niterói (FAN).
71. CANDIDATO ao título da mais bela sereia de Icaraí. Carnaval de 1944. Foto de Manuel Fonseca. Coleção FUNARTE, Niterói, RJ. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
74. EM BARCAS. Informativo da Barca S/A Ano III. n. 24, ago., 2001.
75. ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 712.
79. MINIATURA extraída do Roman de Troie, de Benevoit de Saint More. In: CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.
83. INTERIOR da Usina de Eletricidade da Companhia Viação Fluminense, 1907. Foto de Augusto Malta. Coleção Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
- 84, 121. ATZINGEN, M. Cristina Von. *História do brinquedo: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem*. São Paulo: Alegr, 2001.
86. ÓLEO sobre tela. Retrato de Antônio Parreiras por Numa Camille Ayrinhac. Foto reproduzida do livro de LEVY, Carlos Roberto Maciel. *Antônio Parreiras: pintor de paisagem, gênero e história*. Pinakothke, 1981.
87. PARREIRAS, Antônio. *História de um pintor: contada por ele mesmo*. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1999. p. 240-1.
88. MUSEU Antônio Parreiras. Folder informativo sobre o Museu, s. d.
- 90, 92, 93, 96. ÓLEO sobre tela de Antônio Parreiras. Fotos reproduzidas do livro de LEVY, Carlos Roberto Maciel. *Antônio Parreiras: pintor de paisagem, gênero e história*. Pinakothke, 1981.
- 91, 107. FRANCA, Nahyda. Ainda distantes do futuro que queremos. In: *Políticas Ambientais*. IBASE. dez., 2001/mar., 2002. p. 7.
99. GONÇALVES, J.R.S. O Templo e o Fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. In: *A invenção do patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999. p. 55-6.
100. PAULO desenhando, de Pablo Picasso. In: BERNADAC, Marie-Laure e BOUCHET, Paule. *Picasso, o sábio e o louco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1986.
102. BACKHEUSER, Everardo. *Minha terra e minha vida*. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1994.
103. PASSEIO dos Alunos na Barca da Cantareira, 1906. Foto do Acervo Colégio Salesiano, Niterói, RJ. In: VASQUEZ, Pedro. *Niterói e a fotografia: 1858-1958*. Niterói, RJ: FUNIARTE, 1994.
104. DESENHO de J. Carlos. FUNARTE. *J. Carlos: cem anos*. Rio de Janeiro: FUNARTE; PUC, 1984.
- 106, 115, 116, 120. SANTOS, Alessandra Alves dos. *Desafio de uma educação patrimonial: história, ciência e fantasia, na localidade de Itaipu*. Monografia de conclusão do Curso de Pedagogia. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação. Niterói, 2001. p. 12; 44; 50, 51, 52, 53.
108. AMADO, Paloma Jorge. *As frutas de Jorge Amado ou O livro de delícias de Fadul Abdala*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
109. ILUSTRAÇÃO de Beverlie Manson. In: LEETE-HODGE, Lornie. *Os mais belos contos de fadas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
111. SOARES, Emmanuel de Macedo. *Monumentos de Niterói*. Niterói: Êxito/Fundação Niteroiense de Arte, 1992. p. 144.
112. CAMPOS, Maristela C. de. *Riscando o solo: o primeiro plano de edificação para a Vila Real da Praia Grande*. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1998.
113. ILUSTRAÇÃO de David Frankland. In: MATHIAS, Robert. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
114. CASTRO FARIA, Luiz. O Antropólogo e a Fotografia: um depoimento. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 27. 1998: 164-5.
117. DESENHO de Gourmelin. In: *Figures de la fortune*. Hasard. Traverses/23. Paris: Centre Georges Pompidou/CCL, 1981.
118. LIMA, Roberto Kant de e PEREIRA, Luciana F. *Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997. p. 218.
123. PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. *Niterói bairros*. Niterói: CECITEC, 1996. p. 434; 30.
124. MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1980. p. 54.
126. ANTÔNIO Cícero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
128. RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

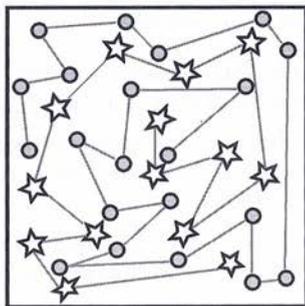


Todas as vinhetas, molduras e ilustrações sem crédito foram retiradas da publicação de domínio público: HART, H. e PAMOEDJO, H. (org.). *Arquivo geral de 3000 desenhos: modelos para ilustradores e desenhistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.

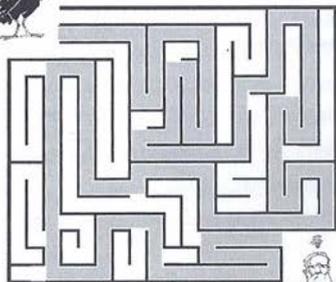
As frases do Barão de Itararé foram retiradas de: SOUZA, Afonso Félix (org.). *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

RESPOSTAS DOS PASSATEMPOS

Estrelas e círculos - p. 7



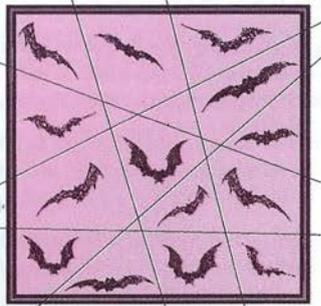
Labirinto - p. 12



Criptogramas - p. 14

- A) A galinha bota ovo;
B) Há encantos e desencantos. Nada mais há entre nós;

Morcegos barulhentos - p. 24



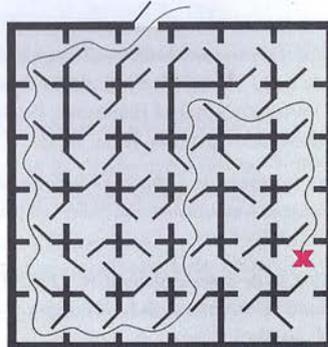
Os pássaros - p. 39

Os pássaros iguais são os de nºs 6 e 9

Os relógios - p. 40

- 1º) Letra a 4º) Letra c 6º) Letra a
2º) Letra a 5º) Letra c 7º) Letra c
3º) Letra b

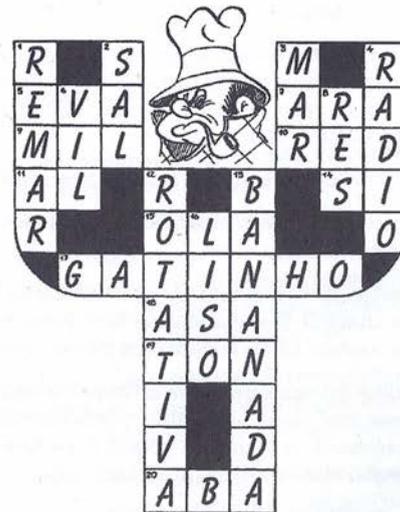
O casarão - p. 52



Veja se acerta - p. 66

As partes que compõem a figura são: 1, 3, 5, 6, 8 e 9.

Palavras cruzadas - p. 89



As linhas - p. 128

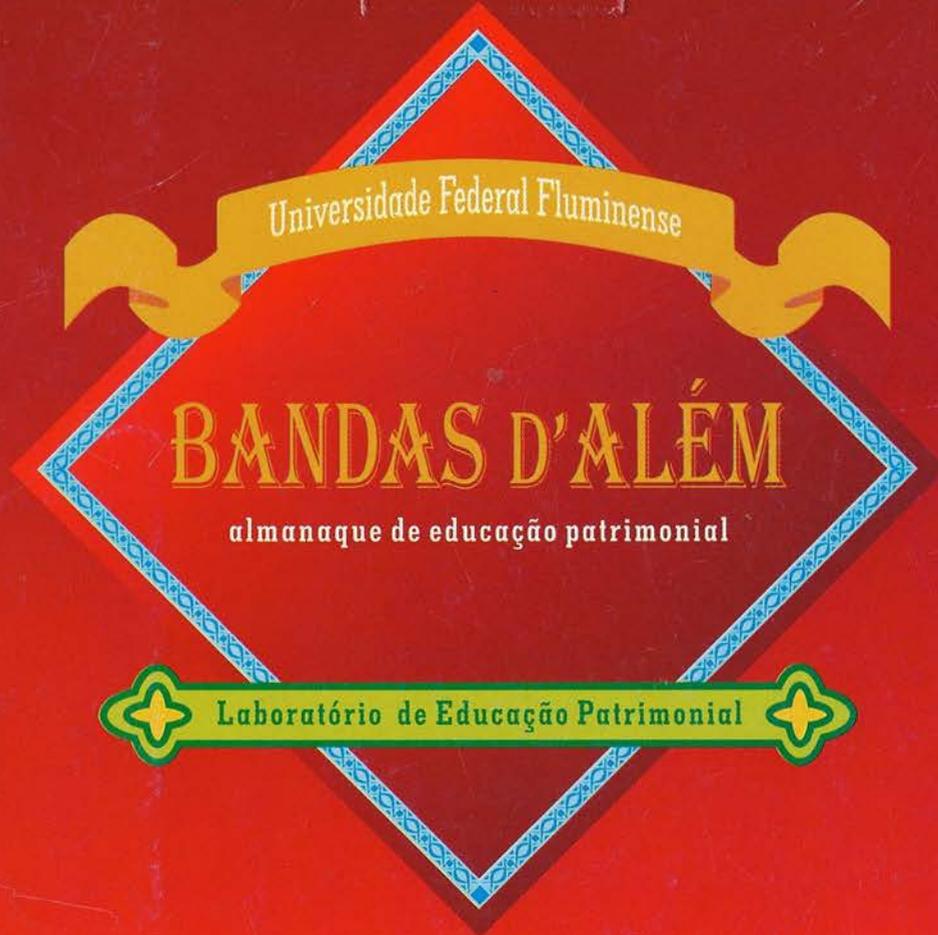
As linhas horizontais são paralelas.

A publicação do Almanaque Bandas D'Além constitui-se em momento importante da nossa história cultural. Produzido por múltiplas mãos, sob a batuta competente e minuciosa das Professoras Lygia Segala e Léa Calvão, Bandas D'Além organiza, socializa e, logo, contribui para preservar parte significativa do nosso patrimônio cultural.

Tive a oportunidade de acompanhar o processo de produção do Almanaque e, em parte, de dividir com as organizadoras os momentos de apreensão com o seu percurso sinuoso, mas também os momentos de entusiasmo e euforia à medida que o trabalho ganhava contornos mais precisos. Agora, diante do trabalho concluído, sinto especial alegria, além do orgulho de ter uma modesta contribuição de minha autoria nele incluída. Importa aqui ressaltar a relevância da obra para a formação de profissionais da educação, tendo em vista as contribuições que oferece para a ampliação do seu horizonte cultural. O diálogo com a cultura e a fruição de suas diferentes manifestações é elemento especialmente importante na formação daqueles profissionais. A Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), há muitos anos, vem reafirmando o campo cultural como um dos contextos em que se configura a formação dos profissionais da educação. Assim, o Almanaque Bandas D'Além inscreve-se nessa perspectiva, qual seja, afirmar a dimensão cultural como elemento crucial na formação profissional dos educadores. Logo, não é por acaso - mas por história - que o Almanaque surge como produção organizada por duas professoras-pesquisadoras da FEUFF.

É também digno de nota, e de nota especial, o fato de que a publicação do Almanaque coincide - sem que isso seja mera coincidência - com a criação na FEUFF do Laboratório de Educação Patrimonial, espaço privilegiado de pesquisa e extensão sobre as inesgotáveis possibilidades de confluência entre a educação e a cultura. O Almanaque Bandas D'Além, o LEP e a intensa atividade acadêmica das Professoras Lygia Segala e Léa Calvão representam, portanto, uma enorme contribuição para o enriquecimento, no contexto brasileiro, daquilo que Pierre Bourdieu chamava de "campo das produções simbólicas".

Waldeck Carneiro da Silva
Professor e atual Diretor da FEUFF



ISBN: 85-89994-01-5